BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

TIJAN

Negócio Sujo



TIJAN

Negócio Sujo

Traduzido por Patrícia Tavares

1ª Edição

The GiftBox EDITORA

2024

Copyright © Tijan, 2022
Copyright © The Gift Box, 2024
Todos os direitos reservados.

Direção Editorial:
Anastacia Cabo
Tradução:
Patrícia Tavares
Preparação de texto:
Mara Santos
Arte de Capa:
glancellotti.art
Diagramação:
Carol Dias

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma – impresso, digital, áudio ou visual – sem a expressa autorização da editora sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

T45n

Tijan
Negócio sujo [recurso eletrônico] / Tijan ; tradução Patrícia Tavares. - 1. ed. - Rio de Janeiro : The Gift Box, 2024.
recurso digital (Reis de Nova Iorque ; 1)

Tradução de: A dirty business
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-85940-26-9

1. Romance americano. I. Tavares, Patrícia. II. Título. III. Série.

CDD: 813
CDU: 82-31(73)

Sumário

Início
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32

Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Capítulo 59
Capítulo 60
Capítulo 61
Capítulo 62
Capítulo 63
Capítulo 64
Capítulo 65
Capítulo 66
Capítulo 67
Capítulo 68

Capítulo 69
Capítulo 70
Capítulo 71
Capítulo 72
Capítulo 73
Capítulo 74
Capítulo 75
Capítulo 76
Capítulo 77
Epílogo
Agradecimentos
Sobre a The Gift Box

Para todo e qualquer leitor! Espero que você goste!

CAPÍTULO 1

JESS

Cerveja e hóquei.

É isso aí.

Não sabia o que era *isso* e nem porque, mas eu estava sentada na arena de hóquei, com uma cerveja na mão, observando alguns deuses gostosos do hóquei no gelo, então sim, eu estava pensando que estava onde deveria estar. A vida era boa. Cerveja e hóquei.

— Tenho que mijar.

Eu sufoquei um sorriso, porque apenas minha colega de quarto, que parecia uma Barbie da vida real, falava de um jeito que não era nada parecido com uma Barbie. E me fazia amá-la ainda mais por isso.

Eu dei um aceno de cabeça. O segundo período estava terminando e olhei para minha cerveja. O copo estava um terço vazio.

Eu tomei uma decisão, aqui mesmo. Porque era decisiva – uma palavra que tive que explicar recentemente a uma das minhas responsabilidades em liberdade condicional, e tive que explicar em detalhes até o enésimo grau. Ela não sabia o que era estabelecer metas ou o que significava ser decisiva. Eu gostei da conversa. Seus olhos estavam vidrados e seu teste de drogas deu negativo, então sabia que o assunto que a entediou. Que pena. Nós duas tivemos que suportar aquela conversa, embora não tivesse sido ela que me fez precisar da minha cerveja atual. Foram os três em condicional depois dela que verifiquei. Todos eles juntos me fizeram precisar da última cerveja, e minha *próxima* cerveja seria dedicada às duas visitas domiciliares que faria amanhã.

Não estava ansiosa por isso, mas fazia parte do trabalho. Então, enquanto Kelly se dirigia para as escadas, fui logo atrás dela.

Kelly chamava a atenção. Cabelo loiro platinado. Um

corpo esguio e quase de modelo. Olhos azuis. Barbie, como eu disse. Ela recebia olhares de homens e mulheres, e eu entendia, especialmente depois de sua recente cirurgia nos seios. Ela foi minha colega de quarto durante a faculdade e depois. A única vez que nos separamos foi quando ela foi morar com um namorado que virou noivo, que agora era ex-marido. Ele a traiu, então ela conseguiu um acordo decente, e eu consegui minha melhor amiga de volta. Ponto para mim, péssimo para ele. Mas o que eu mais amava em Kelly era que ela era flexível. Cheguei em casa e disse a ela que precisava de uma bebida, e ela disse que tinha ganhado dois ingressos para o jogo de hóquei do New York Stallions. Era para ser, do jeito que eu estava imaginando.

Ela olhou para trás e me viu seguindo-a.

Eu virei meu copo vazio para sua pergunta não dita.

Ela se virou, seguindo o resto do caminho com uma risada. Quase como se tivéssemos feito isso antes – porque tínhamos –, ela foi para o banheiro e eu fui para a barraca de cerveja.

— Oh, ho, ho, ho. Ei.

A saudação jovial soou de um dos funcionários, um cara alto e corpulento. Precisei de um segundo para apreciar o que estava vendo. Eu conhecia esse cara. Ele tinha estado em liberdade condicional no passado, não um dos meus, mas eu estive no corredor algumas vezes, ele teve um desentendimento com seu atual oficial de condicional naquela época. Ele gostava de usar o nome de Jimi Hendrix, mas todos nós o chamávamos de Jimmy. E com Jimmy, infelizmente, houve muitos desentendimentos.

Então, ele estava muito em liberdade condicional.

— Jimmy. — Eu estava examinando-o de cima a baixo. Ele havia perdido quinze quilos, o que eu sabia porque precisava saber disso para o meu trabalho, mas nele era quase imperceptível. O cara tinha 1,90m e 127 quilos. Ou agora, 114? Eu também estava notando a cerveja que ele estava servindo. — Como vai?

Ele pegou meu tom, e seu sorriso aumentou um grau.

— Estou fora da condicional. Não precisa se preocupar em me denunciar. Terminou, consegui um bom lugar para morar e consegui este emprego. Estou trabalhando em uma mercearia, empacotando mantimentos também, Srta. Jess.

Isso era outra coisa sobre Jimmy. Eu normalmente era a oficial Montell, mas Jimmy de alguma forma conseguiu me chamar de Srta. Jess. Alguns de seus colegas de trabalho estavam me olhando como se eu fosse sua ex-namorada, e vi a especulação em seus olhos. Eu não tinha interesse em namorar nenhum deles.

— Você quer cerveja, Srta. Jess?

— Uh… claro. — Achei estranho pegar uma cerveja de um ex-presidiário, mas tudo bem. Enquanto ele servia, ainda vendo um pouco do interesse de seus colegas de trabalho, enfiei a mão na bolsa para pegar meu telefone e meu distintivo. Pendurei o distintivo no meu pescoço. Eu não precisava usá-lo aqui, mas eles viram, e fez o trabalho. O interesse caiu e, em vez disso, recebi algumas zombarias.

Procurei o nome de Travis, um colega de trabalho, e enviei uma mensagem para ele.

Jess: Jimi Hendrix está fora da condicional?

Ele respondeu de volta quase imediatamente.

Colega de Trabalho Idiota 1: Sim. Por quê?

Jess: Queria saber, eu o vi. Ele parece bem.

Colega de Trabalho Idiota 1: Ele está com problemas?

Jess: Não. Tchau.

Meu telefone tocou de novo, mas eu não gostava de Travis. O sentimento era mútuo, mais do que mútuo na verdade. Derek Travis. Ele estava no meu pé desde que comecei a trabalhar como oficial de condicional. Não sabia por que ou qual era o problema, já que eles precisavam de mulheres oficiais de condicional. Fazia meu trabalho, fazia muito bem, e só bati de frente com ele algumas vezes. Mas indaguei sobre Jimmy porque precisava ter certeza, e ele respondeu. O assunto foi resolvido no que me dizia respeito. Eu não ia dar a ele nenhum motivo para incomodar Jimmy, mas às vezes eles mentiam, daí a mensagem.

— Aqui está, Srta. Jess.

Mesmo com as explosões ou desentendimentos de Jimmy, sempre gostei dele. Ele não conseguia lidar com seu temperamento às vezes, mas geralmente era engraçado sobre isso, atacando a si mesmo mais do que aos outros. Noventa e cinco por cento do tempo, ele não queria machucar ninguém.

— O que eu devo a você, Jimmy?

Seu sorriso era quase ofuscante, suas duas mãos enormes descansando nas laterais da caixa registradora e seu grande corpo curvado para frente e para baixo. Esse era um de seus velhos hábitos, estava me lembrando também. Ele tentava se tornar menor do que era, geralmente para fazer os outros se sentirem mais à vontade perto dele.

— Nada, Srta. Jess. É por minha conta.

Olhei para seus colegas de trabalho, vendo um nos observando com um pouco de interesse demais para o meu gosto. Inclinei-me para mais perto de Jimmy e abaixei minha voz.

— Tem certeza de que não preciso pagar?

Ele começou a se levantar, abrindo a boca, uma cor rosa chegando ao pescoço, mais do que era, mas continuei:

— Porque eu sei que você viaja com o mínimo de dinheiro necessário. Seu coração está no lugar certo, mas se você estiver com pouco dinheiro, eu não gostaria que alguém notasse e deixasse seu chefe saber, se você me entende. — Meus olhos dispararam para aquele colega de trabalho tentando ouvir. Ele limpou os mesmos 5 por 5 centímetros de balcão 18 vezes.

Entendendo o que eu queria dizer, os ombros de Jimmy afundaram ainda mais.

— Desculpe, Srta. Jess. Você tem razão. — Ele me disse o valor que eu devia e entreguei o dinheiro. Quando ele começou a me dar o troco, acenei com a mão, indicando que ele deveria ficar com ele. Ele estava colocando no pote de gorjetas quando eu saí.

Indo para as escadas, procurei nossos assentos. Kelly não estava lá.

Sabendo que eu mesma precisaria ir ao banheiro em pouco tempo, tomei um gole da minha cerveja e segui na direção que Kelly tinha ido.

A fila era muito longa no primeiro, mas sendo a oficial de condicional um tanto experiente que eu era, sabia que haveria mais banheiros longe da área principal. Continuei andando e bebi metade da minha cerveja antes de encontrar uma porta. Dizia ‘banheiros’ e tinha uma seta, então eu estava seguindo a seta.

Cheguei, e ah, merda.

Eu estava na escada de saída. Tinha cometido um erro.

Eu me virei, estendendo a mão para a porta, quando ouvi logo acima de mim:

— … ouvi falar sobre isso. Não me importo.

Eu me movi para trás, inclinei minha cabeça. Ele não havia subido até o próximo andar, mas estava na metade do caminho. Suas costas estavam ligeiramente voltadas para a

escada e ele falava ao telefone.

— Sim. Sim.

Eu devia ir. Essa era uma ligação particular, não era da minha conta.

Empurrei a maçaneta da porta para sair, mas nada. A porta estava trancada.

Eu estava trancada aqui dentro.

Bem, merda.

Eu tomei uma cerveja. Logo teria uma bexiga que precisaria ser esvaziada, e aquele cara ainda estava no telefone.

— Espere. Alguém está aqui.

Oh, merda dupla.

Eu me virei quando ele começou a descer as escadas e gritei:

— Sinto muito! Eu não conhecia essas portas... — Parei quando ele virou na escada, agora de frente para mim e descendo-as em minha direção. E parei porque, meu Deus, esse homem era um dos mais bonitos que eu já tinha visto.

Ele tinha feições bonitas. Seus olhos eram de uma cor acinzentada e, sim, mesmo àquela distância, fiquei impressionada com o quão claros eles eram. Suas maçãs do rosto eram largas nas laterais, mas tinha um queixo tão quadrado que funcionava para ele. Ele era robusto, mas bonito e sexy ao mesmo tempo. Eu estava colocando sua altura em 1,90m. Noventa e cinco quilos. Ele estava vestido com algumas roupas seriamente bonitas, todo terno de negócios. Seus sapatos eram do tipo caro, como o que eu brincaria que um cara de Wall Street usaria para um jogo de hóquei. Ao me ver, ele fez uma pausa, mas então um sorriso perverso se espalhou lentamente em seu rosto, e isso também me fez recuar um pouco.

Foi quase um belo soco no meu peito, mais para me chocar do que para me incapacitar.

Ele falou ao telefone:

— Até mais, preciso desligar. — Eu podia ouvir a outra pessoa falando, mas ele desligou e colocou o telefone no bolso. — Olá.

Ele estava me olhando de cima a baixo, parecendo um gato entediado que encontrou um rato e tinha um brinquedo novo para brincar.

— Eu não queria interromper sua ligação…

— Pelo contrário, muito obrigado. — Ele desceu mais alguns degraus. — Eu precisava de uma desculpa para desligar a chamada.

Eu me movi para trás, dando a ele espaço – ou espaço para mim – enquanto ele continuava até estar no degrau logo acima, olhando para baixo.

— Eu estava procurando o banheiro.

— Estas são as escadas. — Sua voz era um sussurro baixo de barítono, e ele ainda estava fazendo a coisa do olhar, onde ele não estava apenas me avaliando, mas estava lendo minha alma, e gostando do que quer que estivesse lendo. Se eu fosse um personagem de um livro, poderia tê-lo comparado a um vampiro. Eu quase comecei a rir, por que o quão ridícula eu era? Ficando nervosa com esse cara, que parecia estar em uma faixa de impostos totalmente diferente da minha. Mas eu normalmente não teria me importado. Eu normalmente também não teria ficado tanto tempo perto.

Eu balancei a cabeça quando ele desceu, encarando-me diretamente.

— Eu percebi. Há uma placa que diz ‘banheiros’ e aponta para cá. Entrei, sem me lembrar que as portas travam atrás de você depois que passa por elas.

— Certo. — Ele ainda tinha aquele sorriso, seus olhos brilhando. — Porque se você lesse a placa na porta, diria ‘somente saída de emergência’.

Eu me recusei a corar para esse cara. Não. Mas a parte de trás do meu pescoço esquentou. Um pouco.

— Sim. Meu erro. — Meu tom era frio, e eu estava

dando a ele o olhar para recuar.

Isso pareceu diverti-lo ainda mais.

— Qual o seu nome?

Eu me irritei.

— Não é da sua conta, que tal isso?

Seus olhos inflamaram. Esse cara não era normal.

— Atrevida. — Seu tom ficou suave. — Eu gosto disso.

Isso me deixou ainda mais arrepiada.

— Com licença? — Eu me movi para trás, assumindo uma posição enquanto automaticamente começava a pensar em como lidar com ele se ele fizesse um movimento.

Como se estivesse lendo minha mente, ou sentindo a mudança do ar, ele recuou. O efeito latente diminuiu, mas só um pouco. Ainda estava ali. Eu ainda o estava divertindo, e também não sabia como me sentia sobre isso.

— Você não tem ideia de quem eu sou.

Eu fiz uma careta.

— Isso excita você ou algo assim?

Seu sorriso se alargou, mostrando uma covinha.

Deus. A covinha. Que mulher não gostava de uma covinha na bochecha? Isso não era justo. Alguns dos meus arrepios diminuíram.

Ele riu, ainda naquele tom de barítono, e foi *sensual* também.

— Aparentemente, faz com você. Confie em mim. Estou tão chocado quanto você parece estar. — Seus olhos se aguçaram. — Você está aqui com alguém?

Saí da posição de luta que assumi e relaxei, apenas um pouco.

— Minha colega de quarto.

Outra centelha de interesse naqueles olhos dele.

— Sua colega de quarto é uma pessoa importante? Ou *apenas* uma colega de quarto?

Droga. Ele foi direto e rápido sobre isso.

Se eu estivesse no bar e com disposição para uma noite, esta conversa teria um final totalmente diferente. Eu

gostava de caras que eram diretos. *Muito*.

— Ela é minha melhor amiga. — Eu vi a próxima pergunta se formando, então acrescentei: — E ela é hétero.

Sua cabeça abaixou, aqueles olhos suavizando.

— E você? De que você gosta?

Minha garganta inchou. Eu não sabia por que, mas me senti hipnotizada por ele.

Ele deu um passo mais perto, lentamente.

Eu não conseguia desviar o olhar e não conseguia dar um passo para trás. Eu não queria.

Uma parte de mim estava reclamando de mim mesma, no fundo da minha cabeça, mas meu coração estava batendo forte e minha garganta ainda estava inchada. Meu corpo estava esquentando e uma dor estava se formando entre minhas pernas.

Este homem, o que ele estava fazendo comigo?

Essa reação nunca aconteceu comigo.

— Em quem você está interessada, Srta.…? — Sua cabeça inclinada para o lado, como se ele pudesse me atrair para responder a ele.

Eu queria fazer exatamente isso também.

Meus lábios se separaram de surpresa, mas então seus olhos se voltaram para minha camisa e tudo mudou. Abruptamente.

Ele tinha sido sedutor e persuasivo. E então do nada. Frio e gelado.

Eu até estremeci, sentindo seu afastamento, embora ele não tivesse movido um músculo.

Segui seus olhos até meu tórax. Meu distintivo estava saindo da minha jaqueta, mas quando olhei para ele, prendi a respiração. Seus olhos estavam em mim, e eles *não eram* amigáveis. Eles eram hostis. Todo aquele flerte acabou em um instante.

— Você é policial? — Seu tom era monótono, cortante.

— Eu sou uma oficial de condicional.

Seu telefone começou a tocar novamente e ele o tirou do bolso. Sem dizer uma palavra para mim, apertou em aceitar e voltou a subir as escadas.

— Ei. Espere um momento. Estou indo para a porta. Abra para mim.

Não pude conter um arrepio quando ele desapareceu na curva, subindo o último lance de escadas.

Tum!

A porta se abriu. Os sons do jogo de hóquei filtraram-se para a escada e depois foram silenciados novamente.

Esperei, mas nada.

Ele tinha ido.

O que diabos tinha acabado de acontecer?

Além disso, eu ainda estava trancada.

CAPÍTULO 2

JESS

— Garota. — Kelly estava rindo quando abriu a porta para mim. Tivemos uma boa conversa enquanto eu a conduzia até onde eu estava. Foi um jogo elaborado de Marco Polo, com Kelly rindo enquanto gritava a parte do Marco e eu meio que rosnando quando respondia a parte do Polo. Estávamos na casa dos vinte anos e, embora minha bexiga não estivesse divertida, foi um jogo divertido. Acho que uma parte de nós nunca envelheceria.

Eu entrei, os sons do jogo vindo com força total.

— Como você foi parar aí mesmo?

Eu já havia explicado, então a ignorei, jogando meu copo de cerveja agora vazio na lixeira.

— Onde é o banheiro?

Ela continuou rindo enquanto me mostrava, e como estávamos bem no meio do terceiro período, o lugar estava vazio.

E imundo. Toalhas de papel estavam por toda parte, algumas meio penduradas para fora do lixo e uma pilha enorme no fundo. Havia uma poça de água sob uma das pias.

Kelly foi em direção à área da pia enquanto eu pegava a primeira cabine limpa que pude encontrar.

Foi a sexta.

— Você disse que havia um cara lá com você?

Eu sorri.

— Aqui?

— Você sabe do que eu estou falando. Quem era?

Eu não sabia o que dizer. Esta era Kelly. Recentemente divorciada e com o coração partido, mas ela era uma romântica de coração. Eu menciono qualquer coisa sobre ele, sua reação a mim, e ela o estaria transformando para ser um Romeu rico.

— Ninguém. Ele pensou que eu era policial.

— Por que ele pensou isso?

— Ele viu meu distintivo.

— Por que seu distintivo está a vista?

Terminei de fazer xixi, dei descarga e saí. Ela estava esperando no final, encostada na parede com os braços cruzados sobre o peito. Eu me senti envergonhada com isso, mas não sabia por quê.

— Eu vi um cara que está em liberdade condicional e queria assustar alguns de seus colegas de trabalho.

Ela começou a rir.

Fui até a pia, lavei as mãos e arrumei rapidamente o cabelo.

Eu era uma bagunça em um dia normal, mas havia um brilho extra em mim. Minha pele brilhava um pouco mais. Eu tinha um pouco mais de cor nas bochechas e meus olhos eram claros como cristal, o que dizia algo, porque normalmente eram amendoados escuros.

— Eu não acredito em você.

— O quê? — Lancei um olhar para Kelly, tirando meu distintivo e colocando-o de volta na minha bolsa.

Então me estudei.

Eu tinha peso normal, altura normal, 1,70m. Mantinha-me em forma e condicionada, porque seria uma estupidez não estar para o meu trabalho. Especialmente sendo uma mulher. Desde que decidi seguir esse caminho profissional, me casei com meu trabalho. Tinha que ser, mas também tinha que lidar com os golpes ou com o número de casos.

Uma prateleira deles.

Algum idiota atrás de mim.

Eu gostava do meu corpo. Gostava que não quebrasse se eu entrasse em uma situação, mas sabia que também era agradável aos olhos. Um rosto em forma de coração que era um pouco longo, mas saudável. Os caras tendiam a gostar da minha aparência. Um ex uma vez me disse que eram meus olhos, como eles ficavam escuros, e ele gemia

toda vez que eu entrava em um ambiente. Disse que minhas pernas eram do tipo que os caras gostariam que se apertassem em sua cintura.

Percebi que Kelly me estudava como eu vinha estudando a mim mesma.

— O quê?

Ela deu de ombros, um sorriso secreto puxando sua boca. Ela se mexeu, apoiando um ombro contra a parede. Suas sobrancelhas subiram.

— Nada. Você quer continuar vendo o jogo ou sair daqui?

— Qual é o resultado?

— Kansas City marcou dois enquanto você estava lá. Vai ser um estouro.

Merda.

— Sim. Vamos embora.

— Você quer ir para casa?

Era noite de quinta-feira. Eu teria um dia cheio amanhã. Normalmente, sim. Eu estaria na cama às dez, mas algo diferente estava em mim esta noite. Era aquele cara, eu sabia, mas ia ignorar.

— Não. Vamos para o Octavia.

— Maravilha! Por que não o Katya?

Eu balancei minha cabeça. Ser uma oficial não pagava todas as minhas contas, então trabalhava como bartender no clube Katya todas as sextas e sábados à noite em Manhattan. Eu não queria ir para onde trabalhava; eu queria uma noite inteira de folga, e o Octavia era exatamente isso. Não era um clube novo, mas era sombrio, pecaminoso e anônimo.

Eu estava sedenta por um pouco daquele pecado esta noite.

Ou talvez fosse o cara que acabei de encontrar.

CAPÍTULO 3

TRACE

Estávamos indo para o nosso Escalade quando Caleb nos pediu para esperar.

— Eu preciso verificar algo bem rápido. Minhas desculpas, Sr. West.

Ashton veio para ficar ao meu lado. Éramos melhores amigos – sempre fomos e seríamos quando ambos deixássemos este mundo. Cada passo do caminho. Era assim que éramos.

Por causa da nossa história, não éramos amigos que precisavam falar. Eu não estava esperando com um funcionário ou empresário nervoso e, provavelmente por causa desse silêncio, ouvimos as gargalhadas que soaram lá de baixo, do lado de fora da entrada principal da arena.

Era ela.

Eu teria reconhecido a sua voz em qualquer lugar, e estava ignorando como isso era alarmante para mim quando olhei.

Meu corpo travou e levantei minha cabeça mais alto.

— *Você é policial?*

— Uma oficial de condicional.

Ela tinha sido intrigante à primeira vista. Um olhar mais demorado e eu queria transar com ela, mas era *mais*. Eu a queria por um fim de semana inteiro. Eu queria torcê-la em tantas posições diferentes, apresentar meu pau a tantos prazeres com seu corpo, mas aquele distintivo. Tudo esfriou em mim quando vi aquilo.

Ela disse uma oficial de condicional, mas ela era um policial. Uma maldita policial.

Mas vê-la novamente, e nem isso, ouvi-la novamente. Sua risada chamou minha atenção.

Eu a *queria*.

Eu não poderia tê-la, mas a queria de qualquer maneira.

Isso ia ser um problema.

— A loira ou a de cabelos escuros?

Claro que Ashton notaria.

— A de cabelos escuros.

Continuei observando-a, mas sabia que Ashton estava dando a ela um olhar mais estudioso.

— Você a conhece?

— Não. — Olhei para ele quando Caleb deu a volta e abriu a porta de trás. — Descubra quem ela é.

Então eu entrei, e Ashton estava pegando seu telefone enquanto entrava atrás de mim.

Ele tinha as conexões mais rápidas. Ele teria o nome dela dentro de uma hora.

CAPÍTULO 4

JESS

Dançar e beber no Octavia tinha sido uma boa escolha, mas na manhã seguinte minha cabeça latejava por algo totalmente diferente. Café, café, café. Eu precisava de todas as doses de café expresso que pudesse tomar e, ainda assim, seis doses depois, não eram suficientes.

Estacionando meu sedã oficial, eu estava entrando quando ouvi ao lado:

— Chegando, Montell.

Eu o ignorei. Se eu não pudesse vê-lo, ele não poderia me ver. Eu estava usando meu raciocínio de quatro anos de idade.

Infelizmente, ele começou a andar ao meu lado.

— Parou no Cleo, hein?

Eu gemi.

— Vá embora, Travis.

— Por que você não me trouxe nada para beber? Eu preciso de café. Afinal, estava acordado até tarde protegendo sua bunda.

Essas eram palavras de briga. Eu parei e o encarei.

— O que você está falando?

O mesmo Derek Travis para quem mandei uma mensagem ontem à noite. Um oficial de condicional nos últimos três anos, e eu estava tão além de suas queixas. Ele era decente com os outros, então eu tinha que dar esse crédito a ele, mas ele se esforçava para dificultar meu trabalho.

Seu sorriso era o próximo nível. Ele estava usando óculos escuros e seu traje de trabalho habitual: calça cargo cáqui e uma camisa preta de manga comprida sob o colete que todos usávamos.

— Um dos seus homens em liberdade condicional violou-a ontem à noite. Ele foi pego, testou positivo para cocaína e metanfetamina. Você estragou tudo, Montell.

Veja. Estourando minhas bolas. Não tinha nada a ver com o que meu homem em condicional fez.

— Como você descobriu isso?

— Eu estava aqui quando ele foi trazido. O líder da equipe queria uma atualização para o conselho. Ele está fazendo uma ligação para eles, agora mesmo. — Ele disse isso tão casual e lentamente quanto fingia olhar para o próprio pulso, aquele sem relógio.

Eu amaldiçoei esse cara. Não era da conta dele, e nosso líder de equipe sabia disso.

Leo deveria ter esperado por mim para deixá-los saber o que estava acontecendo.

Coloquei minhas coisas no meu escritório e fui direto para o nosso líder de equipe.

— Ei. — Um rápido aceno de cabeça para ele e eu me sentei, pegando o arquivo que ele tinha aberto em sua mesa.

Leo, abreviação de Leland Aguila, era meu chefe, mas também um mentor para mim. Ele foi o motivo, ou um dos motivos, de eu ter entrado nessa linha de trabalho. Houve um tempo em que precisei de orientação e precisei que o mundo fizesse sentido novamente. Leo me deu isso. Por causa disso, não gostei de ver a linha fina de desaprovação em sua boca achatada. Ou como as rugas em sua testa estavam juntas.

Ele era um homem grande, com mais de 1,80m. Oitenta e dois quilos. Careca, porque dizia que este trabalho não lhe permitia crescer cabelo, mas mantinha-se principalmente em forma. Um homem sólido.

Ele estava guardando o telefone.

— O que você está fazendo?

— Você está ligando sobre o meu cara, certo?

Leo fez uma pausa, sua grande cabeça inclinada para o lado. Seus olhos suavizaram.

— Não. Isso é para você fazer. Você tem tempo. Por que a pergunta?

Oh.

Eu dei de ombros.

— Travis.

A compreensão surgiu.

— Ignore-o. Você sabe como ele é. Ele quer obter uma reação sua.

Sim. Eu não gostei.

Leo me deu um sorriso e apontou para a porta.

— Saia do meu escritório, Montell. Vá encontrar a oficial Hartman e façam o que ambas precisam fazer hoje.

Dei a ele uma saudação zombeteira, ao que ele bufou, e fiz exatamente isso.

Ouvindo o tom de Val e a irritação dela, sabia exatamente onde ela estava e fui para o escritório dela. Ela estava ao telefone, mas já o desligando. Ao me ver, ela empurrou a cadeira.

— Preparada?

Visitas domiciliares. Não tinha graça.

Eu cortei minha cabeça em um aceno.

— Preparada.

CAPÍTULO 5

TRACE

— Ela trabalha no Katya? — A risada na voz de Ashton mal foi contida.

Ele estava lendo uma cópia do relatório que nosso cara havia feito nos últimos dois dias depois de segui-la. Eu o tinha conseguido no início do dia, mas isso não significava que ouvi-lo de novo era menos irritante do que quando descobri que ela trabalhava para mim.

Eu ganhava um bom dinheiro. Tinha uma boa vida. E dormia com mulheres quando queria, mas nem sempre foi assim. Tive uma namorada séria no ensino médio e outra na faculdade. Eu fui fiel. Sentia-me apropriado. Se elas estivessem me dando seu coração e corpo, eu faria o mesmo. Mas eu fiquei mais velho, e a “ajuda” do meu pai nos negócios da família era ele “foder tudo”, e meu tio começou a me chamar para assumir e consertar a bagunça que meu pai sempre fazia.

Eu estava cansado disso. Meu tio estava cansado disso.

Mas essa parte da minha vida começou a crescer cada vez mais, e eu sabia que não era certo ter outra namorada, não nesta vida. Já era demais com os dois mundos. Então, sexo casual ou mulheres que conheciam a situação. Elas jantavam, bebiam, uma noite em que se sentiam importantes por estarem nos meus braços, e eu fazia sexo sem compromisso. Eram mulheres que também não queriam um relacionamento, então era uma vitória para nós dois.

Mas agora eu a queria e, pela primeira vez em muito tempo, estava pensando em jogar fora minhas regras.

Por ela.

Mas apenas um fim de semana. Era isso. Isso era tudo que eu podia aguentar. Fodê-la para fora do meu sistema e seguir em frente, voltar para a minha rotina

normal. Tudo ficaria bem então.

— Você está tão ferrado. — Ashton voltou a rir.

Eu dei a ele um olhar sombrio.

— Eu tenho uma arma na minha gaveta, você sabe.

Isso o fez rir ainda mais, e ele se inclinou para frente, balançando a cabeça.

— Você quer que ela saiba que você é o dono do Katya?

— *Nós* somos os donos do Katya. — Era o nosso clube, dele e meu. Ashton também tinha sua família, semelhante à minha, mas o Katya era um dos nossos empreendimentos que não tinha conexão com nenhuma de nossas famílias. Nós não permitiríamos isso. Se alguém tentasse entrar, seria uma guerra interna.

— Sim, sim. Você sabe o que eu quero dizer.

Eu queria que ela soubesse? Não.

— Ligue para Anthony. Passe para ele os arranjos. Não quero que ela saiba, ainda não.

Ashton estava pegando seu telefone quando o meu começou a tocar. Era o nosso detetive.

Atendi.

— Você tem algo mais sobre ela?

— Ela joga boliche.

Eu fiz uma careta.

— Boliche?

— Você queria o arquivo rápido, então não coloquei lá, mas todo domingo ela e sua colega de quarto vão para o Easter Lanes. É quase um evento religioso.

Isso… era útil.

— Quando elas vão?

— Elas chegam às seis, jogam até às oito e ficam juntas até às nove e meia.

Easter Lanes.

— Quem é o dono do lugar?

— Molly Easter. Comprou do pai dela, reformou-o e está indo bem.

— Quem é o pai dela?

— Shorty Easter, o nome verdadeiro é Marcus. Jogador. Ele deve muito à família de Ashton.

Olhei para Ashton enquanto nosso detetive estava me dizendo isso e, sentindo meu olhar, Ashton olhou de volta para mim. A sobrancelha dele se ergueu.

— O quê?

— Algo mais?

— De volta à sua oficial de condicional. Ela é próxima do irmão, preso por matar o pai.

Meu sangue gelou ao ouvir isso. Isso não estava no relatório.

— Você acabou de descobrir isso também?

Ele hesitou do outro lado.

— Eu preciso acompanhar mais uma coisa antes que eu possa responder isso. Acredite em mim, você vai querer que eu espere.

— Muito bem. Entregue-o para mim o mais rápido possível.

— Vou fazer isso.

— O que está acontecendo? — Ashton perguntou depois que desliguei.

Eu contei sobre o Easter e ele bufou.

— Sim, eu me lembro daquele cara. A família o mantém por perto porque ele é engraçado, conta boas histórias, mas ele deve muito.

— Você conhece a filha?

Seus olhos se estreitaram.

— Você vai fazer sua abordagem em uma pista de boliche?

Suspirei.

— Talvez seja necessário, e você não vai.

— Eu conheci a filha uma vez, quando éramos crianças. Ela não vai se lembrar de mim.

— Não quero arriscar, ainda não.

— Você está trabalhando muito para conseguir uma

boceta quando tudo que você normalmente precisa fazer é acenar com a mão e elas *vêm*.

Lancei-lhe um olhar, porque estava completamente ciente desse fato.

Isso era agravante.

CAPÍTULO 6

JESS

Ele estava aqui.

As noites de domingo no Easter Lanes eram nossa compulsão: eu e Kelly. Era um pé no saco das pessoas durante toda a semana. Sexta e sábado eram dedicados a servir bebidas e esperar que nenhum dos meus homens em liberdade condicional violasse meu segundo emprego, mas os domingos eram nossos. Noite de folga. Nós amamos Molly Easter. Ela se tornou uma amiga depois de fazer uma aula de cerâmica com Kelly, e quando ela nos disse que estava assumindo o antigo negócio de seu pai, mas que iria torná-lo melhor, nós estávamos aqui. Todos os domingos. Nós aparecemos. Apoiamos como podemos, e tornou-se um santuário para o nosso grupo.

Quando jogava boliche, eu era uma pessoa totalmente diferente.

Sem problemas. Sem regras. Podia entrar de bigode no rosto, vestida de caminhoneiro se quisesse. Ninguém se importava. Eles adoravam nossos uniformes de boliche, e todos deveriam jogar com um uniforme. Negócio sério com um lado divertido. Além disso, as noites de domingo não eram noites de encontros. Essas pessoas nunca entenderam a missão de se vestir para jogar boliche.

Eu parei ao entrar pela porta, vendo-o lá. Ele estava em uma das cabines de trás, ao lado da parede com outro cara em frente a ele. Havia apenas algumas cabines naquela parede, em frente ao bar. Eu parei e olhei. Eu não pude evitar, e Kelly se aproximou de mim.

— Ei, o que você – *ooh*. — Ela respirou fundo. — Quem é *esse*?!

— Você é policial?

A condenação dele quando ele fez essa pergunta, quão frio ele estava.

Eu estremeci agora, lembrando, mas lembrando mais

do calor que senti um segundo antes.

Como se estivesse sentindo meu olhar, seus olhos se voltaram para mim.

Eu esperei, aguardando a surpresa. Não havia nenhuma, e *isso* espalhou o choque através de mim.

Eu fiz uma careta, mas então fui sugada por seu olhar, porque ele estava me consumindo. Eu me senti queimada de dentro para fora. Deus, ele era lindo. Ele estava de terno no jogo de hóquei, mas desta vez ele estava com uma camisa branca, uma jaqueta de couro, e eu sabia sem ver que seu jeans era de boa qualidade. Ele se inclinou para frente, aqueles olhos claros nunca desviando de mim, e então ele recuou. Com a bebida na mão e ainda segurando meu olhar, ele levou o copo à boca. Sua garganta se moveu enquanto ele tomava um longo gole, e Deus, eu odiava o quão bonito ele era.

Meu coração estava empurrando para fora do meu peito, tentando se libertar.

Esse cara. Eu não o conhecia e decidi. Eu não queria conhecê-lo, nunca.

— Jess… — A voz de Kelly me arrancou de qualquer feitiço em que estivesse, e me virei, caminhando à força na direção oposta. Demorou um segundo para eu compreender que estava indo direto para a área de fliperama, mas caramba, cerrei os dentes e continuei. Eu precisava ficar longe dele, então estava esforçando-me, indo ao banheiro nos fundos. Eu precisava respirar, porque mesmo me afastando dele, podia sentir seu olhar em mim.

Fui até o banheiro. Duas adolescentes estavam ali, e ambas pularam com a minha ferocidade.

— Saiam — eu disse.

Um gritou. A outra começou a encarar.

— Quem você acha… — Ela se interrompeu, fazendo uma careta quando sua amiga agarrou seu braço e a puxou para trás. Elas saíram correndo quando Kelly estava entrando. Ela segurou a porta para elas, observando-as sair

correndo antes de fechar a porta e entrar atrás de mim.

Eu estava na pia, olhando para o espelho, observando-a com cautela, porque não havia como essa resposta minha passar despercebida.

Ela foi cautelosa, movendo-se para a pia ao meu lado.

— Uh… você vai me atualizar? Quem era aquele cara?

— O idiota do jogo de hóquei.

Suas sobrancelhas franziram. Ela levou um momento, e então a compreensão surgiu.

— Ele?! Esse é o cara que ficou chateado por você ser uma policial?

Eu estava cerrando os dentes de novo porque não importava.

— Por que diabos ele está aqui?

— Vamos perguntar a ele. — Sua voz era otimista, e ela estava toda sorridente agora.

— Por que você está sorrindo?

Seu sorriso se tornou mais Cheshire, o gato de Alice do País das Maravilhas, e ela se recostou, acomodando-se enquanto cruzava os braços sobre o peito.

— Porque aquele cara, minha amiga, quer transar com você, e você vai deixar.

— O quê? Não! — *Sim!*

Ela bufou.

— Eu o observei por apenas alguns segundos e percebi imediatamente que aquele não é um cara que vem ao Easter Lanes para jogar boliche. Ele está aqui para você. Ele sabia totalmente que você viria, e isso significa que ele perguntou sobre você.

Eu estava balançando a cabeça.

— De jeito nenhum. Isso é…

— Totalmente o que está acontecendo. Ele quer você.

— Eu sou uma policial. Isso é um problema para ele. Eu não quero transar com alguém que tem problemas com isso.

Kelly bufou novamente e abriu a torneira. Depois de

molhar um pouco os dedos, ela a fechou, segurou meus ombros e me encarou, passando os dedos pelos meus cabelos.

Afastei a mão dela.

— O que você está fazendo?

Ela me ignorou e voltou a mexer no meu cabelo.

— Dando a você uma aparência um pouco 'molhada'. Os caras adoram essa merda.

— Argh. — Eu me virei para longe dela.

Ele veio aqui. *Aqui*. Sempre fui feliz aqui. Era o meu lugar feliz, e ele o invadiu. Eu estava no banheiro, resmungando e evitando-o, e não era eu.

Kelly levou meu gemido para o outro lado.

— Totalmente. Você vai lá e mostra quem manda. Apenas certifique-se de que isso se estenda até o quarto e… — Ela abaixou a voz porque eu estava abrindo a porta e sussurrou: — E me conte tudo sobre isso pela manhã.

Eu balancei minha cabeça, porque nada disso iria acontecer. Levantando minha mão, mostrei a ela o dedo do meio por cima do meu ombro. Kelly apenas riu. Quando saímos, contornando a seção de fliperama, vi que as duas garotas para quem eu lati não tinham ido embora. Elas ficaram de lado, sussurrando uma com a outra, e se juntaram a outro grupo de adolescentes. Meninos e meninas. Alguns deles pareciam futuros delinquentes, mas talvez fosse apenas a minha profissão se manifestando.

Recusei-me a olhar para sua cabine, embora sentisse sua atenção assim que saí da seção de adolescentes. Sim. Recusei-me totalmente. A parte de trás do meu pescoço estava ficando quente, mas ainda me recusei.

Caminhei até Molly, que estava atrás do balcão esta noite. Um metro e sessenta e cinco. Eu teria classificado seu peso em 52 quilos. Para mim, ela era pequena. Algumas sardas no rosto. Cabelo loiro avermelhado. Grandes olhos azuis. Molly era tão bonita, mas era quase um desperdício, já que ela cuidava dessa pista de boliche na maior parte do

tempo. Eu sabia que havia rixas entre ela e o pai, mas não éramos o tipo de amigas que compartilhavam esse tipo de coisa pessoal. Era principalmente boliche, risos alegres, embora Molly fosse uma alma gentil. Havia histórias sobre como ela poderia reagir de forma exagerada. Sua equipe chamava-a de *a mutante*. Mas eu não tinha visto esse lado dela. Às vezes, ela cuidava do bar; esta noite era a seção de boliche. Ela deu uma olhada em mim, e suas sobrancelhas subiram. Seu olhar se arrastou para trás e ela perguntou a Kelly:

— Quero saber?

— Não — respondi.

Kelly veio até o balcão ao meu lado e suspirou animadamente:

— *Sim*.

— Agora eu realmente quero saber.

— É tão emocionante — disse Kelly.

Eu ia ignorar as duas, e apontei para meus sapatos de sempre.

— Por favor, diga que você não alugou isso para ninguém esta semana?

Molly não se mexeu a princípio. Ela ficou ali, com as mãos ainda segurando o balcão, e seu olhar foi de mim para Kelly, que eu poderia dizer pelo canto do meu olho que estava balançando a cabeça, e Molly suspirou, alcançando os sapatos que eu sempre usava, os que tinha comprado especificamente para usar aqui. Ela os colocou no balcão.

— Você sabe que eu não faria isso. Estes são seus. Eu apenas os mantenho aqui.

— Eu também quero o meu!

A exuberância de Kelly estava me dando nos nervos. Eu sabia que era assim que ela reagiria, a sempre romântica que ela era. Ela também gostava muito de sexo, e sexo bom. Eu ouvia sons pornográficos vindos de seu quarto regularmente, e eu tinha certeza de que ela apenas os ouvia como música de fundo às vezes.

Molly estava rindo e balançando a cabeça para si mesma enquanto preparava nossos sapatos. Jogaríamos quatro partidas. Era o nosso número de sempre, mas fiquei tentada a dizer que jogaríamos apenas duas rodadas essa noite, mas então Kelly cutucou meu cotovelo.

— Nossas amigas do boliche estão aqui.

Era hora de jogar boliche.

CAPÍTULO 7

TRACE

Nós assistimos enquanto ela jogava três partidas.

— Não que eu não me importe de fazer uma excursão de vez em quando, quantas partidas você vai esperar... — Eu podia ouvir a risada de Eric em sua voz.

— Cale-se.

Ele riu, um pouco mais sombrio do que antes, e começou a deslizar para fora da cabine.

— Tudo bem, mas o que quer que você esteja esperando aqui, vou precisar de uma carona para casa. Estou longe demais para dirigir sozinho.

Eu dei a ele um olhar.

— Você tem milhões. Você pode pagar um serviço de carro.

Ele bufou, pegando algum dinheiro e jogando um maço na mesa.

— Sim, mas você tem motoristas à sua disposição, e eu estou aqui para você esta noite. Confie e acredite que vou interrogar Ashton sobre porque estou aqui e não ele. — Ele começou a se virar quando acenou com a cabeça para o dinheiro. — Tenho que mijar. A próxima rodada é por minha conta.

Peguei meu telefone e enviei uma mensagem.

> Trace: Eric está curioso para saber o que está acontecendo. Não diga uma palavra a ele.

Todos nós tínhamos sido irmãos de fraternidade na faculdade, e embora eu compartilhasse essa história com Eric, ele não estava no mesmo mundo que Ashton e eu estávamos. Eric só sabia sobre Wall Street. Ele sabia sobre essa vida, não a que Ashton e eu mantínhamos escondida, e

eu pedindo a ele para me encontrar em uma pista de boliche não estava no reino das boates e salões de coquetéis que normalmente frequentávamos.

Ashton: Porra, cara.

Eu ri, uma risada seca, mas que parou assim que *ela* deslizou para o lugar desocupado de Eric.

Eu sorri, lento e constante.

— Finalmente.

Meu Deus, ela era linda. Seu cabelo estava solto e desgrenhado quando ela entrou, mas agora estava preso em uma trança, talvez para combinar com uma de suas companheiras de boliche. De qualquer maneira, sua pele estava brilhando, seus lábios um pouco mais cheios do que eu lembrava, e ela era sexy.

Suas mãos se juntaram e ela apoiou os cotovelos na mesa, inclinando-se para mim.

— O que você quer? — Suas palavras foram entrecortadas.

Peguei minha bebida, girei o líquido enquanto me inclinava lentamente para combinar com sua postura. Suspirei a palavra logo antes de tomar um gole.

— Você.

Não perdi como seu peito subiu. Ela sugou um pouco de oxigênio, mas seus olhos piscaram. Havia uma selvageria ali, um breve segundo antes de ela derrubar uma parede e recuar no assento.

— Pensei que você não me suportasse. Eu sou uma policial.

— Você é uma oficial de condicional. Há uma diferença. — Meu tom era entediado, mas eu era tudo *menos* isso. Eu estava revigorado. — Também sei que você faz seu trabalho há anos e é muito boa nisso.

Ela estava olhando para mim e, por um momento, ela

não conseguiu falar. Ou ela não queria.

— Como você sabe disso?

Eu abaixei minha cabeça, meus olhos nunca se afastando dos dela.

— Eu contratei um detetive. Para uma oficial de condicional, não é perspicaz sobre um cara seguindo você.

Suas narinas dilataram.

— Eu conheci você três noites atrás.

— Exatamente.

— Você conseguiu tudo isso em três dias?

— Dois, na verdade, mas ele está atualizando o arquivo todos os dias. Estou gostando de cada informação que ele está descobrindo sobre você.

— Pare com isso. — Ela estremeceu, mas eu adorei. Isso só a trouxe para mais perto, e meu olhar foi para sua boca.

Aqueles lábios. Aqueles lábios carnudos que eu não tinha provado. Ainda não.

Meu pau estava tentando abrir caminho para fora da minha calça.

— Não — sussurrei essa palavra, amando como produziu aquela selvageria em seu olhar, apenas por um momento.

Eu queria mais disso.

Eu queria ser o único a soltar aquela pessoa, quem quer que ela fosse por dentro.

— Tenho um caso de assédio aqui.

Eu ri, inclinando-me para trás, mas segurei meu copo no ar entre nós.

— Tente. São minhas preliminares.

Aquele olhar selvagem voltou, e estava ficando cada vez mais longo.

Comecei a me perguntar o que ela faria se eu a fizesse ficar mais tempo. O que eu precisava fazer para que isso acontecesse?

— Eu nem sei o seu nome.

Olhei para onde ela tinha vindo, vendo suas amigas olhando para nós. Elas estavam tentando esconder seus olhares, mas eram horríveis nisso. Uma única, aquela que eu sabia ser sua colega de quarto, não estava se escondendo. Ela estava sorrindo amplamente para nós e quase batendo palmas. Sua alegria era óbvia.

— Sua amiga tem um gosto horrível para homens.

Ela prendeu a respiração e vi seus dedos apertarem a borda da mesa. Ela estava resistindo. Eu tinha perdido essa parte, mas agora até isso me cativou.

— Isso foi o que eu pensei. — Seus olhos se encontraram com os meus, ficando aquecidos, alguma raiva brilhando. — Você é um cara mau.

Fiz uma pausa antes de responder, porque havia mais aqui.

Ela me queria. Eu conhecia os sinais, mas ela estava lutando contra si mesma e parecia que eu havia acabado de confirmar sua suspeita.

Eu dei a ela um sorriso lento, sabendo que era predatório.

— Você já sabia disso, mas também sabe que isso não vai impedir o que vai acontecer entre nós.

Ela se recostou.

Eric estava voltando, parando quando viu que ela estava na minha frente. Ele me deu um leve aceno de cabeça, mostrando dois dedos, e foi até o bar, onde deslizou para um dos bancos. A proprietária, que estava olhando furtivamente para nós, moveu-se para atender Eric.

Examinei o lugar. Por um momento, ninguém estava nos observando.

Eu me movi, agarrando a mão dela, e antes que ela pudesse gritar, eu a levei pela porta de saída.

— O que você está…

Minha boca encontrou a dela, e ela congelou.

Finalmente. Eu sei o gosto dela.

Esperei, meus lábios persuadindo sobre os dela,

esperando por sua reação.

Então ela cedeu.

Inclinei minha cabeça, aproveitando, porque sabia que isso não ia durar, mas meu Deus, eu iria saborear cada gostinho dela.

CAPÍTULO 8

JESS

Ele me segurou contra a parede e meus braços o envolveram.

Aconteceu tão rápido. Com seu toque no meu braço, ele me levou para fora da cabine e através da porta, e então *bam*, seus lábios estavam nos meus, e eu não esperava por isso. Não esse toque. Nada disso. Assim que seus dedos estavam em mim, houve uma explosão de sensações.

Uma sensação de familiaridade, de lar e emoção, tudo de uma vez.

Mas então seus lábios estavam tocando os meus, e isso era um jogo totalmente diferente.

Meu corpo estava quente. A aparência. A sensação dele me observando a noite toda. Como ele gostou de mim no jogo, tudo isso foi enrolado em uma explosão de eletricidade.

Eu poderia tê-lo escalado como se fosse meu próprio mastro, mas tudo que fiz, por um breve momento, foi ceder.

Eu me rendi, porque ele não tinha sido o único a pensar nisso desde aquela noite de quinta-feira. Meu corpo estava doendo, mas então minha sanidade voltou e eu o empurrei.

Eu estava ofegante, meu pulso batendo forte. Meu corpo inteiro estava corado e suava.

Seu olhar era instável e senti um momento de triunfo, porque fiz isso com ele. Não que ele tivesse ficado quieto sobre me querer, mas ele se sentia no controle. Esse tempo todo, ele estava brincando comigo, mas agora ele estava desequilibrado, e eu era o motivo.

Esta não era apenas uma rua de mão única. Eu tinha poder sobre ele também.

Seus olhos ficaram vidrados e ele começou a se mover novamente.

Eu coloquei uma mão contra seu peito. Ele se conteve, mas suas mãos moveram-se para minhas pernas, onde me prenderam no lugar. Ele tinha uma segurando-me contra a parede, segurando metade da minha bunda. Seus dedos pressionaram e ele moveu sua pélvis em minha direção.

Comecei a fazer barulho, para detê-lo, mas então ele estava ali e estava me tocando, e meu Deus, era tão bom.

Ele se encostou em mim e quase esqueci onde estávamos. A névoa de querer seus lábios nos meus novamente era tão forte, mas uma gargalhada soou do outro lado da porta. Foi como um balde de água fria nos encharcando. Fomos trazidos de volta à realidade mais uma vez.

A realidade era uma droga.

Seus olhos se fecharam e ele tirou as mãos de cima de mim, dando um passo para trás à força. Ele passou a mão pelo cabelo, seus olhos brilhando em um pedido de desculpas, um que parecia genuíno.

— Eu não tinha essa intenção quando trouxe você aqui.

Respirar era difícil ao seu redor.

— O que você pretendia?

— Honestamente? Não faço ideia, então talvez eu tivesse a intenção de que isso acontecesse. — Seu olhar permaneceu em minha boca, e seus olhos escureceram.

Ele estava prestes a voltar quando eu o afastei. Estendi a mão para trás, encontrando a maçaneta da porta. Meu peito ainda estava subindo e descendo em um ritmo rápido, meu batimento cardíaco um tambor alto em meus ouvidos.

— Eu acho… — Estremeci ao ouvir como minha voz estava rouca porque ele tinha feito isso. Ele tinha esse poder sobre mim. — É óbvio, seja você quem for, que você não é bom para mim, ou eu para você, então vamos deixar isso para trás. — Eu estava meio que sussurrando essas

palavras, e meu coração estava apertado de novo, porque meu corpo estava gritando pelo contrário do que eu estava dizendo. Mas eu sabia, simplesmente sabia, isso não terminaria bem. Uma noite não faria isso por mim. Ele já estava sob minha pele, e isso com um beijo. Estremeci com o que aconteceria se fizéssemos sexo. Esse cara era desastroso para mim.

Seus olhos estavam doloridos, mas ele estava me ouvindo.

Fiz uma pausa, porque isso tinha que ser definitivo, e endureci minha voz. Endureci tudo dentro de mim.

— Você deveria ficar longe.

Eu não dei a ele um segundo para discutir ou, pior, para me tocar.

Abri a porta, entrei e fechei-a bem atrás de mim.

Fiz uma pausa, mas quando senti-o começar a abrir a porta, fiz o que nunca pensei que faria.

Eu fugi.

CAPÍTULO 9

JESS

Acordei cedo na manhã seguinte e estava dizendo a mim mesma que era porque precisava ver minha mãe e não porque queria evitar Kelly. Como a tinha evitado na noite passada. Eu tinha ido embora, enviando a ela uma mensagem dizendo que precisava pegar uma carona com uma das nossas amigas do boliche.

Eu já estava na cama quando ela chegou, o que era tarde, porque sabia que elas gostavam de tomar algumas cervejas extras depois, às vezes saindo para dançar também.

Não que eu não quisesse contar a Kelly sobre esse cara, cujo nome ainda não sabia, mas se me esquecesse dele, não falasse sobre ele, não me lembraria como ele me fez sentir. Ou como meu corpo reagiu a ele, porque era demais e estava fora de controle, e em toda a minha vida, eu nunca senti isso.

Eu tinha 29 anos. Eu não sabia se deveria ficar triste com isso ou chateada por ter demorado tanto.

De qualquer maneira, não importava. Quem quer que fosse, era uma má notícia.

Eu precisava esquecê-lo, esquecer a coisa toda. Os dois encontros. O pensamento constante sobre ele. Agora, a lembrança contínua de como ele era, seus beijos, seus toques, como o senti pressionado em mim – um loop constante. Eu precisava esquecer isso também.

Eu gemi, balançando a cabeça, porque a única coisa que acabaria com todos os meus sonhos e esperanças era uma visita à minha mãe. Não era por isso que eu iria vê-la. Era hora de ver como ela estava. Eu não gostava de demorar mais do que algumas semanas se não tivesse notícias dela, e elas haviam passado. Eu estava planejando passar por lá uma hora antes do trabalho. Isso deu-me tempo para tomar café e também para cuidar do que

precisava ser feito em casa, porque com minha mãe geralmente havia algo que precisava ser resolvido.

Parei antes de ir para a casa da mamãe e comprei um café no Marco's Corner Stand, que tinha o café cubano mais divino que já tomei na minha vida. Sabendo que Chelsea reclamaria se eu não levasse um para ela, comprei um para ela também.

Estávamos na mesma casa que moramos toda a nossa vida. Foi herdada do avô do nosso avô. Desde que meu pai morreu, desde que meu irmão, Isaac, foi para a prisão, o lugar não estava sendo conservado. Minha mãe morava aqui, mas não cuidava da manutenção. Eu fiz uma careta, indo para os degraus da frente e vendo dois deles quebrados no meio. As molduras precisavam de uma nova pintura, mas isso era estético. Bati e toquei a campainha, porque Chelsea Montell não gostava que eu entrasse e a assustasse. Eu tinha mais a impressão de que ela queria alguns minutos para guardar suas coisas, o que quer que ela sabia que eu não gostaria que ela tivesse. Então fazia assim, porque era uma boa filha, apesar das queixas dela.

Esperei um pouco antes de usar minha chave para entrar.

— *Ma!*

— Oh, Deus, cale a boca. — Uma escada rangeu no andar de cima. Ela estava vindo do banheiro. — O que você está fazendo aqui a esta hora?

Fiz uma varredura completa quando ela apareceu no canto da escada, fechando o roupão na frente dela. Chelsea Montell era uma mulher de 64 anos. Cabelo escuro que tinha apenas alguns fios grisalhos e um rosto naturalmente bonito que envelheceu bem, então ela parecia ter uns quarenta e poucos anos. Ela era muito magra. As calorias não preenchiam seu corpo, em vez disso foi seu espírito. Às vezes com uma boca grosseira, uma tendência para xingar como um caminhoneiro, ela realmente gostava de beber. Senti um cheiro forte e imaginei que ela tivesse bebido uma

garrafa de vodca antes de vir para cá.

— Ei, mãe.

— Mãe. — Ela fez uma careta, a maquiagem da noite passada ainda grudada nela, mas ela não estava me olhando nos olhos. Sua mão livre segurava com força o corrimão. — Eu era apenas *Ma* um segundo atrás. Agora eu sou *mãe*. O que aconteceu com a saudação *Ma*? — Ela chegou ao último degrau e parou por um segundo para se orientar. Seu corpo estava instável antes de ela se virar, ainda sem olhar para mim, e se dirigir para a cozinha.

Passei pelas salas de estar e de jantar e usei a segunda entrada para a cozinha. Ela estava passando pela geladeira. Coloquei o café dela na ilha do meio.

— Eu tenho um café do Marco's para você.

Ela ergueu um pouco a cabeça, fingindo cheirar. Um sorriso genuíno surgiu em sua boca, mas ela não olhou para mim. Ainda focando nos degraus à sua frente.

— Cheira delicioso, querida. Obrigada.

Querida. Eu era uma *querida* agora que dei o café do Marco's para ela.

Tossi, limpando a garganta.

— O banheiro ainda não está funcionando aqui embaixo? — Eu não esperei, indo para as escadas. — Eu volto já.

— Espere. Não!

Eu a ignorei, subindo as escadas correndo.

— Espere, mamãe! Eu estou menstruada. Você tem algum absorvente antigo aqui?

Ela gritou alguma coisa de volta, mas fui até o banheiro e fechei a porta.

Depois fui para seu esconderijo, já que ela sempre escondia a bebida nos mesmos lugares. Apenas mudava de cômodo. Desta vez, abri a porta do armário do banheiro e respirei fundo antes de verificar atrás da pilha de toalhas reservadas para os hóspedes. Minha mão encontrou algo redondo e sólido e puxei-o para fora.

Vodca. Eu estava certa.

Era uma garrafa nova também.

Estendi a mão para trás, vendo se havia mais. Não havia, não neste local, e ela não me deixaria verificar os outros quartos. Ela estaria gritando comigo, então eu desenrosquei a tampa, despejei 80% dela no vaso sanitário, dei descarga e enchi novamente com água da torneira. Limpei, enrosquei a tampa e coloquei de volta.

Eu odiava isso, o que quer que fosse. Um jogo? O que nós duas sabíamos, por que brigamos tanto, todos os insultos, os ultimatos, as lágrimas. Tudo isso reduzido a este jogo agora onde nós duas sabíamos, mas nós não falávamos. Perder papai, e depois Isaac, tinha cobrado seu preço de nós duas.

Rezei baixinho para que ela não percebesse por um tempo que a vodca estava aguada. Eu estava certa em fazer o que acabei de fazer? Não fazia ideia, mas era o que era.

Desci correndo as escadas e sorri.

— Falsa emergência. Encontrei um na minha bolsa.

Ela estava no final da escada, com suspeita em seu rosto. Uma de suas mãos estava apoiada em sua cintura, e ela tinha esquecido que seu roupão não estava amarrado. Havia uma pequena abertura agora, e eu vi que ela estava vestida com legging preta e um suéter que ela normalmente reservava para o bingo no quarteirão. Ela não tinha trocado de roupa.

Ela tinha dormido com aquelas roupas. Ou desmaiou com aquelas roupas.

Pisquei, fingindo que não as tinha visto, e passei por ela para a cozinha. Depois de pegar meu café, voltei para ela.

— Tenho que ir, mãe. Amo você. Avise-me quando quiser que eu traga o jantar, certo?

Ela não disse uma palavra, mas se moveu quando eu a beijei na bochecha.

Eu me movi para trás, indo para a porta.

— Eu amo você.

A porta se fechou atrás de mim e respirei fundo antes de resolver que precisava consertar aqueles degraus.

CAPÍTULO 10

TRACE

Tio Steph era o chefe dos negócios de nossa família, e quando tio Steph ligava chamando você, você fazia o que ele mandava. Liguei para meu assistente para remarcar todas as minhas reuniões para o dia e, em vez de ir para meu escritório em Wall Street, estava sendo levado para Red Hook.

Estávamos no meio do caminho quando meu telefone começou a tocar.

Ashton ligando.

Eu apertei para aceitar.

— Ei.

— Você está indo ver o seu tio?

Eu tinha mandado uma mensagem para ele mais cedo.

— Sim.

— Você quer que eu vá?

— Não. Tio Steph só liga por alguns motivos, e acho que isso tem algo a ver com meu pai.

— Deixe-me saber quando terminar.

— Eu vou avisar.

A família de Ashton e minha família às vezes trabalhavam juntas, e outras vezes bem separadas. Tive a sensação de que esta reunião era uma coisa separada, mas eu teria que ver. Estávamos parando na casa do meu tio quando recebi uma mensagem.

Número desconhecido: Aqui estão mais informações sobre ela. Confira a situação da mãe.

Suspirei, mas guardei meu telefone. Eu teria que verificar isso depois da reunião. Entramos na garagem e

fomos para os fundos, e alguns dos homens de nossa família estavam esperando por mim.

Eles estavam vestidos com moletons, camisas brancas por baixo e correntes de ouro aparecendo sob suas jaquetas. Todos os homens do meu tio eram mais pesados, tanto de gordura quanto de músculos. Todos grandes. Todos imponentes. Alguns eram apenas pelo fator de intimidação, mas eu sabia que muitos dos homens do meu tio eram violentos e tinham que ser por ele. Esse era o negócio em que eles estavam.

A porta do meu carro foi aberta para mim.

Bobby deu um aceno de cabeça.

— Tristian.

Bobby. Barrel. Buda. Eles eram os três principais seguranças do meu tio.

Eu não me importava com nenhum deles, mas meu tio tinha seus costumes. Eu os considerava do jeito *antigo*, mas era o que era. Eu acenei com a cabeça para cada um deles, notando que nenhum usou o meu apelido, que era como deveria ser. Trace era usado por aqueles que eu gostava.

Dirigi-me para a casa quando uma porta foi aberta por um dos homens do meu tio.

Entrei, vendo meu tio no fogão. Um sorriso caloroso se espalhou por seu rosto.

— Sobrinho Trace. Venha aqui. — Ele largou o bule e se moveu na minha direção, com os braços para cima e estendidos.

Eu me aproximei, dando um abraço no meu tio. Ele me segurou apertado um segundo antes de bater em minhas costas uma última vez, então se afastou, mas suas mãos permaneceram em meus ombros. Ele estava me olhando, um sorriso orgulhoso no rosto. Mas ele sempre teve orgulho de mim. Ele nunca manteve isso em segredo. Ele me sacudiu levemente.

— Meu menino. Meu sobrinho. Um grande cara de Wall Street. Você está indo bem. Deixando nossa família

orgulhosa. É isso que você está fazendo.

Minha garganta inchou por um instante.

Dominic West era meu pai, mas de muitas maneiras, meu verdadeiro pai era o homem na minha frente. Eles eram irmãos; meu pai era o mais velho, mas era um idiota, e quis dizer isso de uma maneira respeitosa, mas era o que era. Ele *era* um idiota. Meu tio assumiu a responsabilidade e os negócios da família, e os dirige desde os 22 anos. Cobrou seu preço com três divórcios, um filho que morreu de overdose de drogas e outro que se recusava a reconhecer o pai. Meu primo não foi exilado por meu tio, mas havia um acordo tácito de que ninguém mencionava seu nome, a menos que tio Steph o fizesse.

— Como está a sua irmã? — Ele deu um tapinha em meus ombros uma última vez antes de voltar para o bule e ligar o fogo. Ele apontou para a mesa. — Você quer um pouco de chá? É uma coisa nova que minha médica me indicou, e devo dizer que sou fã. Uma vez que tomei o The Bengal Spice Tea, estava perdido. Também não faz mal que minha médica seja uma mulher bonita. Farei qualquer coisa que ela disser.

Eu bufei, porque era garantido que ela estava dormindo com meu tio, mas fui até a mesa e deslizei para uma das cadeiras. A água devia estar fervendo quando entrei porque ele preparou duas xícaras, colocou os saquinhos de chá e as trouxe para mim. Ele pegou um prato de pão e azeite para mergulhar e também uma pequena tigela de ameixas.

Eu dei a ele um olhar, mas ele apenas riu.

— É por isso que eu liguei para você, ou parte do motivo. A minha saúde.

— Ah. Entendo.

Tio Steph era um homem grande, mas não como seus homens. Ele era alto, 1,89m, e mantinha-se em forma. Se algo estava acontecendo com sua saúde, não era bom.

Ele apontou para as ameixas.

— Coma algumas. Elas são boas. Eu realmente gosto de porcaria saudável agora. Eu não posso acreditar. Como tanta fruta que é só isso que estou cagando hoje em dia. — Seus olhos ficaram sérios, e senti a mudança de humor.

Eu me inclinei para trás.

— O que está acontecendo, tio Steph?

Ele se inclinou para trás, espelhando minha postura, mas colocou um braço nas costas da cadeira ao lado dele e desviou o olhar.

— Preciso da sua ajuda, e você sabe que não gosto de ligar para você se não for necessário, mas neste caso… — Ele olhou na minha direção e engoliu em seco antes de continuar. — Eu preciso que você faça algumas coisas para mim, e você não vai gostar delas. Nenhuma delas.

Eu sabia. Não queria, mas sabia que ser chamado aqui hoje era sério.

— O que é?

Seus olhos piscaram antes de ficarem firmes novamente.

— Se Nico não estivesse no Havaí e não quisesse nada com esta família, eu o chamaria, mas…

Eu me inclinei para frente, minhas mãos entrelaçadas. Apoiei os cotovelos na mesa.

— Nico não quer nada conosco. Você perdeu um filho e eu perdi um primo. Essa é a decisão dele. Estou aqui, tio Steph. Diga o que você precisa.

Ele estava me observando atentamente enquanto eu falava e, quando terminei, ele respirou fundo.

— Obrigado. Eu… eu estava preocupado, mas obrigado. Sempre o considerei como um filho, principalmente quando Dom faleceu.

Eu balancei a cabeça.

Dom era o oposto de Nico em muitos aspectos. Nico era cumpridor da lei, rígido; tudo era certo e errado, e estávamos firmemente do lado errado para ele. Dom era o oposto, e às vezes eu me perguntava se alguns dos modos

de meu pai haviam escapado de seu nome, já que meu primo recebeu o nome do meu pai. Ambos Dominic. Nico não era abreviação de nenhum outro nome. Ele era apenas Nico, e Dom era apenas Dom. Mas Dom gostava de ser um criminoso desde cedo. Isso o levou as drogas, álcool e suas passagens pela reabilitação nunca ajudaram. A última reabilitação foi sua oitava vez. Ele ficou chapado na mesma noite em que o soltaram, e foi demais para seu corpo.

Fazia três anos desde que tio Steph encontrou seu corpo. Ele não falava sobre isso, mas eu sabia que isso o afetava. Desde então, e ainda afetava.

— Acho que parte do motivo de eu estar aqui é por causa do meu pai?

Ele assentiu, seu rosto estremecendo.

— Recebi uma ligação de Benny Walden.

Eu fiquei tenso porque isso estava indo de mal a pior. Era o avô de Ashton.

— Seu pai estava em um dos hotéis ontem à noite, no norte, e fez uma bagunça.

Eu não estava gostando do olhar sério que ele estava dando.

— Que tipo de bagunça?

— Uma que eu preciso que você vá e limpe. Você vai ver quando chegar lá.

Porra, porra, porra.

Ele continuou, pegando uma ameixa.

— Vai ajudar se Ashton for com você. Seu pai tem se aproveitado de nosso relacionamento familiar com os Walden e especialmente de seu relacionamento com Ashton. Benny adora você e concordou que nada vai acontecer com seu pai se você for até lá para lidar com isso.

Isso atraiu um olhar penetrante da minha parte.

— Meu pai ainda está lá?

Ele deu um aceno de cabeça.

— Vou mandar Bobby…

— Não. Eu tenho um motorista e terei Ashton. Sem ofensa contra seus homens, mas quero os meus ao meu redor.

Ele mal piscou com isso, parecendo mais velho por algum motivo.

— Entendido, e eu compreendo isso, mas não vou mandá-los para você. Estou enviando-os para resgatar seu pai para mim. Você sobe. Resolve a situação. Acalme as coisas, como achar melhor. Você tem liberdade para lidar com seu pai como quiser, da maneira que quiser, mas depois quero que ele seja enviado para cá com meus rapazes.

Meu pai tinha *realmente* estragado tudo.

— Eles podem seguir em seu próprio carro.

— Isso é bom. Mas há outro assunto… — Ele hesitou. — Você lida com essa situação primeiro, e o resto pode ser falado depois. Que tal isso?

Eu fiz uma careta. Não era isso que ele estava planejando. Eu poderia dizer.

— Tem certeza?

Ele assentiu, parecendo aliviado, mas também preocupado ao mesmo tempo.

— Sim. Tenho certeza. — Ele apontou para a caneca na minha frente. — Você não provou seu chá. Experimente o seu chá, rapaz.

Fiz o que ele pediu.

Eu não me importava com isso, mas bebi. Comi um pouco de pão, umas ameixas e, quando tio Steph perguntou se eu queria uma segunda xícara, concordei, porque ele queria que eu ficasse mais um pouco.

Então eu fiquei.

CAPÍTULO 11

TRACE

O primo de Ashton nos encontrou nos fundos do hotel. Ele abriu a porta, saiu e cumprimentou Ashton primeiro. Abraços. Alguns tapinhas nas costas. A família de Ashton era o oposto da minha. Eles eram mais numerosos e havia amor e confiança mútuos. Havia respeito e carinho entre mim e Stephano, mas ainda havia desconfiança. Eu fazia o que meu tio dizia porque ele era a coisa mais próxima que eu tinha de um pai, mas não negava o que ele fazia.

Máfia era Máfia. A única área cinzenta permitida era a do sangue. Os membros da família tinham muita margem de manobra, a menos que fossem atrás de seus próprios familiares. Nossa linhagem era necessária para continuar, manter os negócios da família, mas mesmo com isso, eu estava começando a sentir uma pressão sufocante em volta do meu pescoço. Cabia a mim manter os negócios da família funcionando. Stephano sabia disso. Eu sabia disso.

Todos os outros erraram uma vez, e as consequências foram terríveis.

Houve momentos em que não tive estômago para o que fazíamos, mas não me permiti ter muitos desses momentos. Era o que era, mas tendo dito tudo isso, eu estava com inveja do carinho que cada um sentiu quando Ashton recuou e Marco Walden se virou para mim. Ele era alguns anos mais velho que nós, mais arraigado na família, mas, até onde eu sabia, era ele quem supervisionava todos os hotéis.

O fato de que Benny, o avô e o chefe da família, foi quem procurou Stephano, dizia que eles tinham terminado com meu pai. Sangue precisaria ser derramado para garantir que meu pai soubesse que eles não dariam mais subsídios a ele. Esta era uma grande merda da parte do meu pai, mas era uma que vinha acontecendo há tanto

tempo que não fiquei surpreso por estar nesta posição. Ashton teria sido chamado para isso de qualquer maneira. Eles mostraram respeito ao passar a mensagem para Stephano, que a havia passado para mim. Quando liguei para Ashton, ele tinha acabado de receber uma ligação de sua família.

Todos sabiam o que precisava ser feito.

— Tristian. — Marco estendeu a mão, e a encontrei com a minha enquanto nos abraçávamos e batíamos nas costas ao mesmo tempo. — É bom ver você. Você e meu primo precisam vir e passar mais tempo conosco.

Eu balancei a cabeça, recuando.

— Você diz a hora e nós estaremos por aqui.

Ele inclinou a cabeça para cima, rindo.

— Okay, certo. Você e Ashton estão construindo seu próprio império. Nós ouvimos os rumores. Sabemos que vocês dois estão bem. Hum? — Ele apertou o ombro de Ashton, dando-lhe um aperto bem-humorado. — Estou certo? Você e Tristian, ambos os príncipes dourados de nossas famílias. Estamos orgulhosos de você. Você ouviu isso? Orgulhosos. — Seu tom ficou pesado com essa última palavra, e ele piscou algumas vezes. — Muito orgulhosos, Ashton. Vovô diz isso, mas você precisa ouvir mais uma vez.

Ashton estava piscando algumas vezes também.

— Obrigado, Marco.

— Sim.

Esperei um pouco, dando-lhes um segundo antes de limpar minha garganta. Ashton via sua família regularmente, mas não era tão regular quanto eles gostariam. Isso era por minha causa. Ele estava firmemente em nosso mundo intermediário, concentrando-se em nossos negócios. Ou era isso que eles sentiam ser a razão. Que ele escolheu nossa amizade em vez deles: havia um grão de discórdia por baixo de tudo por causa disso. Essa alegação não era conhecida por meu tio ou meu pai. Era conhecida apenas por mim, Ashton e pela sua família.

Isso era outra coisa que aumentava a irritação em relação ao meu pai. Além de ser um idiota geral na vida como marido, pai, irmão, essa era a última gota que estava quebrando minhas costas. E eu estava chateado comigo mesmo ao mesmo tempo, porque o havíamos capacitado. Eu mesmo. Stephano. Até a família de Ashton, até certo ponto. Todos nós o deixamos fazer suas merdas, deixamos que ele se safasse, e agora, quando ele provavelmente tinha ido longe demais, estávamos entrando apenas para consertar as coisas.

De repente, eu estava tão cansado das besteiras do meu pai que queria fazer isso. Faríamos o que precisávamos fazer e queria ir direto ao assunto. Acabar com isso, cuidar de tudo e deixar Bobby ficar com meu pai quando terminássemos.

— Meu pai? — Era hora de perguntar.

— Certo. — O tom de voz e os olhos de Marco congelaram. Ele se endireitou, acenando com a cabeça para trás, e um de seus homens passou por nós para segurar a porta. Outros dois de seus homens começaram a liderar o caminho. Marco atrás deles. Ashton. Eu. O cara da porta entrou na fila atrás de mim.

Passamos pela área de carga, pela cozinha e por um salão de banquetes, e então ele nos levou a um elevador nos fundos. Eu o reconheci de seus outros hotéis. O elevador e este saguão eram usados para grandes apostadores ou celebridades. Máxima privacidade e confidencialidade. Olhei para cima, vendo um espelho arredondado no canto, mas eu conhecia essa família. Não havia como aquelas câmeras estarem ligadas. Elas estavam permanentemente ‘quebradas’. A desculpa para quaisquer autoridades que pudessem tentar obter um mandado para suas imagens de segurança.

Uma vez no elevador, Marco ainda não disse uma palavra. Dois de seus homens ficaram para trás, guardando o elevador. O terceiro, o porteiro, veio conosco.

Marco apertou o botão para o último andar. Ele me lançou um olhar.

— Ele não estava nesse quarto inicialmente. Quando o incidente aconteceu, mudamos todos para lá. Mais fácil de controlar os danos.

Porra.

Não era apenas meu pai envolvido.

Eu me abstive de soltar uma maldição, mas *porra, Dominic*.

O hotel ficava anexo ao cassino. Meu palpite era que eu estava entrando em uma possível overdose? Uma prostituta? Ou uma acompanhante de luxo? Era o que eu esperava, porque se não fosse uma garota trabalhadora, estaríamos entrando em uma área que, se me permitisse, reviraria meu estômago mais do que já estava.

Eu não podia me deixar ir para lá.

Eu estava ciente de Ashton olhando em minha direção e Marco observando seu primo. Ambos estavam tensos, ambos sabendo que havia uma pequena chance de eu perder minha cabeça por dentro.

Eu fechei-me. Precisei.

Nós chegamos.

As portas se abriram, dando-nos entrada imediata para todo o último andar, que eu imaginei ser a suíte presidencial.

Eu vi o motivo da mudança. As portas de três quartos estavam abertas. Cada um tinha um guarda parado na frente e, ao som de nossa entrada, ouvi meu pai antes de vê-lo.

— Finalmente! Porra, filho da puta. Isto é… — Ele parou, vindo do quarto mais próximo ao nosso lado direito. Ele me viu e suas palavras secaram.

Ele engoliu em seco, e eu só tinha visto meu pai empalidecer uma vez antes. Na noite em que minha mãe morreu.

Ele empalideceu desta vez.

Maldito! Eu sabia o que aquilo significava.

— Filho. — Seu tom era totalmente diferente desta vez. Muito mais simpatia, mas ouvi o cuidado ali.

Comecei a balançar a cabeça enquanto ia para o quarto da extrema esquerda, a raiva me enchendo. Eu estava perdendo minha batalha sobre meu autocontrole.

— Trace…

— Não me chame assim! — Eu apontei para ele enquanto continuava.

Agitado. Mais agitado.

Meu estômago estava revirando.

O guarda se afastou, mas apenas olhei. Eu não entrei no quarto.

Uma garota estava deitada na cama, com os braços abertos, um deles caindo da cama. Suas pernas também estavam esticadas. Ela estava de sutiã e saia. A saia estava levantada em volta da cintura. Seus olhos estavam fechados. Rastreei seu peito, vendo se ela estava respirando. Não consegui ver nenhuma seringa e não havia nada branco ao redor de suas narinas.

Porra.

— Ela está viva?

O guarda olhou para mim, sem expressão.

— Sim. Verifiquei seu pulso quinze minutos atrás. Está lá.

Voltei a observar seu peito, contando suas respirações. Elas eram lentas e eu estava tendo dificuldade em ver muito movimento.

— Vocês estavam esperando que eu viesse para lidar com isso? — Meu tom aumentou. Minha atitude estava afrouxando. Meu controle estava quebrando.

Eu fui para o outro quarto.

Marco foi quem respondeu.

— Fizemos a ligação para Stephano. Isso não vai acontecer aqui *nunca mais*. — Sua voz mudou, tornando-se um pouquinho distante, e se eu fosse adivinhar, ele estava

olhando para meu pai enquanto dizia isso.

E meu pai, a porra do meu pai. Ele estava quieto *agora*.

Esperando. Aguardando seu tempo.

Eu realmente detestava Dominic West.

Ele não tinha sido um pai para mim. Tinha sido o tio Stephano em meus jogos. Tio Stephano que me ajudou a aprender a dirigir, que me levou para as gaiolas de baseball, que estava lá quando me formei no ensino médio, Columbia, Yale. O meu pai? Não estava lá, porra. Ele estava ficando chapado. Traindo a esposa. Um mentiroso. Um abusador – tive que parar de pensar nele, deixando todo o passado vir à tona. Eu fui para o segundo quarto.

Não era muito melhor, exceto que a garota estava totalmente acordada e malvestida. Ela estava encolhida no canto, com os braços em volta dos joelhos, e ela olhou para mim, a maquiagem escorrendo pelo rosto. Ela estava de sutiã e dessa vez só de calcinha. A cama havia sido desfeita. Eu estava supondo que eles haviam puxado tudo para evitar que mais evidências fossem deixadas para trás. Ajudava na limpeza, e porque éramos da máfia, esse era o primeiro pensamento deles.

Ashton não se moveu além do elevador. Seu olhar estava focado exclusivamente em mim.

Eu estava ciente de quanto *ele* estava ciente de que eu estava perdendo rapidamente toda e qualquer restrição que tinha em mim.

Eu me virei, encarando Marco e meu pai na mesma direção.

— Quem são essas garotas?

Por favor, meninas trabalhando. Não que o destino delas fosse menos trágico – poderia ter sido mais, mas porque elas já haviam sido apanhadas nesta vida antes do meu pai. Ele não foi o primeiro a vitimá-las, apenas o último de uma longa lista de outros. Isso, por si só, aliviou um pouco da tensão em mim. Só um pouquinho, mas não o

suficiente.

E sério, quão triste e patético foi esse pensamento?

— Seu pai trouxe-as com ele. Ele passou a semana toda jogando no cassino, ficando chapado e barulhento no hotel o resto do tempo. Já tivemos muitas reclamações. As últimas foram chamadas diretas para a polícia. Não podemos dar a eles mais motivos do que já têm para virem aqui…

Ele teria continuado, mas eu levantei a mão. Eu tinha o cenário.

A família de Ashton subornava muitos policiais, aqui e na cidade, mas eles não gostavam de usar favores se não precisassem. Especialmente favores para um idiota como Dominic West.

Eu encarei meu pai.

— Quem são essas garotas?

Ele era grande como Stephano, mas enquanto Steph se mantinha em forma e qualquer excesso de peso era transformado em músculos, eu duvidava que meu pai pudesse se lembrar da última vez que ele viu o interior de uma sala de musculação. Ele tinha uma pança e seu cabelo estava ficando grisalho. No momento, estava gorduroso e bagunçado. Ele não se barbeava há alguns dias. Os olhos tinham olheiras e bolsas.

Eu podia ver o branco sob suas narinas. Ele havia cheirado recentemente.

Ele também não respondeu à minha pergunta.

— Quem são elas? — eu gritei.

— Eu conheço você, filho…

Eu estava brigando por dentro.

— Eu não sou seu filho. Seu esperma ajudou a me gerar, mas você e eu nunca fomos pai e filho, então não comece a tentar usar essa carta agora.

Seus olhos se arregalaram e seu rosto se contraiu um pouco.

Em público, eu tinha mais decoro. Eu o deixava

desfilar em torno da farsa pai e filho, mas Stephano, minha irmã e Ashton, eles sabiam a verdade. Eles conheciam o verdadeiro espetáculo. Eles sabiam o quanto meu pai e eu éramos muito, *muito distantes, mas eu ainda andava na linha na presença deles*. Fiz minha parte no jogo de faz de conta, porque era isso que fazíamos na família West.

Era uma regra.

Nada era abordado. Tudo era ignorado.

Mas isso, como meu pai se aproveitou do meu relacionamento, quantas vezes ele deve ter ficado chapado, feito festas de sexo, feito uma cena – isso só estava sendo tratado agora porque outra família estava farta. Dominic havia cometido o pecado capital em nossa família. Nada atrapalha os negócios, e ele tinha feito isso. Precisávamos da família Walden, como eles precisavam de nós. Se não houvesse harmonia entre as famílias, ambos os lados seriam atingidos. Nossa aliança era protegida a todo custo e agora, por causa dessa regra, poderíamos finalmente fazer algo a respeito do meu pai.

Meu pai sabia muito bem que ele tinha realmente fodido tudo. Seu tempo para se divertir às custas da minha amizade com Ashton já havia acabado. Ele estava recebendo tudo isso agora, e eu esperei, aguardando meu tempo para ver qual carta ele puxaria a seguir. Ou ele cagaria na calça ou ficaria presunçoso.

Eu esperava pelo último, porque não seria certo bater em um homem chorando.

Ele engoliu em seco, dando um passo para trás, com as mãos levantadas.

— Tra…

Deixei escapar um rosnado baixo.

Ele emendou:

— Tristian…

— Quem são essas garotas?!

Ele soltou um suspiro.

— Peguei-as de Nemah.

Nemah.

Eu não sabia se isso deveria me fazer sentir melhor ou não, mas pelo menos eu tinha opções agora.

Nemah era conhecido localmente por estar no negócio do sexo, o que significava que essas garotas sabiam da situação.

— Aquela precisa de atenção médica agora — eu disse a Marco.

Ele acenou para o guarda à porta, que entrou. O guarda saiu um segundo depois com a garota em seus braços, e Ashton bateu na porta do elevador. Elas abriram assim que ele chegou lá.

— Leve, Josias. Leve-a para o hospital, entrada dos fundos. Ligue para o nosso médico — Marco instruiu. O homem deu um aceno de cabeça para Marco assim que as portas se fecharam depois dele.

Eu me virei para o guarda da outra garota.

— Dê a ela algo para se cobrir.

Ele foi até o armário e puxou um cobertor, em seguida, levou-o para dentro do quarto.

Marco se aproximou enquanto seus homens faziam isso e perguntou baixinho:

— O que você quer que seja feito com ela?

Ignorei sua pergunta por um momento, concentrando-me em meu pai novamente.

Dominic West, embora fosse um idiota, ainda era um West.

Apesar da regra geral de não matar uns aos outros, me perguntava, no fundo, se eu poderia dar a ordem. Se eu dissesse a Marco para executar meu pai, ele o faria? Podia ser. Ashton, sim. A família de Ashton? Eu não tinha certeza. Isso os colocaria em conflitos com minha família, mas Stephano, ele me deixaria fazer o que nós dois sabíamos que precisava ser feito em algum momento?

Eu não sabia. Não havia amor entre eles, e eu não fazia ideia se algum dia havia existido.

Eu estava tentado, realmente tentado pra caralho.

Minha mãe morreu por causa dele. Ele costumava me bater regularmente até que Stephano percebeu os hematomas em meus braços. As surras pararam depois disso, mas eu sabia que ele só se concentrou em minha mãe.

Regras familiares. Eu não podia dizer nada. Ela também não. Sempre que ele fazia o que quer que fizesse, fazia em particular, e ela nunca falava.

Eu gostaria que ela tivesse falado.

A *única* graça de sua morte foi que ele parou, e eu poderia dizer que ele nunca tocou em minha irmã. Se ele tivesse, ela não teria crescido como uma pirralha mimada e privilegiada. Amava minha irmã, mas ela era, e isso fazia-me respirar mais fácil.

Mas, ao ver meu pai me observando, tentando me ler, talvez ele estivesse vendo minha tentação de dar uma ordem que eu sabia que transformaria minha alma, mas meu Deus, eu ainda estava tentado.

Pela primeira vez, ele manteve a boca fechada.

— Bobby está lá embaixo. Ele está esperando por…

— Maldição, seu filho da puta, pedaço de… — Meu pai passou voando por seu guarda, que havia diminuído o seu estado de alerta. Dominic passou por ele, e ele estava vindo direto para mim.

Marco começou a se colocar entre nós ao mesmo tempo em que o guarda tentou alcançá-lo, e Ashton estava vindo pela lateral. Desviei de Marco, que Dominic estava esperando, virando-me para me encontrar de frente, mas quando ele balançou, dei um passo para trás, desviei e fiquei atrás dele, então empurrei seu corpo para baixo.

Segui-o, socando enquanto ele avançava até que caísse no chão. Ele estava apanhando de todos os lados. Ele perdeu o ar por um momento, e eu desferi outro soco, e mais outro.

Achei que não conseguiria parar. Eu sabia que não

queria.

Quando ele parou de se mover, Ashton e Marco me puxaram para longe dele.

— Gostou desse movimento, pai? — Eu estava respirando com dificuldade, mas mal percebia. Eu não tinha nenhuma marca dele em mim. Nada. Nenhum golpe, era ele quem sangrava. — É um que eu aprendi com você, seu pedaço de merda.

Ashton ficou imóvel. Ele sabia. Ele estava lá quando eu ganhei os hematomas em meus braços. Ele os tinha visto no recreio, mas não sabia a extensão, e nunca perguntou. Ele estava pensando nisso agora.

Era a única coisa sobre a qual ele e eu não conversávamos.

Ele estava se contorcendo no chão agora, tentando se levantar. O guarda o manteve abaixado. Dominic ainda estava olhando para mim, e eu sabia, aqui mesmo que se meu pai pudesse me matar, ele o faria.

Meu comportamento mudou nesse instante. O ódio era tão claro. Dei um passo para trás, sentindo um cobertor calmante cobrindo minhas entranhas. Eu estreitei meus olhos e perguntei quando o elevador abriu novamente, desta vez trazendo Bobby.

— Você se arrependeu, não?

Meu pai mal estava prestando atenção em Bobby, que havia parado logo na entrada. Buda estava com ele. Eles examinaram o ambiente antes de vir e levantar Dominic. Cada um tinha uma mão em seu braço e, antes que pudessem derrubá-lo, ele se manteve firme.

— Arrependi-me de quê? — Ele ergueu o queixo.

— De não terminar o trabalho uma daquelas vezes quando eu era criança? Quando você podia.

Ele sabia o que eu queria dizer, e seus olhos brilharam.

Ele entendeu o significado.

Bobby e Buda tentaram pegá-lo novamente, mas ele

os manteve afastados, girando até que parassem. Ele levantou os braços, as mãos sobre eles, mas ele me olhou bem nos olhos.

— Sim, filho. Eu me arrependo disso.

Certo.

Meu estômago queimou, mas eu o reprimi.

Eu não iria deixá-lo causar mais nenhum dano a mim. Ele estava acabado. Ele estava tão acabado que eu não queria perguntar o que Stephano faria com ele.

— Nós vamos levá-lo. — Bobby apontou para o elevador.

Eu levantei meu queixo, apenas um pouco, para reconhecê-lo.

Eles foram embora logo depois, e foi quando Ashton resmungou:

— Que porra foi essa?

Encontrei seu olhar, deixando um pouco da minha raiva diminuir. O máximo que pude, porque ainda não tínhamos terminado.

— O que há entre mim e ele é melhor não dizer.

Ele continuou me observando intensamente, mas acenou com a cabeça, um leve movimento para cima e para baixo.

Marco limpou a garganta.

— Certo. Bem, temos mais uma garota para cuidar. A decisão é sua, Tristian.

Eu já tinha minha opinião formada.

— Vamos levá-la conosco.



Ashton nunca discutiu sobre o que propus a garota e à amiga dela, a quem prometi que poderíamos buscar no hospital se ela quisesse.

A amiga foi recolhida. A família de Ashton não

protestou. Eles não notificaram Nemah sobre elas, então, até onde ele sabia, elas haviam partido com Dominic West. Nemah poderia falar sobre isso com Stephano, mas ele não o faria, porque outro lado bom sobre meu tio – ele odiava Nemah.

Havia uma ordem estrita de que, se Nemah entrasse em nosso território, seria morto imediatamente. Tornou isso ainda mais fácil.

No dia seguinte, as meninas foram levadas para um hotel, e nós partimos. Ou deveríamos ter partido. Ashton e eu assistimos tudo de nosso SUV do outro lado da rua, no estacionamento de outro motel.

Vimos o grupo chegar, aquelas para quem eu tinha estendido as mãos. Algumas mulheres entraram no quarto.

Em poucos minutos, todas estavam saindo.

Elas eram rápidas e eficientes, e eram boas em seu trabalho.

Elas ajudariam aquelas garotas a desaparecer. Esse era o objetivo de todo o programa, mas elas não eram amigáveis com Ashton ou comigo. Não enquanto estivéssemos ligados às nossas famílias. Mas eu ainda tinha me aproximado, explicado a situação, e elas concordaram, desde que não estivéssemos por perto.

— Se isso voltar para qualquer uma de nossas famílias… — Ashton começou.

Eu dei a ele um olhar.

— Não vai.

Stephano concluiria que eu tinha “cuidado das duas meninas”, como os negócios da família geralmente “cuidavam das coisas”. Ele ficaria satisfeito.

Ele me deu um aceno de cabeça, suspirando.

— Você já pensou em não entrar nos negócios da família? Nós dois temos primos que não estão envolvidos. Nós poderíamos fazer isso, você sabe. Se quiséssemos.

Jesus. Se essa não era a pergunta de um milhão de dólares para nós dois.

O único filho remanescente de Stephano havia virado as costas para os negócios da família, e meu tio se inclinava para o modo de pensar voltado para os homens. Minha irmã não contava e não era considerada para entrar e assumir o controle. Era eu e só eu para manter tudo funcionando.

A maneira como eu via as coisas era *não* ver as coisas. Isso me dava ideias e opções, e Stephano foi meu pai de muitas maneiras.

Eu não poderia ter essas ideias ou opções.

Eu apenas balancei minha cabeça.

— Atravessaremos essa ponte quando ela chegar, se ela chegar.

Ele olhou para mim, estudando-me.

— E se vier mais cedo do que você pensa?

Eu apenas segurei seu olhar.

— Nós decidimos então.

Ele assentiu. Como eu sabia que ele faria.

Era assim que éramos.

CAPÍTULO 12

JESS

Eu gostava de imaginar que não tinha pensado nele, mas isso não era verdade. Eu tinha, e ainda estava tentando suprimir isso, mas ele estava sempre ali. Sempre em segundo plano. Eu sentia como se a ideia dele estivesse me assombrando. Eu o senti me tocando novamente em momentos aleatórios na segunda-feira. Terça-feira. Na quarta-feira, isso não iria desaparecer.

Na verdade, foi pior.

Eu estava indo almoçar com Kelly quando olhei.

Um SUV preto estava lá, estacionado ao lado da rua, e parei antes de abrir a porta do café.

A porta do SUV se abriu.

Respirei fundo porque não esperava, mas ele estava lá. E ele estava olhando diretamente para mim.

Ele estava lá por mim?

Mas então um cara passou correndo por mim e foi direto para o SUV. Ele pulou no banco de trás. A porta se fechou e o SUV partiu.

E fiquei perplexa, por que quais eram as chances?

Entrei, indo fazer meu pedido no balcão, mas não consegui me livrar do olhar que ele tinha me dado.

Seu detetive ainda estava me seguindo?

Isso me deixou aquecida.

Mas como ele olhou para mim, sabendo que eu estava ali. Não houve surpresa, nenhum olhar de reconhecimento, e teria havido se ele não estivesse esperando me ver.

Ele parecia desligado. Bravo.

De certa forma, sua mandíbula estava travada no lugar. Ele não estava querendo fazer o que quer que estivesse fazendo, ou tivesse feito, ou fosse fazer.

Deus.

Eu precisava esquecer esse cara.

Eu nem sabia o nome dele.

Eu precisava de uma vida. Isso era o que eu precisava.

Uma vida.

Ou sexo.

Eu o esqueceria então.



— Fui demitida.

Quase me engasguei com o café com o anúncio de Kelly. Ela disse isso enquanto se jogava na cadeira à minha frente. O café estava movimentado ao nosso redor, mas ela tinha a comida na mão, então ela deve ter parado no balcão antes de vir até a minha mesa.

— Hoje? — Peguei meu café. Eu também comprei minha comida primeiro.

Kelly não respondeu de imediato, seus pequenos ombros rígidos antes de se abaixar e começar a desembrulhar o sanduíche.

— Fui demitida há duas semanas.

Eu quase derrubei meu copo antes de ficar boquiaberta com ela.

— Por que você não disse nada?

Kelly era substituta em uma agência. Ela era enviada para lugares se eles precisassem de uma assistente, então ela nunca teve contracheques fixos. Ela sempre se virava, mas Kelly não tinha um grande pé-de-meia guardado.

— O que eu posso fazer?

Ela estava mordendo o lábio inferior, então o deixou escapar com a minha pergunta.

— Você pode pedir um emprego a Anthony no Katya?

O Katya era meu segundo emprego, aquele de que eu precisava para ajudar a pagar as contas extras.

Eu disse:

— Eles só contratam garotas para fim de semana.

— É alguma coisa. As gorjetas são *boas* lá.

— Tem certeza?

Ela voltou a morder o lábio inferior. Kelly estaria ao lado dos clientes, andando no meio deles. Alguns dos clientes do Katya podiam ser espertos. A gerência deveria cuidar delas, mas às vezes isso não acontecia, e às vezes as meninas não queriam causar confusão, então elas aguentavam. Não tive que lidar com isso porque estava atrás do bar. A notícia se espalhou sobre o que eu fazia depois que chamei alguns violadores da condicional. Ninguém mexia comigo, mas eu odiava que Kelly não recebesse o mesmo tratamento.

Eu balancei a cabeça, decidindo ter uma palavrinha com Anthony além de apenas ver se ele a contrataria.

— Vou mandar uma mensagem para ele agora.

Ela se sentou, seu rosto se iluminando.

— Sério?

— O dinheiro da gorjeta ajuda no aluguel.

Ela estremeceu, assentindo.

— Você não tem que dizer isso de novo. Desculpe colocá-la nesse lugar. Estou um pouco desesperada.

Balancei minha cabeça.

— Você não está me colocando em nenhum lugar. Se eu puder ajudar, irei ajudar. — Enviei minha mensagem logo depois disso.

Jess: Você ainda está procurando por mais garotas para carregar as bandejas de shots?

Anthony: Por favor, diga que você conhece alguém, e sim. Imediatamente. Esta noite.

Jess: Pagamento?

Anthony: Você sabe quanto elas recebem. As gorjetas são delas, mas é a taxa padrão.

Jess: Ela é minha colega de quarto.

Ele não respondeu.

Isso complicaria as coisas.

Anthony: Vou contratá-la, mas você tem que prometer não fazer besteira com um cliente se os caras não se moverem rápido o suficiente para você.

Eu sorri.

Jess: Não vou, a menos que eles estejam demorando muito.

Antônio: Foda-se. Está bem. Ela é uma coisinha, não é?

Jess: Sim.

Anthony: Ela pode começar hoje. 16:30 meu escritório.

Eu levantei meu olhar.

— Você conseguiu um emprego.

Ela gritou, dando a volta para jogar os braços em volta dos meus ombros.

— Obrigada, obrigada, obrigada! Eu poderia apenas

beijar você. — Ela bateu com os lábios na minha bochecha e me deu outro abraço/beijo antes de voltar para seu lugar. Suas bochechas estavam todas coradas. — Quando eu começo?

Eu verifiquei a hora.

— Você tem três horas.

— O quê?!

CAPÍTULO 13

TRACE

Meu pai mal conseguia respirar.

Eu estava olhando para Dominic West em uma cama de hospital. Ele tinha sido entubado e estava inconsciente. Eles tiveram que colocá-lo em coma induzido porque estavam preocupados com um possível trauma cerebral.

Ashton xingou ao meu lado.

— Jesus. Seu tio não brinca.

Eu grunhi.

— Não brinca.

Fazia alguns dias desde que o vimos no hotel, desde que Ashton e eu pegamos as garotas e demos a elas uma opção totalmente diferente na vida. Mas houve silêncio por parte do meu tio. Agora eu estava vendo o porquê.

Recebi a ligação do hospital há uma hora.

O corpo do meu pai foi jogado na frente do pronto-socorro. Disseram que as câmeras de segurança não estavam funcionando, então não sabiam quem o largou, o que era mentira. Minha família era dona da empresa de segurança do hospital – por isso que eles escolheram este hospital – e metade da equipe sabia quem éramos.

Era por isso que a polícia não foi chamada para este ataque, e jamais seria chamada para qualquer um de nossos familiares.

— Sr. West.

Olhei para cima, vendo a enfermeira-chefe vindo em minha direção. Uma enfermeira mais jovem estava ao lado dela, um arquivo na mão e interesse sexual em seus olhos. A enfermeira-chefe, Sloane, pegou o arquivo da enfermeira mais jovem e lançou-lhe um olhar penetrante. A mais jovem olhou feio, mas depois de um olhar fixo momentâneo, ela abaixou a cabeça e se virou. Sloane começou a andar, mas a enfermeira mais jovem parou e olhou para nós. Primeiro, ela estava me dando uma expressão muito aberta e sexual,

mas ao ver como eu *não* estava interessado, ela mudou para Ashton, que bufou baixinho quando ela fez isso.

Nós trocamos um olhar, ambos divertidos, antes de Sloane chegar até nós.

— Cavalheiros. — Ela não hesitou ao ver Ashton ao meu lado. Eu sabia que outros hospitais gostavam de dar informações apenas para familiares diretos, mas Sloane estava por perto. Ela sabia como era entre mim e Ashton.

Ela me lançou um olhar severo, parando do outro lado da cama do meu pai.

Ashton foi fechar a porta.

Um bipe constante encheu o quarto, junto com o equipamento de intubação.

Ela acenou com a cabeça para o meu pai.

— Você não parece zangado ou surpreso ao encontrar seu pai dessa maneira.

Eu ignorei isso, mal piscando.

— Qual é o dano?

Ela olhou para mim, seus olhos piscando antes de voltar para o arquivo.

— Você sabe sobre o possível dano cerebral. Ele levou vários golpes na parte de trás do crânio. O coma será retirado em um dia, mas ele está com três costelas fraturadas. Um pulso quebrado. Seu tornozelo parecia quebrado em pedaços, então eles fizeram uma cirurgia para juntar o máximo possível. Sua pele sofreu queimaduras de segundo grau. O médico recomendou cirurgia plástica, mas as queimaduras não são extensas em uma grande parte da pele. Em última análise, é a escolha de seu pai ou de quem pagará suas contas. Será você?

Apertei minha boca com força.

— Quem é o médico? — Eu estendi minha mão para o arquivo.

Ela me deu.

— Vocês tiveram sorte com um novo médico que está muito curioso para saber por que ninguém da equipe

chamou a polícia.

Eu tinha começado a abrir o arquivo, mas levantei meu olhar para ela.

— Ele é novo e ambicioso?

— *Ela* é nova e não é boba.

Ela. Nova. Inteligente. Essa não era uma boa combinação para nós.

Troquei um olhar com Ashton, que perguntou:

— O nome dela?

As sobrancelhas de Sloane instantaneamente se juntaram e ela deu um passo para trás.

— Por que você está perguntando?

Ashton repetiu:

— Nome?

Ela deu outro passo para trás, sua boca firme.

Olhei para o arquivo e li em voz alta.

— Dra. Sandquist. Nea.

Ashton pegou seu telefone e acenou com a cabeça.

— Entendi. — Ele se virou e saiu.

Sloane estava observando-o ir embora, linhas de preocupação aparecendo ao redor de sua boca, aumentando as bolsas já sob seus olhos.

— Ela é uma boa médica, uma boa pessoa. — Seus olhos encontraram os meus novamente. Eles eram sombrios, *muito* sombrios. — Não a machuque, não importa o que você acabou de enviar Ashton para fazer com ela.

— Não vamos.

— Estou falando sério, Trace. — Suas palavras foram entrecortadas, e ela girou para me encarar diretamente. — Cuidei de cada membro de sua família por trinta anos. Eu respeito você, o suficiente para saber o que significa poder chamá-lo por esse nome, mas não me engane neste caso. Não com essa médica. Ela é boa demais para um dano colateral.

Eu olhei para ela longa e duramente. A mensagem foi recebida, mas minha família era minha família. Isso

significava que faríamos o que precisávamos fazer, e desde que enviei Ashton, não poderia ditar totalmente como ele lidaria com ela. Ele faria o que sempre fazia. Ele entraria, analisaria a situação e prosseguiria a partir daí, com qualquer caminho que sentisse que obteria os melhores resultados.

— Não precisa se preocupar, Sloane. Nós nunca faríamos nada que se voltasse contra você — eu disse com um pequeno sorriso e um tom frio.

Seu rosto nublado.

— Não estou ouvindo garantias aqui.

Eu olhei de volta para o meu pai.

— Nem vai, porque você deveria saber melhor do que ameaçar a mim ou a minha família. — Ouvi sua respiração suave e ignorei. — Diga-me o que meu pai precisa para se curar disso, para que eu possa tirá-lo dos cuidados da Dra. Nea Sandquist antes que ela faça algo estúpido, como chamar a polícia.

Em três horas, meu pai estava recebendo alta antes que a boa Dra. Sandquist começasse seu próximo turno. E depois de tudo isso, fui ao meu tio, porque ele disse que era hora do segundo favor que ele precisava de mim.

Desta vez, eu levei Ashton, porque enquanto meu tio às vezes recebia apenas visitas minhas, ele sabia que Ashton e eu mal éramos duas pessoas separadas.

Ambas as famílias estavam cientes. Nenhuma das duas gostava.

CAPÍTULO 14

JESS

O Katya estava lotado, mas isso era normal. Noites de sexta-feira sempre eram uma loucura. Eles contrataram um DJ, então a multidão estava especialmente empolgada. Luzes de neon piscando em todos os lugares. Copos de shot brilhando no escuro, sendo carregados pelo local.

Eles tinham salas extremamente privadas que as pessoas não sabiam da existência, a menos que estivessem no clube com as luzes acesas ou em uma das salas. Então eles tinham andares inteiros privados, e os grandes apostadores iam para lá. Eles tinham seus próprios bartenders, suas próprias dançarinas, suas próprias garotas de shots. Depois, havia os VIPs, e eu não tinha ideia do que eles tinham, porque nunca tive permissão para subir lá. Eu gostava do Katya, na maior parte. Eu sabia que havia partes obscuras, mas até agora não tinha acontecido nada bem na minha cara. O maior problema era se um cara em liberdade condicional entrasse, sem saber que eu tinha um segundo emprego aqui, e eu tivesse que notificar seu oficial de condicional, só por precaução. Gostava tanto quanto eles.

— Sua garota está indo bem. — Um dos novos bartenders apareceu – Justin.

Olhei para onde ele estava olhando e vi Kelly circulando uma mesa com sua bandeja. Eu estava observando também, e ele estava certo. Ela sabia como sorrir para envolver o cliente, mas recuar e fugir quando necessário. Eu estava supondo que Anthony tinha colocado alguns seguranças extras no andar em que ela estava trabalhando, porque havia dois clientes que ignoraram sua recusa e tentaram agarrá-la. Os caras se moveram imediatamente, e quero dizer, eles estavam lá antes mesmo de Kelly poder piscar. Eles foram rápidos esta noite, não aceitando nenhuma besteira.

— Ela já fez esse trabalho antes, mas eu sou protetora.

Ele assentiu.

Ele começou a trabalhar aqui alguns fins de semana atrás. Anthony tinha me pedido para treiná-lo uma das noites, mas não foi necessário. Ele tinha um talento natural, então não fiquei surpresa por ele já ter sido transferido para as noites de sexta-feira. Em forma, mas construído com ombros, peito e braços definidos. Ele tinha um sorriso rápido e cachos castanho-dourados no topo pelos quais eu tinha visto mais do que algumas garotas suspirando, e ele era legal. Além de engraçado. Ele já era o favorito de alguns dos outros caras atrás do balcão. Os clientes sabiam para onde ir, quem eram os burros e quem não era. Justin era popular.

— Estou surpresa que você teve tempo de vir aqui. — Acenei com a cabeça para os clientes que esperavam que ele pegasse suas bebidas.

Ele abriu um sorriso na minha direção. Se eu pudesse ver melhor pela iluminação, parecia que ele estava corando um pouco. Talvez? Eu não poderia dizer. Ele se inclinou mais perto, abaixando a voz, mas ainda alto para que eu pudesse ouvi-lo.

— Eu estou querendo saber se sua garota é solteira?

Dei um passo para trás, dando-lhe outra olhada, mas mais intencional desta vez.

Ele se preparou, puxando uma respiração profunda e segurando-a.

— Você é solteiro?

Sua cabeça abaixou, alguma timidez vinda sobre ele.

— Eu sou. — Ele acenou com a cabeça para as meninas atrás dele. — Isso é trabalho. Eu nunca me envolvo onde trabalho, mas... — Seu olhar voltou para Kelly, e então eu vi. Um brilho caiu sobre ele.

Ele era um caso perdido para ela.

E Kelly com como ela era... eu fiz uma careta para

ele.

— Você fode com ela, eu vou destruir você.

Ele olhou de volta para mim, seus olhos se arregalando por um segundo. Ele piscou, uma cautela aguçada, mas ainda vi a determinação brilhando.

— Esse não é o plano. Eu não sou esse cara. Quero dizer.

Eu ia me arrepender disso, mas assenti.

— Ela é solteira.

Era isso. Essa foi toda a abertura que estava dando a ele. De jeito nenhum iria deixá-lo saber que ela era romântica e tendia a se apaixonar rapidamente. Se ele fosse digno de sua palavra, ele descobriria isso e procederia com cautela. Ou o respeito supremo.

Ele baixou um pouco a cabeça.

— Obrigado, Jess.

Ele estava saindo enquanto Anthony estava se aproximando de nós.

Nosso gerente empurrou os clientes que esperavam por mim, franzindo a testa para o fato de estarmos conversando, mas virou a cabeça para o lado. Quando ele acrescentou um aceno de dedo solitário, eu sabia que ele falava sério. O engraçado sobre Anthony era que seu exterior era todo liso e escorregadio. Cabelo preto escuro penteado para trás. Seu rosto sempre era barbeado com perfeição. Pele macia. Lábios carnudos. Juro que ele usava um brilho por dia. Ele tinha talvez 1,78m. Uns 80 quilos. Ele mantinha-se em forma. Camisas de seda, meio desabotoadas. Calça macia. Mocassins. Mas seu interior estava estressado. Ele sempre parecia nervoso e tenso sobre alguma coisa. Eu aprendi a gostar disso.

Eu fiz uma careta, mas me movi para o lado para que ele pudesse se inclinar melhor para falar comigo.

— Eu preciso de você no VIP esta noite.

Inclinei-me para trás para ter certeza de que ouvi direito.

— O quê? — Eu nunca tinha estado lá. Eu nem sabia para onde ir.

Ele acenou com a cabeça para cima.

— Não diga nada, apenas entre e fique atrás do bar. Aqueles são VIPs, então fique de boca fechada, sorria e comporte-se.

Eu me irritei, que diabos ele quis dizer com *comporte-se*?

Ele soltou um suspiro profundo antes de contar até cinco. Não dez. Cinco.

— Aqueles caras são importantes. Minhas garotas normais se foram e eu conheço os dois. — Ele olhou na direção de Justin antes de acrescentar: — Não estrague tudo.

— Eu trabalho para você há quatro anos. Quando eu fodi tudo?

Seus olhos brilhavam ferozmente.

— Não estou falando de bebidas.

Ah, pronto. Não era fã dele agora, mas mantive minha boca fechada e ouvi quando ele me disse para onde ir. Presumi que a seção VIP estava totalmente abastecida e, quando ele parou de me dar instruções, parti. Eu dei a Kelly um último olhar superficial, e ela parecia bem. Justin se afastou um pouco, mas permaneceu perto o suficiente para ouvir que eu estava sendo transferida e se moveu para ajudar a cobrir minha área.

— Eu vou vigiá-la.

Normalmente eu faria um comentário sobre como era disso que eu estava com medo, mas não desta vez. Justin parecia sincero, e meu instinto dizia que ele já estava apaixonado, mas não havia muito que eu pudesse fazer sobre qualquer coisa, então fui em direção à área do vestiário. Arrumei-me um pouco, ajeitei meu uniforme, que era um top preto justo, e por ser bartender, podia usar calça preta. Ela parecia elegante, mas era tipo calça de ioga.

Assim que terminei, fui para a misteriosa seção VIP.

Essa ficava no sexto andar. Subi até o quarto, mas não o quinto ou o sexto.

Indo para o único elevador que permitia a entrada naqueles andares, vi o segurança pegar seu rádio. Um segundo depois, a voz de Anthony veio.

— Autorizada. Sexto andar. Coloque-a no lugar, Monty.

Monty. Dei um meio sorriso, mas vendo a expressão em seu rosto, não tive vontade de compartilhar que meu sobrenome era Montell e que era chamada de Monty na escola primária. Este Monty não parecia se importar.

Ele apertou o botão. O elevador chegou e ele subiu comigo.

Ele teve que colocar um código especial para o elevador. Eu o memorizei, só por precaução.

Quando chegamos ao andar, ele liderou o caminho.

Era um layout simples. Três portas. Ele apontou a primeira à direita.

— *Seu* banheiro.

Eu balancei a cabeça, observando a ênfase no *seu*.

A porta à esquerda estava marcada como ESCADAS, então isso era autoexplicativo.

A porta do meio se abriu para um grande andar semelhante a um apartamento. Ele apontou para a área do bar e eu fui logo para trás, começando a descobrir onde todas as garrafas eram guardadas. Havia um telefone. Vi as instruções e sabia que as usaria para solicitar mais estoque.

— Eu ligo para o serviço de bebidas?

Ele assentiu antes de se mover pelo local e entrar nas salas. Ele voltou, acomodando-se no bar.

— Esses caras são grandes, mas são respeitáveis. Se você quiser transar com eles, pode, mas não precisa. Eles não são assim.

Jesus. Sim. Este lugar definitivamente tinha alguma

sombra.

— Eu não sou assim, em *nenhuma* situação.

Ele mal acenou na minha direção, olhando para a porta.

— Geralmente é o caso em que as garotas os querem, não o contrário, não com esses caras, mas com você. Sou o segurança do andar, só por precaução.

Por precaução de quê?



Esperamos trinta minutos. Nada.

Mais trinta. Nada.

Duas horas depois, uma hora antes de o clube fechar, o rádio de Monty vibrou.

Eu estava sentada no balcão com meu telefone, pensando na perda de gorjetas. Monty estava fazendo o mesmo, e nenhuma palavra foi trocada entre nós. Achei que Monty não se importava. Eu sabia que não. Ele colocou o fone de ouvido e acenou para mim.

— Eles estão vindo.

Ele foi até a porta e a manteve aberta.

O elevador apitou indicando a chegada. As portas se abriram e, em vez de risadas ou gritos, que era a norma naquele lugar, não houve nada.

Um homem entrou, olhando para o telefone antes de me dar um olhar distraído, mas ele olhou duas vezes ao me ver e parou.

Eu fiz uma careta, não conhecia esse cara, mas ele era lindo. Um ar sombrio. Cabelo preto. Olhos quase pretos. Ele era elegante e musculoso, e o ar ondulava ao seu redor, exalando que ele era perigoso e poderoso. Esse cara não era de se brincar, e me preparei antes que todo o seu olhar estivesse fixo em mim. Aqueles olhos se aguçaram e um sorriso malicioso apareceu antes que ele se

virasse para o segundo cara vindo atrás dele.

— Alguém fodeu tudo — disse ele, dirigindo-se ao outro homem antes que eu visse quem ele era.

— O quê?

Eu respirei fundo, todo o meu corpo congelando, porque…

Eu conhecia aquela voz. E quando ele se aproximou, contornando seu amigo, fui perfurada pelos mesmos olhos que me perseguiram na última semana.

Era *ele*.

E ele estava olhando para mim em estado de choque, mas também com alguma raiva.

Ele *não estava* feliz em me ver.

CAPÍTULO 15

TRACE

Eu estava olhando para ela, por quem eu estive obcecado durante toda a semana, e apenas tinha resolvido encerrar tudo. Mas aqui estava ela, olhando para mim, tão surpresa quanto eu, e então seus olhos esfriaram e ela hesitou, virando-se.

Porra.

Fui eu. Tudo eu.

Eu dei a ela aquele olhar, e não podia culpá-la. Eu estava furioso. Cody dirigia este clube para nós. Ele deveria ser discreto ao avisar quem quer que soubesse que eu não queria cruzar com ela, ainda não.

E hoje de todos os dias.

Eu precisava de um minuto, um maldito minuto, porque não conseguia deixar de ouvir o que meu tio havia me dito três horas antes.

— Como você lidou com as indiscrições de seu pai foi o seu teste, e você o superou, meu sobrinho. Meu filho. Agora, preciso que você faça mais por esta família.

— O que você precisa?

— Preciso de você para administrar os negócios da família.

A pergunta de Ashton voltou para mim.

— Você já pensou em não entrar nos negócios da família?

— Atravessaremos essa ponte quando ela chegar, se ela chegar.

— E se vier mais cedo do que você pensa?

— Então nós decidimos isso.

Ouvindo essas palavras de Stephano, não pude ignorar o teste de coragem que estava enfrentando agora. Eu *não* queria ouvir essas palavras, pelo menos não ainda. Eu queria tempo.

Ajudar era uma coisa. Administrar todo o império era

outra totalmente diferente.

Eu encarei meu tio por muito tempo. Ele colocou a mão sobre o peito.

— Estou doente, Tristian. Há outra família tentando entrar, lá do Maine. Eles querem descer para a cidade, e minha saúde… é ruim. Não confio em mais ninguém para colocar no meu lugar. — Ele então disse as últimas três palavras que eram minha criptonita com ele. Eu nunca poderia deixar de fazer o que ele precisava.

Ele disse:

— Preciso de você.

Olhando para ela agora, sabendo de quem ela era parente, sabendo o primeiro problema que meu tio precisava que eu resolvesse… eu estava dividido, aqui e agora.

Minha família ou… não. Isso era loucura, mas por um momento, um pequeno momento, eu considerei isso. Eu precisava, e tinha que admitir que a queria. Ainda estava lá, ainda enterrado bem no fundo, e quanto mais eu olhava para ela, mais sabia o que meu tio precisava que eu fizesse, mais aquela necessidade dela estava se enterrando dentro de mim.

Deus-porra-maldição!

Eu rosnei, disparando:

— Saia!

CAPÍTULO 16

JESS

Meus braços tremiam.

O olhar em seu rosto, como ele me odiava.

— Saia!

Saí, sem esperar que Monty me acompanhasse.

Eu sentia meu estômago embrulhado. Eu não poderia... não. Não! Eu não iria chorar, não por causa daquele idiota. Que idiota.

Ele que se fodesse. E o amigo dele. E tudo mais.

O elevador chegou ao meu andar e passei por quem estava lá. Eu não sabia quem era. Eu não me importava. Eu nem sabia para onde ir. Vestiário? Saída? De volta à minha estação.

Certo, acalme-se, Jess. Você tem pessoas xingando você o tempo todo. Um cara não é nada.

Certo.

Eu estava no trabalho. Ele não me queria, tudo bem. Voltei para minha antiga estação.

Justin me viu chegando e seus olhos se arregalaram, mas ele se afastou, voltando para seu posto.

Eu servi uma cerveja antes que Anthony chegasse ao meu posto.

— Que porra você fez?

Eu me acalmei, certificando-me de não jogar *nele* a cerveja que acabei de servir. Colocando-a na mesa, dando à cliente o preço, olhei para Anthony.

— Eu não fiz nada.

— Bem, o que diabos aconteceu? Monty disse que os caras entraram, viram você e ficaram furiosos.

Eu estremeci, vendo o olhar de total desdém em seu rosto quando ele me viu e ouvindo-o novamente.

— Não sei o que dizer, Anthony. — A cliente pagou, dando mais cinco de gorjeta, e eu dei a ela um sorriso em agradecimento, porque era uma mulher e ela estava

olhando de mim para Anthony. Poder feminino aqui. Peguei o dinheiro e comecei a atender o segundo pedido. Anthony aproximou-se, do outro lado da minha cliente. Ele apoiou um braço no balcão.

— Mandei outra pessoa em seu lugar, mas preciso entender o que aconteceu ou meu traseiro vai ser arrebentado. Não é apenas o seu trabalho que está em jogo aqui.

Eu quase joguei meu copo nele, mas apertei minhas mãos, e me forcei a pensar racionalmente antes de me mover para agarrar a garrafa de Captain. Servindo, pegando a mistura, falei:

— Eu o conheço.

— Quem?

— O cara. Aquele que me disse para sair. Eu o conheço.

Ele estava piscando, confuso.

— O quê? — Ele passou a mão pelo cabelo. — Você o conhece? Tristian West?!

Tristian.

Esse era o nome dele.

Isso era... Tristian... gostei do nome dele.

Isso tornava tudo ainda mais horrível.

Seriamente.

Eu era estúpida.

Sonhando com o maldito nome dele? Depois do que ele acabou de fazer comigo? E agora meu emprego estava em perigo?

— Eu acho.

— Acha?!

Lancei um olhar para Anthony.

— Por que você está tão preocupado com isso? Isso foi um erro. Eu não sabia quem estava indo para lá, e você não sabia da minha história com ele.

— Você não entende. — Ele amaldiçoou novamente, passou as mãos em seu cabelo antes de se virar e ficar

rígido. Eu peguei o final de mais uma maldição antes que ele se endireitasse. — Eu tenho que consertar isso, de alguma forma. — Ele se virou para mim. — Qual é a sua história com ele?

Meu corpo inteiro inundou com o calor.

— Eu não vou falar sobre isso.

— Por quê?

— Porque não vou.

Ele se acalmou antes de fechar os olhos por um instante.

— Jesus Cristo. Você transou com ele?

De jeito nenhum eu daria a ele essa resposta porque *não era da conta dele*.

— *Não* é da sua conta. Eu nem sabia o nome dele até você me contar.

Seus olhos se arregalaram. Eu percebi o que eu disse e agora o que ele estava pensando de mim, mas sabia que era uma luta perdida. Ele acreditaria no que quisesse acreditar.

Comecei a preparar outra bebida – ou terminar, porque aquela cliente ainda estava esperando pelo resto de suas bebidas.

— Só não me mande para lá de novo.

— Você não entende. Mas você vai descobrir. — Ele partiu depois disso.

A cliente observou-o sair antes de entregar o cartão para o pagamento.

— Seu chefe é um idiota.

Eu bufei.

— Eu bem sei disso.



Justin veio me ver mais tarde.

Eu estava bem, ou foi o que disse a ele.

Kelly veio também, reabastecendo suas doses.

Eu podia sentir sua preocupação, porque ela sabia que algo havia acontecido, mas ela simplesmente entrou e me deu um abraço.

Eu olhei para cima, vendo Anthony olhando para nós de onde ele estava conversando com outro cara que eu nunca tinha visto antes. Quem quer que fosse, Anthony estava recebendo uma bronca.

Eu cutuquei Kelly.

— Você deveria ir.

Ela pigarreou, deixando clara sua opinião sobre o assunto, mas pegou a bandeja e se afastou.

Eu não perdi o curto olhar que ela lançou na direção de Justin, ou como ele retribuiu.

O clube fechou. As luzes se acenderam. Precisávamos fazer nosso inventário, fechar nossos caixas e eu havia limpado minha seção quando fui para a sala do pessoal.

Anthony saiu de seu escritório.

— Uma palavra?

Seu tom era mais agradável, mas vi que o estresse havia cobrado seu preço. Sua camisa estava esticada. Linhas de preocupação estavam aparecendo ao redor de seus olhos e boca. Ele levantou a mão, beliscando o nariz enquanto me aproximava e depois passava por ele para dentro.

Ele fechou a porta, mas suavemente.

Meu estômago estava em nós, e nem sabia por quê. Quer dizer, sabia o porquê, mas não sabia ao mesmo tempo.

Ele apontou para a cadeira na minha frente enquanto se sentava atrás de sua mesa.

— Sente-se.

— Não.

— Por favor. — Ele se inclinou para trás, beliscando o nariz uma segunda vez. — Apenas, por favor, sente-se.

Ele tinha um sofá de dois lugares no canto, e me sentei no apoio de braço, olhando para ele e depois

cruzando os braços sobre o peito.

— Eu não fiz nada errado. Se você está me demitindo, então…

— Eu não estou. — Ele ergueu a mão. — Sinto muito. Foi-me explicado melhor a situação, e a confusão não foi da minha parte nem da sua, mas foi resolvida. Chamei você porque queria me desculpar. Tristian West é um grande negócio aqui. O maior que tem por aí, e eu não lidei com nada disso da maneira certa. Peço sinceras desculpas a você.

Eu estava chateada.

Este não era para ser meu trabalho estressante. Eu tinha um trabalho diurno para isso e não precisava aturar essa merda.

Saia!

Eu me encolhi de novo, incapaz de não ouvir ou não ver seu rosto enquanto ele vomitava aquilo.

— Eu preciso perguntar. — Os olhos de Anthony estavam pesados, pousados em mim. — Qual é a sua relação com ele?

— Eu não tenho uma.

— Mas você disse…

— Sinceramente não é nada. Nós nos encontramos algumas vezes, por acidente, e da última vez eu disse a ele para ficar longe de mim. É isso.

Sua boca caiu, e ele se lançou para frente.

— *Você* disse a *ele* para ficar longe de você?

Revirei os olhos. Foi perto o suficiente do que eu disse.

— Por que isso é tão chocante?

— Porque… — Ele balançou a cabeça. — Deixa para lá. É óbvio que você realmente não o conhece, e sabendo disso agora, acho que vai ficar tudo bem. Vou mantê-la no térreo no futuro e enviarei outra pessoa em seu lugar.

Bem. Certo.

Eu ainda estava chateada com toda a experiência.

Levantei-me.

— Posso ir? Estou cansada e preciso verificar minha colega de quarto.

— Oh, sim.

Eu fui para a porta, mas ele chamou meu nome.

— O quê? — perguntei.

— Kelly se saiu muito bem esta noite, mas deixe-a saber que se ela foder o novo barman e acabar mal, eu não tolero drama. Um deles será expulso.

Meus lábios se estreitaram. Eu estava adivinhando, desde que recebi esta mensagem, quem seria expulso.

— Você é um imbecil. Vejo você amanhã.

Saí, sem esperar para ver sua reação. Eu era uma de suas funcionárias favoritas porque não aceitava palhaçada, e hoje à noite ele me fez aceitar a palhaçada *dele*. Eu estava indo para a sala do pessoal para ver se Kelly ainda estava lá. Eu tinha deixado meu telefone no armário e ela conseguiu sair antes de mim. As garotas dos shots tinham que sair assim que o bar fechava. Elas não precisavam fazer a limpeza, e demorei um pouco mais para passar por tudo, já que Justin estava cuidando da minha seção.

Não fiquei chocada ao ver que o vestiário estava vazio quando entrei.

Peguei minha bolsa e puxei meu telefone.

Eu estava indo para o estacionamento dos fundos quando ouvi Anthony chamar meu nome.

Parei, mas não me virei.

Esta noite poderia ficar pior?

— Jess.

Eu girei, minha cabeça para trás e meu queixo para cima.

Ele tinha uma mão na porta, meio que saindo para o corredor com um olhar engraçado no rosto.

— Você tem alguém esperando por você na parte de trás.

Minhas narinas dilataram.

— A parte de trás, onde?

— Na parte de trás. No estacionamento. O carro lá é para você.

Eu fiz uma careta.

Ele me deu um aceno de cabeça.

— Vejo você amanhã — disse ele antes de desaparecer de volta em seu escritório.

Meu telefone tocou e eu li as mensagens.

Kelly: Oi! Você está bem?

Kelly: Não consegui encontrar você e Justin se ofereceu para me acompanhar até em casa. Você geralmente está com seu carro. Você quer que eu fique?

Kelly: Alguém disse que Anthony está falando com você. Eu vou esperar.

Eu: Você ainda está aqui?

Kelly: Estou com o Justin. Estamos no apartamento dele. Ele mora bem pertinho. Eu não tinha certeza de quanto tempo você demoraria. Espere. Estou voltando.

Eu: Não. Tudo bem. Eu não estou pronta para conversar de qualquer maneira.

Kelly: Tem certeza?

Eu: Sim. Você vai ficar com Justin por um tempo?

Kelly: Tudo bem? Estou com meu casaco. Dê-me alguns minutos e estarei lá.

Eu: Não. Fique. Fique com Justin. Estou indo para casa.

Kely: Ok. A propósito, eu amo esse trabalho!

Meu telefone tocou mais uma vez, mas eu estava assumindo que era Kelly dizendo adeus ou boa noite, então o coloquei de volta na minha bolsa e empurrei a porta. Eu dei um passo, sem saber como me sentia sabendo que alguém estava esperando por mim.

Quando a porta do SUV se abriu, parei, porque era ele.

Tristian West.

Ele acenou com a cabeça para o assento vazio ao lado dele.

— Entre.

CAPÍTULO 17

TRACE

— Tenho um problema e preciso que você o resolva para mim. Você pode fazer isso por mim?

Meu tio começou nosso segundo encontro com essa pergunta.

— Achei que já tinha mostrado a você que posso lidar com um problema. Eu ajudei com meu pai.

— Sim, mas você estava motivado para isso. Seu pai é seu pai. Você e Ashton se saíram bem. Estou orgulhoso de você, e ouvi sobre a nova médica e como você encarregou-se dela. Isso nem sempre é uma opção, mas foi inteligente desta vez.

Olhei para Ashton e sabia que ele estava chateado com isso, mas ele não disse nada. Eu também não teria se os papéis fossem invertidos. Ambas as nossas famílias tinham uma hierarquia. As cabeças eram deuses.

— Qual é o problema atual, tio Steph?

— Billy Garretson. — Ele jogou um arquivo na mesa entre nós, e eu estava olhando para um cara.

Ashton ficou parado ao meu lado, e eu me transformei em gelo, porque de jeito nenhum isso era uma coincidência.

— Quem é?

— Ele é um trabalhador no norte do estado de Nova Iorque – há uma instalação de transporte à qual precisamos acessar, e é ele quem pode nos colocar lá. Ele tem recusado, e me disseram que você se aproximou da sobrinha dele recentemente.

— Sobrinha?

— Ele é casado com a tia da sobrinha, Sarah. Ela é irmã de Chelsea Montell.

Montell?!

Eu amava meu tio, eu amava, mas agora estava me imaginando pegando uma faca longa e suja e estripando-o, porque era isso que ele estava fazendo comigo.

— Seus relatórios estão errados. Isso acabou, não que algo tenha começado.

Tio Steph então olhou para mim, longa e duramente. Sua mandíbula apertou uma vez antes de ele se sentar.

— Por alguma razão, tenho a sensação de que não será um problema. Não nos direcionamos para sua nova mulher por causa do pai dela e do fato de ela ser oficial de condicional, mas você a conhece. Temos uma oportunidade agora. Eu quero que você a use, faça o que for preciso com ela para trazer o tio dela a bordo. Preciso entrar naquela instalação de transporte e você sabe o que acontecerá se alguém continuar no meu caminho.

Ele quis dizer corpos. Muitos e muitos cadáveres.

Eu agora estava olhando para ela enquanto deslizava para o assento ao meu lado, fechando a porta. Seus movimentos eram espasmódicos, rígidos.

Eu quis ir para o Katya para ficar longe da família, mas quis ir para lá porque *ela* estava lá. Eu queria vê-la trabalhar, como fiz no último fim de semana, quando ela não tinha ideia de que eu estava lá, e refletir sobre o que faria. Mas seu supervisor a enviou em vez de nosso barman normal.

Eu não tinha ideia de porque houve uma mudança, mas entrei e a vi, e fiquei lívido.

Eu queria mais um dia antes de fazer minha jogada. Eu precisava desse tempo para pensar em todas as opções, porque era isso que eu fazia em meu trabalho como gerente de fundos de investimento. Você pensava em todas as vias, todos os ângulos, todas as direções em que o dinheiro poderia ir e então decidia qual vender, qual comprar e quando. Era uma emoção se você fizesse certo e, mesmo que não fizesse, você aprendia.

Esse tempo havia sido tirado de minhas mãos e eu não havia reagido da maneira certa.

— Você é uma policial.

Ela me observou, sem piscar, sem desviar o olhar. Ela

não estava se escondendo.

— Eu não perguntei quem você é. Já pensou que há uma razão para isso? Eu não procurei por você ou pedi um favor. Eu poderia. É fácil para mim, mas não fiz. Eu não subi lá sabendo que você estaria lá. Eu quis dizer o que disse no boliche. Fique longe de mim.

Eu quase sorri para ela, porque ela quis dizer cada palavra, mas seu corpo não.

— E ainda assim você está no meu carro.

— Você disse *entre*.

— Desde quando você faz o que mandam?

— O que você quer, West?

Então alguém disse a ela quem eu era.

— Você sabe meu nome agora.

— Disseram-me Tristian West. Não me disseram mais nada e, para ser sincera, ainda não decidi se vou fazer uma busca ou não.

Havia isso, mas não importaria dentro de 24 horas.

— Seu pai foi morto quando você estava no ensino médio e seu irmão foi condenado pelo crime.

Ela estendeu a mão para a maçaneta da porta.

— Pare o carro.

— Sua mãe é uma bêbada. Você está trabalhando em dois empregos para cuidar das dívidas dela e de seu irmão.

Ela estendeu a mão para a porta, mas eu me movi, estendendo a mão sobre ela e agarrando-a antes que pudesse abrir. Ou eu tentei. Ela se virou, agarrando meu braço, torcendo, e fui empurrado para longe dela.

— Não.

A porta do carro ainda estava aberta, mas Pajn havia parado o veículo.

Ela não soltou meu braço, apenas se inclinou.

— Não venha para cima de mim novamente. Você fez isso uma vez. Não permitirei isso uma segunda vez.

Puxei meu braço livre e me movi, mais devagar desta vez, mas ela não se moveu para trás.

Isso nos aproximou, muito perto, e não era isso que eu pretendia que acontecesse. Tendo-a tão perto, sentindo-a novamente, eu estava olhando para seus lábios.

Eu sabia o gosto dela e queria outro toque.

Eu estava me movendo quando ela prendeu a respiração e saiu do caminho. A porta ainda estava aberta e ela tentou alcançá-la, mas não saiu.

Pajn estava esperando minha ordem sobre o que fazer, então agora, eu estava esperando por ela.

— Por que você esperou por mim?

— Para me desculpar.

Seus olhos nublaram-se, e ela olhou para baixo. Ela não disse mais nada antes de sair do veículo e fechar a porta.

— Você quer que eu vá atrás dela?

Eu balancei a cabeça.

— Leve-me ao meu escritório no centro da cidade.

Eu precisava fazer algum trabalho por conta própria.

Meu tio disse que eles não fizeram nada sobre Billy Garretson por causa do trabalho de sua sobrinha e do pai dela. Ele não tinha se estendido e eu não tinha pressionado, porque uma parte de mim não queria saber. Eu não queria entrar totalmente naquele mundo, exceto pelos momentos aleatórios que já tive, ajudando com o que meu tio precisava que eu fizesse. Mas isso era diferente. Isso era pessoal e eu estava chegando a uma linha em que precisava conhecer todos os ângulos antes de prosseguir.

Por enquanto, eu faria o que me destacava em meu trabalho normal.

Investigação.

CAPÍTULO 18

JESS

Eu estava olhando para uma foto de faculdade de Tristian West e me chutando.

Depois de chegar em casa ontem à noite, pesquisei-o para ver o que poderia encontrar.

Nós crescemos no mesmo bairro, mas enquanto eu estudei em escola pública, ele estudou em escola particular, e não parava por aí. Columbia em seus primeiros quatro anos, depois Yale para seu MBA. Ele agora era um cara de Wall Street.

Lembrei-me de brincar comigo mesma sobre como seus sapatos pareciam um cara de Wall Street assistindo a um jogo de hóquei, porque era isso que ele era.

E ele era dono do Katya. Grande choque aí. O cara era meu segundo chefe. Não era de admirar que Anthony estivesse tendo um ataque. Tristian, ou Trace para seus amigos, era dono junto com seu melhor amigo, Ashton Walden, que frequentou todas as mesmas escolas que Tristian. Mesmo colégio. Columbia. Enquanto Tristian estava em Yale, Ashton foi com ele, quando abriu seu primeiro negócio, algo em segurança cibernética. Tristian se formou e ambos voltaram para Nova Iorque.

E depois de conseguir um emprego em Wall Street, ele e seu amigo Ashton iniciaram seu primeiro negócio conjunto e, desde então, operam uma lista completa deles.

Cada um era rico, mas juntos, eles eram uma força totalmente diferente.

Não havia muito sobre Tristian além do óbvio. Ele estava no sistema porque foi preso quando tinha dezesseis anos por porte de drogas. Ele e Ashton foram presos no mesmo dia, mas nenhuma acusação foi feita. Seus advogados deveriam ter entrado e feito isso desaparecer. Mas o chute, o verdadeiro chute nos dentes sobre tudo isso, era seu tio.

Stephano West, chefe da família da Máfia West.

Maldito.

Tristian West era sobrinho e, segundo o relato, considerado *como um filho* pelo chefe da Máfia. E eu virei meu telefone, porque a última mensagem ontem à noite não tinha sido Kelly.

Desconhecido: Eu gostaria de vê-la novamente. Aqui está meu número.

— Bom dia!

Eu estava na mesa da cozinha e fechei meu laptop quando a porta se abriu e Kelly entrou, mas ela não estava sozinha. Justin estava atrás dela. Ele olhou na minha direção, um olhar tímido em seu rosto enquanto colocava as mãos nos bolsos da frente de sua jaqueta.

O cara trabalhou rápido.

Kelly estava de banho tomado e veio até mim, então jogou os braços em volta do meu pescoço e pressionou sua bochecha na minha. Eu ainda estava sentada, então ela se abaixou e pude sentir o cheiro do xampu de Justin. Da cabeça aos pés.

Ela apertou um pouco meu pescoço.

— Hmmm. Seu cheiro é tão bom.

Eu tive que rir. Quando Kelly transava, ela pensava que tudo era perfeito e mágico nesses primeiros dias.

— Você está de bom humor.

Levantei-me, pegando minha caneca de café, porque precisava reabastecer.

Eu percebi o rubor antes de Kelly pegar sua bolsa.

— Preciso trocar de roupa. Volto já!

Depois de servir meu café, coloquei a cafeteira de volta.

— Você precisa de um pouco disso?

Justin riu.

— Deus, sim. Sua amiga é, uh, ela tem resistência.

Eu dei a ele um olhar.

— Não vá lá. Eu a amo, mas não quero os detalhes.

Ele riu de novo, encontrando onde guardávamos nossas canecas e movendo-se para que eu pudesse servir o resto do café. Acenei para o armário.

— Açúcar aí. Creme na geladeira.

— Obrigado. — Ele olhou por cima do ombro enquanto eu voltava para a mesa e levantava meu laptop mais uma vez. — O que aconteceu ontem à noite? Eu vi Anthony chamá-la para seu escritório.

Eu não precisava do lembrete.

— Não foi nada.

Ele não parecia convencido.

— Quero dizer. — Fiz um gesto em direção ao quarto de Kelly. — Você se move rápido.

Aquele olhar envergonhado voltou sobre ele, e ele se arrastou, movendo-se antes de se acomodar no mesmo balcão.

— Eu gosto dela. Muito. — Ele me deu um olhar significativo.

— Eu vi como você olhou para ela ontem à noite. Você já está na metade do caminho com ela.

Seus olhos ficaram grandes, e ele estava tomando um gole de café, mas meio que bufou nele.

— Jesus. Não diga isso a ela, por favor.

Meu telefone vibrou novamente.

Recuso-me a colocar o nome dele no meu telefone: Precisamos conversar.

Deus. Esse cara.

Eu: BLOQUEANDO.

Recuso-me a colocar o nome dele no meu telefone: Agora.

Eu o bloqueei.

Eu precisava esquecer que o conheci, esquecer que falei com ele, esquecer o toque, esquecer seus beijos. Esquecer como me senti com meu corpo sobre o dele em seu carro ontem à noite. Tudo isso. Feito.

O fim.

Meu telefone vibrou novamente, mas desta vez era meu *outro* chefe.

Leo: Eu preciso de você na casa da sua mãe.

Essas mensagens nunca eram boas.



Leo estava parado nos degraus da frente quando cheguei e não parecia feliz. Ele estava fumando um cigarro, mas ao me ver, jogou-o no chão e apagou. Ele estava à paisana, vestindo uma jaqueta aberta sobre jeans e um moletom por baixo. Leo era da velha guarda. Se não estava trabalhando, estava no bar do bairro tomando uma cerveja e vendo qualquer jogo que estivesse passando na televisão. Em todos os anos que o conheci, nunca o vi bêbado, então sempre suspeitei que ele bebia uma cerveja o tempo todo.

Alguns dias, como hoje aparentemente, ele estava aqui verificando minha mãe.

Estacionei e caminhei até a calçada.

— O que há de errado?

Olhei para trás dele. A porta estava fechada, as cortinas cerradas. Eu não estava ouvindo gritos ou qualquer coisa lá.

Uma de suas mãos se moveu dentro do bolso da

jaqueta e ele indicou a casa.

— Você esteve aqui alguns dias atrás?

Eu fiz uma careta.

— Segunda-feira. Estive aqui. Por quê?

— Você vasculhou o estoque dela?

Cristo. Estávamos lidando com isso?

— Encontrei uma nova garrafa de vodca no banheiro dela e a diluí.

— É isso?

— Sim. O que está acontecendo?

— Ela está tendo um acesso de raiva, dizendo que você esvaziou todas as garrafas dela.

A ironia da minha mãe ter um ataque de raiva na frente de um oficial de condicional porque outro oficial diluiu um de seus estoques era apenas... eu estava perdida.

— Que tipo de confusão? Qual é o dano?

— Estou aqui fora para cumprimentá-la. Isso deveria dizer algo.

Pelo amor de Deus.

Subi as escadas para encarar minha mãe.

— Esteja preparada. Ela... ela exagerou hoje.

Eu deslizei outro olhar em sua direção. Ele recuou um passo, não me dando mais nada. Eu tentei a maçaneta, descobri que estava trancada, então peguei minha chave e destranquei. Abrindo, eu nem iria me concentrar em como ela fechou a porta na cara de Leo. Era Leo. Ele tinha sido o melhor amigo do meu pai. Ele era da família.

Entrei, sem ouvir nenhum movimento, nenhum som.

Mas o cheiro me atingiu em seguida e quase caí.

— Mãe!

Ouvi passos pesados acima, depois um gemido e um baque.

Eu corri, subindo os degraus de dois em dois.

Havia sangue no chão e corri para o quarto dela. Mais sangue. Um rastro dele, levando a ela que estava no chão ao lado da cama.

— Mãe! — Ela estava de roupão e eu me ajoelhei, evitando o sangue.

Ela soltou um gemido, sua cabeça se movendo um pouco.

— Mamãe. Mamãe.

— Não. — Outro gemido. Ela estendeu a mão, tentando me afastar. — Vá embora. Não quero você aqui.

Sua respiração era rançosa. Ela esteve ocupada bebendo.

Virei-a, movendo-me suavemente, e comecei a procurar de onde vinha o sangue. Seus sinais vitais estavam bons à primeira vista, mas agarrei seu pulso, contando a pulsação enquanto continuava olhando seu corpo.

— Oh, meu Deus… — Leo veio da porta, ajoelhado do meu outro lado. — Ela… ela não estava assim quando saí. Ela tinha bebido e estava com raiva, falando mal de você. Há um monte de pratos lá embaixo no chão. Ela deve ter pisado neles. — Ele acrescentou a última parte enquanto eu passava a mão pelo corpo dela, levantando o pé e vendo o sangue ali. Era um corte enorme, profundo. — Ela vai precisar de pontos.

— Não. Sem pontos — ela resmungou, antes de sua cabeça virar para o lado, seu corpo seguir, e ela vomitar.

O vômito pousou logo atrás de mim.

Eu pulei para fora do caminho, mas xinguei e voltei para terminar minha avaliação. Ela tinha cortes nos dois pés e um na palma da mão. Nenhum deles parecia auto infligido, o que foi um alívio neste sábado de merda.

— Aqui. — Leo devia ter saído para pegar uma gaze. Ele se ajoelhou, o kit de primeiros socorros na outra mão.

Eu peguei, apertei contra o pé dela. Ela começou a hesitar, mas estava tão bêbada que um segundo depois desmaiou.

Eu odiava lidar com pessoas bêbadas, mas era sempre pior quando era seu parente.

Trabalhamos em silêncio enquanto eu limpava todos os seus cortes, desinfetava-os e enfaixava cada um deles. Eu envolvi seus pés e sua mão, e como uma unidade, nós dois nos inclinamos para pegá-la e colocá-la na cama.

Eu dei um passo para trás.

Sua respiração era profunda, mas irregular ao mesmo tempo, e seu roupão se abriu. Ela ainda estava de pijama.

— Ela precisa de pontos.

Leo assentiu com a cabeça, seu telefone na mão.

— Eu sei. Vou fazer uma ligação.

Uma ligação.

Certo.

Era mais fácil lidar com isso tendo eles vindo aqui, então cuidando dela.

Leo estava dizendo:

— Sim, sim. Obrigado, Ben. Ela está desmaiada, então quanto mais cedo melhor.

Ele ligou para um dos médicos com quem jogava pôquer, o que fazia sentido. Ben poderia fazer os pontos, sem problemas, e Ben não diria nada. Ele nunca dizia. Nesse sentido, éramos uma comunidade, mas, por um momento, desejei que ele dissesse alguma coisa, porque não era a primeira vez que Leo chamava Ben para algo assim.

Eu sabia que não seria a última também.

Ele desligou e foi para a cama.

— Precisamos trocar o pijama por roupas. Ele não pode vê-la assim. — O que significa que ele não queria que Ben visse o vômito.

Eu coloquei a mão em seu braço, parando-o.

— Ele pode vê-la assim.

— Sua mãe ficaria horrorizada.

Eu balancei a cabeça para ela.

— Obviamente não porque ela está neste estado. Ele já viu coisa pior. — Eu dei a ele um olhar, movendo-me para a porta. — Todos nós já vimos coisas piores.

Desci, porque, embora não pudesse fazer mais nada para consertar *aquela* bagunça, a menos que quisesse financiar outra viagem para a reabilitação, fui encontrar a bagunça que pudesse limpar. Dobrando o corredor da sala de jantar, vi todos os pratos quebrados no chão.

Minha mãe tinha sido ambiciosa em seu ataque de embriaguez. Ela quebrou todos os aparelhos de jantar caros que ganhou da sogra. Comecei a limpar.

Podia ter havido uma piada em algum lugar. Eu estava cansada demais para encontrá-la.



Ben tinha vindo e ido.

Minha mãe estava dormindo. Suas roupas haviam sido trocadas e ela estava aconchegada em sua cama. Leo me encontrou na sala, com uma cerveja na mão e o jogo na televisão.

Ele suspirou, pegando a segunda cerveja que eu entreguei a ele, e passou por mim para a poltrona onde meu pai costumava se sentar. Ele afundou e colocou os pés para cima.

— Pontuação?

— 20-7.

— Quarto período. Eles precisam ir em frente, não é?

Ignorei isso, porque estávamos fingindo que estávamos torcendo pelo time da nossa cidade, mas Leo era realmente um torcedor do Rams e eu, na verdade, uma torcedora do Bengals. Nenhum dos times estava jogando hoje.

— Isso tudo foi realmente porque eu diluí uma de suas garrafas?

Ele deu de ombros, segurando sua cerveja e tomando um longo gole.

— Quem sabe. Ela mencionou uma ligação da irmã.

— O quê? — Minha atenção se voltou para ele. O jogo foi esquecido. — Minha tia?

Ele olhou para cima, desviando o olhar da televisão antes de perceber que isso era importante. Um grande negócio. Seus olhos se arregalaram um pouco.

— Sim. Ela tem duas irmãs, certo?

— Qual foi? — Ela não se importava com a mais velha. Minha mãe sempre reclamou que ela era mimada, mas a mais nova era uma provação totalmente diferente. Elas cresceram próximas até que minha tia conheceu seu atual marido e a conversa parou. Não era uma boa situação. — A que mora no norte ou a que mora no Alabama?

— A que mora no norte.

A mais nova.

Sentei-me mais reta.

— Ela disse alguma coisa? Como foi a ligação? O que minha tia disse?

Ele estava franzindo a testa para mim, e eu estava dando pistas aqui também, porque estava percebendo que era a tia sobre a qual não falávamos. Leo era da família, mas parecia que ele não sabia sobre ela.

— Ela não falou, apenas que ela ligou e foi isso. Ela começou a falar sobre você imediatamente, e eu peguei minhas dicas a partir daí.

Porra.

Era isso?

Droga.

Eu teria que voltar e falar com minha mãe quando ela estivesse sóbria e não quisesse me odiar.

Estendi a mão, arrumando meu cabelo antes de suspirar, precisando soltá-lo. Eu não podia fazer nada sobre isso agora.

— Você vai ficar?

Ele ficou quieto antes de um longo tempo.

— Sim. Vou ficar.

Levantei-me, agarrando meu casaco.

— É isso? Você está indo?

Eu me virei na porta e dei de ombros.

— Nós dois sabemos como isso acontece. Eu não sei por que você está escolhendo ficar por aqui, mas se você ficar, então eu vou embora. Tenho que trabalhar hoje à noite de qualquer maneira.

Seu rosto inteiro se encolheu e ele deu um gole em sua cerveja.

— Você não deveria estar trabalhando naquele lugar. Você precisa de dinheiro extra, há outros lugares.

— O que *você* sabe sobre onde eu trabalho?

Ele já tinha falado sobre isso antes, mas eu nunca forcei. Sempre presumi que era porque era um clube, e pensei que ele queria que eu trabalhasse no pub local onde ele passava o tempo, onde outros da nossa profissão frequentavam. Agora sabendo o que eu sabia, ele sabia também?

— Nada, apenas… há rumores sobre aquele lugar.

— Sobre Tristian West?

Seu rosto relaxou, e eu juro que ele empalideceu um pouco.

— O que você sabe sobre esse nome?

— Só que ele cresceu não muito longe daqui e é dono do Katya.

Ele estava me estudando.

— Ele é um figurão local, não é?

Dei de ombros.

— Eu acho, mas ele nunca cruzou comigo quando éramos crianças. Não sinto que isso importa agora.

Ou importava?

Mas Leo se fechou. Eu poderia dizer na expressão decidida em seu rosto. Ele não ia dizer mais nada, e eu tinha um turno para cumprir.

— Ok. — Segui para a porta. — Até mais, velho. Durma um pouco. Não deixe minha mãe se aproveitar

muito de você.

Ele riu. Nós dois entendemos a piada. Ele cuidou dela para o meu pai, e nas poucas vezes que ele ficou, como esta noite, quando cheguei na manhã seguinte, encontrei-o desmaiado no sofá.

— Fique segura lá fora, garota.

CAPÍTULO 19

TRACE

Ela parecia cansada.

Eu a observava de um dos camarotes privados, que dava para o clube. Primeiro, vim para o trabalho, pensando que o Katya ajudaria a clarear minha mente, mas acabei migrando para um lugar onde pudesse vê-la e ela não pudesse me ver.

Isso não iria embora, a atração para tê-la, para reivindicá-la, e o favor do meu tio também não pararia. Tinha que haver um acordo, mas não havia.

Esta noite seria a gota d'água. Se ela não sabia quem eu era, ela saberia, e me odiaria. Mas família era família.

Eu faria o que tivesse que fazer.

Uma porta se abriu atrás de mim. Os sons do clube soaram claros e depois foram silenciados.

Eu não me mexi, sabendo quem era, e um segundo depois, Ashton veio para ficar ao meu lado. Ele tinha uma bebida na mão. Eu olhei para vê-lo olhando para ela também. Ele tomou um gole de sua bebida, o gelo batendo no copo.

— Você vai ficar bem com isso?

Não.

— Eu vou ter que ficar.

Ele olhou na minha direção, estudando-me. Voltei minha atenção para ela. Era ela. Sempre foi ela. Desde que a vi pela primeira vez.

— Talvez ela não descubra? A Inteligência disse que eles não eram próximos.

Eu balancei minha cabeça.

— Duvido, mas vamos lidar com isso.

— Tem certeza?

Eu dei a ele um olhar duro. Ele conhecia a situação. Recebemos um pedido.

Ele deu um aceno de cabeça, um olhar cauteloso

vindo sobre ele.

— Vamos fazer isso então.

Eu dei uma última olhada nela, um longo olhar demorado, porque tudo iria mudar.

CAPÍTULO 20

JESS

Era outra noite movimentada, mas eu precisava da distração.

Kelly estava trabalhando novamente; Justin também. Eu não tinha voltado para casa, vim direto para o Katya da casa da minha mãe, mas eu estava adivinhando pelos olhares mal disfarçados que cada um deles estava dando ao outro que haviam passado o dia juntos.

Eu não tinha certeza de como me sentia sobre os dois juntos, mas eu só esperava que, se e quando eles terminassem, fosse amigável, e que Kelly não fosse quem precisaria sair daqui. Mas conhecendo Kelly, conhecendo toda a sua história de relacionamentos, eles nunca terminavam bem, e seria *ela* quem pediria demissão ou seria demitida. Pensando nisso, esperei até que tivéssemos um pequeno intervalo entre os clientes antes de ir até Justin.

Ele estava enchendo uma bebida, mas parou ao me ver.

Entrei, virando-me de costas para o bar.

— Se você a machucar… — Ele se virou para me olhar diretamente. Continuei: — Vou fazer alguma coisa para que você compareça perante um juiz. Escutou? Não brinque com ela.

Eu não esperei por uma resposta quando voltei para minha seção.

E Anthony estava lá, lançando um olhar fixo.

Eu fiz uma careta.

— O quê?

Ele tinha os braços cruzados sobre o peito e lentamente balançou a cabeça.

— O que está acontecendo?

— Não sei o que está acontecendo entre você e West, mas estou afirmando aqui que não gosto disso.

Eu fiz uma careta, todo o meu corpo tenso.

— O que você está falando?

Uma expressão dura entrou em seu olhar.

— Gosto de você. Você é durona. Você não aceita merda nenhuma. Os clientes se afastam de você e você aparece todos os dias. Então, aqui está a única vez que estou lhe dando um conselho não solicitado que não me beneficia em nada: Vá. *Desista*. Saia do seu turno agora mesmo e nunca mais volte aqui. Qualquer que seja a dança que você e West estejam fazendo, não terminará bem. Ele tem conexões que você *não vai* gostar. Confie em mim.

Uma sensação de frio substituiu a tensão.

Ele acrescentou, com um olhar sombrio no rosto:

— Confie em mim neste caso, Montell.

Justin se aproximou, olhando para nós dois.

— Vocês estão bem?

A mandíbula de Anthony apertou, dando-lhe um olhar duro também.

— Estamos bem. Isso não é da sua conta. — Um último olhar penetrante em minha direção. — Quando as coisas derem errado, não diga que não avisei. — Com isso, ele se afastou. Justin estava me dando um olhar avaliador, secando as mãos com uma toalha. — Sei que sou novo aqui, novo na vida de sua colega de quarto, mas estou aqui. Meu irmão é policial…

— Um policial?

Um olhar mais cauteloso apareceu em seu rosto, endurecendo-o antes que ele me desse um aceno firme.

— Detetive Worthing. Ele está no 116º distrito.

Eu não conhecia o irmão dele, mas o 116º era um bom distrito.

— Conheço Anthony há muito tempo, só isso. História. Eu posso cuidar de mim mesma.

— Kelly me contou o que você faz da vida. Você tem que ser dura para fazer esse trabalho.

Eu dei a ele um olhar.

— Eu sou boa.

Mas ele não parecia convencido. Ele levantou o queixo, voltando para sua seção, e eu peguei o olhar medido que ele deu na direção que Anthony tinha ido. O resto da noite passou com menos drama, o que dizia muito, considerando que vi dois presos violando sua liberdade condicional, bem na minha frente. Um me pegou olhando, parecia que ele cagou na calça e saiu. O outro veio e se aproximou da minha seção, pensando que seríamos *amigos* sobre isso. A multidão ao meu redor gostou do aviso severo que dei a ele, que foi assim:

— Saia daqui. Fique sóbrio. Espere uma ligação do seu oficial de condicional.

Seu peito inchou ao mesmo tempo em que ele estava estendendo a mão por cima da bancada.

— Agora, vamos lá, você…

Então ele não estava mais falando, porque eu me encontrava fora do bar, sua mão torcida atrás das costas, e eu mesma o estava levando para fora do clube. Os seguranças me viram chegando, e viram o cara com o rosto vermelho, porque, embora ele tivesse uns bons setenta quilos a mais que eu, eu ainda o segurava. Eles abriram a porta. Eu empurrei o cara para fora, e quando ele começou a discutir, eu estava na cara dele.

— Anda! Eu não tenho tempo para isso. Não essa noite. Aqui não.

Ele veio para mim novamente, e desta vez ele cambaleou.

Eu me abaixei, agarrei-o, torci seu braço e o empurrei de joelhos. Assim que isso aconteceu, um esquadrão de patrulha próximo acendeu suas luzes. Eu conhecia os policiais. Eles me conheciam. Eles prenderam o cara, mas ele sairia em uma hora.

Então sim. Eu ainda considerava o aviso anterior de Anthony o mais dramático da noite.

O resto da noite passei atendendo a pedidos, sendo

perseguida por alguns caras e algumas garotas, e também sendo chamada de ‘vadia’ seis vezes, porque não atendi o pedido de alguém rápido o suficiente. O tempo todo eu estava tentando não pensar se ele estava lá em cima. Se ele estava me observando. Se alguém foi enviado para servir a ele e seu amigo.

Então era hora de fechar.

Fiz o de costume. Fechei meu caixa, contei as gorjetas, limpei minha seção e revisei a lista de inventário. Kelly se aproximou, rindo e meio em cima de Justin, que me deu um olhar triste.

— Estou indo passar a noite na casa de Justin. Quer vir? Podemos relaxar com uma bebida?

Tentador, porque eu ainda estava ligada. Uma bebida não iria ajudar esse sentimento ‘ligado’ em mim. Só uma coisa tiraria isso de mim.

— Vou para casa.

O rosto de Kelly ficou sombrio e ela veio me dar um abraço. Ela disse no meu ouvido:

— Você está bem? Eu vi Anthony na sua seção mais cedo. Parecia tenso.

Eu a abracei de volta, dando um aperto extra.

— Estou bem. Fique segura, tudo bem?

Ela estava de volta ao seu eu rindo e suspirando enquanto se afastava, mas ela descansou sua testa na minha.

— Ele é legal, hein?

Um pouco da tensão em mim aliviou, só um pouco. Kelly parecia assustada nessa pergunta, mas eu balancei a cabeça lentamente contra sua testa.

— Ele parece ser um cara legal.

— Você pode investigá-lo para mim?

Eu dei uma risada.

— Eu não preciso. Anthony o colocou na seção ao lado da minha – isso diz que ele é íntegro. Anthony não teria feito isso se tivesse algo que eu encontraria no

sistema. Meu palpite é que ele se apaixonou um pouco rápido demais por você.

Ela jogou a cabeça para trás, os olhos arregalados.

— Ele está apaixonado por mim?

Ooh. Estremeci.

— Estou supondo. — Talvez eu não devesse ter compartilhado?

Mas isso não importava. Kelly voltou a desmaiar, e o lado sempre romântico nela também estava caindo.

Eles partiram depois disso, Justin me dando um aceno quando eles saíram, seu outro braço em volta dos ombros de Kelly.

Assim que terminei, saí e foi a primeira vez que verifiquei meu telefone.

Eu vi a mensagem quando estava quase no meu carro.

> Leo: Ligue-me o mais rápido possível. A ligação de sua tia mais cedo foi importante.

Eu não reagi, não por fora, mas por dentro, uma bola inteira de pavor me encheu. Eu sabia antes que era um grande problema, realmente um grande problema, mas tentei dizer a mim mesma para deixar isso de lado.

Liguei assim que estava dentro do meu carro.

Ele atendeu no primeiro toque.

— Há uma situação.

Eu me preparei, endurecendo.

— O que é isso?

— Você sabe onde sua tia mora?

— Minha tia? Sim…

— Você pode ir buscá-la?

— O quê? — eu mordi, o alarme enchendo meu peito. — O que aconteceu?

— Violência doméstica. Sua tia está deixando-o. Ela e

as crianças. Eles estão em um abrigo local, mas conversei com um cara que conheço lá na cidade, em quem confio. Seu tio tem fama e não é de ficar longe do abrigo. A melhor opção para sua tia é sair da cidade o mais rápido possível. Eu me ofereci para ir, mas sua mãe ouviu e começou a uivar sobre isso. Ela não está receptiva para cuidar de sua tia aqui.

— Merda, Leo. Você esteve aí a noite toda?

Sua voz saiu áspera.

— Eu não me importo. Não tem muito mais acontecendo hoje de qualquer maneira.

Certo. Porque cuidar de uma bêbada, especialmente a bêbada da esposa do seu melhor amigo, que não ficava quieta quando estava bêbada, era algo que eu não estaria disposta a lidar no meu dia de folga. Mas Leo ficou.

— Eu sei onde ela mora, mas basicamente não há nenhum relacionamento com ela. Vou até lá, ver o que posso fazer, no entanto.

— Você está bem para dirigir?

— Preparada para uma luta, para ser honesta.

Ele riu, relaxando um pouco.

— Vamos torcer para que não chegue a isso.

Eu ri, ligando o motor e notando que precisaria de outro tanque de gasolina e alguns grandes goles de cafeína pura. Eu tinha uma viagem de duas horas pela frente.

CAPÍTULO 21

TRACE

Chegamos, e o plano era pegar o tio e levá-lo para outro lugar para nosso interrogatório. Isso foi até que entramos e encontramos a casa em ruínas.

O plano mudou.

O lugar estava vazio. Ashton caminhou pela casa enquanto eu examinava o quarto principal. As roupas da esposa haviam sumido; uma mala vazia estava jogada na cama. Havia mais espaços vazios no armário. Espaços onde outras malas poderiam estar, mas não estavam mais.

Ashton entrou.

— As coisas das crianças sumiram. A esposa o deixou.

Eu balancei a cabeça.

— Nós esperamos. Ele voltará.

— E se ela estiver com ele?

Eu dei a ele um olhar seco.

— Parece que ela vai voltar?

— Briga doméstica. — Ele estava notando os buracos na parede, o vidro quebrado. — Muitas vezes elas voltam antes de finalmente partirem ou morrerem.

— Ficamos e esperamos. Esta é uma cidade pequena. Se começarmos a procurá-lo, levantaremos bandeiras.

Ashton me deu um aceno de cabeça.

Demetri, um dos meus guardas, entrou quando estávamos na cozinha. Ele gesticulou para fora.

— Eles têm um galpão nos fundos. Podemos levá-lo lá? — Ele apontou para a outra porta. — Ou no porão. Há um quarto nos fundos que parece construído para merdas como esta.

Demetri e Pajn. Meus dois guardas. Eles cresceram comigo, caras que conhecíamos do bairro, caras que tiveram problemas comigo e com Ashton quando éramos adolescentes.

— O que quer dizer com parece construído para esta

merda?

Ele me deu um longo e duro olhar.

— Venha ver por si mesmo, chefe.

Eu o segui, sabendo que Ashton vinha logo atrás.

Ele nos conduziu por uma sala que tinha cadeiras dispostas no canto, de frente para o canto. Havia um quadro de giz na parede. Não havia janelas, nenhuma luz brilhando do lado de fora. Piso de cimento. Passamos por aquela sala para outra sala, que era igualmente esparsa. Outra sala que tinha comida enlatada alinhada nas prateleiras e depois para outra sala que se abria por uma pequena porta pela qual todos tínhamos que nos abaixar para passar.

— Trace.

Eu me virei, vendo para onde Ashton estava gesticulando. A porta abriu-nos o caminho. Uma fechadura estava do lado de fora da porta.

Meu sangue gelou.

— Chefe. — Pajn indicou um poste.

Tinha uma corrente enrolada nele. Estava manchado e eu conhecia o cheiro de sangue seco. O poste estava encharcado dele. Na base do poste havia outra mancha de líquido, e não pensei que fosse só sangue que causava aquela mancha. Circulava para fora do poste.

Ele chutou um balde.

— Cheira como se este fosse usado para mijo e merda.

— Maldição — veio de Ashton, baixinho.

Eu estava absorvendo tudo.

Um chicote estava pendurado na parede.

Uma faca.

Um cutelo.

Mais correntes.

Algemas que pareciam ser da era medieval.

— Porra. — Ashton estava olhando para um par de algemas felpudas, e isso era *mais* do que suficiente para

mim.

Eu rosnei:

— Nós estamos fazendo isso aqui. Bem. Aqui. Dentro.

Os caras estavam de acordo.



Um par de faróis iluminou a casa quando uma caminhonete diminuiu a velocidade e entrou na garagem. Ashton e eu estávamos esperando na cozinha.

— Ele está vindo. — Demetri moveu-se para a parte de trás da porta.

Pajn estava do outro lado.

Eles eram caras grandes e poderiam ser confundidos com fisiculturistas, mas ambos foram treinados para se virar sozinhos. Eles aprenderam nas ruas e se moviam como gatos agora. Silenciosos e furtivos.

Ashton bateu na mesa para chamar minha atenção. Ele murmurou:

— Ele está sozinho?

Inclinei-me para trás, movendo a cortina um centímetro. Billy Garretson estava caminhando em direção à porta dos fundos da casa. Eu balancei a cabeça para Ashton e me virei, observando-o chegar.

Sua cabeça estava baixa. Ele não suspeitou de nada.

Ouvimos o barulho das chaves.

Uma chave inserida na fechadura, virou. A porta foi aberta.

— Foda-se, caramba... — Ele entrou, e fomos atingidos por um odor fétido vindo dele. Ele tateou lá dentro, alcançando o interruptor de luz, e apertou. Deveria ter ligado, mas os fusíveis foram desligados no porão.

— Que diabos? — Ele entrou, fechou a porta e virou o interruptor de luz para cima e para baixo antes de rosnar. — Cadela. Ela explodiu um... — Ele se virou, fazendo um

som assustado e sufocado quando ficou cara a cara com Pajn.

— Oi. — Isso foi Pajn, e *soco!*

Pajn não perdeu tempo.

Ashton e eu ficamos parados, esperando uma briga.

Isso não aconteceu. Pajn o acertou uma vez, e o cara vacilou antes de cair.

Pajn sufocou uma risada, recuando e passando por cima do corpo.

— O cara está fora.

Tanto Pajn quanto Demetri se ajoelharam e pegaram o corpo.

— Agora você vai se vangloriar sobre isso, dizendo que é um boxeador — Demetri resmungou.

Eles o ergueram juntos.

— Sim, sim. Você pode começar agora. Dirija-se a mim como Sr. Boxeador daqui em diante. — Pajn fez um som engasgado. — Esse cara fede. Ele cagou na calça ou algo assim?

— Quem sabe. Aquele quarto lá embaixo cheira a esgoto.

Pajn grunhiu em resposta a Demetri enquanto eles carregavam-no escada abaixo.

Esperei, dando-lhes tempo para colocá-lo lá embaixo.

— A informação que obtivemos foi que ele era um maluco religioso. — Ashton estava olhando ao redor. — Não vejo nenhum item religioso nesta casa.

Ele estava certo. Não havia cruzes, nem Bíblias, nem versículos da Bíblia em parte alguma. Nenhum rosário, se isso fizesse parte de sua religião. As paredes eram esparsas, vazias. Cada quarto tinha o mínimo de móveis. Poltronas na sala de estar. A cozinha tinha apenas uma mesinha, grande o suficiente para ser uma mesa de jogo, e duas cadeiras. A segunda cadeira foi puxada para trás, encostada na parede como se quando ele se sentasse para comer, ela se sentasse ali para servi-lo.

As prateleiras embutidas também estavam vazias.

Eu andei pelos quartos das crianças mais cedo, sabendo que eles tinham três filhos mais novos. Era o mesmo lá. Colchões de cama no chão. Um travesseiro. Um cobertor, se é que é um. Um dos armários tinha alguns livros infantis no canto, uma lanterna ao lado deles.

— Não vamos trabalhar com esse homem.

A cabeça de Ashton estalou na minha.

— Seu tio foi inflexível.

Eu balancei minha cabeça, meu estômago queimando.

— Ele merece uma morte lenta e torturada. Entraremos em contato com o supervisor dele, para garantir que quem for colocado em seu lugar trabalhe para nós. Nós cuidaremos disso se precisarmos.

— E quando esse cara desaparecer? Se alguém começar a fazer perguntas?

Eu dei a ele um olhar muito escuro e longo.

— Você realmente acha que alguém vai fazer perguntas?

— Ela pode.

— Então ela e eu teremos uma conversa quando isso acontecer. — Eu estava seguindo meu instinto de que, se esse cara desaparecesse, todos considerariam isso uma bênção.

Demetri chamou do fim da escada.

— Ele está pronto.

Questionar ou interrogar alguém não era novidade para nós, mas Ashton era quem ansiava por isso. Ele prosperava com a crueldade disso. Não era minha especialidade, mas dessa vez era diferente.

Com o que eu queria fazer com este homem, desta vez eu estava tão animado.

CAPÍTULO 22

JESS

Eu não estava pronta, nem de longe, quando vi minha tia. Sarah era uma sombra da minha mãe, e minha mãe já era uma sombra de si mesma, então isso dizia muito. Então uma garotinha levantou a cabeça e eu estava olhando para uma versão feminina do meu irmão.

Mesmos olhos. Mesmo formato dos olhos. A mesma coloração em todo o corpo e a mesma cor de cabelo quase branco. Meu irmão tinha uma aparência de menino, pelo menos quando não estava tentando ser feroz, e essa garota tinha o mesmo. Estava nas bochechas – ambos tinham as mesmas bochechas redondas.

Fiquei sem fala, minha garganta fechando antes de perceber as outras duas crianças. Um menino brincando com caminhões no canto e outra menina, essa com cabelos ruivos crespos espetados. Todas as crianças estavam me acolhendo, mas não estavam com medo. Elas não estavam curiosas.

Elas estavam olhando para mim porque eu era mais uma estranha para eles.

Eu voltei meu olhar para minha tia, e ela também estava me observando, esperando.

Ela era pequena, mas aqueles olhos tinham setenta anos.

— Você se parece com sua mãe. — Suas palavras eram suaves.

Eu dei a ela um meio sorriso.

— Por favor, não diga isso de novo ou vou pensar que você está falando sério.

Um brilho de algo apareceu em seu olhar, apenas brevemente antes de desaparecer tão rápido.

— Ela não vai nos querer na casa dela. — Seu olhar desceu até minha mão, onde eu a havia colocado sobre minha arma, sob minha camisa.

Eu não tinha percebido que tinha colocado lá e movi minha mão de volta ao meu lado.

— Falei com uma senhora que dirige este abrigo no caminho para cá. Ela vai fazer algumas ligações, procurar um abrigo mais perto da cidade.

Ela estava notando que o convite não era para a minha casa, e para minha vida, eu não poderia dizer se ela gostou de ouvir isso ou não. Depois de uma pausa, ela me deu um pequeno aceno de cabeça antes de se abaixar e sussurrar algo para a garotinha que estava enrolada em suas pernas, sussurrando em seu ouvido.

A garotinha continuou olhando para mim antes de sua mãe se endireitar novamente e gentilmente cutucá-la nas costas.

— Vá em frente, querida. Leve seu irmão e sua irmã também.

Ela separou-se. Assim que os três saíram da sala, minha tia passou a mão pelos cabelos.

— Eles não sabem quem você é. Acho que é mais fácil para eles não saberem, a menos que nos instalemos e possamos partir daí.

— Quem eles pensam que eu sou então?

— Eles acham que conheço uma senhora em Nova Iorque que está ligada a toda a grande polícia que pode protegê-los. Isso é o que eu disse a eles. E eu preciso de um favor. Quero dizer, outro antes de partirmos.

Eu fiz uma careta porque, por algum motivo, meu estômago deu um mergulho ao ouvir isso.

— Qual é o favor?

— Eu deixei algo em casa. Não posso partir sem isso.

Eu me vi descansando minha mão mais uma vez na minha arma. Meus dedos lentamente envolveram em volta do cabo, mas sabendo que não era ela que estava me fazendo sentir assim.

— O que é isso?

— As certidões de nascimento dos meus filhos e

minha própria identidade. Eu tinha tudo embalado em uma bolsa, mas não esses itens. Eu estava muito preocupada que eles se perdessem se eu os deixasse de fora. Eles estão em um cofre que ele não conhece.

Encantador.

Verifiquei a hora, mas não conseguiria chamar reforços e não conhecia os policiais daqui. A cooperação interdepartamental às vezes não era tão fácil.

Eu também não tinha certeza se queria encontrar o agressor de minha tia ou se queria evitá-lo. Mas esses itens *eram* necessários. Caso ela deixasse esses itens para trás, mais chance o agressor teria de encontrá-los.

— Onde está o cofre?

CAPÍTULO 23

JESS

Isso foi além de uma má ideia. A pior ideia. O que quer que fosse além do pior.

Eu estacionei a um quarteirão de distância e estava manobrando pelos quintais dos vizinhos até a casa. O cofre dela estava no porão. Ela me deu a planta da casa, disse onde o idiota estaria dormindo, ou onde ela presumiu que ele estaria dormindo.

— Você deve conseguir entrar por uma janela lateral que dá para o porão. A tela é solta e, quando você sobe, há um banquinho embaixo para você. O cofre está na sala ao lado, mas ele não estará no porão. Ele não desce lá a menos que… — ela desviou o olhar, e eu tive uma visão de perto de um hematoma em sua bochecha.

Os abusadores normalmente não escolhiam uma sala específica só para os abusos, mas seguindo com o que ela não estava dizendo, eu estava supondo que algumas coisas realmente ruins aconteceram lá.

Peguei a chave que ela me deu.

— Ele vai estar dormindo?

— Ele deve estar. Tenho certeza de que ele ficou acordado a noite toda dirigindo por aí procurando por nós. — Ela indicou a chave na minha mão. — Isso é para o cofre. Você não vai precisar de uma chave para a casa. A janela está destrancada e ninguém jamais entraria naquela casa. Todos os nossos vizinhos sabem, você sabe. — Ela olhou para baixo desta vez.

Eu sabia. Eu estava tendo uma boa visão de toda a situação, e havia um lugar especial na minha barriga que queimava contra idiotas como o marido dela. Os vizinhos sabiam. Os policiais sabiam. Agora eu estava me perguntando o que minha mãe sabia também.

Quando me virei para sair, ela não soltou meu braço e disse:

— Não vou deixar você entrar naquela casa sozinha.

Eu fiz uma careta, segurando a chave.

— É por isso que você me deu isso.

Ela estava balançando a cabeça.

— Eu não conheço você, mas é minha sobrinha. Eu vou com você.

Seguiu-se toda uma discussão porquê de jeito nenhum eu levaria uma mulher abusada de volta para seu agressor.

— Eu tenho uma arma. Posso me proteger.

Sua cabeça apenas balançava de um lado para o outro, indo cada vez mais rápido.

— Eu sei como os policiais trabalham, e vocês não entram sem reforços, não se conseguirem ajuda. Eu… — Ela estava olhando ao redor, seus olhos selvagens, em pânico. — Vou ficar no carro. Que tal isso? Não vou entrar, mas nunca me perdoaria se algo acontecesse com você também.

Então um compromisso foi feito.

Minha tia veio, mas ficou no carro. Por isso que estacionei tão longe.

Eu estava correndo por um beco quando olhei para trás para ter certeza de que ela estava fazendo o que eu disse. Depois disso, corri um pouco mais leve, apressando-me para continuar.

A garagem e a porta dos fundos ficavam do lado oposto da casa, de onde me aproximei.

Nenhuma luz estava acesa.

Eu escutei, mas não ouvi nada, então, neste ponto, esperava que a informação dela estivesse correta.

Fui até a janela que ela identificou, tateei ao redor e descobri que a tela estava realmente solta. Eu a tirei, colocando-a suavemente na neve ao meu lado. Abri a janela como ela me disse. Quando estava aberta, havia espaço suficiente para uma pessoa de tamanho médio rastejar ali. Entrei horizontalmente, segurando-me no parapeito da

janela enquanto minhas pernas abaixavam, tateando em busca do banco.

Encontrei, testei, mas era resistente.

Ela estava certa, e também não queria saber quantas vezes ela precisou sair de casa dessa maneira.

A sala estava escura. Peguei minha lanterna, iluminando o chão enquanto me aproximava da porta.

Eu abri. Ainda escuro. Nenhum som, então fui até a parede que ela havia indicado.

Eu tateei ao redor, encontrando um entalhe em uma pequena fenda, e puxei para trás. Levantou-se facilmente e, voilà, não era um cofre por dentro, mas uma caixa com a tampa fechada. Coloquei a chave, destranquei e apontei minha lanterna para dentro da caixa.

Localizei as certidões de nascimento e a identidade dela, mas havia alguns desenhos que as crianças haviam feito. Eu os agarrei, então examinei o resto. Extratos bancários. Isso era interessante… eu não tinha certeza do que fazer, porque eram endereçadas a ele. Mas eu os peguei. Alguns outros documentos, uma carta, um pedaço de papel com um número rabiscado. Peguei tudo e o fundo estava cheio de dinheiro.

Eu peguei isso também.

Limpei a caixa, enfiando tudo na minha jaqueta. Eu tranquei, guardei a chave no bolso, guardei tudo e coloquei o pedaço de parede de volta no lugar.

Eu estava me virando, planejando ir embora, quando um grito horripilante ecoou pela casa.

Eu pulei e me virei, sacando minha arma.

Um arrepio desceu pela minha espinha. Isso não foi lá em cima, como ela me disse. Era do porão, e pelo meu palpite, alguns cômodos adiante.

Um segundo grito veio logo em seguida.

Um terceiro.

Eu estava me movendo antes de pensar, abrindo a porta e vendo um monte de quartos na minha frente.

Mais gritos.

Eu ouvia gritos agora, e não parei, por que se fosse ele? Se ele encontrasse minha tia de novo? Um de seus filhos? Ou se ele levasse outra pessoa para torturar em seu lugar?

Eu não iria responder minhas próprias perguntas, não até que eu soubesse, e então lidaria com o que quer que fosse fazer.

Estava vindo de uma sala dos fundos, do outro lado de uma porta muito pequena.

Os gritos começaram, e aquele som não era mais humano.

Eu queria derrubar aquela porta, entrar lá e começar a mostrar os dentes, mas me contive. Cada célula do meu corpo implorava para lutar, mas tinha que parar, tinha que pensar. Um segundo.

Começou de novo e parei de pensar.

Recuei e chutei a porta aberta, e então congelei no lugar porque o animal gritando não era um animal. Eu estava supondo que era o agressor da minha tia, mas enquanto ele estava amarrado a um poste, com líquidos escorrendo dele, foi outra pessoa na sala que eu reconheci.

Um cara grande estava de pé sobre o agressor da minha tia e havia duas outras pessoas na sala.

Aproximei-me de Ashton, meus olhos encontrando e travando em Tristian West, que estava parado no canto.

— O que *você* está fazendo aqui?

Os olhos de Tristian brilharam, duros, e ele veio para mim.

Dei um passo para trás, levantando meu braço, minha arma apontada para ele.

Ele parou, mas indicou atrás de mim.

Eu não me mexi. Não a princípio.

Deus. O que eles estavam fazendo com ele?

Mas então abaixei minha arma e Tristian estendeu a mão, tocando meu braço e me guiando de volta. Eu permiti,

ou meu corpo permitiu, porque meu corpo reconheceu o dele e estava tendo sua própria escolha. Eu estava vendo vermelho; meu corpo estava aquecido.

Ele me levou de volta para a sala onde estava o cofre.

Ele acendeu as luzes.

Ele não prestou atenção ao quarto. Seu olhar estava em mim, prendendo-me.

— O que você está fazendo aqui?

Minha boca caiu por uma fração de segundo antes de eu ficar chateada.

— Você está brincando comigo?! Aquele merda ali é casado com a minha tia. O que você está fazendo aqui? O que você está fazendo com ele?

Eles estavam torturando aquele pedaço de merda. E eu tinha entrado nisso.

Agora eu estava nesta sala e estava guardando minha arma? O que diabos eu estava fazendo?

Comecei a pegar meu telefone.

Eu precisava chamar alguém. Estava fora do meu alcance.

— Não. — Ele arrancou meu telefone de mim, colocando-o no bolso.

— Devolva.

Ele olhou.

— Não.

Eu rosnei antes de puxar minha arma de volta.

— Devolva agora.

Ele olhou para a arma, não lutando contra mim, mas ele não estava fazendo o que eu ordenei. Seus olhos se estreitaram e ele se inclinou para perto.

— Não.

Eu rosnei de novo, desta vez mais selvagem.

— Você está tão encrencado que não consegue compreender, agora me devolva meu telefone.

Ele continuou me estudando, antes de um sorriso lento aparecer e uma risada escapar. Ele recuou um passo.

— Eu acho que não. — Suas sobrancelhas se ergueram, zombando de mim. — Como você vai se explicar? Você não entrou pela porta dos fundos ou pela porta da frente. Eu saberia. Eu tenho um cara lá em cima. Você invadiu. Agora estou *me* perguntando por que *você* está aqui quando *meus* negócios com seu tio não são da *sua* conta.

— Ele não é meu tio. Ele é um pedaço de merda que abusou da minha tia.

— Hum. Você quer dizer a tia que não está aqui? — A voz dele estava me dando nos nervos porque ele estava me provocando totalmente, e eu não entendia o porquê.

— Devolva o meu telefone. — Aproximei-me, minha arma agora muito perto para o conforto de ambos, mas ele ignorou.

E então, ele desistiu de agir.

A diversão desapareceu e eu tive um vislumbre da raiva muito real e muito intensa sob a superfície.

Ele abaixou a cabeça, as narinas dilatadas.

— É por isso que eu não queria você perto de mim. É por isso que eu deveria tê-la esquecido no segundo em que descobri que você é uma policial.

Ele começou a se mover em minha direção. Seu peito tocou o cano da minha arma, e eu engoli uma maldição antes de tomar uma decisão. Eu não ia atirar nele. Ele sabia disso. Eu sabia.

Coloquei minha arma no coldre, e então ele estava no meu espaço, empurrando-me contra a parede. Ele estava respirando com dificuldade, olhando para mim e parecendo querer arrancar minha cabeça, literalmente. Mas seu tom saiu suave e ainda mais perigoso por causa disso. Um arrepio totalmente novo deslizou pela minha espinha.

— Durante três anos, seu tio tem sido um pé no saco para a minha família, recusando-se a trabalhar conosco. Você sabia disso?

Eu não respondi, muito envolvida com o que mais ele

iria me dizer, porque sabia que mais estava por vir. Eu senti, e não sabia se queria saber ou não. Eu sabia.

Sua mão deslizou para cima, tocando meu peito e movendo-se lentamente para minha garganta, depois para a parte de trás do meu pescoço, segurando-me ali. Ele segurou sua própria cabeça para trás, observando-me de sua altura máxima.

— Então eu conheci você. Fiquei *cativado* por você, e de alguma forma essa merda voltou para o meu tio, e adivinha para quem meu tio pensou que eu deveria avançar *agora*? Foda-se ele por ver uma oportunidade de capitalizar e foda-se *seu* tio por ser uma merda abusiva de doninha. Foda-se *todo mundo*, porque agora estamos em uma situação. Então, quando eu perguntar por que você está aqui, você vai me dizer, porque agora você também está nisso.

Um rosnado baixo estava crescendo em minha garganta, e levantei minhas mãos para empurrá-lo para longe.

Elas não o fizeram, no entanto. Elas descansaram em seu peito e, ao toque, ele respirou fundo, fechando os olhos por um momento. Quando eles abriram, a dor crua queimou brevemente.

— Você não vai chamar a polícia para mim, e você sabe disso. Tenho certeza de que há uma razão válida para você ter vindo aqui, mas a verdadeira razão pela qual você veio e a verdadeira razão pela qual você entrou naquela sala é porque você esperava fazer algo com seu tio, provavelmente o que estamos fazendo.

Eu desviei o olhar.

— Você o está torturando.

Senti a distância diminuindo, e então sua testa tocou o lado da minha cabeça, suavemente, antes de sussurrar:

— Estou matando-o lentamente, para você. Porque ele machucou alguém que compartilha seu sangue.

Uma onda de emoção passou por mim, e eu

realmente não queria identificar o que era. Eu me arranquei de seus braços e fui para o canto oposto.

Ele foi comigo.

— Pare — eu gritei.

— Você e eu, está aí desde o começo. Você já fez uma pesquisa sobre mim. Eu não sou idiota. Você sabe quem eu sou e sabe quem é minha família.

— Você é um cara de Wall Street.

— Eu mal estou lá ultimamente.

Deus. Isso tudo era tão sombrio. Por que eu senti que havia uma pequena abertura que eu podia ver, mas ela estava se fechando sobre mim – e estava se fechando rapidamente?

Baixei a voz.

— O que você está fazendo aqui? Sério?

Ele inclinou a cabeça para trás, dando outro olhar avaliador.

Eu encontrei seu olhar, firmemente.

— Eu preciso saber.

Suas sobrancelhas baixaram novamente, e ele recuou um passo, abaixando a cabeça.

— Estamos aqui criando uma vaga de emprego.

Uma maldição baixa e rápida saiu de mim.

— Eu compartilhei. Agora é sua vez.

Eu o fuzilei com um olhar, afastando-me dele.

— Isso não é da sua conta. — Eu dei um passo em direção à sala para a janela quando ele se moveu tão rápido, sua mão agarrando a minha. — O que são…

Ele estava me puxando para ele, um olhar totalmente diferente e intenso enchendo seus olhos, quando de repente – *bang!*

Nós dois saímos correndo.

Eu puxei minha arma.

Das escadas, outra debandada desceu os degraus. Eram Ashton e o outro guarda; eles deviam ter subido.

Tristian amaldiçoou, chegando primeiro à sala.

A porta estava aberta. Entrei e Tristian correu para o meu lado. Ele tinha um braço na minha frente como se fosse para me proteger. Eu praguejei, guardando minha arma imediatamente, e comecei a avançar.

Tristian me pegou, segurando.

— Pare…

Ashton se moveu, então parou, xingando.

Eu me soltei do aperto de Tristian e me movi para o lado.

Tia Sarah olhou para mim, deixando cair uma arma, e ela deu um passo instável em minha direção. A fumaça ainda estava saindo do cano.

— Você não voltou. Eu estava preocupada, e então… — Ela olhou para o marido, cuja cabeça estava pendurada. Mais sangue escorrendo dele, mas neste ponto, ele era apenas uma bagunça sangrenta. — Eu sabia onde ele guardava a arma.

Jesus. Ela atirou nele.

Um armário estava aberto atrás dela, e uma seção da parede estava aberta.

— Tire ela daqui. — Tristian apontou para ela, e seu guarda se aproximou. Ele se abaixou e levantou minha tia completamente de seus pés. Ele a carregou para fora da sala. Ela não estava lutando, um olhar arregalado em seu rosto.

Comecei a ir atrás deles, mas Tristian pegou minha mão novamente, segurando-me no lugar.

— Ela está em choque.

Eu me soltei.

— Eu tenho que ir com ela.

Eu segui o guarda. Havia outro cara grande lá. Ele não pareceu surpreso em me ver, mas suas sobrancelhas se contraíram ao ver minha tia nos braços de seu colega.

— Vamos matar as duas?

O que segurava minha tia abafou uma risada.

— Duvido. O chefe quer entrar nas saias daquela.

O Guarda Dois virou seu olhar para mim, dando uma olhada antes de assobiar.

— Ele tem um gosto mórbido. Ela é policial. — Ele acenou com a cabeça para minha tia. — O que estamos fazendo com ela?

— Eu tenho um carro no quarteirão. Vou levá-la. — Peguei minhas chaves, que foram pegas com a mesma facilidade com que ele pegou meu telefone. Tristian se moveu ao meu redor, mais uma vez segurando minha mão na dele enquanto jogava as chaves para o primeiro guarda. — Lide com o corpo e depois dirija o carro dela de volta para a cidade.

O cara assentiu e se foi em um instante.

— Pare! Quantas malditas vezes eu tenho que dizer isso antes de você ouvir?!

Ele me ignorou, novamente, e me puxou para ele, movendo-me na frente de seu peito. Ele falou por cima da minha cabeça.

— Leve a tia dela de volta para a cidade…

— Não — eu gritei, de novo. — Ela tem filhos. — Passei por cima da minha tia, mas ela não estava aqui. O choque total tinha se instalado.

Todos os homens pararam na sala.

— Onde estão os filhos dela?

Eu olhei para cima, certificando-me de que ele via a determinação em mim.

— Eu não vou contar, e você não pode passar por cima de mim por isso. Tenho que ir sozinha buscar aquelas crianças e se eu não aparecer com minha tia, elas vão saber que aconteceu alguma coisa.

Tristian estava avaliando se eu estava dizendo a verdade.

— Vou levá-la sozinha. Não vou deixar essas crianças entrarem no veículo e verem outro homem estranho lá dentro. Elas já estão com medo. Eles estão deixando o pai. É por isso que estou aqui. Eu vim pegar um de seus

brinquedos antes de voltarmos para a cidade.

A mandíbula de Tristian apertou. Seus olhos estavam em chamas.

— Você ia entrar sozinha? Pensando que ele estava aqui?

— Você já adivinhou o motivo.

Seus olhos brilharam mais uma vez antes de ele exalar alto.

— Deixe-a pegá-los, mas ela pode voltar em um de nossos veículos. Temos as chaves do carro dela. Também temos a arma que a tia dela usou para matá-lo. Ela não vai delatar — disse Ashton.

Era com isso que ele estava preocupado?

Era. Eu vi a especulação nos olhos de Tristian.

Ele não desviou o olhar de mim, mas inclinou a cabeça em direção a Ashton.

— Ela não é particularmente próxima de sua tia. Meu detetive foi minucioso.

Eu não estava entregando nada. Eu não podia. Isso era algum tipo de impasse agora.

— Eles são da família. Ela veio para cá depois do trabalho. Pense nisso, irmão — disse Ashton.

Ele continuou a perfurar minha cabeça antes de suspirar.

— Muito bem. — Ele acenou com a cabeça para o guarda restante, que estava segurando minha tia. — Ajude-a a situar-se e depois dê a ela as chaves do seu SUV.

— Eles não vão me questionar quando eu parar com um SUV em vez do meu carro?

— Duvido que eles saibam em que veículo você dirigiu até aqui, mas Jess…

Ashton deu a nós dois um último olhar demorado antes de descer para o porão.

Tristian se aproximou de mim. Eu podia sentir o calor de seu corpo.

— Mantenha seu telefone ligado. Ligarei com

instruções. Desbloqueie-me. — Ele me entregou meu telefone, e eu o peguei, dando-lhe um último olhar antes de sair de casa, desta vez passando pela porta dos fundos.

Não. Eu *não* ia passar sobre a pilha de merda que eu tinha acabado de pisar.

Minha tia. Tristian.

Nada disso. Esta era uma situação em que eu não queria pensar. Se o fizesse, provavelmente não iria gostar do que passava pela minha cabeça.

CAPÍTULO 24

TRACE

Observamos de longe enquanto Jess estacionava e entrava para pegar as crianças. Foi um minuto de espera até que a porta se abriu e uma garotinha correu para o SUV. A porta da frente foi aberta. A tia de Jess saiu e alcançou sua filha, e as duas foram para o banco de trás.

Ashton riu ao meu lado.

— Parece que Jess é motorista agora.

Trinta segundos depois, mais duas crianças saíram, cada uma segurando uma sacola desajeitadamente, meio arrastando no chão. Um menino estava com um braço dentro da jaqueta e lutava para passar o braço pela outra manga. Observei Jess detê-lo, ajoelhar-se e, lenta e pacientemente, ajudá-lo a passar o outro braço pela manga. Uma vez que a jaqueta estava no lugar, ela fechou o zíper e pegou a bolsa que ele estava tentando carregar. Ele não agradeceu, mas olhou para cima brevemente antes de correr e entrar pela porta traseira do SUV. A última garota tinha cabelo ruivo e já estava com a jaqueta fechada, carregando duas malas.

Jess olhou para trás, verificando-a. A garotinha parou. Jess estendeu a mão para ela, dizendo algo, mas a cabeça da garotinha abaixou antes que ela balançasse de um lado para o outro. Jess olhou para ela por um segundo; então a garota disparou ao redor dela, também subindo no banco de trás.

— Não existem leis sobre assentos infantis?

Eu dei uma olhada para Ashton.

— Essa é a sua preocupação esta hora?

Ele deu de ombros, meio sorrindo.

— Não quero que ela seja parada.

— Tenho a sensação de que Jess vai lidar com isso se necessário.

— Policiais são uns idiotas.

— Diz o cara que tem quantos na folha de pagamento de sua família?

— É por isso que posso dizer. *Eu sei*.

— Jess é uma oficial de condicional.

— Há uma distinção aí, se você quiser começar a considerar tê-la.

Eu estreitei meus olhos.

— O que você está falando?

Ele continuou a observar como Jess agora tinha as luzes de ré acesas e estava saindo da vaga para a rua.

— Eu sei para onde isso está indo. Você sabe para onde está indo. Ela também. Pode ser mais fácil se você parar de pensar nela como uma policial.

Meu estômago revirou.

— Eu faço e é aí que alguém vai se queimar.

— Você já a pegou. Sua tia assassinou seu agressor. Demetri está encobrindo isso agora. Nós temos a arma. Sabemos onde estará o corpo. Relaxe sobre ela. Ela teria dado o alarme ali mesmo, se quisesse.

Eu pensei um pouco sobre seus comentários.

— E se ela não seguir as regras, ainda temos a carta do irmão para sacar.

Isso foi o suficiente.

— Pare de falar.

Ele bufou, mas obedeceu.

Começamos a seguir Jess e liguei para ela.

Uma parte de mim não queria que ela respondesse. Uma parte de mim queria que ela fosse direto para a delegacia mais próxima e tudo seria tratado de lá, mas eu sabia que ela não iria porque era tarde demais. Se ela fizesse isso, eles iriam para casa. Nosso trabalho de encobrimento não estaria completo e minha família estaria envolvida. Eu sabia o que meu tio faria. Mas, e isso era um grande *mas*, tudo poderia ser parado. Seria confuso, mas factível, e de alguma forma eu tentaria garantir que Jess saísse viva. Sua tia não. Eu não sabia quem mais Stephano

mataria, mas não Jess. Se isso acontecesse, Jess ainda teria sua alma. Ela ainda poderia fazer seu trabalho e não ser comprometida, mas não haveria nós.

Talvez não devesse haver um nós.

Se eu tivesse algo de bom em mim, eu me afastaria dela. Eu ligaria para ela agora, diria a ela para dirigir até a delegacia, e cuidaríamos disso de lá.

Eu não fiz isso, porque ela estava muito profunda em mim. E eu era egoísta.

Já era tarde demais para mim. Então, por que diabos eu estava pensando sobre isso?

Quando ela entrou na estrada principal, peguei meu telefone e disquei.

Ela atendeu.

— Sim?

— Saia dessa estrada.

Fiquei um pouco surpreso quando ela ligou o pisca-pisca direito, diminuindo a velocidade. Ela obedeceu a tudo o que eu disse, virando para uma estrada menor.

Havia casas ao nosso redor. Acrescentei:

— Continue.

— Até onde?

— Apenas continue.

Assim que saímos da cidade, passamos por casas e a estrada parecia deserta, eu disse a ela para encostar.

Nós dois fizemos.

Ashton estava fora do carro em um piscar de olhos. Ele foi até o lado dela, abriu a porta e fez sinal para que ela saísse. Ela saiu. Ele acenou com a cabeça para o meu veículo e, lentamente, relutantemente, ela veio em direção ao meu SUV. Saí e dei a volta pela frente, dando a ela um aceno para que ela se sentasse no banco do passageiro. Ela o fez, dando um olhar demorado ao outro SUV enquanto me sentava atrás do volante.

— Entre. Essas crianças também não conhecem você. Eles seguirão as dicas de sua tia, e ela não é burra e fará o

que lhe for dito.

Ela olhou para mim, seus olhos brilhando antes de sua boca achatar em uma linha dura, e ela entrou no SUV. Ela fechou a porta, puxando-a com mais força do que o necessário.

Meu telefone tocou.

D: Tudo bem. Voltando agora.

Eu: Dirija o carro dela até o lava a jato e devolva-o à casa dela.

D: Farei.

— E agora? — Ela estava me observando enviar mensagens de texto.

O SUV de Ashton já tinha ido embora.

Mandei uma mensagem para Ashton.

Eu: Leve-os para a casa segura da família.

Ashton: Ela está dizendo que eles tinham um abrigo preparado para eles.

Eu: Não me importo.

Ashton: Ok, amigo. Talvez queira desligar o telefone. Tio Steph vai querer saber onde está o tio.

Eu: Entrarei em contato ainda hoje.

Ele sabia o que isso significava e, depois disso, desliguei o telefone e saí.

Assim que chegássemos à cidade, Jess e eu teríamos uma conversa bem mais profunda.

Coloquei o carro em marcha e parti.

— Você pode dormir enquanto eu levo a gente de volta.

— E a minha tia?

— Conversaremos quando chegarmos lá.

— Tristian…

— Trace.

— O quê?

— Eu odeio o nome Tristian. Chame-me de Trace.

Ela não respondeu. Eu só a ouvi soltar um leve suspiro, mas alguns minutos depois ela estava dormindo. Ela devia estar precisando.

CAPÍTULO 25

JESS

Trace me levou a um arranha-céu no centro da cidade. Acordei quando entramos em um estacionamento. Quando ele saiu do SUV, esperei. Eu não conseguia me mover, ainda não. Os eventos da noite continuavam se repetindo na minha cabeça. Uma e outra vez.

O que minha tia fez, o que era compreensível.

Não era compreensível que eu ajudasse a encobrir. Eu não a denunciei, e isso foi por minha conta. Eu era uma cúmplice agora.

Toda a minha vida mudaria desse dia em diante. Eu sabia. Eu sentia. Estava na boca do meu estômago, mas conforme meu corpo se enchia de chumbo, havia uma sensação diferente em mim, e eu não conseguia identificá-la. Eu não queria identificá-la. Foi contra todos os valores morais arraigados dentro de mim, porque me tornei uma oficial de condicional.

Eu estava tão fodida que não conseguia compreender, e sabia que começaria a perder o foco.

Os dias se misturariam. As linhas estavam borradas agora e continuariam a ficar assim. Tudo isso continuaria acontecendo, cada passo que dei depois que saí daquela casa, até o dia em que não me reconheceria mais, mas ainda assim.

Levantei minha cabeça e vi Trace me observando de fora do SUV. Ele parou, mas não disse nada. Ele estava apenas esperando por mim, e havia um olhar de compreensão ali, como se ele soubesse exatamente o que estava acontecendo dentro de mim.

Uma parte de mim gostou disso. Uma parte de mim odiava isso.

Eu odiava isso, mas precisava disso. Tudo ao mesmo tempo, e isso não me fez odiá-lo, mas com certeza me fez me desprezar.

A parte difícil de viver em um mundo onde ou estava certo ou errado era que você se esquecia de que ser humano significava que você nunca estava apenas de um lado dessa equação. O que você fazia em seguida? Aparentemente, o que eu fiz. Você escolhia e tentava sobreviver à sua escolha.

Com as mãos quase dormentes, o corpo dormente, soltei o cinto de segurança e saí.

Trace se virou e eu o segui.

Ele me levou a um elevador.

Quando chegou e entramos, uma voz veio pelo interfone.

— Bom dia, Sr. West. Há algo que você gostaria?

Trace me estudou antes de apertar um botão.

— Não, obrigado.

— Tenha um bom resto de dia, Sr. West.

— Você também, Gervin.

Não demorou muito para chegarmos. Eu não esperava mais *nada*, então não fiquei surpresa quando os elevadores abriram em seu apartamento. Cobria seu próprio andar, com paredes de vidro do chão ao teto que percorriam todo o apartamento. Ele tinha uma ilha com declive em cascata. Uma lareira a gás que já estava funcionando para ele. Seu lugar parecia uma galeria de arte industrial. Era chique, caro e viril, tudo ao mesmo tempo.

— Você dormiu o caminho todo de volta, mas gostaria de um café? Ou você gostaria de dormir mais?

Eu o ignorei, passando pela sala e indo até a parede. Eu poderia facilmente imaginar que era capaz de ver Manhattan inteira, estávamos tão alto. A água era visível em ambos os lados de sua casa, mas olhei diretamente para baixo. A rua estava muito abaixo de nós.

Eu levantei minhas mãos, dedos abertos, e toquei minhas palmas no vidro.

Se eu empurrasse com força suficiente, ele

quebraria? Eu cairia?

Uma pergunta melhor, era isso que eu queria?

Minha tia matou um homem.

— Seus homens, sob suas ordens, esconderam um cadáver hoje. Eles fizeram isso rápido e fácil, e é óbvio que eles já fizeram isso antes. Você ajuda nos negócios da sua família. Estou errada?

Eu não a tinha prendido. Eu não tinha ligado.

Eu olhei, vendo sua mandíbula cerrada.

— Às vezes, sim — ele cortou.

— Atividades ilegais? Essa forma de ajudar?

Outro aperto de mandíbula.

— Nem sempre.

Certo.

— Fazendo o que eu faço, a vida é certa ou errada. Ou você está errado, ou você está certo. Não há meio termo. — Eu respirei. — Dito isso, *não quero saber* o que você faz por sua família. *Não posso saber.* Você me entende?

Seus olhos estavam em chamas para mim.

— Você acabou de perguntar.

Eu perguntei.

Eu não me importava. Merda estava girando na minha cabeça. A desgraça iminente e a vergonha estavam logo atrás disso, passando por mim, preenchendo-me, e eu desejei por um segundo, apenas um segundo, que eu quebrasse aquele vidro.

Apenas por um segundo.

— Meu pai está morto. — Eu não estava contando a ele nada que ele não soubesse. — Meu irmão foi condenado por matá-lo. Minha mãe é uma bêbada e, por causa da doença, queimou todas as relações com a família. Essa tia é a primeira parente que conheço em vinte anos. Tive alguns relacionamentos durante minha vida – a maioria era apenas sexual. Tenho vinte e nove anos e, durante toda essa merda séria, adorava ser uma oficial de condicional. O que é

surpreendente, porque é quase uma piada agora. Novas declarações de missão, novo foco, portanto, mesmo que um preso viole a condicional, ele recebe um novo recurso como recompensa. Alguns se reabilitam. A maioria não, mas eles estão lá fora, e você só pode esperar que eles não machuquem alguém antes de violar o suficiente para voltar. Mesmo com toda aquela frustração, eu ainda amava meu trabalho. Eu amava a comunidade, meus colegas de trabalho, mas hoje tudo isso poderia ser tirado de mim. A integridade que eu tinha foi tirada. — Ele não se moveu um centímetro desde que comecei a falar. — Eu não culpo você, mas não sou uma idiota. Vocês estavam lá por uma razão. Sei que o agressor da minha tia trabalhava em uma grande instalação de transporte. Mas não quero saber por que você estava lá e não preciso saber o motivo. Não há meio-dentro e meio-fora. Você não é meio criminoso. Você é um criminoso e hoje eu me tornei uma também.

Seus olhos ficaram ferozes, faiscando pela emoção. Ele começou por mim.

— Não vou falar da minha família. A linha é muito clara de que você não vai ouvir nada, nem gostaria de incluir você em nada. Em vez disso, vou lhe dar uma escolha. É algo que você pode oferecer à sua tia. Nós vamos ajudá-la a desaparecer. Ela e as crianças. Vamos instalá-los em uma nova vida, com dinheiro, bens. Nós vamos conseguir um emprego para ela. Vamos garantir que a família dela esteja se recuperando e começando a prosperar antes de afastarmos nossos homens de vigiá-la. Eu estou oferecendo isso a você, por eles, mas também por você.

— Por quê? — indaguei, minha garganta tão seca que poderia ter rachaduras por dentro.

— Porque você não é a única amaldiçoada aqui. — Ele deu mais um passo em minha direção. — E apesar de seu escárnio, eu *ainda* quero foder você. E por causa disso, porque não consigo tirar você da minha cabeça, *em vez*

disso, estou tentando fazer algo certo para você.

— O que você espera em troca?

— Nada. — Ele ergueu as duas mãos, palmas na minha direção. — Jesus.

— Seu desaparecimento será registrado.

— Já está resolvido. Não vou contar os detalhes, mas temos muitas pessoas em nossa folha de pagamento.

— Eles vão procurá-la.

— Não. — Seu tom era tão seguro. — Eles realmente *não vão*. Presume-se que ela desapareceu com razão. Ninguém vai procurá-la, a menos que seja você.

Um nó estava na minha garganta, inchando.

— É tão fácil para você fazer vidas inteiras desaparecerem? Bem desse jeito?

— Não é. É preciso dinheiro, inteligência e planejamento. Muito planejamento. Muito dinheiro. Sua tia é outra história triste, mas desta vez ela vai desaparecer por vontade própria, não pelas mãos dele. Não dessa vez. Isso é tudo.

Seu telefone tocou e ele leu a mensagem.

— Ela já está decidida. Eles vão embora esta noite.

Eu suguei minha respiração, balançando para trás por quanto poder havia naquela última declaração.

Uma família inteira, dizimada por suas mãos.

Comecei a balançar a cabeça, um pânico doentio começando a me preencher.

— O que você está fazendo aqui?

Seus olhos baixaram, ferozes.

— Você sabe o que estamos fazendo aqui.

Sexo.

Meu corpo esquentou instantaneamente, mas não. Eu empurrei isso para baixo.

— Não — eu cortei, empurrando *tudo* para baixo. Eu estava me movendo, contornando-o. — Estou indo embora. Essa conversa acabou.

— Jess.

Ele estava indo para o meu braço. Eu sabia e antecipei-o, e uma parte de mim queria deixá-lo me tocar. Queria deixá-lo me puxar, porque ele podia. O poder que ele tinha sobre mim estava fervendo todo o meu sangue de medo.

Mas eu não podia. Então, por causa disso, saí do caminho dele.

— Depois disso, terminamos. Você me ouviu?

Fui até o elevador e apertei o botão. Quando abriu, entrei. Olhando para frente, sem vê-lo, não mais, apertei o botão do saguão principal.

Eu encontraria meu próprio caminho para casa.

CAPÍTULO 26

TRACE

Uma semana depois, e eu a estava observando.

Eu estava *sempre* olhando para ela, mas de longe.

Ainda assim, assistia. Eu podia fazer isso.

E enquanto ela trabalhava e eu estava em meu camarote particular, uma conversa voltou para me assombrar.

— Houve danos colaterais?

Stephano queria saber mais. Ele não ficou satisfeito com o relato inicial do que havia acontecido com a tia de Jess e seu agressor.

Eu me preparei, fortalecendo-me, e levantei meu queixo.

— O que você precisa saber, tio?

Seus olhos piscaram apenas uma vez antes de seu próprio rosto endurecer.

— Você matou o tio?

Eu não respondi isso.

— Meus homens enterraram seu corpo. Ele está morto.

Sua mandíbula apertou. Ele sabia que eu estava jogando jogos de palavras, algo que tenho feito cada vez mais ultimamente. A raiva queimou em seu olhar antes que ele a sufocasse.

— A tia?

— Eles foram embora. Ashton fez suas ligações. Ela se registrou no abrigo local para mulheres mais cedo naquele dia. Achamos que ela o deixou.

— Onde ela está agora?

— Desaparecida. Provavelmente se escondendo dele. — Eu o estudei. Ele ainda não estava feliz. Eu precisava dar a ele um pouco mais. — Ela nunca saberá que não precisa se esconder. Ele está morto. Ele não ajudaria de qualquer maneira. Ele era um abusador, e isso o tornaria uma

responsabilidade. Ele poderia ter oferecido provas contra nós se tivesse sido preso por agressão doméstica. Você conhece o tipo. Temos alguém em seu lugar que podemos controlar. É uma vitória para todos.

Foi o suficiente. Eu vi algumas das suspeitas se dissiparem dele, e ele assentiu.

Comecei a relaxar.

Até que ele falou novamente.

— Nós temos um problema. A família querendo entrar está piorando e minha saúde continua a deteriorar-se. Preciso que você comande os negócios da família.

Cerrei os dentes.

— Quando?

Houve silêncio. Ele voltou a me estudar.

— Quero que você esteja comandando tudo dentro de três meses.

Três meses. Três meses antes que tudo mudasse.

Não era tempo suficiente.

CAPÍTULO 27

JESS

Eu estava observando meu irmão caminhar em minha direção do outro lado desta janela de acrílico. Ele emagreceu, mas ganhou músculos, e seu cabelo havia sumido. Ele raspou tudo. Procurei tatuagens, mas não vi nenhuma, e aquela bola na minha barriga desenrolou um pouquinho. Ainda assim. Eu vi nossa prima, aquela que ele nunca conheceria, e duvidei que ele jamais saberia que ela se parecia com ele com o mesmo rosto redondo, bochechas macias e olhos talvez um pouco próximos demais.

Eles até tinham as mesmas sardas.

Isaac sempre foi um pouco rude. Ele andava com uma arrogância ampla, a cabeça baixa e os ombros para fora. Se alguém não o conhecesse, eles poderiam tê-lo estereotipado como um valentão à primeira vista, ou um bandido, mas então o próximo evento sempre acontecia.

Ele sorria. E quando o fazia, todos os outros sorriam também. Ele tinha esse efeito, e era tão o oposto de um bandido que me fazia chorar quando pensava em como ele acabou aqui.

Eu o amava tanto que minha garganta estava inchando, assim como aconteceu no caminho até aqui e no caminho para casa.

Ele me deu um sorriso, sentando-se e apertando o botão do interfone.

— Ei! Você parece bem. Vejo que você tem seu pedido de visita.

Pedido de visita.

Eu balancei a cabeça, ao mesmo tempo absorvendo tudo porque, hoje em dia, eu precisava de qualquer momento de felicidade que tivesse.

— Olá, você. Você está bonito.

Ele riu, e seu sorriso se alargou.

— Você deve ter tirado o dia de folga? Leo deu uma

bronca em você?

Eu apenas sorri, decidindo não contar a ele como Leo era quase uma presença permanente em nossa casa porque nossa mãe bebia todos os dias, ou como ela nunca perguntava sobre nossa tia, embora Leo tenha dito a ela uma das vezes que ela estava sóbria que eu tinha ido ajudar. Leo ligou no dia seguinte, perguntou como foi. Contei a ele o máximo de verdade que pude, que ela entrou em um ônibus e não me disse onde iria parar.

Ele percebeu. Ele nunca perguntou de novo, e era outra coisa sobre a qual Trace estava certo: quão pouco eles procurariam por minha tia.

Deus. Trace. Fazia um mês desde que eu o vi.

Ignorei a emoção que me enchia só de lembrar dele. Eu não queria nomear essa emoção.

— Diga-me. O que há de novo com você? Ainda trabalhando? Ainda trabalhando naquele clube? Kelly ainda solteira e gostosa pra caralho?

Eu o informei sobre Kelly. Ela era uma conversa mais leve de se ter.

— Ainda trabalhando. Ainda no clube.

Ele fez uma careta.

— Eu conheço alguém aqui que conhece Anthony. Ele diz que o proprietário tem laços com…

— Eu sei.

Ele franziu a testa, suas sobrancelhas caindo.

— Você sabe?

Eu balancei a cabeça, mas lentamente, porque isso estava abrindo a caixa de Pandora.

— Eu sei.

— Por que você ainda está trabalhando lá?

— Por quê. — Porque eu gostava de Anthony. Porque eu trabalhava lá há muito tempo. Porquê… porque se eu fosse embora, não teria contato com Trace, mesmo que ele tivesse seguido meu aviso. Eu nunca o vi, mas juro, juro que ele estava lá e que estava me observando. Eu

simplesmente nunca perguntei e nunca olhei. Era uma obsessão doentia neste momento. — Você sabe como é. Trabalhe em algum lugar por tanto tempo que se torna muito familiar para sair. Eu conheço os funcionários. Eu gosto do meu supervisor, na maior parte do tempo.

Isaac grunhiu.

— Aquele cara de quem eu estava falando? Aquele que conhece Anthony, ele diz que sabe sujeira sobre seu supervisor. Ele não é o cara legal que você pensa que é.

Eu dei a ele um olhar.

— Anthony? Um cara legal? — Eu levantei uma sobrancelha.

Ele riu, recostando-se. Seus ombros abaixaram e ele rolou para a frente novamente, a cabeça balançando para cima e para baixo.

— Sim. Sim. Eu sei. Você o conhece. Eu não contei a esse cara sobre você, no entanto. Não quero que isso se espalhe…

Acionei o interfone.

— Ei.

Ele parou, olhando para cima.

— Eu sei. — Todo mundo tinha parentes, mas às vezes um cara só precisava procurar algo para atingir outro cara, e descobrir que sua irmã trabalhava no outro time poderia torná-lo um alvo fácil.

— Está bem.

Ele voltou a balançar para cima e para baixo novamente, um movimento de aceno constante, antes de apoiar um cotovelo na mesa e passar a mão sobre a cabeça.

— Há coisas acontecendo aqui, e tem a ver com, você sabe, a família do seu outro chefe. Patrão do Anthony. Eles colocaram uma ordem de proteção contra mim.

— Eles fizeram o quê?

Ele parou, seus olhos se arregalando com o meu tom.

— Pensei que você soubesse. Saiu um dia depois que descobri quem eram seus verdadeiros chefes no clube. Eu

pensei… eu estava errado?

Meu estômago estava embrulhado em um nó novamente, um grande filho da puta. A verdade é que eu não fazia ideia.

Mentiroso, mentiroso. Sua calça vai pegar fogo.

Amaldiçoei minha própria voz interior me chamando.

Você também sabe. Ele disse que ajudaria sua tia. Ele está ajudando seu irmão também.

— Você está bem, Jess?

Percebi que estava sentada aqui, quieta, olhando para meu irmão enquanto estava discutindo em minha própria cabeça, contra mim mesma.

— Sim. Desculpe. Estou bem. Não sei por que fizeram isso.

Ele olhou por cima do ombro, verificando os internos e seus visitantes próximos a nós. Ninguém estava prestando atenção e ele se inclinou para mais perto do vidro acrílico.

— Você acha que é sobre o papai? Por que ele estava envolvido com eles?

Meu estômago revirou, não querendo ouvir sobre aqueles dias. Eu balancei minha cabeça.

— Não. Isso foi há muito tempo.

— Mas…

— Se fosse esse o caso, você estaria protegido desde o primeiro dia aqui. Você não estava, certo?

Ele balançou sua cabeça.

— Não, apenas aquele guarda que cuida de mim por sua causa.

Eu balancei minha cabeça em outro aceno rápido, porque isso não precisava ser falado em voz alta também. Era um agente de segurança penitenciário – ou ASP, como nos referíamos a eles. Eu o conhecia por ter feito o mesmo treinamento de oficial de condicional. Ele não tinha passado, e eu sim. Nós nos aproximamos de qualquer maneira, porque éramos do mesmo bairro. Liguei para ele

quando meu irmão acabou nesta prisão, e ele perguntou se eu poderia ficar de olho em sua família. Era uma situação fácil do tipo: Eu coço suas costas se você coçar as minhas. A esposa dele era um amor, e a única vez que tive que cuidar deles foi quando o filho deles teve problemas na escola. Eu dei a ele uma espécie de cenário de 'medo direto', um que não quebrava nenhuma regra. Ele conheceu algumas pessoas em liberdade condicional que nunca violaram e mantiveram boas relações conosco, mas o filho deles não sabia disso quando os conheceu.

— Conte-me. Como estão as coisas com você?

— Eu não quero fazer isso. Você me conta sobre a mãe e sobre Kelly. Ela ainda pergunta sobre mim?

Eu ri, mas contei a ele. Deixei de fora a parte sobre Justin e a parte em que mamãe era ela mesma.

Quando chegou a minha hora de sair, ele me parou.

— Ei.

— Sim? — Meu estômago aguçou novamente, porque aquele tom era sério.

— Pare de trabalhar naquele clube. Eles estão me protegendo por uma razão, e eu não sei. Isso me dá um mau pressentimento.

Meu irmão mais novo, quatro anos mais novo que eu, estava preocupado comigo. Estendi a mão, incapaz de dizer a ele o que ele queria, e coloquei minha mão contra o vidro acrílico.

Ele hesitou, mas espelhou a minha com a dele, e dei-lhe um sorriso.

— Eu amo você.

Ele abaixou a cabeça em um movimento brusco.

— Também amo você.



Eu não conseguia parar de ouvir suas palavras

durante todo o caminho de volta para a cidade, e aquele mau pressentimento que ele tinha – entendi também.

Só crescia quanto mais perto eu chegava, mas era quinta-feira. Eu tinha tirado o dia de folga do trabalho e não tinha turno no Katya até amanhã.

Em vez de ir para casa e ficar com Justin e Kelly, fui em direção a um lugar que não visitava há muito tempo. Muito tempo.

Fui para um ateliê de arte que eu usava, porque uma vez, antes de meu pai morrer, minha mãe começar a beber, meu irmão ser preso, eu queria ser estudante de arte. A proprietária era minha professora de arte no ensino médio e ela me deu uma chave anos atrás, dizendo que eu poderia parar e usar seus produtos a qualquer momento. Quase nunca aceitava a oferta dela e, nas poucas vezes que o fazia, reembolsava-a pelos produtos.

Isso foi há uma vida inteira, mas eu estava sentindo a coceira esta noite.

CAPÍTULO 28

TRACE

Eu estava mantendo o controle sobre ela, mas este lugar era novo. Ela se desviou.

Ashton foi quem me deixou saber onde ela estava, e isso não estava no relatório do nosso detetive, então queria descobrir por mim mesmo que lugar era esse – ou de quem era *esse* lugar.

Sentado em meu carro, estacionado na rua, eu não podia acreditar no que estava vendo.

Ela estava pintando. Era um estúdio de arte e foi montado de forma que, se um artista estivesse em processo, as janelas permitiam que as pessoas na rua pudessem assistir. Estava recuado e fora da calçada, então não era totalmente visível para qualquer pessoa que passasse. Mas se você viesse especificamente para o estúdio em si, ou se fosse alguém como eu, poderia se sentar e assistir à vontade.

Sua cabeça estava baixa. Ela tinha tinta cobrindo as mãos, os braços, os ombros. Quando ela se virou uma vez, vi mais em seu rosto. Ela não olhou para fora. Eu não acho que ela estava ciente de que estava em exibição, mas eu estava supondo que havia música, porque sua cabeça balançava de um lado para o outro. Ela mergulhou a mão na tinta e virou-se para a tela, indo para ela.

Ela pintava com as mãos. Sem pincéis. Sem lápis. Sem carvão. Apenas as mãos dela, e a tela estava colocada de lado para que eu não pudesse ver a pintura em si, mas era mais alta que ela. Ela ficou na ponta dos pés mais de uma vez para alcançar as partes mais altas dela, e foi colocada no chão, então ela se abaixou também. Ela desapareceu de vista por esses momentos. Um armário ou mesa bloqueava minha visão.

Queria ver a pintura, sai do carro e me aproximei do prédio.

Eu me movi para o lado, apoiei um ombro contra a parede e me virei para que pudesse vê-la. Eu ainda não conseguia ver o que ela estava criando, mas podia vê-la.

Ela era hipnotizante, movendo-se em um ritmo onde era óbvio que ela estava em algum tipo de transe.

Fiquei aqui mesmo quando o frio penetrou em minha jaqueta e em meus ossos, de maneira profunda, mas ainda permaneci. Podia ter sido horas. Eu não sabia até que de repente, as luzes se apagaram e eu me endireitei, tremendo de tanto frio que estava. Eu caminhei para o meu carro.

— A última vez que vi você, disse para me deixar em paz.

Eu me virei lentamente, pensando em como seu tom combinava com o clima. Frio pra caralho.

Ela estava do lado de fora de uma porta dos fundos, no beco para o qual eu estava de costas. Um de seus pés mantinha a porta aberta. Ela estava olhando para mim.

— Você disse que tínhamos terminado.

— Qual é a diferença? — Suas narinas dilataram, porque ela sabia que havia uma diferença. — Eu disse a você outra vez para me deixar em paz também.

Eu me movi para ela, indo devagar.

— Você disse que eu deveria deixar você em paz.

Deveria.

Eu continuei. Ela não estava fechando a porta.

Deveria tinha uma conotação totalmente diferente, porque ela estava certa. Eu deveria tê-la deixado sozinha, mas não deixei, e vi o desejo em seus olhos. Estava ali. Ela escondeu rápido, mas eu ainda vi.

Eu me movi, sabendo o quão idiota eu estava sendo, mas neste ponto, a menos que ela fechasse a porta na minha cara, eu precisava tocá-la novamente.

Seus olhos se arregalaram, vendo que eu me aproximava, mas ela não se mexeu. Ela não disparou para dentro, e eu estava totalmente ciente da linha que estava pisando aqui.

Cinco passos.

Ela ficou.

Quatro.

Ela ainda estava lá.

Três.

Eu quase podia tocá-la.

Dois – ela entrou, mas eu segurei a porta.

— Tristian… — Ela recuou.

— Trace. — Eu me movi com ela, observando o local. Uma pequena luz estava acesa no canto, o suficiente para que pudesse ver o caminho para dentro. Minha mão foi para sua cintura, empurrando-a para trás.

Maldição, mas eu precisava disso.

— O que… — ela começou a dizer, seus olhos tão vivos, e uma nova luz se acendeu neles.

Ela ficaria com raiva. Estava faiscando nela, vindo, e meu Deus. Eu era um homem condenado porque foi quando eu soube. Seu espírito fez meu pau estremecer. Eu gemi, minha boca tomando a dela, esperando que ela não fosse me bater com um martelo ou alguma outra arma. Soltei seu pulso, porque se ela o fizesse, eu mereceria, mas depois de um suspiro de surpresa, depois de um momento em que juro que meu corpo cedeu de alívio com o mero toque dela, o fogo passou por nós dois.

Acendeu-a e ela tornou-se viva. Sua boca se abriu sob a minha. O martelo caiu. Suas mãos estavam em mim, puxando minha nuca, e ela estava tentando subir.

Finalmente.

Eu a levantei ao mesmo tempo em que ela pulou.

Ela estava puxando minhas roupas enquanto eu inclinava minha cabeça, minha língua varrendo dentro dela, precisando prová-la desse jeito, sabendo que seria a porra do paraíso. E era.

Eu precisava de mais.

Ela tinha a minha camisa na metade do meu corpo, suas mãos me explorando em troca, e eu olhei uma vez,

certificando-me de que a porta estava fechada. Ela havia apagado a luz. Meu Deus, eu precisava tê-la. Eu não sabia se ela me deixaria prová-la novamente.

Desci por sua garganta, saboreando-a enquanto descia, e ela arqueou o pescoço, os seios empurrados para cima em minha direção. Minha mão se moveu para baixo, empurrando sob sua legging, encontrando sua calcinha e ignorando que ela estava lá, e então eu a encontrei, e meu dedo afundou.

Porra. Maldição. Paraíso.

Eu assobiei com o quão apertada ela era, e suas pernas se apertaram mais em volta da minha cintura em reação. Ela ficou imóvel, ofegando em meu ouvido enquanto eu trabalhava um segundo dedo dentro dela. A princípio fui devagar, desenhando, e depois mais fundo a cada golpe, aumentando o ritmo e a velocidade.

Eu a conhecia. Eu conhecia esta mulher. Eu conhecia o corpo dela. Eu não sabia como, mas conhecia. Outras vidas, talvez. Eu teria acreditado se alguém me dissesse nesse instante, porque era como se eu já tivesse vidas adorando seu corpo.

Continuei trabalhando nela, deslizando para dentro e para fora, meu polegar movendo-se sobre seu clitóris. Uma boa massagem circular lenta e ela estava gemendo em meus braços, mal segurando. Seu corpo caiu para trás, sua cabeça descansando contra a parede atrás, e seus olhos se abriram um pouco, uma névoa sobre eles enquanto ela olhava boquiaberta para mim, mas eu precisava de mais. Estendi a outra mão e rasguei sua camisa. Seu sutiã foi empurrado para o lado e eu afundei minha boca sobre um de seus seios. Eu precisava desse gosto dela.

Eu precisava provar cada centímetro dela, mas me contentaria com esse toque, por enquanto.

Ela estremeceu em meus braços, sua mão subindo e apertando minha nuca enquanto meus dentes roçavam seu mamilo. Minha língua se moveu ao redor dela. Eu chupei-a,

acariciando-a, mas eu precisava estar dentro dela.

Agora.

Ontem.

Um ano atrás.

Sua respiração estava acelerada, ela só estava me segurando, e eu acelerei o ritmo, sentindo o início de seu clímax chegando. Foi um pequeno descanso, onde o corpo dela parou por uma fração de segundo, e ela gemeu baixinho no meu ouvido agora. Eu levantei minha cabeça, encontrando sua garganta, então levantei novamente e encontrei sua boca. Minha língua se moveu, reivindicando-a quando ela passou do limite. Seu corpo inteiro empurrou contra mim, levantando-se do balcão, e ela gritou em minha boca.

Engoli, pegando e provando também.

Sentindo seu corpo se acalmando, apenas o suficiente, eu me afastei, mas peguei minha carteira.

Eu segurei seu olhar quando tirei uma camisinha. Ela estava observando o que eu estava fazendo, uma luxúria sombria surgindo em seus olhos, e ela mordeu o lábio. Então ela pegou a camisinha e rasgou a embalagem.

Eu empurrei minha calça para baixo junto com minha cueca boxer, e ela estava estendendo a mão para mim.

Maldição.

Eu assobiei com o toque de suas mãos circulando meu pau, e minha cabeça caiu em seu ombro.

Ela estava provocando-me, passando a mão para cima e para baixo, seu polegar movendo-se sobre a minha ponta, mas eu gemi em seu ouvido:

— Chega. Coloque-a.

Uma leve risada raspou de sua garganta, mas ela deslizou o preservativo sobre mim, usando ambas as mãos para colocá-lo, e essa era toda a permissão que eu precisava dela. Agarrei sua bunda, levantando-a e inclinando-a para baixo para o acesso perfeito. Eu não fui gentil, mas ela gemeu, fechando os olhos com a forma

como eu a estava manipulando, e movi suas pernas para o lado, abrindo-as mais, e então eu estava lá.

Eu afundei, nos moldando um ao outro no contato.

Eu estava errado antes. Isso era o paraíso.

Primeiro foi sua boca. Então, como ela se sentiu em meus dedos, mas esta era a forma definitiva do paraíso.

Eu não conseguia mais me conter.

Ela jogou a cabeça para trás, seus olhos encontraram os meus, e ela rosnou:

— Foda-me, seu idiota.

Eu recuei e empurrei para dentro dela, olhando de volta para ela, porque via agora que isso era tão necessário para ela, mas ela não estava feliz com isso.

Impulso após impulso, eu bati nela. Eu não desviei o olhar, nem ela.

Ela realmente me odiava, mas havia o mesmo olhar faminto por baixo, o que eu sentia por ela também. Assombrado. Eu tinha usado a palavra antes porque era verdade. Essa maldita obsessão estava em ambas as razões, mas eu estava aqui, tocando-a, e ela se desfazendo por mim.

Eu faria isso sempre que pudesse. Fiz a promessa a mim mesmo, aqui e agora.

Seguindo em frente, toda vez que eu pudesse tê-la, eu teria.

Ela arqueou as costas, suas roupas foram arrancadas e ela estava nua para o meu prazer visual. Tinta cobrindo-a, cobrindo-me. Eu me afoguei nessa visão, queimando em meu cérebro, sabendo que estaria imaginando-a pelo resto da minha vida.

Ela se levantou, seus pés encontrando o balcão abaixo dela, e eu me ajustei, recuando para nos manter em contato, mas ela usou o balcão para empurrar contra mim. Ela estava me fodendo tão avidamente quanto eu estava empurrando dentro dela.

Fiquei tentado a parar, apreciá-la cavalgando em mim

dessa nova maneira, mas não. A necessidade de dominar era real dentro de mim, pelo menos com ela, e eu caí em seu corpo, segurando-a com uma mão sob suas costas, empurrando dentro dela uma e outra vez.

Todo o seu corpo se desfez quando ela atingiu o clímax, e eu esperei, segurando até que ela cavalgasse as ondas. Uma vez que ela estava no chão, eu a peguei de volta e me movi, empurrando-a contra a parede. Suas costas coladas nela, suas pernas apertadas em volta das minhas costas, e ela estava abraçando meu pescoço. Sua frente estava totalmente contra a minha, e eu podia sentir seus seios esmagados contra meu peito. Era a melhor posição. Amava como ela parecia, e eu gemi, beijando seu pescoço enquanto mergulhava nela, minhas mãos segurando sua bunda como se quisesse tatuar minhas mãos lá.

Meu próprio clímax rasgou através de mim, e eu gemi, sentindo minha liberação passando pelo meu corpo também.

Foi então que percebi o quão fodido eu estava, porque nunca conseguiria isso com outra mulher. Ninguém poderia me fazer provar o céu três vezes de formas diferentes.

Eu rosnei, sabendo que ela me odiaria depois disso, e sentindo-me ao mesmo tempo frustrado porque eu entendia. Percebia. Eu só precisava mais dela.

Ela me deixou segurá-la por mais um minuto antes que suas mãos subissem ao meu peito e ela me empurrasse para longe dela. Ela caiu, olhando para mim, totalmente nua. Olhei ao redor, não me lembrando de ter tirado sua legging, mas ela não se importou.

— Que porra é essa, Tristian?

— Trace — eu retruquei.

— O quê?

Inclinei-me sobre ela.

— Eu apenas montei em você com força. Porra, use o

nome que eu não odeio. Para você, meu nome é Trace.

Ela recuou, só um pouco, tanto física quanto emocionalmente. Eu a vi dar um passo para trás e senti a distância voltando entre nós. Em outro minuto, me sentiria como se nunca tivesse saído do meu carro. Ela estava colocando as paredes entre nós, e rápido.

— O que você está fazendo aqui, Trace? — A cautela brilhou em seus olhos antes que ela começasse a pegar suas roupas.

Eu me endireitei, puxando minha camisa de volta para baixo e ajeitando minha cueca boxer e calça. Meu paletó... procurei por ele, encontrando-o jogado no chão a alguma distância. Pegando-o, segurei-o e observei enquanto ela encontrava o sutiã e começava a prendê-lo de volta. Ela já havia pegado sua legging e a colocado de volta.

Ela levantou a cabeça, um lampejo de irritação queimando em mim em seu olhar.

— Você vai me responder?

Ela estava abalada. Era a única razão pela qual ela não estava pensando sobre onde eu a encontrei e porque ela não estava exigindo saber como eu sabia que ela estaria aqui.

Rolei meus ombros para trás, criando outra distração agora.

— Há uma evolução com sua tia. Achei que você gostaria de saber.

A preocupação explodiu em seguida, e ela se endireitou após terminar de se vestir, a mão passando por seu cabelo caindo para o lado.

— O que é?

— Eles estão no Canadá. Ela foi instalada. Uma pequena casa. Dinheiro suficiente para ela começar. Eu a coloquei em contato com um programa que ajuda mulheres como ela a desaparecer de homens como seu marido.

— Ok...

— A desvantagem é que assim que o programa começar, minha família não saberá mais onde ela está. Eles não estão particularmente abertos a trabalhar com pessoas como minha família.

— Então, por que eles?

— Eu me aproximei deles, expliquei a situação dela. Eles estavam dispostos a intervir por ela, mas escondendo-a de nós. Antes de recuarmos, preciso saber o que você quer.

— Sim. — A palavra saiu correndo dela, seus olhos se iluminando. — Sim. Isso seria incrível. Qual é o nome dessas pessoas?

— A Rede 411.

Ela recuou de surpresa.

— Eles existem? Eu pensei que era apenas mito ou algo assim.

Eu dei um aceno duro.

— Eles existem.

O alívio suavizou seu rosto; seus ombros afrouxaram também, e então uma risada suave.

— A ironia deles escondendo minha tia de sua família.

— Devo acreditar que você aprova isso?

— Sim. Não sabia que existiam, mas já ouvi falar. Gostaria que eles existissem, e descobrindo isso agora, me sinto muito melhor. Eles realmente estarão escondidos então. — Ela franziu a testa. — Como você conseguiu abordá-los?

Meu intestino torceu.

— Eu trabalhei recentemente com eles em relação a duas outras pessoas. Isso os tornou mais receptivos a mim.

— Duas outras?

— Eu não posso contar, e não é porque não quero. Tem a ver com a minha família.

Ela fechou-se quando eu disse isso, o que sabia que ela faria. Esse era o acordo conosco. Ela era lei e eu meio a meio. Eu temia o dia em que me tornaria *principalmente*

não.

Meu corpo inteiro travou também, porque ouvi o que mais ela não estava dizendo. *Eles realmente estarão escondidos então*. Até de mim. Ela não teria mais laços comigo.

— Obrigada, Trace.

Eu olhei para cima, surpreso com a genuinidade em sua voz.

Mas seus olhos estavam brilhando com força novamente.

— Mas eu falei sério. Fique longe de mim.

— Você ainda trabalha para mim.

Ela começou a se virar, mas congelou antes de voltar novamente.

— Você quer que eu desista?

Eu bufei, balançando a cabeça.

— Certo. Você quer *desistir*?

Eu estava questionando-a, porque ela queria essa porra de coisa entre nós tanto quanto eu. Eu, pelo menos, estava sendo honesto sobre isso. Talvez se nós dois cedêssemos, essa porra de necessidade iria embora.

Seus olhos brilharam, e ela sabia do que eu estava falando.

— Isso. — Ela fez um gesto entre nós dois. Seus olhos endurecendo. — Tem que parar. Meu trabalho me dá propósito na vida, e você está acabando com isso. Não posso mudar o que já fiz, mas isso não pode acontecer de novo. Acontece, e eu vou sair do Katya. Não quero, mas farei se precisar.

Ela estava puxando minhas entranhas de dentro de mim, um pouco de cada vez, um puxão lento de cada centímetro.

Mas porra. Eu não ia dizer as palavras que ela queria ouvir.

Comecei a sair, mas precisava ver mais uma coisa.

Eu apertei o interruptor de luz na porta, e toda a sala

se iluminou.

Eu vi a pintura.

Era eu.

CAPÍTULO 29

JESS

Uma semana se passou. Sem pistas. Sem drama materno. Estava quieto, na maior parte do tempo.

Eu gostei, mas… algo estava faltando.

Justin dormia aqui nos fins de semana depois de nossos turnos no Katya. Kelly dormia na casa dele durante a semana. E comecei a ir do trabalho para a academia e para o estúdio.

Quando ele viu aquela tela dele, meu coração se alojou na minha garganta. Eu nunca pretendi que alguém visse isso, mas precisava tirá-lo de mim. Fazer a rotina diária do meu trabalho não tinha feito isso. Manter-me ocupada no Katya só piorou as coisas, então sim. Agora eu tinha mais três telas dele espalhadas pelo local, e todas tinham texturas e cores diferentes. Cada uma tinha um sentimento diferente.

Foda-me, mas isso era irritante.

Talvez um caso de uma noite fosse a opção certa. Submeter-me a *outra pessoa* para tirar Trace do meu sistema.

Valeria a tentativa.



— Ei, Montell. Espere.

Fazia duas semanas desde a última vez que vi Trace. Eu estava tentando não pensar nele – *não*. Eu não estava.

Ao ouvir meu nome, virei-me e vi outro oficial da condicional vindo em minha direção. Alto. Construído como um jogador de futebol americano pesado. Cara bonita. Olhos azuis. Cabelo castanho claro.

Eu dei um aceno de cabeça.

— E aí?

O policial Reyo era o mais novo oficial adicionado ao departamento. Trabalhei com ele em algumas visitas domiciliares, e ele era um oficial sólido. Mantinha a boca fechada. Seguindo o protocolo.

— Você está fazendo visitas domiciliares hoje?

Eu balancei a cabeça, franzindo a testa um pouco.

— Sim. Minha parceira deve ir comigo.

Ele balançou a cabeça, parando ao meu lado e me dando um meio sorriso.

— Valerie ligou, perguntou se eu poderia ir no seu lugar?

— O quê? — Comecei a pegar meu telefone, porque isso estava planejado desde ontem.

— Ela-uh… — Ele inclinou a cabeça, tossindo, antes de dar um passo mais perto de mim. — Ela, uh, algo surgiu. Era meu dia de folga e ela perguntou se eu poderia cobri-la hoje.

Abri nossas mensagens e não havia nada sobre isso.

— O que está acontecendo?

Ele abriu a boca e eu pude literalmente ver a besteira começando a ser dita na minha porta.

Eu o interrompi.

— Sem mentira ou não, não vou a lugar nenhum com você. Você me diz o que está acontecendo agora.

Sua boca estava aberta, mas ele a fechou quando um olhar triste tomou conta dele. Então ele fechou os olhos e deu um leve suspiro.

— Ok. — Sua mão se levantou, esfregando a nuca enquanto ele olhava ao nosso redor e deu mais um passo para mais perto, abaixando a voz. — Olha. Ela está doente, ok? Estamos pensando em enjoos matinais ou algo assim…

Eu cambaleei para longe dele, dando três passos completos para trás.

Era como se ele tivesse crescido três cabeças, porque isso não era esperado.

— Val está grávida?

— Sim. — Ele apontou para sua boca, olhando em volta mais uma vez. Ele cobriu a distância novamente. — Você pode, você sabe, manter isso para si mesma? É tudo novo, tipo, tudo.

Como ele e ela.

— Você engravidou minha parceira?

Sua boca ficou aberta um segundo antes de fechá-la novamente.

— Sim. Quero dizer, não foi planejado, mas… — Ele recuou, encolhendo-se. — Droga. Isso não foi o que eu quis dizer. Eu, apenas, olhe. — Ele ergueu a mão. — Isso tudo está saindo errado. Tudo bem se eu for no lugar de Val para as visitas domiciliares ou não?

— Oh. Sim. Por que você simplesmente não disse isso em primeiro lugar?

Eu estava lutando contra um sorriso enquanto me dirigia para o meu carro. Eu o ouvi sufocar um gemido.

Eu levantei minha mão.

— Estou dirigindo, oficial Reyo.

Ele seguiu e se sentou no banco do passageiro, e esperei até passar o primeiro quarteirão antes de começar.

— Então. Você e Val, hein?

Seu cotovelo estava apoiado na porta, sua mão para cima e segurando levemente a maçaneta superior, mas com minha pergunta, sua mão caiu abruptamente e sua cabeça foi para trás contra o encosto de cabeça.

— Merda. — Ele franziu o rosto antes de olhar na minha direção, com muita cautela. — Quero dizer… — Ele soltou um suspiro dramático. — Não sei o que quis dizer, mas sim. Começamos a pouco tempo. É muito recente. Estamos levando as coisas… devagar. — Ele alisou a mão enquanto dizia a última palavra.

Eu ri, puxando o volante para a direita.

— Não tão devagar. Ela está grávida.

Ele agarrou a maçaneta novamente e se preparou.

— Nós estamos… hoje não vai acontecer de novo.

Estamos descobrindo.

Lancei-lhe outro olhar.

— Você conhece a oficial que está pegando, certo? Se Val estiver doente e se ela tiver que mandar você no lugar dela hoje, com certeza ela terá tudo resolvido até o final do dia. Você terá sorte se descobrir se ainda está tendo um filho ou se estará na vida dessa criança se ela decidir o contrário. Val nunca quis filhos, então sei que ela está morrendo e provavelmente planejando seu assassinato ao mesmo tempo.

Seu rosto se contraiu mais uma vez, como se ele tivesse cheirado algo podre. Meu palpite, era a realidade que eu estava empurrando em sua garganta. Reyo era jovem. Valerie estava na casa dos quarenta. Ela era mais casada com esse trabalho do que eu.

Eu continuei.

— Como vocês ficaram juntos?

— Oh, meu Deus. — Ele abaixou a cabeça, resmungando baixinho. — Ela me disse que você seria assim.

Soltei uma gargalhada, virando à esquerda na rua e buzinando ao mesmo tempo. Mas eu não tinha terminado.

— De verdade, Reyo. Eu quero saber. Como vocês dois ficaram? — Eu estava olhando de soslaio para ele, verificando-o enquanto ele parecia estar apenas se preparando para essa linha de questionamento.

— Val não namora, ou não namora colegas. O que significa… meu palpite, ela estava bêbada? Foi uma coisa de uma noite? — A ficha caiu. — Aquele casamento há três meses! Quando Barkie e Papi se casaram. Val estava bebendo tequila. Você estava de olho nela.

Ele olhou na minha direção, seus olhos se arregalando um pouco.

— Você percebeu?

— Val é minha parceira. Ela também é a única oficial que odeia Travis tanto quanto eu. Travis levou uma surra

mais cedo naquele dia do nosso líder de equipe. Fui eu que lhe *entreguei* a tequila. Sim, pode ter certeza de que notei, porque ela notou. Ela perguntou se eu achava uma boa ideia transar com você ou não.

— O que você disse?

— Eu disse a ela, não, porra.

Sua cabeça caiu para trás contra o encosto de cabeça novamente, e ele balançou a cabeça ligeiramente.

— É claro.

Eu estava gostando disso um pouco demais.

— Eu disse a ela que se ela precisasse se livrar daquela coceira, para ir até Wall Street e encontrar um daqueles caras em uma das muitas boates presunçosas que eles frequentam e... — Parei porque a ironia não passou despercebida...

Foi doloroso pra caralho também.

Reyo olhou na minha direção.

— E o quê?

— E nada — eu cortei.

CAPÍTULO 30

JESS

— *Oh, meu Deus! O que aconteceu com seu olho?* — Kelly deu uma olhada em mim naquela noite e gritou. Ela me arrastou sob nossa luz mais brilhante e inclinou minha cabeça para trás, suas mãos não tão gentis, e ela começou a tocar ao redor do hematoma logo abaixo do meu olho.

— Ai. — Voltei para casa, já tendo sido examinada por um socorrista. Era tudo protocolo, junto com a quantidade de papelada que eu tinha que preencher, quando a irmã do preso na condicional ignorou-me depois de uma longa discussão sobre visitas domiciliares de surpresa serem uma coisa real entre um oficial de condicional e um preso, especialmente um que tinha perdido dois check-ins no escritório e dois exames, e isso foi depois de um exame dar positivo. Exame de urina. Esse preso em liberdade condicional estava *além do esperado* para uma visita minha e, em meus registros, ele deveria estar preparado para isso. O local de residência dele era aquele que ele havia colocado no arquivo e, como ele estava lá, eu precisava verificar o local.

Ela se ofendeu e, quando dois vizinhos barulhentos me distraíram por um momento, ela decidiu que era uma boa ideia me dar um soco quando eu não pudesse revidar.

Ela agora estava na prisão.

Levantei a mão, colocando meu saco de ervilhas congeladas sobre o olho mais uma vez.

— Estou bem. Apenas uma coisa estúpida no trabalho.

— Você ainda vai para o seu turno hoje à noite?

Eu teria dado a ela um olhar, mas teria sido doloroso, então joguei o saco de ervilhas em vez disso.

Ela o pegou, levantando a mão. Ela olhou para ele como se não reconhecesse o que era.

Eu fiz uma careta, mas me aproximei e o peguei de

volta.

— Sim. Iluminação escura e maquiagem e tudo vai ficar bem.

Ela olhou para as ervilhas na minha mão antes de erguer o olhar.

— Justin vai enlouquecer quando perceber seu olho. Ele é protetor conosco.

Eu deixei sua fala deslizar por minhas costas, porque Justin provavelmente faria um comentário. Era sua maneira de mostrar que se importava.

— Falando em Justin, vocês dois estão ficando sério?

Kelly ficou um tom de vermelho antes de girar na cozinha e começar a pegar itens dos armários.

— Sim. — Então ela parou no meio do alcance de uma espátula antes de falar correndo: — *Elepodeterapresentadoapossibilidadedevivermosjuntos.*

Eu me virei completamente, meu café na mão, e olhei para ela. Duramente.

Eu não precisaria esperar muito. Um pombo poderia encará-la e Kelly desistiria.

De repente, ela jogou a espátula no balcão. Ela quicou, bateu na lateral da panela e depois voltou para o balcão.

Kelly se virou, um olhar de pânico em seu rosto.

— Não sei o que fazer! Ele jogou a bomba em mim há duas noites, e estou hiperventilando sobre o que isso pode significar. Poderia significar. Significaria! Quero dizer, não faço ideia. Eu tenho um gosto horrível para homens. Você parece gostar dele, mas e se nós duas estivermos erradas? E se minha má sorte com os homens passasse para você e…

Coloquei meu café na mesa e me movi na frente dela. Se ela não respirasse, ia desmaiar. Fui até ela e toquei seus braços, interrompendo-a.

— Respire.

Ela respirou, seu peito subindo, e ela o segurou.

E segurou.

E segurou.

— Oh, meu Deus! Deixe sair!

Ela deixou, engasgando e tossindo no final antes de balançar a cabeça, uma lágrima escorrendo de seu olho.

— Estou com tanto medo, mas acho que estou com mais medo de deixar você.

Em algum lugar dentro de mim havia um marshmallow, e estava derretendo. Comecei a puxá-la para um abraço, mas ela entendeu mal e descansou a testa no meu ombro, curvando-se em um ângulo ligeiramente estranho. Comecei a dar tapinhas em suas costas, acalmando meu bebê adulto crescido demais.

— Ficará tudo bem. Justin é um cara legal e eu vou ficar bem.

— Você não está bem. Você simplesmente nunca fala sobre isso.

Dei um passo para trás, franzindo a testa mais uma vez.

— O que você quer dizer?

Ela me deu um longo olhar antes de suspirar. Ela girou as mãos e uma se conectou com a espátula, e ela a agarrou. Eu não acho que ela estava ciente do que ela estava segurando e agora girando.

— Você não está bem. Eu posso dizer. Você nunca está aqui a menos que Justin e eu estejamos aqui. Faz três semanas que você não vai ao nosso boliche de domingo. Justin tomou o seu lugar e ninguém está feliz com isso.

— O quê? — Meu estômago começou a afundar, mas para ser honesta, estava afundando desde que conheci Trace.

Trace.

Isso era tudo ele.

Ou não. Minha família. Pai. Irmão. Mamãe. Não. Essa era eu, minha sorte.

Kelly estava certa. Eu não estava bem.

— Acho que estou amaldiçoada.

— Sim! — A espátula subiu no ar antes que ela abaixasse os braços. — Espere. O quê? Não. Você não está amaldiçoada. Você está apenas... infeliz. — Ela recuou. Eu não acho que ela poderia chegar mais perto daquele balcão do que ela estava, a menos que ela começasse a subir. Ela respirou fundo, aqueles olhos grandes dela observando-me com uma emoção que não gostei de ver. Temor. — Estou preocupada com você. Estou preocupada se eu sair...o que vai acontecer com você? Antes, quando éramos só você e eu, tínhamos nossas coisas, e não estou tentando colocar culpa em você, porque não quero que leve a mal, mas meu trabalho era deixar você de castigo. Fiz meu trabalho. Eu conheço suas coisas de família, mas você estava sorrindo, e nós estávamos saindo com amigos. Desde que conheci Justin, isso começou a desaparecer. Eu não gosto disso. Se eu for morar com Justin, o que vai acontecer? — Uma lágrima deslizou por sua outra bochecha. — Vou perder você completamente?

O prêmio de amiga de merda vai para mim.

— Ei. — Peguei a espátula antes que ela se empalasse com ela. Seus olhos se arregalaram, e eu estava certa. Ela não tinha ideia de que a havia agarrado. Eu a joguei no balcão longe dela antes de ficar na frente dela novamente. Eu suavizei meu tom. Kelly respondia melhor a sons baixos e suaves. — Estou apenas passando por algo. Tem a ver com minha família, não com você, e não quero que se preocupe comigo. Eu estava bem quando você era casada, lembra?

Sua cabeça levantou um centímetro. Seus ombros relaxaram um pouco também.

— Isso mesmo. Você tinha aquele amante latino, que era *muito* gostoso. Puta merda. Eu tinha que me abanar depois de vê-lo todas as vezes.

Abri um sorriso, lembrando de Eduardo.

— Ele era muito bonito de se olhar.

Seus olhos se arregalaram e ela moveu a cabeça para

cima e para baixo em um aceno dramático.

— Eufemismo do ano.

Sufocando uma risada, continuei.

— Sua felicidade é a sua felicidade. Não há contrato, ou arrendamento no meu apartamento. Ok? Você entendeu? Se você quiser morar com Justin, vá morar com Justin. Eu quero que você seja feliz. Se eu descobrisse que você não é feliz por minha causa, você sabe como isso me faria sentir. Eu me sentiria horrível. Certo?

— Sim. — As extremidades de sua boca começaram a se curvar.

— Então, se você quiser morar com ele, vá morar com ele. Eu sou uma garota crescida. Carrego uma arma regularmente. Também tenho um bastão. Eu sou meio dura.

Um pouco mais alto e ela estava sorrindo agora.

— Você também tem um distintivo.

Eu ri.

— Eu tenho um distintivo. Você tem razão. E acredite em mim, não tenho medo de usá-lo.

— Isso mesmo.

Mais algumas conversas estimulantes como essa e ela estaria torcendo com a espátula no ar. Embora eu tenha movido isso de volta para a mesa, porque com Kelly, poderia ser transformado em uma arma. Eu olhei para ela, inclinando minha cabeça para o lado.

— Você vai morar com seu namorado, que eu aprovo de todo o coração?

Um brilho estava começando a tomar conta de seu rosto. Ela estava discretamente sorrindo para mim, abaixando a cabeça de uma forma tímida.

— Você aprova, não é? Você nunca aprovou nenhum dos meus caras.

— Justin é o verdadeiro tesouro. Ele é um cara legal e acho que se você for morar com ele, ficará feliz e terá filhos.

Ela engasgou.

— Você acha?! — Sua voz subiu em um engate agudo.

— Acho. — O sonho de Kelly era ser mãe. — Eu acho que Justin seria um ótimo pai também.

— Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! — Ela balançava as mãos no ar, mais lágrimas brotavam de seus olhos, e tentava enxugá-las ao mesmo tempo em que procurava uma nova espátula para agarrar. Eu não acho que ela estava ciente de nada disso também. — Bebês. Eu não… eu não ousei me deixar ter esperanças, sabe? Estou com tanto medo. Ele é tão bom e *ohmeuDeusbebêsohmeuDeusbebês*.

Oh, cara. Segunda rodada, mas eu sabia que Kelly teria o felizes para sempre com o qual sempre sonhou, então entrei, interrompendo-a e apenas a abraçando.

Isso era uma boa coisa para comemorar.



Cheguei propositalmente um pouco atrasada para o meu turno, apenas alguns minutos atrasada porque queria evitar olhares no vestiário. Kelly fez maravilhas em mim com a maquiagem, e eu sabia que a iluminação no Katya cobriria o resto, então não deveria ser um problema, mas a iluminação fluorescente do vestiário não era a melhor. Expunha tudo. E não que meu hematoma fosse grande coisa. Já tinha passado por coisas piores, muito piores, mas não queria que ninguém tivesse outra reação igual a de Kelly.

Justin me deu um longo olhar quando eu pisei atrás da minha seção.

Levantei minha cabeça em um daqueles acenos masculinos. Pareceu funcionar entre mim e ele. Ele parou de me estudar, devolveu o aceno e partimos para o trabalho.

Eles tinham um novo DJ, cujo nome eu até reconheci. Ele também tinha participado de um reality show. Kelly

deu-me a informação sobre o programa, mas minha mente estava em outro lugar. Eu percebi hoje que estava muito quieto na casa da minha mãe. Eu a vinha evitando, porque não queria lidar com perguntas sobre a irmã dela, mas agora estava pensando que talvez ela também estivesse me evitando, e isso nunca ficaria bem para mim.

Tomei nota para ir até ela amanhã, quer ela me quisesse lá ou não.

Mas voltando ao DJ.

O clube estava mais movimentado do que o normal, e depois que a trigésima garota quase foi esmagada contra o meu bar, eu tive o suficiente.

Fui até Justin.

— Você pode me cobrir por um minuto?

— Sim. — Ele estava distraído, terminando uma bebida, mas olhou por cima do ombro. Ele fez uma dupla tomada. — O que aconteceu com o seu rosto?

Kelly não devia ter chegado até ele ainda, o que não era surpreendente. Eu ainda não a tinha visto durante a primeira hora, o que significava que ela foi engolida pela multidão, trabalhando.

— Não é nada. Coisa de trabalho.

— Aqui, coisa de trabalho?

— Coisa de trabalho de oficial de condicional.

A compreensão surgiu e ele assentiu.

— Entendi. Sim. Vou ficar de olho na sua seção. Aonde você está indo?

— Falar com Anthony. Este lugar está violando muitos códigos de incêndio para eu ignorá-lo.

— Boa sorte.

Sim, sim. Eu notei seu sarcasmo, mas este lugar estava apenas *pedindo* uma visita do bombeiro. Atravessei a multidão, vendo dois seguranças do lado de fora do escritório de Anthony.

— Ele está?

Eles trocaram um olhar antes de um se mover para

frente, mas ele não parecia muito certo se queria fazer isso.

— Uh, o chefe está com o chefe. Ele não quer ser interrompido.

Adorável. Eu estava sendo sarcástica.

— Há quanto tempo eles estão aí?

Os dois trocaram outro olhar.

Eu não esperei que eles descobrissem qual responderia a mim. Eu apontei um polegar atrás de mim.

— Não tenho tempo para isso. Você vê o que está acontecendo lá fora? Deixe-me entrar lá para falar com Anthony, ou este lugar receberá uma visita oficial. Está fora de controle lá fora.

Eles trocaram mais um olhar e eu estava sem paciência.

Empurrei-me entre eles, abri a porta e entrei.

Eu não dei uma olhada em quem mais estava no escritório antes de girar e trancá-lo. Não que os dois caras fossem tentar lutar comigo. Eles me conheciam. A farsa era mais para eles, então Anthony não ficaria muito chateado com a facilidade com que eles me deixaram entrar.

Olhei em volta e Anthony levantou uma sobrancelha; ele estava sentado atrás de sua mesa.

— Sério? Aposto que eles simplesmente deixam você passar direto por eles.

Ok. Então o show tinha sido em vão. Dei de ombros.

— Eu tenho esse tipo de comportamento. — Eu estava me preparando para ver Trace no escritório de Anthony e estava tentando evitar a atração de olhar para ele, mas não era Trace. Era o outro, Ashton Walden, e ele estava estranhamente me estudando.

Eu fiz uma careta.

— O quê?

Os olhos de Ashton se estreitaram. Ele apontou para mim.

— Você tem algo em seu rosto.

Comecei a estender a mão, pensando que era um

inseto ou purpurina, mas percebi que ele estava se referindo ao meu hematoma.

— Não é nada.

Seus olhos esfriaram.

— Certo.

Sua cabeça virou para Anthony, que estava assistindo nossa conversa com ambas as sobrancelhas levantadas, e ele estava tão inclinado para trás em seu assento quanto podia.

Ashton disse:

— Você faz o que acha que é adequado.

Então ele começou a passar por mim em direção à porta.

Desloquei-me para o lado, mas quando Ashton não abriu a porta, olhei para ele.

Ele estava olhando fixamente para mim, seus olhos planos, sua boca em uma linha.

— Ele vai querer ver isso por si mesmo.

A porta se abriu e ele se foi depois disso.

Fechei os olhos, só por um segundo, e deixei o palavrão escapar da minha mente. *Merda.*

— Ok. — A cadeira de Anthony rangeu quando ele se levantou, e ele ergueu as mãos em sinal de rendição. — Eu não quero saber. Eu não quero saber sobre o que diabos houve entre vocês dois, ou porque você obviamente tem um olho roxo. Você é durona e ameaçadora, e não é meu trabalho me preocupar com você, então tudo o que disseram, o que você está fazendo aqui?

— Ameaçando-lhe. — Apontei para fora. — Você sabe como está cheio lá fora? Seus caras na porta não estão cumprindo o limite de capacidade.

— Temos uma permissão temporária para esta noite. O DJ é uma celebridade.

— Sua permissão temporária é uma merda. Ponha as pessoas para fora, ou você não quer saber as consequências. — Comecei a alcançar a porta.

— Ou o quê? Você vai nos denunciar?

Eu parei, meus braços dobrados sobre o meu peito. Eu dei a ele um olhar legal.

— Você está brincando comigo? Eu ficaria chocada se já não houvesse uma ou duas pessoas que já foram pisoteadas ou quase pisoteadas. Eu tive que puxar garotas por cima do bar. Está muito lotado lá fora. Se os bombeiros vierem aqui e virem que não fui eu quem os chamou, pode apostar que isso vai afetar meu outro trabalho. Recomponha-se. Eu não estou brincando.

Abri a porta.

Os dois seguranças se dispersaram e eu marchei de volta. Ninguém ficou no meu caminho, então eu estava imaginando que minha irritação o estava abrindo.

Não houve mudança nos próximos quinze minutos, mas nos quinze seguintes, os seguranças estavam abrindo caminho pela multidão e puxando as pessoas para fora. Estava diminuindo, o suficiente para que eu não precisasse ficar tensa por ver alguns dos bombeiros que eu conhecia.

Voltei ao trabalho, até avistando Kelly algumas vezes.

Justin veio em um ponto.

— Não tenho ideia do que você fez, mas anotei o momento. Obrigado.

Eu grunhi, levantando meu queixo.

Ele me deu um sorriso, com dois polegares para cima em um sorriso cafona.

Eu quase perdi nossa saudação masculina normal, mas era mais fácil trabalhar agora, então eu estava relaxada o suficiente para dar a ele um meio sorriso de volta.

Anthony apareceu não muito depois disso, uma de suas sobrancelhas ainda levantada.

— Feliz?

Perdi meu meio sorriso.

— Sim.

Ele revirou os olhos, mas continuou andando pelo

clube.

Eu o observei partir. Ele estava verificando tudo, e Justin compartilhou um olhar comigo depois que ele passou por sua seção também. Eu estava pensando que era a primeira vez que ele via Anthony realmente andando pelo clube. Minha ameaça de pessoas pisoteadas devia tê-lo abalado.

De qualquer maneira, o DJ era bom e as pessoas não iriam se deixar abater. Fiquei contente pelo resto da noite. Foi uma hora depois que eu estava ficando sem vodca. As pessoas que deveriam nos ajudar a manter o estoque deviam ter ficado para trás. Peguei uma das garrafas e a levantei no ar para chamar a atenção de Justin. Ele olhou e eu a virei, mostrando que estava vazia.

Ele me deu um aceno de cabeça, levantando um polegar desta vez.

Saí e me dirigi para os fundos, onde guardávamos o estoque extra. Foi um pouco ziguezagueante através de um corredor porque raramente vinha aqui. Os sons do clube diminuíram e eu me aproximei da sala e entrei.

Estava escuro.

Encontrando a luz, acendi e, nesse momento, a porta se abriu.

Trace entrou.

— O que…

Suas mãos estavam em mim e ele explodiu:

— Sim. — Ele trancou a porta e fez uma barricada, mas quando me preparei, pensando que ele ia me beijar, suas mãos se tornaram gentis, tocando meu rosto. Ele se inclinou sobre mim, movendo-me mais sob a luz para que ele pudesse me ver melhor. Ele ficou estranhamente imóvel, seu toque tão suave que era reconfortante, e ele traçou a borda do hematoma, antes de mover minha cabeça suavemente de um lado para o outro.

Ele estava procurando por mais hematomas e não estava contente apenas com o meu rosto. Ele me moveu,

seu toque ainda tão gentil quando ele me virou na frente dele, levantando meu cabelo para que ele pudesse inspecionar meu pescoço.

— Estou bem.

Ele me parou na frente dele quando terminou, mas ele estava focado no hematoma.

— Quem?

Corei, começando a balançar a cabeça. Comecei a recuar, mas ele me parou, pegando meus quadris e me aproximando dele. Ele se encostou totalmente na porta, abrindo as pernas, e me encaixou entre elas.

Eu deveria sair da sala ou pelo menos dar um passo para trás.

Mas caramba. Meu corpo estava esquentando e os redemoinhos roçando minhas entranhas. Aqueles eram seus redemoinhos, deixando-me louca.

— Quem tocou em você?

Deixei escapar um som irritado.

— A irmã de um dos meus rapazes. O que você vai fazer? Ameaçá-la?

— Quem? — Seus olhos brilharam e seus dedos seguraram mais firme em meus quadris, mas seus polegares começaram a esfregar para frente e para trás, escavando sob minha camisa. — Posso descobrir.

Eu me acalmei.

Jesus. Eu sabia que ele tinha pessoas em sua folha de pagamento. Sabia da viagem ao norte, mas ouvi-lo dizer na minha frente com tanta facilidade me deu calafrios na espinha.

— Você está protegendo meu irmão?

Ele se acalmou, ainda mais do que antes.

Minha cabeça recuou, apenas uma polegada, e eu o observei. Seu rosto estava cauteloso, mas não surpreso. Isso era tudo que eu precisava saber.

— Por que você está protegendo meu irmão?

Ele soltou um suspiro suave, tão suave que quase não

ouvi.

— Ele é alguém que você ama. Não podemos deixar por isso mesmo?

Meu coração deu um pulo, mas caramba. Droga! Sério? Ele disse isso?

Eu estava com raiva dele, mas estava começando a esquecer porque estava com raiva dele, e então me lembrei – ele me transformou em uma criminosa.

Eu me movi para trás, com firmeza.

Quando ele tentou me segurar no lugar, eu empurrei de volta ainda mais assertivamente.

— Obrigada.

Encontrei a vodca de que precisava.

— Por quê?

Peguei duas garrafas e passei por ele.

— Por me lembrar por que você não pode me tocar.

Quando estendi a mão para a porta, ele deu um passo para o lado.

— Jess.

Abri a porta, mas dei a ele um olhar abrasador, ou esperava, porque minhas entranhas estavam uma bagunça. Ele fazia isso comigo. Toda vez. Certo e errado, bom e ruim, ele estava fodendo comigo.

— Você foi ferida.

— Já me machuquei antes.

Suas sobrancelhas baixaram.

— O que isso significa?

— Apenas… — Levantei a mão e xinguei quando ouvi minha voz falhar. Não consegui terminar o que precisava dizer.

Meu coração não estava nisso porque ele estava aqui, e ele estava preocupado, e…

Saí, sentindo meu coração partir-se de uma forma que nunca imaginei que pudesse.

Havia pessoas no corredor. Eu as ignorei, sem olhar, e voltei direto para minha seção e, pela primeira vez,

comecei a considerar se esta seria minha última noite aqui.

Justin apareceu vinte minutos depois, durante um breve intervalo.

— Você está bem? Você parece estressada.

— Sim. — Eu estava no piloto automático desde que vi Trace, e até tentei dar a ele um sorriso. Eu estava fingindo. Eu sabia que não combinaria com meus olhos, e Justin viu através disso, dando um aperto suave no meu ombro antes de voltar para sua seção. — Aguente firme, ok?

Eu não tinha outra opção, mas Anthony fez questão de vir me dizer antes de fechar que *ele* não estava mais aqui, e foi então que percebi como estava prendendo a respiração a noite toda.

E percebi que estava desapontada.

CAPÍTULO 31

JESS

Eu tinha café na mão quando entrei na casa da minha mãe na manhã seguinte, mas senti o cheiro de café fresco e quase deixei cair os dois que carregava.

— *Ma*? — Eu estava na casa de outra pessoa?

— Oi, querida.

Jesus. Quase derrubei meu café de novo. Minha mãe estava no sofá, enrolada em um cobertor, mas ela havia lavado o cabelo recentemente. Estava brilhando. Ela também estava vestida para o dia com roupas normais, como um suéter, e quando ela se levantou para me cumprimentar, vi que ela estava de jeans. Tênis. Ela pegou um dos cafés e beijou minha bochecha.

— Tão gentil da sua parte, Jess. Você é uma boa filha.

Minha boca estava no chão quando ela se dirigiu para a cozinha.

— Você quer café da manhã, querida? Leo fez panquecas mais cedo.

Passos soaram acima de mim. A escada rangeu quando Leo desceu, vestindo um suéter. Ele parecia ter acabado de tomar banho também, e estava vestido com jeans. Eu olhei; ele também estava de tênis.

— Jess! — Ele desceu, abrindo os braços para um abraço.

Eu sibilei quando ele me envolveu contra seu peito.

— Que feitiço você fez? A alma de quem você vendeu ao diabo?

Ele congelou por um segundo antes de me soltar, dando um passo para trás.

— Nada como isso. — Mas ele olhou para a cozinha e me conduziu até a porta. — Lá fora?

Eu sabia.

Ele foi primeiro e, assim que a porta se fechou atrás de mim, apontei para dentro.

— Quem é aquela? Não é minha mãe.

— Jess. — Ele suspirou, sentando-se no balanço da varanda da frente.

— Ela me chamou de *querida*. Minha mãe não me chama de *querida* desde... — *Oh, meu Deus!* — Vocês dois estão transando?

— O quê?! — Ele se levantou, o balanço batendo contra a casa atrás dele. — Não! Por que você está dizendo isso?

— Porque foi a última vez que ela me chamou de querida. Quando ela estava transando. Quando papai estava vivo. O que *está acontecendo*? Você está aqui o tempo todo ultimamente.

Uma expressão resignada o deixou sério.

— Na verdade, não estou. Acontece que você veio nas poucas vezes em que verifiquei sua mãe. Você sabe que meu ponto de encontro local é o Bear's Pub. Muitos dos nossos amigos frequentam lá. É fácil vir entre os jogos.

— Hum. — Eu estava em um universo alternativo. — São oito da manhã. Não é entre os jogos. Você fez panquecas esta manhã? *Quão* cedo? Eu vim cedo.

— Você se afastou há muito tempo. — Ele suavizou seu tom. — Sua mãe me ligou uma noite, do nada. Eu não tive nada a ver com isso, mas de repente ela queria "ficar saudável" de novo. Eu não tenho ideia do que causou isso. Eu não perguntei. Eu nunca pergunto, não com esta família. Eu apoio e ajudo. Esse é o meu trabalho, o que seu pai gostaria que eu fizesse, então concordei. Quatro manhãs por semana, eu venho e caminhamos às seis da manhã.

— Às seis?

Ele assentiu.

— Nesse bairro? — Não estávamos exatamente no SoHo.

Outro aceno.

— As gangues locais gostam de me xingar. Esse é o

nosso bairro.

Um terceiro aceno de cabeça e um suspiro.

— Estou ciente. Eu recebo as mesmas maldições. Por que você acha que eu vou com ela? Ela disse que vai comigo ou sem mim. Eu vou. E deixo minha arma à mostra.

Jesus Cristo. Minha mãe estava em uma fase de caminhada.

— Tenho que me sentar. — Minha cabeça estava começando a latejar. — Estou sofrendo transtorno de estresse pós-traumático com suas mudanças de humor. Em uma visita ela me odeia, agora sou *querida,* e ela está caminhando. Ela parece sóbria.

— Ela está sóbria, pelo menos desde esse novo surto de saúde.

Eu dei a ele um olhar.

— Todos os dias?

— Todos os dias eu a vejo, e estamos caminhando quatro vezes por semana. Você sabe que estou muito aqui nos fins de semana. Ela está sóbria. Eu juro.

— Não posso. Eu simplesmente não posso com isso. — Comecei a me levantar, precisando sair.

Isso estava trazendo um déjà vu ruim de outras vezes que ela teve um surto de saúde. Isso continuaria e eu começaria a pensar que ela seria boa e feliz, e então acordaria com mensagens de texto me dizendo como eu era filha de Satanás. Como ousava existir? Eu era a razão pela qual meu pai estava morto. Eu deveria ter ido para a prisão em vez de Isaac.

— Estou fora.

Eu não poderia lidar com aquela chicotada. O transtorno de estresse pós-traumático era real.

— Não. O quê? Fique.

— Não. Eu sei como isso acontece, e não vou levar um golpe idiota, não da minha própria mãe. De novo não.

Eu estava começando a descer as escadas.

— Jess! Vamos. Fique para o café da manhã. Apenas…

fique. Por favor.

Continuei descendo as escadas.

— Não. Boa sorte. Porém, ela não abusará *de você* quando começar a beber novamente. Lamento que ela continue ligando para você, mas você continua vindo e eu não entendo. Meu próprio pai não teria sido tão paciente quanto você está sendo com ela, mas legal. Divirta-se com esta nova Chelsea Montell. Aproveite enquanto durar, porque vai acabar. E quando isso acontecer, ela será uma vadia.

— Você nunca me contou como foi com sua tia.

Eu estava no meu carro e estendi a mão para a maçaneta, mas parei. Olhei para ele por cima do meu veículo. Esqueça a tia.

— Boa sorte com ela. Você vai precisar.

Eu entrei e me afastei.

Eu tinha um dia inteiro antes do meu turno. Isso significava tempo de inatividade para eu pensar ou, pior ainda, *sentir* as coisas. Percorri a lista de minhas opções.

Bar. Havia sempre um jogo em algum lugar. Isso significava beber.

Eu estava mentindo para mim mesma.

O estúdio? Não. Isso também significava sentir, e eu não queria sentir.

A academia? Eu poderia ir à academia. Minha decisão estava tomada e estava em um sinal vermelho quando meu telefone começou a tocar.

Kelly ligando.

— E aí?

— Onde você está?

Eu reconheci a voz de Kelly. Algo tinha acontecido ou ela tinha uma ideia na cabeça e estava em uma missão. Eu aprendi no passado que, se pudesse, sempre tentaria estar por perto para qualquer coisa que Kelly fizesse quando ela soasse assim. Geralmente era um entretenimento épico. Às vezes, eu me sentia culpada, porque Kelly era como meu

próprio reality show da vida real passando na minha frente, mas então acalmei esse sentimento e aproveitei o que estava para acontecer.

— Deixando a casa da minha mãe. E aí?

— A prima de Justin ligou e o convidou para uma festa de um dia inteiro em uma mansão. Você está dentro?

— Trabalhamos esta noite.

— Voltaremos a tempo. Eu prometo. Justin disse que poderia dirigir. Por favor, por favor, por favor. Faz muito tempo que não saímos juntas, e eu sei, eu sei. Sou parcialmente culpada porque passo tanto tempo na casa de Justin, mas Jess, e se eu me mudar? Isso pode ser como nossa última farra ou algo assim.

Verdade. Além disso, Kelly era divertida e era um dia perfeito para alguma diversão com Kelly.

Eu não podia acreditar que estava fazendo isso.

— Onde é esse lugar e quem está dando a festa?

— É o chefe da prima de Justin. Quem eu realmente não conheço, mas ele disse que ela trabalha para algum executivo importante, e provavelmente haveria atletas famosos nesta festa. — Ela baixou a voz. — Vou ser sincera, vou mesmo porque quero sair um pouco da cidade. É cedo. Podemos chegar lá a tempo para uma tarde decente, e essa mansão deve ser épica. Quem não gostaria de ir?!

Eu. Mas… Kelly.

— Tudo bem.

Ela gritou:

— *Oh, meu Deus! Esta é a melhor coisa de todas!* Vamos buscá-la em trinta minutos.

— Espere…

Ela encerrou a ligação.

Eu só estaria em casa nesse período de tempo, mas paciência. Pisei no acelerador e mostrei o dedo do meio para os dois garotos traficando maconha no final do quarteirão da minha mãe quando passei.

CAPÍTULO 32

JESS

A festa era em uma enorme propriedade, não em uma mansão. Entramos e passamos por Ferraris, Rolls-Royces e mais do que alguns BMWs, e um helicóptero estava estacionado atrás… junto a outro helicóptero. Inclinei-me para a frente no banco de trás.

— *Quem* são essas pessoas?

Kelly riu no banco do passageiro da frente.

Justin olhou pelo espelho retrovisor, dirigindo.

— Eu deveria ter explicado que metade da minha família é policial, ou uma posição similar a sua, e a outra metade está nos negócios. Um lado dessa família está no negócio do petróleo.

— Quem é você?

— Eu sou a ovelha desgarrada. Sou formado em administração, sou empresário durante a semana e bartender à noite.

Eu resmunguei, inclinando-me para trás e observando a paisagem. Este não era o meu mundo, isso era certo.

— E deixe-me adivinhar, bartender é para pagar as contas.

— Por enquanto. — Ele olhou para cima, encontrando meu olhar no espelho novamente. — Tenho algumas coisas em andamento, mas não estou com pressa. — Ele deu a Kelly um olhar carinhoso. — Estou curtindo minha vida agora.

Ela deu outra risadinha, e essa eu conhecia de cor. Essa que era uma mistura entre suspiro-encontrei-meu-príncipe-encantado e sou-um-total-e-completo-caso-perdido-mesmo-que-ele-acabe-sendo-um-fracasso-de-alguma-forma. Eu não tinha ideia desse lado de Justin tão bem relacionado, e quando estacionamos, caminhei ao lado de Kelly.

— Você sabia sobre esse lado dele?

Justin estava à nossa frente, liderando o caminho enquanto uma mulher saía de uma grande estrutura branca semelhante a um celeiro para cumprimentá-lo.

— Ele me disse recentemente.

— Há quanto tempo?

— Ontem à noite, quando ele me pediu oficialmente para morar com ele. — Ela estava mordendo o lábio, avaliando minha resposta.

Bem… ok, então. Meu peito estava um pouco apertado.

— E você disse?

Ela respirou fundo, ainda me olhando.

— Eu disse a ele que sim. Que nós conversamos sobre isso, você e eu, e você estava bem com isso. E está, certo? Quero dizer… — Ela olhou ao redor, seus olhos grandes e melancólicos. — Olhe para isso, Jess. Quando ele me convidou para sair pela primeira vez, pensei que ele era um barman fofo. Isto é como um sonho se tornado realidade.

— Kelly! — Justin estava acenando, parado ao lado da mulher, que agora reconheci como uma modelo. Seu rosto esteve na Times Square por um mês inteiro.

Ela gritou antes de acenar de volta:

— Estamos indo! — Arrastando-me com ela, ou tentando, ela sibilou baixinho: — Essa é a prima dele. Vivianna Harper. É o chefe dela que é dono deste lugar, mas ela trabalha com o resto da família. Eu não sei como. Investidora, talvez? — Ela apressou o resto quando chegamos ao alcance da voz. Um largo sorriso se abriu, e ela me soltou, estendendo a mão para a mulher.

Justin fez as apresentações.

O meu foi um grunhido de *ei*, e quando Justin estava prestes a dizer o que eu fazia da vida, eu o interrompi.

— Eu também sou bartender no Katya.

— Oh! — Vivianna se animou. — Eu não sabia que era lá que você trabalhava, Justin. — Sua mão pousou em seu

braço, mas ela se virou para mim. — Conheço os donos.

Oh – uma miríade de maldições passou por mim. Eu não estava pensando nelas, sentindo-as, dizendo-as. Eu *era* elas. Eu estava incorporando toda uma ladainha de maldições.

A tosse de Justin soou forçada.

Eu falei:

— Não me diga?

— Oh, sim! E eles estão aqui… — Repeti o meu episódio de maldições. Ela continuou, sem ter ideia. — Ou um deles. Sei que são dois donos, mas conheço Ashton. Eu só ouvi falar de Tristian, mas Ashton e eu costumávamos modelar uma época, durante a faculdade. Nós meio que nos unimos, porque ambos estávamos indo contra os desejos de nossa família, você sabe. Fazendo nossas próprias coisas por um tempo, mas depois ele foi para Califórnia por alguns anos. Recentemente nos reconectamos. Que surpresa maravilhosa. Justin — ela se virou para ele — aposto que ele não tem ideia de que você é meu primo.

Isso parecia uma ótima ideia.

Eu precisava tirar lições de mim mesma. Se achei uma ótima ideia, devia fazer o contrário. Eu deveria ter ficado para o café da manhã e suportado uma manhã da saudável Chelsea Montell. Teria sido melhor do que isso.

— Vamos. Justin, você provavelmente conhece quase todo mundo aqui… — Ela vacilou, vendo o braço de Justin curvando-se ao redor da cintura de Kelly. Ela piscou algumas vezes antes de outro sorriso tomar conta dela, este mais suave, mais gentil. — Quem é?

Ele já havia feito as apresentações, então sua cabeça se inclinou para Kelly.

— Esta é minha namorada.

Um novo olhar maravilhoso tomou conta de Vivianna. Ela piscou mais algumas vezes, seus olhos correndo para as mãos de Kelly antes de direcionar de volta para Justin.

— Isso é sério então?

Seu braço apertou em torno de Kelly.

— Isso é sério. Ela vai morar comigo.

— Oh. — Mais algumas piscadas antes de ela engolir, seu pescoço esticando com o movimento. — Então isso não é uma parada aleatória ou casual, hein?

— Não é, não.

Kelly me deu um olhar, mordendo o lábio novamente.

O desdém de Vivianna era espesso quando ela olhou para Kelly, então para Justin.

— Você dirigiu todo o caminho até aqui para deixar isso no nosso colo? — Seu tom tornou-se cortante e sua mão gesticulou para Kelly quando ela disse *isso*.

As sutilezas se foram.

O braço de Justin saiu de trás de Kelly. Ele deu um passo à frente enquanto Kelly recuava um passo, abaixando a cabeça quando ela me deu outro olhar fugaz.

Ah, porra. Eu esperava estar lendo bem minha melhor amiga, porque ela queria uma pausa dessa interação repentina e estranha. Eu limpei minha garganta.

— Então, hein, Vivianna. Onde você disse que nosso chefe estava? Talvez possamos tirar o resto da noite de folga.

Ela parecia atordoada, então fez uma pausa antes de responder.

— Espere. Esta noite?

Eu balancei a cabeça.

Ela olhou para Justin e Kelly em busca de confirmação. Justin disse:

— Todos devemos trabalhar esta noite.

Ela balançou os pés, seus saltos muito altos, e por que ela estava usando saltos? Ela era uma modelo. Minha nossa. Isso não era ciúme da minha parte. Não. Não era como se pernas mais longas tivessem me ajudado em minha vida.

— Viv… — Justin começou.

Eu terminei:

— Ei! Vivianne.

Ela estava olhando para Justin, mas respirou fundo antes de virar a cabeça na minha direção. Seus olhos estavam brilhando de irritação.

— É Vivianna.

— Certo. — Eu ri. — Você provavelmente deve saber qual é o meu trabalho diário. Sou oficial de condicional, então realmente espero que você não tenha nenhum preso em condicional aí, e se tiver, eles não podem estar bebendo ou usando drogas. Quer dizer, eu sei que algumas pessoas em liberdade condicional podem beber álcool, mas isso é muito raro, então, se eu vir alguém, tenho que denunciar.

Seus olhos piscavam rapidamente.

— Com licença? O quê?

— Sim. — Continuei, parecendo casual: — Normalmente em situações como essa, no meu dia de folga, não gosto de causar rebuliço, mas sabe, você está sendo uma puta com minha melhor amiga, então esse navio partiu. Tipo… — eu assobiei, o som antes de uma bomba cair, — tão *longe* que você nem consegue ver do iate tudo o que estava acontecendo antes. E também, você está me irritando.

— Oh, bom Deus, Jess. — Justin baixou a cabeça, resmungando baixinho.

Os olhos de Vivianna estavam fixos em mim, brilhantes. Eu tinha quase certeza de que ela nos mandaria embora, ou era isso que eu esperava.

— Você é uma oficial de condicional.

— Sim. Desculpe meu comportamento. Se eu não estivesse chateada agora, poderia dar-lhe dois polegares para cima. Mas quando você começou a se referir à minha melhor amiga como “isso”, só me deixou com mais vontade de mostrar os dentes que ainda tenho.

— Você está fora de sua jurisdição.

— Não funciona bem assim. Oficial de liberdade condicional. Há algumas diferenças, mas a principal é que

não posso dar a você uma multa, então você está segura para acelerar na minha frente. — Eu estava sorrindo enquanto dizia cada palavra, ainda parecendo casual, como se tivesse acabado de dar a ela uma previsão do tempo.

— Pena que Justin não levou você para o outro lado da família. Você se encaixaria perfeitamente.

— Bem, isso teria derrotado o propósito de *fugir por um dia*. Você sabe.

Ela olhou para mim antes de incluir Kelly e depois passar para Justin.

— Eu vejo que você realmente não mudou muito, Justin. Ainda favelado. — Ela se virou, mas disse por cima do ombro quando começou a sair: — Você pode ir, obrigada.

A boca de Justin estava aberta, mas uma risada sufocada saiu dele. Ele entrelaçou as mãos, levantou-as e segurou a parte de trás da cabeça.

— Não acredito que isso acabou de acontecer. — Ele estava me olhando, seus olhos arregalados. — Tudo isso e você sabe que a verdadeira razão pela qual ela saiu é para garantir que nenhuma droga esteja visível. Minha prima pode lidar com uma briga de gato, isso não é um problema para ela, mas uma boa chamada de atenção para a pequena ameaça. — Ele começou a rir quando estendeu a mão para Kelly, então puxou-a para ele e enterrou a cabeça em seu pescoço e ombro. — Por favor, não me deixe porque uma parte da minha família é rica e idiota. Eu tento não me associar a eles.

Kelly passou os braços em volta do pescoço dele, agarrando-se a ele também, deixando escapar uma risadinha.

Ele levantou a cabeça, as mãos caindo para a cintura dela, mas segurando-a contra ele.

— Mas aviso justo de que o resto da minha família é tão ruim quanto. Eu queria contar-lhes que você existe, mas conhecendo Vivianna, ela estará no telefone e ligará para os parentes que não estão aqui para chegar aqui o

mais rápido possível.

A risada de Kelly secou.

— Sério?

Ele assentiu, mais sombrio agora.

— Vai ficar tudo bem, no entanto. A única que eu realmente quero apresentar a você é minha tia. Ela é tudo o que este lado da minha família não é. Gentil. Ela é uma grande razão de eu ser quem sou. Morei com ela a maior parte da minha vida.

— Sério? — ela sussurrou.

— Eu só me importo com ela. Juro. Eu não faço parte de todas as besteiras da família e não tenho que bajular, porque não dependo deles para ganhar dinheiro. Deixa todos loucos.

Kelly voltou a desmaiar.

— Então eu absolutamente não posso esperar para conhecer essa sua tia.

O olhar de Justin ficou sombrio, e ele estava começando a abaixar a cabeça bem quando percebi o que estava para acontecer. Eu me virei, tossindo, e fiz um gesto em direção à casa principal.

— Sim. Estou, uh… indo para lá.

Eles ainda estavam se beijando quando cheguei ao celeiro.

CAPÍTULO 33

JESS

Havia pessoas ricas em todos os lugares.

Eu sabia que eram ricos porque falavam “oh, haw-haw” ou o nome seguido de “queridaaa, como você está?” – ou “adorável” e “gracioso” com as risadas. Falsas, forçadas e arrogantes. Eu conhecia pessoas ricas e estava cercada por elas.

É por isso que me prendi à mesa de comida e ao bar.

Eu estava no meu segundo martini – não podia ser julgada se eu estava fingindo ser uma rica hoje, e os martinis eram *bons* – quando ouvi ao meu lado:

— Oficial Montell. Fui informado de sua chegada, mas não acreditei. O mesmo passarinho me disse que você veio para cá com outros dois funcionários meus.

Ah, merda.

Ashton Walden estava no final da mesa, com a cabeça inclinada para o lado e os olhos estreitados.

Tentei entender o que ele estava pensando ou sentindo, mas não consegui nada. Talvez curiosidade? Ele não parecia perturbado por eu estar aqui, e não queria acreditar que ele estava se divertindo por eu estar aqui também.

— Por favor, diga que sua outra metade não está presente hoje.

Agora ele estava se divertindo. Eu poderia dizer como ele tentou esconder um sorriso rápido.

— Nesse ritmo, parece que ele é mais como sua outra metade.

— Você sabe o que eu quero dizer.

— Sim, eu sei. — Ele olhou para trás e vi Vivianna nos observando com ávido interesse. Ele se aproximou e pegou meu cotovelo em sua mão em um aperto leve. Ele se aproximou, falando com o barman.

— Um uísque, por favor. — Ele olhou para minha

bebida. — Esse é o seu primeiro martini?

Inclinei a cabeça para trás, bebi o resto e deslizei o copo sobre o balcão.

— Logo será meu terceiro, espero.

O barman estava nos olhando enquanto enchia nossas bebidas.

Ashton recuou um passo, deixando cair a mão, e se virou para me encarar diretamente.

— Você não me causava essa impressão do jeito que Trace fala de você.

— Como ele fala de mim?

— Ele nunca disse que você é engraçada.

— Eu me ofendo com isso. Eu tenho um humor seco. É como vinho. Ele aprecia.

Ashton escondeu outro sorriso antes de pegar seu uísque do barman.

— Eu estou aprendendo. E estou achando você estranhamente divertida.

— É aquele humor do vinho. Você deve saber.

Ele engasgou com outra risada enquanto pegava uma nota de vinte e a colocava no pote de gorjetas.

— Tenho certeza que sim. — Sua cabeça levantou e ele se moveu para trás, ficando de costas para o bar, mas ainda ao meu lado. — O que você disse para Vivianna mais cedo?

O martini foi passado para mim e eu o peguei, dando-lhe um sorriso.

— Essa gorjeta foi minha.

— Obrigado, senhorita.

Ashton virou-se novamente, dando um olhar irônico antes de colocar mais vinte na jarra.

— Vou tirar isso de Trace mais tarde.

— Tenho certeza de que você vai.

Eu estava sorrindo e bebendo, toda casual e legal por fora, mas por dentro estava enlouquecendo. O que diabos eu estava fazendo aqui? Isso foi uma lição para mim. Para

parar de sair com novas pessoas. Parar de pensar que uma aventura era uma boa ideia. Você deveria se prender ao que conhecia e talvez a vida não fosse entregue a você de trás para frente. E eu ainda esperava que o último não acontecesse, mas conhecendo minha sorte, duvidava.

Ashton apontou para a frente com a cabeça.

— Venha comigo. Conte-me sobre sua interação com Vivianna. Pareceu muito divertida.

Essa era outra palavra de pessoa rica. *Muito.* Eles gostavam de seus *muitos*.

Nós nos movemos para o lado, passando pelo celeiro até os fundos. Olhei para ele.

— Você estava assistindo?

— Eu estava conversando no pátio lateral da casa antes do celeiro. Eu vi sua chegada. O passarinho que me informou fui eu mesmo. Eu me informei.

— Você também aprecia o humor?

Ele riu, saindo primeiro para um pátio nos fundos. Além disso, havia uma miríade de trilhas para caminhada feitas de paralelepípedos. Uma grande fonte estava no meio. Mais adiante havia um pasto para cavalos cercado por estacas brancas. Vislumbrei uma quadra de tênis ao lado.

Por que não havia uma piscina aqui também? Talvez do outro lado da propriedade?

Eu estava sendo sarcástica.

— Estou esperando, oficial Montell.

Certo. Ele queria informações.

— Não foi grande coisa. Ela insultou minha amiga, e não gostei disso. Eu a informei sobre minha profissão e que tinha uma tendência a relatar sempre que via drogas por aí. Isso foi tudo, na verdade.

Ashton parou, virou a cabeça enquanto me dava outro olhar avaliador. Estávamos no meio de uma daquelas passarelas de paralelepípedos, contornando a fonte. Eu esperava que continuássemos e eu pudesse ver que tipo de

piscina essas pessoas tinham. Meu palpite era que seria épica.

— Vivianna insultou Kelly?

Eu fiz uma careta. As piadas eram menos atraentes.

— Você está ciente do nome da minha amiga?

Ele me lançou um olhar.

— Claro que estou. Trace é meu melhor amigo. Fui eu quem contratou o detetive para investigar você.

Meu estômago caiu.

— O que significa…

— Significa que eu também tenho os arquivos. Estou ciente de que sua colega de quarto e melhor amiga, que provavelmente não será sua colega de quarto em breve, também é minha empregada. Também estou ciente do nome dela. — Ele inclinou a cabeça para o lado. — Estou ciente das conexões familiares de Justin. Eu o coloquei ao seu lado também por causa da ocupação de sua outra família. Achei que vocês dois se relacionariam bem.

Certo. Eu estava engolindo seco aqui.

— Eu não sabia que você era tão ativo com os funcionários do Katya.

— Trace lida com o dinheiro. Eu cuido dos nossos negócios.

— E suas famílias? — Acho que *eu* estava indo para lá. Eu precisava dobrar. — Vocês dois estão em regime de retenção para suas famílias? É assim que funciona? Vocês fazem seu trabalho legítimo durante o dia e agem como as vadias de suas famílias à noite? É isso que vocês estavam fazendo na casa da minha tia…

— Cuidado. Não serei como Trace, e duvido que esteja usando uma escuta. Certo?

— Estou perguntando sobre suas famílias.

— Nossas famílias não são da sua conta. — Seu tom combinava com o meu, ficando sério.

Eu me irritei.

— *Vivianna* sabe em que negócio sua família está?

— Se você acha que a família de Vivianna também não tem conexões, você não é a oficial de condicional cansada que presumo com quem meu melhor amigo esteja transando.

Eu comecei ir para ele, mas me segurei.

Ele deu um passo para trás, seus olhos brilhando. Uma de suas mãos se levantou, mas sua cabeça se moveu novamente, indo para o outro lado.

— Eu atingi um ponto sensível? Ou talvez vocês ainda não tenham transado.

— Estou pensando que isso não é da sua conta.

— Trace não é apenas meu melhor amigo. Ele é meu irmão. Ele é mais família para mim do que minha família real, então sim, uma certa oficial de condicional que está manipulando-o e brincando com suas emoções definitivamente faz parte do meu negócio. Em todos os sentidos da palavra. — Seus olhos congelaram. — Por mais divertida que tenha sido essa conversa, preciso convencer você a não foder mais com meu melhor amigo. Não gosto que ele sofra.

Bem, puta merda.

Eu dei um passo para trás.

— Você está brincando comigo? Ele está no meu negócio, no negócio da minha família, encontrando-me quando estou fazendo arte, e não faço uma pintura há anos. Mas *eu* estou fodendo com *ele*? Quem diabos você pensa que é?

Ele sorriu.

— Tenho quase certeza de que você sabe exatamente quem eu sou.

— Você pode querer ter cuidado com quem você está ameaçando aqui.

— Por que você é uma oficial de condicional?

— Porque enquanto você pensa que me conhece, no final das contas, você não tem ideia de quem eu realmente sou. — Eu abaixei minha voz.

Ele abaixou a voz dele também.

— Saia da minha frente, enquanto não estou me sentindo um assassino agora.

Reagi sem pensar. Isso foi uma ameaça e, jogando minha bebida no chão, minha mão foi para minha arma. Eu sempre a usava, ou pelo menos na maior parte do tempo. Ao mesmo tempo, alguém gritou e, de repente, outra pessoa estava ao nosso lado. Uma mão se fechou sobre a minha e, maldição, sabia de quem era aquela mão.

Trace pressionou, mantendo minha arma onde estava, e ele falou rápido.

— Eu não sei em que merda vocês dois acabaram de se meter, mas acabou. Ashton, vá.

— Tra...

— Vá! — Ele não esperou. Movendo-se para bloquear minha visão de seu melhor amigo, seus olhos perfuraram os meus. — Vou soltar sua mão e vou recuar e dar espaço a você. Não atire em mim.

Ele fez o que disse, com as mãos um pouco no ar.

Eu respirei, recuperando-me do fato de Trace estar aqui.

Minha mão estava formigando.

Ele parou dois passos para trás.

— Você está bem?

Eu desviei o olhar, engolindo um nó na garganta.

— Ele me ameaçou.

— Ele tende a fazer isso. — Ele deu um passo em minha direção.

Eu balancei minha cabeça, movendo-me para trás.

Ele parou.

— Está bem, está bem. Não vou mais longe, mas sugiro que saiamos daqui ou nos mudemos para um lugar onde não tenhamos tantos olhos sobre nós. As pessoas nos conhecem aqui, e haverá conversa. Eu gostaria de evitar qualquer conversa antes de receber um telefonema do meu tio. Você me entende?

Ele estava certo.

Porra, ele estava certo.

Eu ainda estava meio cambaleando com o que quase aconteceu.

Como se sentisse que estava tudo bem, Trace se moveu. Ele tocou meu braço, levemente, e começou a me afastar.

— O que aconteceu entre vocês dois?

— Ele me disse para sair da sua frente enquanto ele não estava se sentindo um assassino. Isso é uma ameaça.

Ele xingou baixinho.

— Sim, bem, esse é Ashton.

— Não se pode dizer algo assim para alguém como eu.

— Eu estou pensando que ele está percebendo isso também, agora mesmo. — Ele soltou meu braço, mas bateu na parte de trás da minha mão. Ele sacudiu a cabeça em direção a uma calçada que contornava o outro lado da casa. — Com quem você está aqui?

— Minha colega de quarto e o namorado dela.

— Vamos. — Ele estava liderando o caminho até que chegamos a lateral da casa e pegou suas chaves, indo em direção aos veículos.

Eu parei.

— O quê? Não.

Ele parou também.

— Jess, você precisa me ouvir. Você não deveria estar aqui. Há pessoas aqui que têm conexões com minha família que não queremos que saibam sobre você. Quanto mais você estiver aqui, mais estará no radar deles. Eu sei que você me ameaçou e implorou o suficiente para deixá-la em paz, mas estou sendo totalmente sincero aqui. Eu não posso, *não aqui*. Você não pode estar aqui.

— Kelly. Justin.

— Justin está protegido. E enquanto ela está com ele, ela também está. Você não está, e não estou falando sobre

sua segurança. Estou falando de meu tio fazendo perguntas sobre você, depois sobre sua tia e depois sobre o marido dela. Você está seguindo meu raciocínio?

Meu peito parecia que estava desmoronando em mim, mas caramba. Sim. Eu estava seguindo.

Apontei minha cabeça para os veículos.

— Qual desses é o seu?

Ele abriu caminho até um SUV e, quando ele se sentou no banco do motorista, fui para o lado do passageiro. Eu estava puxando meu telefone quando ele ligou o motor.

— Para quem você está ligando?

Kelly atendeu quando ele estava perguntando. Eu levantei minha voz, tentando falar sobre ele.

— Ei!

Ele fez uma careta, mas pisou fundo no acelerador enquanto saíamos.

— Onde você está? — Kelly baixou a voz para um sussurro. — Ok, posso dizer como estou assustada agora? Justin é incrível e tudo mais, mas essa família dele é aterrorizante. Eles são assustadores. Eu já fiz isso com meu ex, e você viu como isso acabou. Ele me traiu com dezessete mulheres. Quero dizer, sim. Meu ex não tem as conexões familiares que Justin tem, mas eles ainda estavam bem de vida e tinham expectativas. Eu não gosto de famílias que têm expectativas. Eu sou uma namorada sem expectativas de agora em diante, ou eu gostaria de ser, mas argh. Jess. É o Justin! Por que ele tem que ser tão incrível? Além disso, onde você está? Eles têm martinis grátis aqui, e são grátis! Eu já disse que eles são gratuitos? Eu já bebi dois. Vou ficar bêbada antes que Justin comece a me apresentar para sua tia, e então o que vai acontecer depois disso? Ela não ficará impressionada. Fico desleixada e triste quando bebo martinis. Onde você está?!

— Hum. — Isso foi muito para digerir. Eu compartilhei um olhar com Trace, que vi que estava em seu

telefone também. — Eu... uh... recebi uma ligação e tenho que voltar para a cidade.

— O quê?! O que há de errado? Você precisa sair? Eu posso chamar Justin.

— Não, não, não. Eu, hum, já estou saindo. Peguei um carro e estou voltando. — Então, mentindo. Para mim. Para minha melhor amiga no mundo inteiro.

Eu estava indo para o inferno.

— Você tem um carro?

— Alguém entrou com um Uber e eu o peguei quando estava saindo. Funcionou perfeitamente.

— Acho que faz sentido.

— Sim. Então. Vejo você mais tarde?

— Acho que Justin realmente vai perguntar ao nosso chefe se podemos tirar a noite de folga, então pode ser que não seja até amanhã. Por favor, diga que você vai jogar boliche no domingo? Você perdeu muito. Elas estão sentindo sua falta.

Toda a sensação de côncavo no meu peito estava acontecendo de novo, desta vez de culpa.

— Eu estarei lá. Você vai ficar com Justin até então? — Senti Trace me observando e sabia que ele tinha ouvido a última parte da minha conversa.

— Eu não sei o que vai acontecer depois, então sim. Só por precaução. Se houver alguma coisa, voltaremos para a casa dele. Temos muito o que conversar.

Eu suavizei minha voz.

— Você vai ficar bem?

Ela suspirou.

— Eu penso que sim. É apenas assustador. Apaixonar-se por alguém sempre é.

— Sim. — Olhei para Trace, a dor cortando minhas entranhas. — Quer queiramos ou não que isso aconteça.

Despedimo-nos e desligamos.

— Sua amiga está bem?

Eu pressionei meus lábios antes de responder.

— Eles vão pedir a Ashton uma noite de folga do trabalho.

Trace bufou.

— Ele vai dar a eles. Ele vai se divertir se perguntarem na frente de Vivianna.

— Você conhece Vivianna?

— Eu sei sobre Vivianna. Ela está atrás de Ashton desde a faculdade. Ele vai gostar do show. Aposto que seu amigo Justin não vai trabalhar muito tempo no Katya de qualquer maneira, e acho que ele não vai querer que a garota trabalhe lá se ele não estiver.

Eu fiquei tensa.

— Por que você está dizendo isso?

— Porque ele vai descobrir até o final da noite, se é que já não descobriu, que Ashton lhe deu o emprego por causa de suas conexões familiares e também porque ele nos viu sair juntos.

— O quê?

Ele franziu a testa para mim.

— Ele sabe quem somos, quem são nossas famílias. É por isso que ele está trabalhando lá. Seu irmão o colocou nisso. Ele está de olho em nós. Ou estou supondo que é a situação. Ele pode trabalhar, ser pago, receber suas gorjetas, conhecer uma garota legal e, se por acaso ouvir ou vir alguma coisa, passará adiante. Mas nada como ele procurando algo para relatar. Seu amigo é esperto demais para isso, e o irmão dele não gostaria de colocar Justin em perigo desnecessariamente. E eles também não acham que vão conseguir nada, ou não haveria como o irmão dele concordar em deixar seu amigo trabalhar em um dos meus negócios.

Senti como se ganhasse um soco no estômago, mas chateada por não ter descoberto nada disso, e eu deveria ter.

— Ele me disse que seu irmão também era detetive.

Trace olhou para mim.

— Você está distraída.

Ainda. Fiquei desapontada comigo mesma. Eu deveria saber.

— Ele nos viu sair juntos?

— Ele viu, mas Ashton é o único que sabe de alguma coisa, e ele não vai dizer uma palavra.

— Kelly sabe.

— O quê?

— Ela viu você no Easter Lanes. Contei a ela sobre o cara da escada no hóquei e deixei escapar que era você. Se ela viu, ela sabe. Ela pode dizer alguma coisa.

Dirigimos um pouco em silêncio.

— Meu palpite é que ela não viu ou ela teria dito algo no telefone, e Justin não tocou no assunto. Quem faria isso quando ele espera apresentar sua nova namorada para sua família? Caras como Justin não dizem nada, a menos que seja necessário.

Ele estava certo. Justin esperaria, perguntaria sobre a situação. Ele me sondaria antes de decidir como lidar com isso. Eu balancei a cabeça, acomodando-me no assento.

— Vou inventar alguma coisa, um disfarce.

— Eu acho isso inteligente.

Isso estava resolvido, e agora eu tinha pelo menos uma hora para estar no mesmo veículo com Trace.

A compreensão estava surgindo em mim quando olhei para ele, e ele encontrou meu olhar antes de precisar observar a rua. Uma hora inteira ou mais, dependendo do tráfego.

Isso seria bom.

Tudo bem.

Meu corpo não reagiria a ele.

Eu não pensaria em beijar, ou tocar, ou… sim. Seria tudo de bom.

Por que eu não estava acreditando em mim mesma?

— Vivianna disse que você não estava lá quando

chegamos. Quando você chegou?

Ele fez uma careta antes de responder.

— Eu tinha uma coisa de família não muito longe. Ashton mandou uma mensagem quando viu você aparecer, e pensei em não ir. Pensei em respeitar seus desejos, mas ainda bem que não o fiz.

Fechei os olhos.

— Por que você decidiu ir?

Ele não respondeu a princípio.

Ele não respondeu no minuto seguinte, nem nos cinco depois.

Dez minutos.

Passaram-se trinta minutos completos. Sua voz estava rouca quando ele finalmente respondeu.

— Porque quando se trata de você, eu não tenho absolutamente nenhuma *porra* de controle sobre mim mesmo.

Eu gostaria de não ter perguntado.

Mas eu estava feliz por ter perguntado.

CAPÍTULO 34

TRACE

Eu estava entrando no meu escritório no centro da cidade quando meu telefone começou a tocar.

— Olá, Sr. West. — O porteiro me deu um aceno de cabeça, abrindo a porta para mim. Peguei meu telefone, preparado e precisando de um dia inteiro no escritório, quando vi quem estava ligando.

Tio Steph ligando.

Parei alguns metros lá dentro. A recepcionista estava me esperando. Ela sempre tinha uma saudação para nós quando chegávamos, e eu raramente vinha durante o horário normal. Eu estava trabalhando remotamente, mas queria um dia normal no escritório. Eu queria conversar com meus colegas, ouvir as histórias idiotas sobre quanto dinheiro eles haviam negociado no dia anterior. Metade era besteira. Metade estava testando se tínhamos ouvido alguma coisa. A metade estava apenas se conectando. A maioria dos caras que faziam esse trabalho viviam para isso. Eles bebiam, comiam, cagavam isso, mas alguns eram como eu. Eles faziam uma pesquisa de aprofundamento e, quando um de nós era encontrado, sempre recebíamos 'visitantes' aparecendo para 'falar merda' ou querendo tomar uma bebida.

Mas se meu tio estava ligando, eu sabia que nada disso aconteceria.

— Sr. West?

Estendi a mão para a recepcionista, mas não me aproximei. Eu sabia. Eu simplesmente sabia – trabalho ou família.

Ela se levantou de sua mesa, ainda me observando, e depois de um momento, ela franziu ligeiramente a testa. Saindo da mesa, ela alisou a saia e a camisa e começou a atravessar o saguão em minha direção. Alguns outros caras estavam chegando, passando por mim.

— Ei, amigo! Há quanto tempo.

— E aí? Almoço às duas horas?

— Tristian, cara! Bebidas em minha casa esta noite. Você está dentro?

Não atendi e meu telefone ficou mudo, e reprimindo uma maldição, eu me movi para o lado e apertei o botão de retorno.

— Sr. West?

Eu levantei uma mão.

— Um minuto, por favor.

Ela tossiu assim que meu tio respondeu.

— Meu sobrinho! Meu menino. Como você está?

— Sr. West. — Ela levantou a voz, inclinando a cabeça para mim.

Franzi a testa, dizendo ao telefone:

— Um segundo, tio Steph. — Pressionando o telefone contra o peito, levantei uma sobrancelha para ela. — Sim?

— Você tem um visitante.

— Um visitante?

Ela me deu um aceno com a cabeça.

— No seu escritório. Ela foi *muito* insistente.

— Ela?

— Sim, ela. Ela me informou que vocês compartilham do mesmo sangue e o nome dela é Remmi.

Este dia foi de sombrio a ainda mais sombrio, mas pude ver a evidência de Remmi. Ela gostava de deixar um rastro de destruição por onde quer que passasse, e agora fazia sentido porque a recepcionista veio me avisar de sua presença.

Eu fiz uma careta.

— Se ela ameaçou você de alguma forma, peço desculpas em nome dela.

A recepcionista deu um aceno rígido e um sorriso ainda mais rígido, mas sombrio, antes de voltar para sua mesa.

Levantei o telefone novamente, dizendo:

— Normalmente fico feliz com uma ligação sua, tio, mas fui informado de que um desastre me espera em meu escritório.

Ele começou a rir.

— Eu ouvi, mas escute. Eu preciso que você venha hoje.

— Quando?

— Mais cedo do que tarde. Precisamos revisitar a conversa que tivemos há algum tempo, sobre minha saúde e o que isso pode significar para você. E sobre outros assuntos também.

Porra. Porra. Porra! Eu sabia que a linha do meu tio estava grampeada. O FBI escutava continuamente e, por causa disso, tínhamos um código. Um código muito sério que usávamos em certas linhas telefônicas, mas ele apenas transmitiu para quem estava ouvindo que eles precisavam começar a procurar na minha direção.

Por quê? Por que ele faria isso?

Havia uma razão. Eu amava meu tio, mas havia uma razão para tudo o que ele fazia.

— Eu preciso lidar com Remmi, e então eu vou.

— Vamos almoçar. Eu cozinho.

— Parece bom. — Não parecia bom.

Desligamos e, quando cheguei ao meu escritório, estava de mau humor.

Por um momento, parei e voltei para o carro com Jess no sábado.

O caminho até a casa dela parecia em uma bolha. Um breve momento no tempo em que estávamos entre quem ela era e quem eu era, e fomos capazes de nos conectar para um propósito comum. Eu senti como se tivesse recebido um presente, porque ela não estava tensa comigo. Era como se ela se desse permissão durante aquela viagem para ser ela mesma, e foi a melhor viagem de carro que eu já fiz.

Nós rimos. Nós conversamos. Éramos amigos e,

quando cheguei até a casa dela, ela ficou quieta por um longo tempo. Ela não saiu do carro, então parei na rua. Ela tinha uma hora para chegar ao trabalho e ofereci uma carona. Eu esperava que ela dissesse não, e acho que ela iria, mas depois de um momento de hesitação, ela aceitou. Enquanto ela subia para se vestir, esperei no carro. Foi o pedido dela. Ela voltou quinze minutos depois, mas quando comecei a colocar o carro em movimento, ela me parou.

— Podemos? Isso é... — Ela olhou pela janela e engoliu suas palavras antes de olhar de volta para mim. Olhos tão tristes. — Podemos ficar mais um pouco assim?

Nós ficamos. Não houve conversa dessa vez.

Mas por um momento, um pouco de tempo, éramos só nós dois.

Eu queria tanto isso de volta agora.

— O que você está fazendo?

A porta do meu escritório foi aberta e Remmi parou na porta, um ar de irritação nadando ao seu redor. Seus olhos escuros estavam fortemente maquiados. Ela estava vestindo calça de couro preta e um suéter preto que se enrolava bem em torno de seu corpo, e ela usava aqueles brincos de argola que sempre usava durante a faculdade. Eu não sabia por que estava catalogando tudo isso. Talvez por tempo extra. Porque eu sabia que iria de briga para briga logo depois disso. Talvez não parecessem brigas. Elas podiam não soar como brigas, mas eram. Havia uma dinâmica de empurrar-puxar acontecendo sob a superfície. Remmi iria querer alguma coisa. Eu provavelmente não gostaria de dar, o mesmo com tio Steph, mas no caso dele, eu sempre dei.

Dei porque precisava, e nunca quis ver o que aconteceria se eu não fizesse o que tio Steph queria. Olhando para Remmi agora, não sabia o motivo, mas hoje foi o primeiro dia em que comecei a questionar *quando* esse dia aconteceria.

— Olá, irmã.

CAPÍTULO 35

JESS

Eu estava deitada na cama na noite de segunda-feira, acordada, mas tentando fazer meu corpo dormir, quando meu telefone tocou.

Trace: Você já me desbloqueou?

Trace: Além disso, eu sei que você fez, mas as circunstâncias não eram boas, então estou fingindo que esta é a primeira vez que você me desbloqueou. Oi.

Eu sufoquei um sorriso, porque ele estava certo.

Eu: Desbloqueei.

Foi bom vê-lo no sábado. A volta de carro para a cidade foi ainda melhor.

Aquela parede que eu construí contra ele foi atingida no sábado. Uma rachadura se formou, e um pedaço se desfez no domingo, e outro hoje pelo simples fato de sentir falta dele.

Era apenas uma mensagem de texto, eu estava dizendo a mim mesma.

Apenas mensagens de texto.

Meu peito apertou. Eu sabia que estava mentindo para mim mesma, mas minha determinação estava começando a enfraquecer.

Eu: Por que você está mandando mensagens hoje à noite?

Trace: Por que eu tive um dia de merda e um boato chegou até mim de que sua colega de quarto se mudou?

Eu fiz uma careta.

Eu: Como você ouviu isso?

Trace: Foi um grande negócio na festa no sábado. Vivianna contou a Ashton, e Ashton acabou de me contar. Você está bem?

Eu: Ela ainda não se mudou, mas quase não parece diferente. Ela foi dormir na casa dele de qualquer maneira. Terei menos móveis.

Trace: É uma grande mudança, certo?

Eu: É. Vai ficar tudo bem. Kelly ainda é minha melhor amiga. Isso não vai mudar. Por que seu dia foi uma merda?

Trace: Família.

Eu: Não quer falar sobre isso?

Trace: Eu falei. Família. Essa palavra por si só significa merda.

Eu dei uma risada antes de cobrir minha boca.

Eu: Eu entendo esse mantra.

Trace: Veja. Eu sabia que mandar uma mensagem para você seria uma boa ideia. Eu me sinto compreendido.

Eu: Fico feliz que você se sinta compreendido.

Trace: Quero perguntar o que você está vestindo agora, mas presumo que seja forçar isso…

Eu gemi, porque agora meu corpo estava esquentando.

Eu: Eu tenho uma arma.

Trace: Você está dizendo que isso é tudo que você está vestindo? Sua arma? Isso é sexy.

Sufocando outra risada, respirei fundo, porque isso estava indo de uma má ideia para uma ideia ainda pior.

Eu: Não foi isso que eu quis dizer, mas vou dormir. Boa noite. Lamento que seu dia tenha sido uma merda.

Trace: Você fez minha noite melhor.

Trace: Posso enviar uma mensagem de texto amanhã à noite?

Eu respondi na manhã seguinte.

Eu: Sim.

CAPÍTULO 36

JESS

Três noites depois, meu telefone tocou. Eu o agarrei, sem olhar para a tela, porque vamos ser honestos, eu esperava que fosse Trace.

— Olá? — Eu estava na cama, tentando dormir, ou essa era outra mentira que estava contando a mim mesma. Eu estava na cama, mas esperava outra noite de mensagens.

— Por que você está viva? Por que não abortei quando pude?

Ouvi a indiferença, o assobio, e sabia que tinha errado.

Meu corpo ficou frio. Eu não me mexi, não a princípio.

Meu coração começou a bater forte no meu peito e tímpanos.

Era isso. A fase saudável havia parado antes do que eu esperava.

— Quando você ficar sóbria, ligue para pedir desculpas.

Encerrei a ligação e cliquei para bloquear.

Eu não consegui. Deus, mas queria. Eu realmente queria. Seria tão fácil. A vida seria mais fácil.

Mas ela era minha mãe.

Mamãe ligando.

Eu recusei. Sentei-me, puxando meus joelhos até meu peito, e apenas segurei o telefone.

Eu sabia que não deveria. Isso foi tão idiota da minha parte. Autopunição literal, mas voltou à vida. A tela se iluminou; o telefone começou a tremer.

Mamãe ligando.

Eu recusei novamente.

E de novo.

E de novo.

Então as mensagens começaram.

Mãe: Eu queria que Isaac estivesse aqui comigo e não você. ODEIO VOCÊ.

Mãe: Se eu pudesse ter matado você, eu teria. Você DEVERIA MORRER em vez de seu pai.

Mãe: E não um dos meus abortos.

Mãe: Você é gorda. Você é estúpida. Você não vale nada. Nenhum homem vai amar você. Você é a razão pela qual estou sozinha.

Meu telefone continuou tocando, então eu apaguei as mensagens dela, e silenciei os alertas. Se eu não iria bloqueá-la dessa forma, seria inútil fazer qualquer outra coisa. Ela estaria mandando-as até desmaiar.

Mandei uma mensagem para Leo.

Eu: Você está em casa?

Ele não respondeu, então eu estava supondo que ele estava dormindo. Nas noites da semana, ele ia para a cama depois do noticiário local.

Liguei para outra pessoa. Além do Leo, ele era outro amigo da minha mãe que às vezes ajudava a cuidar dela. Bear Rivera. Ele era dono do bar local onde Leo e tantos de nossos colegas frequentavam, então eu sabia que os dois conversavam às vezes sobre quem iria checar minha mãe. Mas enquanto Leo era amigo de meu pai, Bear nunca falou sobre bons momentos com ele. Eu perguntei uma vez sobre

a história deles, e Bear me disse que ele estudou no colégio com meus pais, mas ele e minha mãe eram amigos.

Ele atendeu, os sons de seu bar me dizendo que ele ainda estava no trabalho.

— Garota Jessie! Como você está?

— Bear. Ei. Você poderia me fazer um favor?

— Claro. O que está acontecendo? — Sua voz caiu, ficando séria.

— Minha mãe está furiosa esta noite. Importa-se de ver como ela está depois de fechar? Eu sei que é um pouco fora do caminho, mas…

— Não diga outra palavra. Você sabe que eu vou ver como ela está. Não se preocupe, pequena Jessie. Vou mandar uma mensagem para você quando chegar lá.

Bear foi testemunha de algumas das vezes em que minha mãe me atacou. Nunca falamos sobre isso, porque era o que era. Minhas opções eram cuidar à distância ou deixá-la ir. Eu não podia deixá-la ir; talvez essa tenha sido a minha ruína.

Talvez esse fosse o meu padrão. Não deixar ir pessoas que só iriam me machucar.

— Obrigada, Bear. De verdade.

— Não é preciso agradecer. Você tem cuidado da sua mãe antes de qualquer outra pessoa. Sem problema para mim, e você, querida, durma um pouco esta noite. Eu sei que você tem que chutar alguns traseiros pela manhã. Tire a bagunça da sua mãe da cabeça.

Desligamos e eu tentei dormir.

Passaram-se 53 minutos quando meu telefone tocou novamente.

Bear: Tudo bem. Ela está desmaiada. Parece que ela acabou de sucumbir, sem causar danos a ela ou à casa. Durma bem agora.

Suspirei e deveria ter me sentido aliviada. Eu não estava. Eu apenas me sentia vazia.

Trinta minutos depois, eu me virei na cama e xinguei, pegando o telefone.

Porra. Minha mãe que se fodesse. E todo mundo.

Eu estava usando isso como uma desculpa, porque me peguei buscando o nome de Trace e ligando *antes* de me permitir pensar sobre o que estava fazendo.

Chamando...

Parei, e então desliguei meu telefone antes que eu fizesse algo seriamente estúpido.

O que eu estava fazendo?

Eu queria que ele mandasse uma mensagem, como ele fez nas últimas noites.

Eu pensei que era ele. Eu estava tão feliz, pegando o telefone, mas não era ele. Era ela, e agora ela estava dentro, além das minhas paredes, e seu ódio estava cobrindo minhas entranhas.

Maldita.

Maldita seja.

Acordei com 23 mensagens da minha mãe, dos últimos 10 minutos antes de Bear passar para checar. Eu não li as palavras, apenas olhei para os carimbos de tempo. E havia uma mensagem de Trace.

Trace: Desculpe, não mandei mensagem ontem à noite. Eu vi que ligou. Você está bem?

Era dele, mas ainda assim, indo para o trabalho, concentrei-me em sua única mensagem e tentei esquecer as 23 da minha mãe.

CAPÍTULO 37

JESS

Eu estava fazendo visitas domiciliares com minha parceira hoje.

Esperei até depois da primeira parada antes de trazer o assunto à tona.

— Então, você e Reyo, hein?

Val estava tomando um gole de café, e notei que era sua única pequena compra de cafeína para o dia. Eu conhecia seus hábitos diários, mas desde que descobri o pãozinho no forno, passei a prestar mais atenção. Val sabia que eu sabia. Eu sabia que ela sabia que eu sabia, então dei a ela tempo para se adaptar.

E cansei de dar a ela tempo para se adaptar.

Ela se engasgou com o café, quase cuspindo antes de engolir, e olhou para mim.

— Você fez isso de propósito.

Abri um sorriso comedor de merda, tomando um gole frio e casual do meu café.

— Pode apostar que sim. Momento perfeito da minha parte também. Eu me daria quatro vírgula cinco de cinco.

— Não estamos fazendo isso. — Ela estava tentando ser totalmente assertiva, colocando o café de volta no porta-copos do carro antes de o ligar.

Esperei até que estivéssemos no trânsito. Menos chance de ela pisar no acelerador ou pisar no freio quando estávamos movimentando-nos.

— Então você vai ficar com ele?

— Você não vai parar, vai?

— Eu fiz duas perguntas.

Ela fez um som de rosnado quando ligou a seta e disparou para a outra pista.

— É melhor você não ter dito nada ao Leo. Sei que vocês dois são como uma família, mas ele também é o líder da minha equipe.

Meu sorriso sumiu.

— Isso significa que você está pensando em não ficar com ele?

Eu não estava me referindo ao bebê como 'o bebê' por respeito à minha parceira. Val era tudo ou nada, então o fato de eu saber sobre o pequeno feijão dizia que ela o estava mantendo. Ela provavelmente decidiu no fundo de sua mente no segundo que ela suspeitou, mas Val precisava de tempo para enfrentar sua decisão. Era assim que ela lidava com tudo em sua vida. Ter um filho tendia a mudar as coisas para nós, e eu não estava pensando em nossos empregos. Eu assisti outras mulheres terem filhos. Elas se tornavam humanas. Eu não achava que Val estava pronta para ser humana.

Outro grunhido frustrado quando ela bateu no volante com a palma da mão antes de se acomodar. Ela resmungou:

— Eu não sei, ok? Eu só quero manter isso quieto por um tempo. Eu estou bem com você sabendo. Você pode ficar de boca fechada, mas Jesus. Já imaginou se alguém descobrisse? Travis? — Ela estremeceu. — Apenas foda-me como um caminhoneiro, por que não? Estaria em todo o escritório em dois minutos. Ele faria uma porra de um TikTok sobre isso.

— Conte-me sobre Reyo em vez disso.

Ela revirou os olhos, outro resmungo a deixando.

— O que há para dizer?

— Vocês dois ficaram naquela noite no casamento?

Ela ficou quieta.

— Sim.

— Ele deve ter resistência.

Ela bufou, um lento sorriso surgindo em seu rosto.

— Vá se foder. Você sabe que ele tem, por isso voltei.

Eu sorri de volta.

— Ele parece ser um bom parceiro.

Ela olhou para mim quando usei essa palavra, mas

suspirou.

— Ele é. Ele é como um jovem castor ansioso. Também é fofo com suas pequenas covinhas nas bochechas.

Eu *não* estava tocando naquele assunto, porque testemunhei o cara sorrindo. Ele não tinha covinhas no único par de bochechas que eu queria ver nele.

— Ai, Jesus. Foda-me. Você está vendo o que eu estou vendo?

Eu estava. Havia dois caras andando na calçada, caminhando perto de uma escola, e um desses caras não deveria estar a uma certa distância de nenhuma escola. Ela virou e parou no estacionamento logo à frente deles, e então saímos do carro. Um desses presos na condicional era dela, e ele era um criminoso sexual.

— Sr. Bartram, por que você está a uma curta distância daquela escola primária, a apenas um quarteirão de distância?

— Oh, ei, oficial Hartman.

Nosso dia havia começado oficialmente.

CAPÍTULO 38

TRACE

Eu estava na parte de trás do meu SUV, estacionado a um quarteirão da casa do meu tio, já que aquela reunião que ele queria no outro dia estava acontecendo agora. Não consegui mais adiar, mas estava aqui, era noite e não tive notícias de Jess o dia todo. Ela ligou ontem à noite, mas desligou.

Foi quando a porta de trás se abriu e um corpo deslizou para dentro, bem rápido e furtivo.

Comecei a pegar minha própria arma quando seu rosto se virou em minha direção e exalei uma respiração irregular.

— Jess.

Jess estava toda de preto. Eu estava assumindo a camuflagem desde que estava escuro. Ela tinha saltado sobre os caras, e meu divisor de privacidade ainda estava no lugar.

— Sr. West? — Esse era o Demetri. Ele era o motorista esta noite.

Pajn estava fora do carro e, quando abriu a porta dela pelo lado de fora, eu apertei o botão do interfone.

Jess estava com a arma em punho. Não estava apontada para Pajn, mas estava fora.

Ela estava se sentindo no limite, vulnerável.

Falei pelo interfone.

— Tudo bem. — Soltei o botão do interfone, acenando para Pajn, que recuou e voltou para o banco da frente.

Jess me lançou um olhar sombrio antes de estender a mão e fechar a porta.

— Estamos além disso. — Olhei para a arma dela, que ainda estava desembainhada. — Além disso, eu conheço armas. Sua trava está acionada.

Seus olhos se estreitaram, mas ela guardou sua arma.

— Por que você ligou ontem à noite?

Sua mandíbula se apertou.

Eu fiquei tenso, esperando...

Ela suspirou.

— Por que isso importa?

Eu me certifiquei de que meu tom fosse suave.

— Isso é importante para mim. Você é importante para mim.

Eu não sabia por que ela me procurou. Tinha certeza de que havia um motivo, mas ela não parecia pronta para confessar. Em vez disso, eu estava seguindo meu caminho.

— Por que você ligou, Jess?

Sua cabeça abaixou, mas ela não se virou para mim. Ela permaneceu de frente para a porta.

— É família, né? Esse é o nosso código para 'situações de merda'.

Ela estava me dando algo.

Eu queria mais. Eu precisava de mais.

Perguntei:

— O que aconteceu?

— Apenas... minha mãe sendo a vadia de sempre — ela falou.

Certo. Parte da minha tensão mudou para simpatia. Uma fatia de dor passou por mim.

— Quando você me investigou, o arquivo continha o que aconteceu com minha própria mãe?

Ela se virou um pouco na minha direção, parou, pensou a respeito e virou a cabeça o resto do caminho.

Eu me senti melhor, vendo seus olhos em mim. Eu me senti ainda melhor vendo que não havia condenação ali. Só curiosidade.

— Ela se matou. Eu estava na Califórnia na época, mas minha irmã estava aqui. Ela era uma caloura no ensino médio, e isso perturbou-a.

— Por que ela fez isso?

— Ela não deixou um bilhete, mas meu palpite – meu pai fodeu o suficiente, e ela acabou com isso? Ele era uma

peça, se o seu relatório também não mostrou isso.

— Mostrou sobre seu pai, não sobre sua mãe. Ou sua irmã.

— Remmi. Ela não vai falar sobre aqueles dias. Ninguém vai, então eu realmente não sei o que aconteceu. Eu sabia que minha mãe tinha sido arruinada por meu pai. Todos os anos, todos os meses, todos os dias. Ela era uma concha de si mesma no final, e não de um jeito bom. Ela estava amarga, com raiva. Recebi minha cota de telefonemas descontando a raiva dela em mim. Não consigo imaginar o que Remmi passou.

— Você está compartilhando isso pensando que sentirei ainda mais uma conexão com você?

— Estou dizendo que tenho alguma consciência de como é uma merda ser acordado com um telefonema de uma mãe abusando de seu filho. Isso é tudo.

Ela não respondeu, apenas olhou fixamente para mim até que senti uma mudança no ar.

Uma parede rachou-se para mim.

— O erro da minha mãe foi escolher meu pai, mas se ela não tivesse escolhido, então meu irmão não teria nascido e… não posso culpá-la por isso. O que acontece depois é tudo o que acontece depois.

— Ela tinha você também.

Sua cabeça se ergueu novamente, sua mandíbula se firmou. Ela estendeu a mão para a maçaneta da porta.

— Sim, bem. Talvez esse tenha sido o outro erro dela. — Ela abriu a porta e se foi, sem se preocupar em fechá-la.

Saí, olhando para cima e para baixo nas duas calçadas, mas ela realmente havia sumido. Um fantasma.

— Seu tio acabou de ligar. Ele quer saber onde estamos. — Demetri tinha saído atrás de mim, indo fechar a porta.

Eu balancei a cabeça, resignação tomando conta de mim.

— Diga a ele que estamos indo agora.

Voltei para dentro, preparando-me para esta reunião, mas não perdi o que acabou de acontecer. Algo que mudou o jogo.

Jess veio *até mim*.

CAPÍTULO 39

JESS

Kelly foi embora.

A mudança começou esta semana. A maioria das coisas dela tinha sumido. Suas roupas foram na terça-feira. Seus itens de cozinha e suas fotos foram na quarta-feira. Sua cama e sofá foram ontem. Ela não tinha muito mais no lugar. Mas considerando que eles estavam fazendo a mudança, pensei que ela falaria mais comigo. Ela tinha estado quieta a semana toda. Isso me fez pensar se Justin tinha dito algo sobre me ver com Trace. De qualquer maneira, eu estava trabalhando no Katya e de olho nele na seção ao meu lado.

Até agora ele estava normal. Ele ergueu o queixo para mim em saudação e se aproximou, falando besteira antes que a primeira onda de clientes chegasse. Tínhamos algum espaço para respirar hoje, mas isso duraria apenas mais uma hora, então seria cliente após cliente depois disso.

Talvez tenha sido por isso que ele apareceu dez minutos depois, encostado no balcão, observando-me trabalhar.

— Então… podemos falar?

Aí estava.

Eu dei a ele um pequeno aceno.

— Claro. Aqui?

— Sim. Quero dizer. — Ele gesticulou para trás e em direção a sua seção. — Nós dois não podemos sair.

Eu sabia, então continuei trabalhando, lançando-lhe um olhar de soslaio.

— Isso é sobre o fim de semana passado?

— Hum. — Ele respirou fundo, passando a mão pelo cabelo. Ele se levantou, mas se aproximou de mim. — Escute, eu sei com quem você saiu.

Certo. Esta era a conversa. Por um breve momento,

esperava que fosse sobre ele tirar minha colega de quarto de mim.

Eu ainda estava olhando para ele, ainda trabalhando.

— Sim?

— Eu estou ciente de quem ele é, você sabe. Nossas famílias… há uma conexão lá, e eu descobri o que Vivianna fez. Ela nunca me contou, mas me usou para tentar ficar com Walden.

— Certo. Ok. — Eu ainda estava esperando o outro sapato cair.

— Meu, uh, irmão, você sabe o que ele faz.

Parei de receber pedidos e endireitei-me.

Justin também, colocando um pouco de distância entre nós, mas não muito. Ele indicou mais atrás para que os clientes não pudessem ouvir. Eu fui, e ele baixou a voz, a cabeça inclinada para a minha.

— Não sei o motivo pelo qual um West estaria lhe dando uma carona de volta para a cidade, ou porque você mentiu para Kelly sobre isso, mas posso apenas imaginar, e espero estar entendendo tudo errado… conversei mais com meu irmão sobre West e Walden. Olha, todas as cartas na mesa? Eu mencionei este trabalho para ele, e ele disse que se eu ouvisse alguma coisa, deveria avisá-lo. Era isso. Não estou aqui espionando-o. Não quero que você pense isso.

Era mais alarmante que ele estivesse me explicando que não era um informante.

— Olha, o que estou tentando dizer é que não tenho mais um bom pressentimento aqui. Esta noite é minha última noite. A de Kelly também. Tive uma longa conversa com ela sobre quem eram os donos, mas mantive segredo sobre quem era sua carona no sábado passado, embora não saiba por que deveria manter isso em segredo. Já que foi você quem mentiu, e já que você sempre se manifesta, presumo que você tenha seus motivos. Meu irmão me disse que há outra família tentando se mudar para Nova Iorque. Isso significa que eles estão indo contra nossos chefes, os

dois. Não conheço os detalhes de como nossos proprietários estão envolvidos com suas famílias, mas sei que estão envolvidos. Isso é o suficiente para me preocupar. Quero que renuncie conosco. Todos nós podemos ir para outro lugar. Kelly adoraria isso. Ela esteve chateada a semana toda, pensando em deixar você para trás. É o dobro desde que ela está se mudando e agora saindo daqui. Conheço alguém no Octavia. Eles podem falar bem de nós…

— Os donos do Octavia não estão ativos em Nova Iorque, mas não pense nem por um segundo que eles também não estão conectados.

Ele parou de falar, surpreso com a minha declaração.

— Está falando sério?

Balancei a cabeça.

— Eu estou supondo que seu irmão não contou sobre aquele lugar.

— Merda. Não. — Ele balançou a cabeça, passando a mão pelos cabelos mais uma vez. — Não importa. Estamos nos demitindo. Venha conosco.

Deus.

Eu deveria. Eu precisava.

O bom senso ditava que eu fizesse exatamente o que ele disse, mas… mesmo agora eu queria olhar para onde estava sua sala particular. Eu queria checar meu telefone, ver se ele tinha me enviado uma mensagem. Eu não conseguia parar de relembrar estar no carro com ele.

Minha garganta estava em carne viva quando dei um tapinha no braço de Justin.

— Eu adoro o que é familiar. É a minha ruína. Eu fiquei esse tempo todo; vou aguentar. Gosto de trabalhar no Katya, mas significa muito que você queira que eu vá com você.

Arrependimento apertou seu rosto, sua boca pressionando em uma linha firme.

— Tem certeza?

Eu abaixei minha cabeça.

— Eu vou ficar bem, Justin. — Indiquei Kelly, que nos observava de um nível acima. — Você cuida dela. Tudo bem?

Ele respirou fundo, a resignação caindo sobre seus ombros. Ele ergueu a cabeça, mas não olhou para Kelly. Ele continuou me observando.

— Você não pode mudar de ideia?

Eu dei um pequeno aceno de cabeça.

Ele assentiu, cedendo.

— Tudo bem. Vamos. Dê-me um abraço.

Eu não me opus quando ele me puxou para perto e me apertou com força.

— Fique segura. Não sei por que você estava no carro com ele, mas, por favor, fique bem. Seja esperta.

Eu não poderia prometer a parte esperta, mas eu o abracei de volta.

— Eu cuidarei de mim. Não se preocupe.

Ele recuou, deixando-me ir.

— Você se tornou família, então vou me preocupar.

Eu dei a ele um sorriso torto.

— Supondo que isso significa o que eu acho que significa.

Ele sorriu de volta, meio sorriso.

— Eu a amo. Muito.

— Também acho que era isso que estava por trás da nossa viagem no fim de semana passado.

— Minha tia a amou também. Eu queria que ela conhecesse Kelly antes de eu propor casamento, mas tenho o anel.

— Avise-me quando propor, está bem? Quero ter certeza de que estarei perto do meu telefone.

Ele bufou, começando a se afastar e ir para sua seção.

— Uh. Você vai estar lá e vou precisar da sua ajuda para planejar tudo.

Isso era besteira total, mas gostei que ele estava fingindo que precisava da minha ajuda.

— Eu disse a ela que você era uma boa pessoa desde o começo, sabe.

Ele me deu um último sorriso.

— Eu sei.

Ele se virou para seus clientes e eu fiz o mesmo, mas não conseguia me livrar da sensação de que esta noite era o primeiro final antes de muitos outros finais. Eu não sabia o que os outros seriam, e o pavor que estava em minhas entranhas também não sabia.



Eu verifiquei meu telefone no meu intervalo e vi a mensagem lá esperando por mim.

Trace: Quer uma carona de volta para sua casa depois do trabalho?

Eu: Eu tenho meu próprio carro.

Ele havia enviado sua mensagem uma hora atrás, mas respondeu imediatamente.

Trace: Então talvez eu pudesse pegar uma carona? Ou você pode deixar seu carro durante a noite. Temos um local de estacionamento seguro. Você pode estacionar lá.

Trace: Anthony disse que Justin parou em seu escritório mais cedo.

Então ele sabia.

Meu coração estava pesado e fechei suas mensagens, percebendo que havia mais treze mensagens da minha mãe. Eu cliquei nelas, querendo ter certeza de que nada estava errado, e, percebendo que as primeiras palavras de sua mensagem mais recente eram *você é uma vadia*, eu as fechei.

Eu respondi, sabendo que estava cometendo um erro.

Eu o cometeria de qualquer maneira.

Eu: Eu gostaria de uma carona.



Kelly veio no final de seu turno.

— Justin disse que falou com você.

Eu ainda estava lotada de clientes, então não parei de trabalhar.

— Sim. Vou ficar.

Ela assentiu com a cabeça, os olhos tristes.

— Eu não posso mudar sua decisão?

Aí estava. Dei-lhe um sorriso, vendo que ela estava quieta por causa da mudança. Terminei o pedido desse cara e fui até ela para lhe dar um abraço. Ela passou os braços apertados em volta de mim, abraçando-me ferozmente.

— Precisamos fazer mais do que Easter Lanes no domingo.

Eu recuei.

— Faremos muito mais do que jogar boliche aos domingos.

Ela passou a mão pelo olho, piscando para afastar o que estava lá.

— Por que eu sinto que isso é permanente desta vez?

— Porque espero que seja. — Eu vi que Justin estava

meio que nos observando enquanto ele continuava atendendo aos pedidos. Eu lancei um sorriso para ele, e ele me deu um aceno de volta. — Seu caminho é com ele. Éramos ótimas colegas de quarto e melhores amigas. Pode apostar que não vou abrir mão da nossa amizade. Eu preciso disso. Você equilibra todas as outras besteiras da minha vida.

— Eu me preocupo com você.

Oh. Isso estava fazendo meu peito doer. Eu a puxei para mais um abraço.

— Mande-me uma mensagem amanhã, e vamos combinar a próxima vez que nos encontraremos. Faremos uma coisa semanal.

— Você promete?

Eu estava balançando a cabeça quando ouvi atrás de mim:

— Eu *não posso acreditar* nisso.

A resposta de Kelly foi imediata, virando-se. Ela enfrentou sua cota de brigas femininas no passado, então ela foi a primeira a responder:

— Podemos ajudá-la, *senhora*?

Senhora. Quase comecei a rir. Essa garota, quem quer que fosse, era obviamente mais jovem do que nós. E inteligente, porque ela percebeu o insulto de Kelly. A jovem tinha cabelos escuros e lisos, pernas longas como as de uma modelo. Ela estava vestida com legging jeans colante de cintura alta. Um top cropped estilo corpete preto. Brincos de argola que achava que tinham saído de moda quando eu estava na faculdade, mas ficavam bem nela. A maquiagem dela também estava no ponto, mas o desdém dirigido a mim estava tirando todo o resto.

— Eu sei quem você é. — Ela bateu com a mão no balcão, suas longas unhas vermelhas distraindo até a mim. Além disso, aquelas pareciam dolorosas em uma luta, para ela. Eu iria direto para elas.

— Com licença?

Kelly começou a se mover na minha frente, mas eu a segurei.

— Eu resolvo isso.

Justin estava olhando, e acenei para ele levá-la. Ele me deu um aceno de cabeça e, enquanto me movia em direção à mulher-criança, vi Justin afastando Kelly. Eu poderia lidar com isso. Eu não precisava me preocupar com a possibilidade da minha melhor amiga ter um prego no globo ocular.

— Senhora. — Eu estava usando minha voz de oficial. Saiu alta e assertiva pra caralho, e teve um efeito sobre todos ao meu redor. Todos eles se levantaram e afastaram-se.

Eu dei a ela um olhar duro também. Aqueles que faziam maravilhas na maioria dos infratores.

— Se você tem um problema comigo, declare-o. Mas vou avisá-la de que, se fizer qualquer movimento mais agressivo comigo, teremos um tipo de conversa completamente diferente.

— Oh, sim? — Seu sorriso de escárnio vacilou quando comecei a falar, mas voltou. Ela cruzou os braços sobre o peito. — Que tipo de conversa seria essa?

— Você descobrirá. Agora. Qual é o seu problema comigo? — O nível de ódio em seus olhos era de nível elevado. Era como se eu tivesse pessoalmente destruído a infância dela, ou espere. Talvez eu tivesse. — Você conhece alguém na prisão? — Ou melhor, fiz parte da equipe que o colocou lá ou de volta lá? Isso faria mais sentido.

— Não. Bem, sim, mas não é por isso que vou ter o seu trabalho esta noite.

— Você quer meu trabalho, senhora?

Ela corou, alguma confusão destruindo o ódio.

— O quê? Não! Deus. Quem é você?

— Eu acredito que essa é a questão aqui. Quem sou eu para você e por que você tem um problema comigo?

— Você está brincando comigo? Você não sabe quem

eu sou? — Ela bateu as mãos e se inclinou, fazendo o possível para me intimidar. Ela era alta o suficiente – poderia ter funcionado com alguém que já não tivesse sido amaldiçoada por cada palavra, e isso apenas esta tarde.

— Senhora. Se você não declarar o que te faz estar aqui, precisará sair.

Ela deu uma risada feia, ficando de pé novamente. Aqueles braços cruzados sobre o peito.

— Isso é hilário, especialmente considerando o fato de que meu irmão é o dono deste lugar.

O-oh. Oh, não.

O reconhecimento me atingiu, e a conversa anterior de Trace voltou para mim.

Ele tinha falado sobre sua irmã.

Situação de merda. Família.

— Quem é seu irmão?

— Tristian West, mas isso realmente não importa, porque Ashton é uma figura de irmão para mim também. — Ela estava adorando me contar isso, desenhando com um sorriso presunçoso. — Confie em mim, vadia. Você vai se arrepender de entrar neste lugar. Terei seu trabalho até o final da noite, e depois irei atrás daquela puta da sua mãe também. Vou fazer da minha missão colocar você e sua mãe vagabunda nas ruas.

Esta era a irmã de Trace. Que conhecia minha mãe de alguma forma.

Pois bem. Se estávamos mostrando todas as nossas cartas, estendi a mão e tirei a corrente do meu pescoço até que meu distintivo aparecesse. Eu o tirei e coloquei no balcão, ignorando o efeito que causava nos clientes ao nosso redor. Eu me importava apenas com a reação dela, e o choque que foi rapidamente velado e empurrado para baixo era o que eu precisava ver. Ela não tinha ideia de quem eu realmente era. Ela veio toda emoção e nenhum plano.

— Vamos ver se você tenta me deixar sem-teto. E já

que está nisso, por que não me conta como conheceu minha mãe? Porque isso é novidade para mim.

Olhei por cima do ombro dela, vendo Ashton vindo em nossa direção. Não consegui ler sobre ele, mas quando ele passou pela seção de Justin, vi Kelly me dando um discreto sinal de positivo.

A mulher-criança recuou, dando-me um olhar mais avaliador, mas qualquer coisa que ela disse foi cortada, porque Ashton estava na minha seção. Ela se virou para ele.

— Ash, o que você está fazendo?!

A voz dela se elevou em um guincho quando ele a pegou pelo braço, segurando-a logo abaixo do cotovelo, e deu um leve aceno com a cabeça.

— Desculpe-nos. — Ele começou a afastá-la, como um pai removendo uma criança que estava tendo um ataque de raiva.

— Ashton! O que você está fazendo?! Você sabe quem é aquela?!

Eles se distanciaram um pouco mais, passando por Justin e Kelly, e então a música a abafou.

Continuei a observá-los ir, por que o que *diabos* foi isso?

— Isso é de verdade? — Um dos clientes estava inspecionando meu distintivo e eu o agarrei, coloquei de volta no pescoço e enfiei por dentro da camisa.

Eu ignorei a pergunta.

— O que você quer beber?



Foi depois de fechar, e já limpando minha seção, quando Ashton voltou.

Eu me endireitei, o pano na mão.

— O que foi aquilo?

Seus olhos se estreitaram.

— Você honestamente não sabe?

— Não. — Eu terminei com isso. Depois de jogar meu pano na pia, eu me movi em direção a ele até ficar a poucos metros de distância. Cruzei os braços sobre o peito. — Ela chamou minha mãe de prostituta e vagabunda e disse que quer nos deixar sem-teto. Já passamos dos jogos. O que foi aquilo?

Primeiro as coisas principais. Eu queria saber.

Ashton ia me contar. Eu sabia. Eu estava apostando nisso.

Ele olhou para mim, longa e duramente, e eu estava ciente da atenção que estávamos recebendo dos outros funcionários, porque não era sempre que nossos chefes desciam até aqui depois de fecharmos, ou nunca. Como disse antes, trabalhava aqui há muito tempo e não tinha ideia de quem realmente era o dono do clube. Isso falava muito.

— Sua mãe teve um caso com Dominic West. Foi antes de seu pai morrer, e não, Trace não tem ideia, mas ele vai saber depois desta noite. Ele foi informado momentos atrás. *Sua* mãe foi a razão pela qual a mãe *deles* se matou. Ela descobriu sobre o caso. — Ele se aproximou. — É a razão pela qual seu pai parou de trabalhar para Dominic.

Jesus.

Eu estava abalada.

Eu estava rodando.

Minha mãe… a mãe deles.

Continuei ouvindo as palavras de Trace hoje cedo.

A coincidência era demais, mas… meu pai havia trabalhado para o dele. Nunca me disseram os detalhes. Fui mantida de fora de propósito, minha mãe dizendo em mais de uma ocasião que eu não precisava me preocupar com essas *coisas*. Isso era o que ela dizia. Coisas.

Mas ela teve casos. Eu sabia que ela teve, e ele

também. Meu pai.

Ele estava naquele mundo antes de morrer.

Podia ser verdade. Podia ser tudo verdade.

— Pelo que vale a pena, Dominic é um monte de merda. Disseram-me que *sua* mãe é cortada do mesmo tecido. Meu conselho? Pare de lutar e apenas foda Trace. Está ficando velho, todo esse episódio de tortura que vocês dois estão tendo. — Ele recuou, seu rosto se firmando novamente. — Remmi não vai incomodá-la novamente e tomamos a liberdade de colocar seu carro em um local seguro. Sua carona está esperando lá fora quando você terminar.

Eu ainda estava me recuperando da coisa mãe versus pai, mas certo. Ok. De volta aos negócios como de costume.

Trace estava esperando por mim, porque eu havia mandado uma mensagem para ele mais cedo, concordando com a carona para casa.

— Jess.

Endireitei-me, concentrando-me em Ashton. Ele estava esperando.

— Sim?

— Eu não me importo com o tipo de distintivo que você está carregando. Você precisa estar ciente do que farei se você o machucar. Se você machucar meu melhor amigo, eu vou matar você.

Com isso dito, ele sorriu, acenou e saiu.

Certo. Ok.

Trace: Você vem?

CAPÍTULO 40

TRACE

Eu estava no estacionamento dos fundos, esperando.

Fazia trinta minutos.

— Devemos ir?

Eu verifiquei meu telefone. Ela não respondeu minha última mensagem perguntando se ela estava saindo.

— Vamos esperar.

Esperamos mais vinte antes que a porta dos fundos se abrisse e ela saísse. Ela parou, vendo meu veículo, e colocou as mãos nos bolsos. Ela olhou para a porta. Minhas janelas eram escuras, mas ela estava olhando diretamente para mim, como se pudesse me ver.

Deus.

Ela estava sofrendo.

Tudo em mim queria abrir a porta e ir até ela. Eu queria abraçá-la.

Eu queria que ela entrasse no veículo.

Eu queria dar-lhe uma carona para casa. Eu queria dar-lhe uma carona para casa todas as noites.

Eu queria tudo, mas estava acontecendo.

Ela estava me deixando entrar, devagar, muito devagar, mas ainda estava acontecendo.

Agora Remmi – eu não conseguia pensar nisso. Ainda não.

Eu só queria Jess.

Eu estava começando a desejar que ela viesse, e a porta se abriu.

Ela entrou, como na outra noite.

Ela não se virou para mim, apenas olhou para a frente e então fechou os olhos.

Ela inclinou-se para a frente.

— Jess?

Ela se levantou e se virou para mim.

— Por que você não está dizendo nada?

Maldita. A chicotada. Tive que piscar um pouco.

— Sobre o quê?

— Sobre nossos pais. Minha mãe! Sua mãe. Trace… — Um profundo soluço foi sufocado. Ela estava franzindo a testa, balançando a cabeça. — É verdade? Por favor, diga que não. Minha mãe… Deus.

Abri a boca, fechei e fiz uma careta. Então eu fui com a verdade.

— Não faço ideia, mas é o que vou dizer: minha mãe já estava doente muito antes do meu pai ter um caso. Se ele teve um com sua mãe, eu não ficaria surpreso. Não conheço a postura de sua mãe em relação à fidelidade, mas meu pai não tinha uma. Ainda não tem. Ele transa com strippers, secretárias, assistentes, cozinheiras. Seu pai trabalhou com o meu. Eu não sei o relacionamento, mas vou saber depois desta noite. Eu estava na faculdade quando isso aconteceu. O que posso dizer é que minha mãe não se matou por causa da sua mãe.

— Ashton disse isso. Ele afirmou que sua mãe se matou por causa da minha mãe. Ele disse como se fosse um fato.

— Ele estava dizendo a você a verdade de Remmi, não a verdade de fato.

— Como você sabe disso?

Meus lábios se contraíram, por que como eu poderia explicar meu melhor amigo para ela?

— Porque ele é meu melhor amigo. Ele disse isso para você por dois motivos. Um, porque é isso que Remmi pensa, e o segundo é uma piada sobre você. Você é policial. — Eu coloco de forma mais simples. — Você é o inimigo.

— Por que você está tão calmo sobre isso? Se isso for verdade, é enorme.

Meus lábios se contraíram novamente.

— Porque eu conheço meu pai. Eu conheço minha mãe. Li os arquivos da sua mãe e vi a foto dela. Ela é uma mulher bonita. Não é impossível que sua mãe e meu pai

tenham se cruzado, e posso ver por que meu pai se sentiria atraído por sua mãe. Ela é uma mulher bonita, ainda é, e estou bastante obcecado por sua filha. Você tem alguma semelhança com sua mãe.

Ela gemeu.

— Você está dizendo que você e seu pai têm gostos semelhantes para as mulheres?

Eu estava tentando não rir, mas essa era a única conexão que admitia em relação ao meu pai.

— Você é estonteante. Sua mãe é linda. Só estou dizendo que não poderia culpá-lo por sentir atração por sua mãe, se fosse esse o caso. Qualquer outra coisa, não. Há muito tempo aprendi a me separar das transgressões do meu pai com mulheres, jogos de azar, qualquer coisa. Ele é uma decepção como pessoa e ainda mais como pai. Se minha irmã quer colocar sua raiva em você, ela está enganada ao fazer isso, e ela será tratada, mas também, isso me diz que ela não atingiu o nível de desilusão que eu tenho com ele.

— Você está sendo muito… franco sobre tudo isso.

Meus lábios se afinaram, porque essa era uma escolha fácil.

— Ele é um pai biológico, mas é isso. Tenho mais emoção com uma lata de lixo do que com ele.

Seus olhos brilhavam, mas não pensei que fosse de felicidade. Uma emoção não derramada estava lá. Eu tive um vislumbre antes que ela virasse a cabeça novamente.

Ela murmurou:

— Eu deveria ir.

— Fique — falei isso calmamente.

— Por que, Trace? — Sua voz falhou, engatando em uma emoção. — Estamos literalmente recebendo cada bloqueio de estrada à nossa frente, e onde estamos? Ainda aqui. Ainda neste veículo juntos. Nós somos loucos. Essa é a definição.

Provavelmente.

— Uma carona, Jess. É isso. Gostaria de lhe dar uma carona para casa e, se quiser, trago você de volta para pegar seu carro amanhã.

— Mas por quê? — ela sussurrou, com a cabeça inclinada para baixo.

— Eu só quero passar um tempo com você. Isso é tudo. Uma carona... é um tempo prolongado com você em um abrigo fechado do resto do mundo. Tenho você por esta pequena fuga, e eu vou levá-la todos os dias, se você me der isso.

Ela se virou para mim, com lágrimas nos olhos e os lábios entreabertos. Ela piscou, ainda olhando para mim, mas algo clareou em seu olhar, e ela assentiu.

O alívio se soltou em meu peito.

Eu me inclinei para trás no meu assento, acomodando-me.

— Podemos ir.

O SUV começou a avançar enquanto Jess se movia, seu braço caindo para descansar no assento entre nós. Ela encostou seu braço no meu e, olhando para baixo, vi que a mão dela estava meio virada para a minha. Olhei para cima, vendo que ela estava me observando, e quando um pequeno sorriso brincou em seus lábios, levantei minha mão e peguei a dela.

Segurei a mão dela durante todo o trajeto até a casa dela.

Quando estacionamos, ela me encarou longa e duramente. Ela pegou as chaves.

— Obrigada pela carona.

— Posso dar uma carona a você amanhã para pegar seu carro?

Ela fez uma pausa, mas antes de sair, ela assentiu.

Eu conseguiria segurar a mão dela novamente.

CAPÍTULO 41

JESS

Meu alarme tocou às seis. Dei-lhe um tapa e rolei de costas, ligeiramente ofegante.

Um sonho sexual.

Quantos anos eu tinha? Tudo porque ele segurou minha mão, e na manhã seguinte segurou minha mão quando fomos buscar meu carro?

O que eu estava pensando, concordando com isso?

Eu sabia. Eu não queria ser forte por uma maldita noite.

Eu queria uma carona para casa, mas não era nem isso. Eu queria que fosse ele me dando uma carona para casa. Quão estúpida eu poderia ser?

Meu telefone vibrou, e eu o peguei.

Val: Bebidas depois do treinamento com armas. Você está dentro? O pequeno Micky está se transferindo. Eles querem fazer uma despedida da maneira certa.

Deus, sim. Isso era perfeito. Uma noite com os nossos colegas.

Eu: Porra. Sim. Onde vamos beber?

Val: Bar do Bear.

Oh. Porra, não. Aquele era o bar do Bear, e eu não estava dizendo *não* por que era o lugar dele, mas, bem... porque era o lugar dele. Haveria uma conversa entre nós, e seria centrada em minha mãe, e pensando na revelação da irmã de Trace, eu estava cheia da necessidade de *não* ver,

lidar ou falar com minha mãe. Ela não estava explodindo meu telefone desde sábado, então por que eu iria querer procurá-la? Ainda sim. Eu gemi enquanto escrevia de volta.

Eu: Parece bom. Horário?

Val: Quem diabos sabe. Assim que todos terminarem seus turnos.

Eu: Por que você vai? Você não pode beber.

Val: Eu posso sentir o cheiro. Posso fingir. Não tire essa merda de mim. Eu preciso disso.

Eu: O oficial Reyo vai estar presente?

Val: Foda-se. Vejo você no treinamento.

Certo. Eu ri, mas depois gemi de novo.

Aquele sonho sexual ainda estava comigo. O que estava errado comigo? Oh, certo. Eu tinha um gosto horrível, horrível para homens, mas Trace não era horrível. Ele era incrível. O que sua família fazia, o que às vezes ele ajudava… eu precisava parar de pensar nisso.

Eu precisaria de um treino duro esta manhã.



Bear estava atrás do balcão quando entrei.

De certa forma, ele se parecia com seu bar. Ele era

baixo, cerca de 1,70m, mas ele era construído como um verdadeiro tanque. Ele mantinha a cabeça careca e limpa, da mesma forma que mantinha o bar limpo. Seu bar era pequeno, fechado por tijolos por dentro e por fora. Ele manteve o charme do prédio antigo quando fez reformas. Ele era ex-militar, e quando voltou para casa, comprou este lugar, a notícia se espalhou. Veteranos, policiais, bombeiros, paramédicos e, às vezes, funcionários do hospital também apareciam.

Bear me viu e levantou levemente o queixo. Eu devolvi, e passei por ele para a mesa que vi que Val já havia reivindicado. Estávamos bem atrás e, conhecendo Val, ela devia ter falado em particular com Bear para trazer apenas cerveja sem álcool. Bear sendo Bear, ele provavelmente compensaria as bebidas dela.

Isso era apenas Bear.

— Oficial Montell. — Val não estava sozinha à mesa. Brian Wittel estava lá e, a julgar pela pouca *sutileza* de Val balançando as sobrancelhas, esse era um encontro marcado.

Eu deslizei para o meu banquinho e dei a ele um aceno de cabeça e um pequeno sorriso de volta.

— Oficial Wittel.

Eu gostava de Brian. Nós tínhamos ficado juntos no passado. Ele era um bom policial, mantinha-se em forma e mantinha a boca fechada. Sempre que ele estava em uma cena para um dos meus caras, eu sabia que não precisava me preocupar com nada extra. Ele era tão profissional quanto o melhor profissional em cada um de nós. Além disso, ele era agradável aos olhos. Bonito. Ele tinha feições morenas e era bom de cama. O passado conosco foi limpo, sem confusão. Tínhamos combinado de entender que se o outro quisesse outra chance, basta enviar uma mensagem. Sem amarras. Nada mais. Val sabia sobre o acordo, e eu estava supondo que isso era uma vingança por eu ter mexido com ela sobre seu jovem oficial garanhão.

Olhei ao redor e não o vi.

— Onde está o Pequeno Romeu?

Brian começou a rir enquanto Val rosnou para mim.

— Cale-se. Cale-se! Cale-se! Ok?

Eu fiz uma careta.

— Ponto sensível? Vocês já terminaram?

Ela sibilou baixinho, levantando-se da cadeira e inclinando-se sobre a mesa para mim. Ela fingiu me dar uma pancada na cara.

— Isso ainda está em segredo. — Seus olhos dispararam para Brian. — Só que Brian sabe, mas ninguém mais. Ok? Entendido?

Eu ri quando Bear apareceu em nossa mesa, deslizando uma cerveja na minha frente.

— Eu estava imaginando que Brian sabia, mas não tinha certeza. Daí o codinome Pequeno Romeu.

Ela me deu um olhar fulminante.

— Brian sabe por que nos pegou saindo do meu prédio.

Brian riu.

— Vantagens de morar no mesmo prédio.

Eu me virei para Bear.

— Obrigada.

Ele deu um pequeno aceno de cabeça.

— Faz um tempo desde que você veio, mas imaginei que iria querer o que você costuma beber. — Bear sabia que eu beberia qualquer coisa que ele trouxesse. Isso era respeito por ele, mas seu olhar contornou a mesa antes de pousar de volta em mim. Ele deu um leve aceno em direção ao canto e baixou a voz. — Uma palavra em particular?

Todas as risadas foram esquecidas. Eu deslizei para fora do meu banquinho.

— Claro. — Troquei um olhar com Val antes de segui-lo até o canto de trás. Ele liderou o caminho até a cozinha e não parou. O cozinheiro estava atrás e levantou uma faca no ar. — Ei, pequena Jessie!

— Olá, Tony. A comida está com um cheiro delicioso esta noite.

— Sempre, mas especialmente para você esta noite, agora que sei que está por aí.

Eu sorri de volta antes de entrar no escritório de Bear.

Ele recuou e esperou para fechar a porta.

Eu me mudei para o lado. Ele tinha duas janelas com as cortinas fechadas, uma escrivaninha, uma cadeira e um sofá de dois lugares, encostado na parede. O assento de dois lugares estava coberto de arquivos e papéis, e Bear não se sentou, então isso me disse que isso seria rápido ou desconfortável.

De qualquer maneira, reforcei minha determinação e esperei, preparando-me para o que quer que ele fosse enviar para mim.

— Isso é sobre a minha mãe?

Ele balançou a cabeça, um olhar triste piscando por um momento. A decepção foi a próxima, e isso foi um soco no estômago. Bear assentiu e depois balançou a cabeça.

— Sim e não. Ela estava uma bagunça quando eu fui lá.

Eu mudei de volta em meus pés.

— Que tipo de bagunça?

— Ela estava desmaiada quando entrei, mas acordou quando eu estava saindo. Ela começou a xingar você, e me xingar até perceber quem eu era. Ela parou comigo, mas não com você. As coisas que ela disse me assustaram, Jessie.

Forrei minhas entranhas com aço, não deixando nada entrar.

Ele disse, balançando a cabeça:

— Não está certo, Jess. Não o que ela disse, não o que acabei de ver você fazer. Você se isolou, e estou entendendo que é um mecanismo de enfrentamento. Conheço psicologia suficiente para saber o motivo disso,

mas não está certo.

— Não sei o que você espera que eu faça sobre isso? Você já esteve por perto o suficiente. Você sabe o que ela sente por mim. Eu a verifico, mas tento ficar longe o máximo que posso. Ela é uma bêbada. Algumas vezes, ela é pior do que outras.

— Não estou dizendo que você deveria fazer mais.

Ele estava falando gentilmente comigo. Podia sentir sua pena, e eu odiava isso.

Ele acrescentou, com um tom rouco na voz:

— Estou dizendo que talvez você devesse recuar completamente. Sua mãe, as coisas do passado moldaram como ela é hoje. Não é sua culpa. Ninguém pensa isso, nem ela, mas ela está com raiva. Está tornando-a amarga e dura. Ela vai piorar. — Ele desviou o olhar, e foi então que percebi que ele estava nervoso para esta conversa. Seu pomo de Adão balançou para cima e para baixo uma vez antes de ele olhar de volta para mim. — Tive uma conversa com Leo uma noite. Ele disse que está preocupado com você. Posso sentir que algo está acontecendo.

Cerrei os dentes.

— Ele disse que meu desempenho no trabalho está caindo?

— Não. Seu trabalho está de acordo com os padrões usuais, o que é alto. Você sempre foi uma boa trabalhadora. Esse não é o problema, mas temos pressentimentos neste negócio. Você sabe. Eu tinha quando estava no exterior, mas Leo também. Algo está errado com você. Achamos que é hora de parar de checar sua mãe. Recuar totalmente. Deixe-nos intervir. Nós assumiremos o controle.

Eles pensavam que era minha mãe que estava me incomodando.

Uma onda de alívio e culpa me atingiu ao mesmo tempo.

— O que você está propondo? — Minha voz falhou.

— Pare de se preocupar com ela. Leo e eu vamos

checá-la todos os dias. Eu não sou casado e ele também não. Somos velhos solteiros, saiba que é assim que será para nós pelo resto de nossas vidas. Temos algum tempo extra esculpido em nosso dia a dia. Ele e eu nos preocupamos com ela. Eu cuido da sua mãe desde que estávamos na sexta série. Isso não é diferente, mas você saberá que estou cuidando dela. Você recua. Pare de se preocupar com ela e faça o que quiser. Nós a temos. Nós vamos apoiar você nisso.

O pensamento de não me preocupar com ela? Porque ela pesava em mim. Todos os dias. Há muito tempo desisti de tentar fazê-la ficar sóbria, mas consegui que ela parasse de sair. Ela bebe em casa. Ela era um perigo *apenas* para si mesma dessa forma, mesmo assim, havia muito que eu poderia fazer.

Ela me odiava e me culpava por tudo de errado em sua vida.

Talvez fosse o melhor.

Eu balancei minha cabeça em um aceno rígido.

— Tudo bem.

Seus olhos se fecharam e seus ombros caíram.

— Vamos deixar você saber quando precisarmos de você com ela, mas vai demorar um pouco. Vamos tentar trabalhar com ela, colocá-la em uma casa de recuperação ou algo assim. Não vamos apenas checá-la – vamos tentar ajudá-la.

Certo. Porque não era isso que eu estava fazendo. Eles fariam melhor.

Isso doeu. Porra.

Eu estava piscando para conter as estúpidas lágrimas irritantes, e minha garganta estava esfregando contra uma faca ali, mas era o que era.

Eles a ajudariam. Eles fariam o que eu nunca poderia.

Minha voz era áspera quando eu falei:

— Obrigada, Bear. Agradeço.

— Ela...

Eu tinha ido embora antes que pudesse ouvir mais alguma coisa. Eu precisava ir embora.

Levantei a mão enquanto navegava pela cozinha.

— Ótima noite, Tony!

Ele disse algo em resposta, uma saudação jovial, mas não ouvi. Houve um latejar em meus ouvidos quando voltei para a área principal e encontrei minha mesa. Eu tinha deixado meu casaco lá.

Val estava me perguntando algo, mas eu também não conseguia ouvi-la.

Havia uma parede de emoção presa entre mim e todos os outros, e suas vozes eram todas abafadas.

Eu disse algo. Novamente, não tenho ideia do que era, mas fiz questão de examinar todos os seus rostos. Os caras que não me conheciam deram um sorriso e acenaram na minha direção. Apenas Val não estava acreditando. E Brian. Seu olhar era claro, observando-me atentamente, e suas sobrancelhas se juntaram ligeiramente.

Acenei, coloquei algum dinheiro para a minha parte e comecei a sair.

Eu estava fora do bar, no meio do estacionamento, quando percebi que alguém tinha me seguido.

— Jess-ei! Jess. — Uma mão tocou meu braço e eu girei, meu braço levantado para bloqueá-lo, quando vi que era Brian.

Ele levantou as mãos em sinal de rendição, recuando, mas fechou o zíper da jaqueta. Enfiando as mãos nos bolsos, ele ergueu o queixo para mim.

— O que está acontecendo com você?

Eu olhei além dele para a porta.

— Val vem atrás de mim também?

Ele franziu a testa, mas balançou a cabeça.

— Ela viu que eu estava vindo, então ela ficou. O que o Bear queria? O que está acontecendo?

Mudei de posição, sentindo uma inquietação dentro de mim.

Talvez eu devesse contar a ele. Brian era um cara legal, mas caramba. Havia um entendimento distante entre nós, e essa era a palavra-chave. Distante.

Não. Eu não poderia compartilhar. Isso seria errado. Ele e eu não fazíamos merda emocional assim, mas eu estava dando a ele um tipo diferente de olhar agora. O caso de uma noite que eu pretendia ter, mas tinha sido muito covarde para seguir adiante. Brian. Eu poderia usá-lo para isso.

Comecei a alcançá-lo antes de perceber que havia tomado minha decisão.

Segurei sua jaqueta, puxando-o para mim, quando sua cabeça virou para o lado. Ele não se moveu, exceto por sua mão serpenteando e agarrando a minha, agora em sua jaqueta. Ele apenas me segurou ali, dando aquele olhar intenso, e então ele se moveu rapidamente.

Seu corpo atingiu o meu, seus lábios nos meus, e eu estava sendo empurrada contra a caminhonete atrás de nós.

Sim. Sim. Sim!

Calor subiu em mim, mas depois não. Não, não.

Um sentimento estranho e desconhecido tomou conta de mim.

Eu conhecia seus lábios. Meu corpo começou a responder a eles, mas outra rejeição surgiu em mim.

Esta não era a boca que eu queria na minha, o corpo contra o meu.

Eu tentei beijá-lo mais forte, forçando-o. Ele respondeu segurando a parte de trás da minha cabeça, sua boca se abrindo sobre a minha e sua língua deslizando para dentro.

Não!

Eu o afastei, minha boca aberta, por que o que eu tinha acabado de fazer? Por quê? Por que não ele?

Ele era mais adequado para mim.

Eu poderia continuar com esta vida como eu queria

com ele.

Mas meu corpo tremia e uma frieza me invadiu.

— O que há de errado? — Ele estava um pouco ofegante. — Achei que era isso que você queria.

Sim, mas não ele.

Eu me senti vazia mais uma vez e estava começando a pensar que sempre seria vazia.

— Era, mas… estou uma bagunça agora. Tenho que ir para casa. — Acenei com a mão para ele. — Antes de fazer algo de que me arrependa.

Ele se encolheu antes de recuar novamente.

— Não pensei que fôssemos assim, mas tudo bem. Eu posso pegar uma dica. — Ele começou a caminhar de volta para o bar. — Cuide-se, Jess.

Comecei a ir atrás dele.

— Brian…

Ele me ignorou, a porta batendo atrás dele.

Maldição. Eu estava bagunçando tudo ao meu redor.

Meu telefone tocou então.

Trace: Onde você está?

Fechei os olhos, porque apenas uma mensagem tinha aquecido meu corpo de volta. Ele. Era ele para mim, e meu corpo o tinha escolhido, e eu estava tão ferrada.

Mas respondi, cedendo mais uma vez.

Eu estava dirigindo-me em direção àqueles portões do inferno.

Eu estava começando a aceitar o calor de estar errada.

Eu: Indo para minha casa agora.

CAPÍTULO 42

TRACE

Eu: Você está dormindo?

Meu telefone tocou quando os elevadores se abriram para o meu andar.

Jess: Não.

Eu: Onde exatamente você está?

Jess: Na cama, só não dormindo.

Fui até o bar, servi um uísque e levei comigo para o banheiro. Depois de ligar o chuveiro, dei um passo para trás e comecei a tirar minhas roupas.

Eu: Eu quero você nua.

Comecei a me acariciar, esperando por ela, imaginando-a deitada ali, pensando nisso.

Jess: Não posso fazer isso com você.

Eu: Tire a roupa e molhe os lábios, amor. Agora.

Jess: Essas mensagens podem ser evidências.

Eu: Já estou duro e estou ficando mais duro. Faça isso. Agora.

Cabeça para trás, olhos fechados, continuei, imaginando-a agora, vendo-a deslizando a calça para baixo, a calcinha a seguir.

Jess: Estou nua.

Eu: Você está debaixo das cobertas?

Jess: Você quer que eu esteja?

Eu: Não. Eu quero que o ar livre a toque. Chupe os dedos, querida. Coloque um dentro de você.

Jess: Eu tenho um dentro de mim.

Eu: Brinque com você mesma. Empurre-o para dentro de você, mova-o. Abra algum espaço e, em seguida, coloque um segundo dedo em você.

Eu: Você está fazendo isso? Diga-me.

Jess: Estou. Estou me fodendo com eles.

Eu: Continue.

Eu: Mais forte.

Eu: Empurre o máximo que puder. Arqueie suas costas. Levante os quadris para um melhor acesso. Faça isso por mim.

Jess: Eu faço. Isso é tão bom.

Eu: Continue. Mais forte agora. Um pouco mais áspero.

Minha mão era um fodido vácuo sobre meu pau. Puta merda. Eu estava vendo tudo o que ela estava fazendo, mas sob minhas ordens. Ela estava seguindo minhas ordens.

Jess: Estou me sentindo estranha fazendo isso.

Eu: Não se sinta estranha. Somos você e eu. Você continua ou eu estou comandando e fazendo isso eu mesmo.

Eu gemi enquanto mantinha o ritmo com ela. Minha cabeça estava baixa, meu coração estava acelerado. Jesus. O pensamento dela se tocando, pensando em mim enquanto fazia isso, iria me fazer gozar mais cedo.

Eu tive que fazer uma pausa, apertando mais forte para segurar-me.

A vontade de ir até lá e fazer o que ameacei estava crescendo dentro de mim. Por que eu não poderia dirigir

até lá? Por que eu não poderia reivindicar seu corpo novamente? Ela me deixaria. Um toque e ela desistiria, mas era o mesmo para mim. Um pensamento dela e eu queria marcá-la de dentro para fora para que ela sentisse só a mim pelo resto de sua vida.

Jess: Eu vou gozar. Está próximo.

Eu: Um segundo. Deixe-me alcançá-la. Eu quero gozar quando você gozar. Você pode fazer isso por mim?

Jess: Estou esperando. Apresse-se!

Eu sorri, zombando.

Eu: Mais um golpe, baby. Para mim.

Jess: Ok. Gozando...

Eu: Você está gozando?

Jess: Sim!

Mais dois golpes meus e eu estava gozando. Deixei sair, terminando com mais alguns golpes para pegar tudo, e então me inclinei contra o balcão.

Eu: Você gozou?

Jess: Sim. Você?

Eu: Gozei. Como você está se sentindo agora?

Jess: Estranha.

Eu sorri.

Eu: Parece ser o tema desta noite?

Jess: Difícil fazer isso com você, mas não sem você. E para digitar com uma mão. Eu tentei beijar alguém esta noite, forçando você a sair da minha mente.

Apertei o botão de discagem e ela atendeu um segundo depois, sem fôlego.

— Olá?

— Você fez o quê? — eu rosnei.

— Não funcionou. — Ela parecia sonolenta e triste ao mesmo tempo. — Ele não era você. Você me arruinou para os homens. Você não entende.

Eu me acalmei.

— O que eu não entendo?

— Você e eu, se fizermos isso… tudo muda para mim. Tudo.

Sim. Eu estava entendendo isso.

— A alternativa é enlouquecer, porque é onde estou, Jess. Você não?

Ela não respondeu.

Eu não a pressionei, mas me senti bem em estar nu

no meu banheiro, o chuveiro ligado e esperando por mim, ouvindo sua respiração através do meu telefone. Eu não tinha pressa em acabar com isso.

— Eu escolho você e perderei todo o resto.

— Não precisa ser assim.

— Sim, e você sabe disso. É assim que é, então a pergunta deveria ser para você: *você* está bem sabendo o que vai *me* custar ter *você*?

Ela desligou depois, e demorei muito para tirar o telefone do ouvido.

Muito tempo.

CAPÍTULO 43

JESS

Coisas estranhas aconteceram na semana seguinte.

Um, Trace ficou longe de mim. Nenhum contato. Sem mensagens. Sem chamadas. Anthony fez questão de compartilhar que “ele” não estava no prédio e não estaria durante meus turnos. A outra coisa: meus presos em liberdade condicional foram perfeitos. Eles foram quase cavalheiros comigo. As mulheres não. Elas ainda queriam arrancar meus olhos, mas os homens: um acidentalmente fechou a porta na minha cara e foi tão desolador depois que eu já tinha o suficiente.

Entrei em seu apartamento, a porta batendo atrás de mim.

— Ei!

— Dê-me um segundo, oficial Hartman! — gritei pela porta.

— O quê?

— Um segundo. Por favor.

Eu podia ouvi-lo resmungando.

— Realmente estranho pra caralho, mas tudo bem. Um segundo. Isso é tudo.

— Uh, oficial Montell, eu não quero nenhum problema. — Ele estava recuando, com as mãos no ar. Ele era um homem gigante, pesando facilmente mais de 90 quilos do que eu, e era puro músculo. E sua atitude mudou totalmente, porque ele havia saído recentemente da prisão e não costumava tirar vantagem dos muitos recursos que estavam disponíveis para ele lá dentro. Às vezes, isso era um indicador de como eles cooperavam conosco do lado de fora. Esse cara não fazia nada e tinha uma postura toda vez que me encontrava com ele desde então.

— Que porra aconteceu? Você é meu sétimo em liberdade condicional com uma mudança mágica de atitude sobre mim? O quê? Papai Noel veio visitar todos vocês?

Quero saber o que está acontecendo e por quê.

Ele me levou para dentro e franziu a testa. Todo o seu rosto se contorceu em confusão antes que ele deixasse cair as mãos.

— Está falando sério? Você não sabe?

— Não. Você vai me informar.

Seus olhos se arregalaram e ele estava começando a procurar uma rota de saída.

— Agora!

Ele pulou com o meu latido.

— A notícia espalhou-se por aí. Você está protegida.

Eu abaixei minha cabeça, meus olhos fixos nele.

— O que isso significa?

— Máfia West. Eles divulgaram para não tocar em você. Você é considerada deles.

— Deles? Explique isso.

Sua cabeça se inclinou para trás, e ele estava me dando uma olhada, mas não de uma forma sexual, de uma forma sugerindo que ele não estava reconhecendo quem estava parada na frente dele.

— O que você está falando? Você sabe o que isso significa. Isso significa que você está no bolso deles ou está transando com um deles. — Ele deu um passo para o lado, olhando para a porta do seu próprio pátio. — Tenho que admitir, nunca vi isso vindo de alguém como você. Pensei que você fosse toda correta e direita, esse tipo de merda.

Eu ia matar Trace.

— Eu sou — eu falei. — Não sei por que diabos essa ordem saiu, mas está errada.

Ele abaixou os braços, a cabeça ainda inclinada para trás.

— Espere. Você está dizendo que eles estão fazendo isso para atrapalhar você? — Ele relaxou e assobiou baixinho. — Não posso acreditar que eles estão fazendo isso com você. Você é conhecida como uma vadia durona. Fui avisado sobre você, mas percebi que provavelmente

ainda farei o que tiver que fazer. Porém, esta nova ordem chegou, e a Máfia West está unida aos Waldens, e eu não quero nenhum problema. Você entende?

Eu estava vendo vermelho. Eu estava me sentindo vermelha.

Eu estava *apenas literalmente vermelha*.

Tirando meu estojo, fiz um gesto para seu banheiro.

— Você perdeu seu exame de urina. Estamos fazendo isso agora.

— O quê? Aqui?! — Sua voz subiu um nível.

— Aqui, e supere sua merda, porque eu não vou deixar você estragar tudo. Agora, comece a imaginar você mijando em cachoeiras enquanto eu trago minha parceira aqui para ajudar a testemunhar isso, e você não vai dizer merda nenhuma sobre o que acabou de me contar. Você vai dizer por aí que a ordem está errada para mim.

— Não estou espalhando nada sobre você em relação aos West. Essa é a sua batalha.

Eu rosnei, mas apontei para seu banheiro.

— Vá.

Ele fez o que eu mandei, Val entrou e, depois que coletamos sua urina, ela perguntou assim que saímos do prédio:

— Você vai me informar sobre o que foi aquilo?

— Não. Melhor você não saber.

— Espere. — Chegamos ao meu carro e ela me impediu de abrir a porta. Ela baixou a voz. — Eu também notei o que está acontecendo. Você sabe que seria fácil perguntar por aí, descobrir por mim mesma. É melhor você me contar.

Ela estava certa, mas caramba, eu não conseguia dizer as palavras. Uma vez que eu dissesse, ela saberia. A consciência aumentaria e ela começaria a fazer outras perguntas.

— É melhor se eu souber. Você sabe disso. Posso ajudar a manter um controle sobre isso, seja o que for. Se

Travis descobrir? Você sabe o que ele fará.

— Ele não vai descobrir, porque, acredite em mim, os próprios presos em liberdade condicional não querem falar sobre isso.

— Isso torna ainda mais urgente você me informar. Sou sua parceira. Vamos, Jess.

Uma raiva e um sentimento de impotência estavam sendo rasgados por meus pés a uma velocidade vertiginosa. Eu me arrependeria disso. Eu sabia, mas ele tinha feito isso comigo.

— A Máfia West emitiu um decreto. Estou protegida.

Ela respirou fundo.

— Por eles.

— Está falando sério? — ela sibilou, sua cabeça caindo para o lado.

— Sim.

— Por que eles fariam isso? Espere. Seu pai costumava estar conectado a eles antigamente. Isso é daquela época ou recente?

Eu dei a ela um olhar duro, não querendo mentir mais do que eu já tinha.

— Pretendo descobrir.

— Ok. O que você quer de mim?

— Apenas me proteja se você ouvir alguma coisa sobre mim.

— Eu posso fazer isso. — Ela olhou para o carro. — Você vai descobrir agora, não é?

— Eu vou começar. Você não deveria estar comigo quando eu fizer isso.

— Você não quer reforços?

— Uma de nós se sujando é o suficiente. Não quero que essa merda se espalhe para você.

Ela deu um aceno com a cabeça e deu um passo para trás, pegando a urina lacrada de mim.

— Ei, Jess.

Abri a porta, olhando para ela antes de entrar.

Seu olhar era duro comigo.

— Apenas seja inteligente, o que quer que você vá fazer.

Inteligente? Eu tentaria. Qualquer outra coisa, não poderia prometer.

Indiquei a urina.

— Você pode entregar isso para mim?

— Eu vou. Vou pedir uma carona.

— Tem certeza?

— Tenho certeza. Vá lidar com essa merda antes que se espalhe mais.

— Obrigada, Val.

Outro aceno sóbrio dela.

— Apenas lembre-se do que eu disse. Seja esperta.

Ela estava certa. Quando eu assassinasse Trace, teria que ser *muito inteligente* sobre onde esconderia seu corpo.

CAPÍTULO 44

TRACE

— Sr. West, uma oficial Montell está aqui para vê-lo. Ela está dizendo que não precisa de hora marcada.

Eu fiz uma careta, não esperando essa saudação quando meu telefone tocou na recepção do prédio.

— Deixe-a subir.

— Farei isso, Sr. West.

Deixei os portfólios que estava estudando quando o elevador apitou sua chegada. A equipe da recepção devia ter avisado minha assistente, que indicou meu escritório para Jess, quando ela me viu através das paredes de vidro que tínhamos neste prédio. Normalmente eu não me importava de estar cercado por paredes de vidro. Estava na moda quando eles projetaram este lugar pela primeira vez. Todo mundo queria ver o que todo mundo estava fazendo. Também eliminava qualquer merda obscura estúpida, que sempre pensei ser a verdadeira razão por trás do design. Todos tinham coberturas para seus computadores, então a privacidade ainda era mantida, mas receber a advertência no olhar de Jess me fez amaldiçoar as paredes transparentes agora.

Ainda assim, quando ela entrou e assim que a porta se fechou atrás dela, apertei um botão e agora estávamos à prova de som. As janelas ficaram nubladas. Ainda estávamos visíveis, mas nossas expressões faciais estariam borradas.

Ela entrou, parando assim que quase toda a sala estava entre nós. Sua mão estava em seu quadril, onde eu sabia que ela guardava sua arma.

Eu me levantei da minha mesa.

— O que está acontecendo?

— Você colocou uma ordem de proteção em mim? Com o selo de aprovação da Máfia West?

O quê?!

Isso a condenaria. Era exatamente o oposto do que eu queria para ela.

— Eu não, Jess.

— Você colocou! — Ela partiu em minha direção, mas pisou no freio. Seu corpo ricocheteou para trás com a força. — Você tem alguma ideia do que isso faz por mim?

— Sim. Tenho! Eu *nunca* faria isso com você. Não que eu não quisesse, mas não iria. Jess. — Este era o pior cenário. Eu tinha feito tanto para manter minha mente longe dela. — O que você me disse, da última vez que conversamos, é verdade. Eu não gostaria disso para você. Eu não gostaria de fazer isso com você. Tenho ficado longe.

— Então quem diabos colocou a ordem em mim? Eu pareço…

— Eu sei como você parece. Eu *sei*. Eu nunca faria isso com você.

Seus olhos estavam inflamados, e cada centímetro de seu corpo estava rígido. Ela estava pronta para lutar.

Peguei um telefone descartável e disquei o número de Ashton, o telefone reservado exatamente para essas conversas. Quando ele atendeu, eu o coloquei no viva-voz.

— Só para você saber, você está no viva-voz. Estou no meu escritório com Jess.

Ele ficou quieto.

— Bem. Não esperava *esta* ligação, embora talvez devesse, considerando que você está usando um desses telefones. O que posso fazer por vocês dois?

— Jess acabou de me informar que uma ordem de proteção foi dada a ela, em nome da família West.

Ele começou a rir, que se transformou em um acesso de tosse enquanto ele tentava se acalmar.

— Desculpe. Eu… só… que porra é essa?!

Relaxei ao ouvir isso. Ele não tinha feito isso em meu nome, e eu me sentei, relaxando na minha cadeira.

— Quem teria feito isso, Ashton?

Ele amaldiçoou.

— Você está me perguntando? É a sua família.

Lancei um olhar ao telefone.

— Você sabe exatamente por que estou perguntando. Quem você acha que fez isso?

Jess ainda estava rígida, com a cabeça para trás e os olhos fechados. Seu peito mal se movia e suas mãos estavam cavando em seus quadris, mas notei que sua mão direita não estava mais perto de sua arma.

— Eu honestamente não sei, mas... você pode me tirar do viva-voz?

Os olhos de Jess se abriram. Ela tinha uma expressão cautelosa no rosto, mas não se opôs quando peguei meu telefone e o tirei do viva-voz.

De pé, fui até a janela, meu telefone no ouvido. Eu estava de costas para Jess.

— O que você está pensando?

— Você fez isso para que ela pudesse ouvir minha reação, certo? Certificando-se de que ela acreditou que não foi você?

— Sim.

Ele suspirou pelo telefone.

— Não faça isso de novo.

— Eu não vou, mas quem você está pensando que fez isso? Você sabe o que isso significa para ela.

— Sim. Ela está marcada nas ruas. Não é à toa que ela apareceu no seu escritório.

— Ashton — eu rosnei. Ele tinha uma percepção melhor para as ruas do que eu. Essa era sua área de especialização. — Quem fez isto?

— Só alguém considerado da família poderia ter enviado isso. Eu mesmo, já que falo muito pela sua família em seu nome ou... seu tio ou seu pai. A pergunta seria: Por que qualquer um deles faria isso? Seu pai não sabe sobre ela, e seu tio não iria querer pressioná-lo assim. Ele gosta que você tenha um relacionamento com ela. Ele queria usá-la antes de você remover o sangue dela da equação.

— Isso não faria sentido. Ele usaria para mais tarde, não agora.

— Exatamente.

O que apontava para outro membro da família, alguém que *iria querer* machucar Jess.

— Trace. — Adivinhando como a voz de Ashton ficou baixa, eu estava supondo que ele me acompanhou.

— Você está pensando em quem eu estou pensando?

Ele xingou, ainda baixo.

— Pensei que a tinha controlado. Eu a levei de volta para Las Vegas. Ela deveria ficar quieta.

— Ela pode fazer ligações de Las Vegas.

— Eu sei, mas… — Mais xingamentos dele. — Isso significa que ela tem alguém fazendo perguntas sobre Jess. Isso não é bom para você, irmão.

— Estou ciente. — Cada célula do meu corpo estava em alerta. Minha irmã no meu negócio definitivamente não era nada bom. Ela era errática e imprevisível, e não tinha ideia de quem iria explodir.

— Vou divulgar que Jess Montell não é nossa. Foi a decisão errada, mas os ouvidos estão atentos e os olhos vão começar a observar.

O que significava que era incrivelmente estúpido da parte de Jess continuar trabalhando para mim e estar neste escritório. Não se as coisas não mudassem drasticamente. Eu tinha visto o rosto dela quando ela invadiu aqui. Este era seu pior pesadelo.

— Tenho plena consciência disso também. — Eu me virei, começando a inclui-la na conversa quando disse: — Seu emprego vai…

Parei porque ela não estava ali.

A porta estava aberta. A porta do elevador estava se fechando.

Jess se foi.

— Ashton.

— Sim?

Eu tive um sentimento claramente ruim começando em mim.

— Encontre minha irmã.

— Para alertá-la?

— Não. — Eu estava movendo-me, porque sabia o que Jess ia fazer. Ela tinha sido empurrada longe demais desta vez. Ela tinha uma coisa em sua vida, e essa era sua carreira. Ela ia explodir. — Para protegê-la. De Jess.

— Ah, merda. Vou encontrar.

Desligamos e peguei tudo.

— Se eu tiver alguma reunião hoje, cancele-a. Cancele-as durante a semana. — Passei por minha assistente, indo para meu elevador particular. Assim que cheguei ao estacionamento, Pajn estava com o dedo no ouvido. Ele me viu chegando e se endireitou. — Recebi a ligação de que você estava saindo. O que está acontecendo, chefe?

— Ligue para minha irmã.

Ele começou a pegar o telefone, mas parou. Um olhar engraçado em seu rosto.

— Chefe?

— Seu telefone. Eu estou supondo que ela não vai atender a mim ou Ashton, mas ela vai atender um de vocês dois. Ela vai ficar curiosa demais para não responder.

A gravidade da situação o atingiu, e ele localizou minha irmã em seus contatos, apertou a discagem e me entregou o telefone. Depois de um toque, ela atendeu.

— Pajn? Trace está bem?

— Não — eu resmunguei no telefone, indicando para Pajn se sentar ao volante. Levei o telefone para o banco de trás e abaixei a divisória de privacidade. Demetri estava no banco do passageiro, olhando entre nós dois, mas mantendo silêncio. — Onde diabos você está, Remmi?

Ela não respondeu de imediato, mas então sua voz tremeu quando respondeu.

— Você parece zangado comigo, Trace. Por que você

está zangado? Não gosto quando você fica com raiva de mim.

— Então você estragou tudo, porque estou furioso com você. Onde diabos você está? Você deveria estar de volta a Las Vegas. Acho que você não está lá.

Eu não conseguia tirar o rosto de Jess da minha mente, como ela estava pálida ao entrar no meu escritório.

Como ela saiu sem me dizer uma palavra.

— Você está me assustando, T.

— Você deveria estar com medo. Você fodeu com a policial errada.

Ela respirou fundo.

— Como você sabe disso? — Sua voz ficou estridente. — E por que você se importa com ela?!

Jesus Cristo. Era *ela*.

Peguei meu telefone, enviando uma mensagem para Ashton.

Eu: Foi ela.

Ele respondeu de volta imediatamente.

Ashton: A palavra está fora para corrigir o que Remmi fez. Meus contatos dizem que vão espalhar, mas alguns estragos já foram feitos. Terá que girar isso de alguma forma para proteger Jess. Você quer que eu cuide da sua irmã?

Eu: Não. Eu a peguei.

Ashton: Não mate seu próprio sangue.

Eu intencionalmente não respondi a essa, berrando ao telefone:

— Diga-me onde diabos você está! Agora, Remmi!

Ela respondeu, meio gritando:

— Ok, ok! Estou no seu clube.

— Você está onde?

— No Katya. Estou aqui para ameaçá-la. Ela não trabalha hoje à noite?

Era a terça-feira seguinte, mas isso significava que Remmi estava adivinhando, e também significava que Anthony não estava cooperando com ela.

— Anthony está aí?

— Ele só foi até o corredor para atender uma ligação. Acho que foi Ashton.

— Você fica parada.

Sua voz saiu trêmula.

— Por que estou com medo agora? Ela é policial. Ela não deveria estar trabalhando aqui de qualquer maneira. O que eu fiz de errado aqui?

— Fique parada, cale a boca e não faça nada estúpido. Você me ouviu?

— Sim. — Ela estava soluçando, sua voz tremendo. — Trace, o que eu fiz de errado? Não sei o que fiz de errado.

Eu engoli uma maldição, porque fodeu-me não ter certeza de que ela tinha sido tratada da maneira certa antes. Pegando meu celular reserva, disquei para Ashton.

Ele atendeu após o primeiro toque.

— Ela está no Katya.

— Acabei de falar com ela ao telefone. O que você disse a ela quando ela viu Jess no Katya pela primeira vez?

— Eu a levei ao aeroporto, coloquei-a em um avião para Las Vegas e disse a ela para esquecer que aquela mulher existia. Eu disse a ela para não mexer com Jess e, se o fizesse, estaria mexendo com assuntos familiares.

— Ela disse alguma coisa de volta? Você usou o nome de Jess?

— Eu não usei o nome de Jess. Isso seria jogar gasolina no fogo, e não, Remmi ficou quieta. Ela começou a chorar, mas entrou no avião. Eu a *vi* entrar no avião e vi o avião decolar.

— O que significa que ela voou para Las Vegas, irritada e resmungando, e provavelmente deu meia-volta e pegou um avião voltando para cá.

— Sim — ele resmungou. — Eu pensei que tinha lidado com isso. Remmi é…

— Ela é minha irmã. Eu deveria ter lidado com ela, não você.

— Nós lidamos com as famílias um do outro o tempo todo. Às vezes, Remmi me escuta quando não quer ouvir você. Nós dois sabemos disso. Sua irmã é simplesmente imprevisível. Quem poderia imaginar que ela faria algo tão extremo?

— Encontre meu pai. Ela ir atrás de Jess em primeiro lugar é suspeito. Se ela estivesse resmungando sobre a mãe de Jess desde que nossa mãe morreu, teríamos ouvido falar.

— O que você está pensando?

— Estou pensando que alguém está colocando merda na cabeça dela, alguém que tem motivos para estar com raiva de mim.

— Aquele filho da puta, se ele fez isso.

— Nós o entregamos ao tio Steph. Nós limpamos a bagunça dele. Acho que ele não gostou muito de como lidamos com a situação dele.

— Ele deveria gostar. Aquele idiota tem muito crédito. Se você está certo e ele fez isso, que porra você vai fazer? Porque ele está fodendo com os negócios da família, e o negócio da sua família é o negócio da minha família. Não posso prever o que Stephano fará, mas posso dizer como meus tios vão lidar com ele. Especialmente desde que eles o trataram com luvas de pelica ao longo dos anos por causa de você e de mim.

Meu pai estaria morto se tivesse planejado nos machucar, descoberto sobre Jess e sumido de lá. Isso significava encontrar Remmi. Manipulando-a, enchendo sua cabeça com qualquer merda de mentira, e agora este era o resultado final. Jess estava em alta com sua carreira.

Ele fez tudo isso, e isso significava que ele sabia sobre mim e Jess.

Meu tom ficou bem baixo.

— Ele fez isso, eu mesmo vou matá-lo.

Eu não me importava com as consequências.

CAPÍTULO 45

JESS

— Val. — Liguei para ela assim que entrei no elevador, assim que soube quem estava atrás do pedido. Eu estava além do ponto de me controlar. Esta pequena mulher-criança, explodindo toda a minha vida? Malditos sejam os genes da família. Eu estava acabada.

— Ei. — Ela parecia cautelosa. — Onde você está?

— Remmi West. Foi quem fez o pedido.

— O quê? — Ela riu. — A princesa da Máfia. Ela não mora em Las Vegas metade do tempo? Por que ela faria isso com você? Ela deve saber como isso faz você parecer.

— Ela sabe. Ela tem uma ideia maluca de que nossos pais tiveram um caso e é por isso que sua mãe tirou a própria vida.

— Uau.

As portas do elevador se abriram e eu saí, ignorando qualquer um em meu caminho e indo direto para o meu carro oficial.

— Exatamente.

— O que você vai fazer?

— Preciso saber onde ela está. — Eu estava no carro e apertei o volume do alto-falante para mudar a chamada para o carro.

— Você quer que eu a encontre?

— Quero encontrá-la antes que alguém a encontre.

— O que você vai fazer?

Expulsei uma respiração irregular, entrando no trânsito.

— Não tenho ideia agora. Prendê-la?

— Ela vai negar tudo. E para quê?

— Colocar minha vida em perigo? Falsificando um relatório?

Ela riu, mas foi cortada em breve.

— Não sei se você está falando sério, mas ela fez o

pedido na rua. Nada é oficial. E ninguém vai testemunhar contra uma West. Você sabe disso. Vamos correr pela opção B.

— Eu vou chutar a bunda dela.

— Eu posso apoiar isso.

Eu teria rido se não fosse tão sério.

— Val, eu quero dizer isso. Eu quero encontrá-la primeiro. Você pode perguntar ao seu primo? Ele trabalha na unidade do crime organizado.

— E quando ele me perguntar por quê?

— Aposto que ele saberá exatamente o motivo quando você perguntar, mas quando você tiver essa conversa, você pode, por favor, adiar o julgamento antes de me ouvir?

Houve um momento de silêncio antes de ela perguntar, seu tom diminuindo conforme ela o fazia.

— Por que você está pedindo isso agora?

— Porque quando você perguntar a ele, ele vai virar o jogo e perguntar qual é o meu relacionamento com Trace West.

— E por que ele perguntaria isso? — Seu tom subiu um degrau.

— Porque ele é uma coceira que não consegui coçar totalmente e tirá-lo de debaixo da minha pele.

— Oh, não. *Jess.*

Liguei a seta e me dirigi para a interestadual.

— Você sabe que trabalho no Katya em duas das minhas noites de folga.

— Sim, por dinheiro extra. O que isso tem a ver com Trace West?

— Ele é um dos proprietários.

Ela respirou fundo.

— Quem é o outro dono?

— Ashton Walden.

— Você está brincando comigo?! Walden? Você sabe que a família é dona de policiais, como muitos deles.

— Eu sei. Se isso significa alguma coisa, eu não sabia quem eram os donos até alguns meses atrás.

— Você está lá há três anos. Como você não sabia?

— Porque os proprietários surgiram como uma empresa padrão.

— Aquele lugar sempre foi um pouco sombrio.

— Qual clube não é?

— Sim. Isso é verdade. — Ela gemeu. — Vou evitar a conversa estranha com meu primo porque, conhecendo-o, ele vai apenas esperar e me encurralar em nosso próximo feriado em família de qualquer maneira. Ele gosta do interrogatório ao vivo e pessoalmente. Estou mandando uma mensagem para ele.

— Você vai ativar o radar dele.

— Você não está dizendo nada que já não saibamos. Você não precisa narrar a estupidez disso para mim, mas ainda estou fazendo isso. Você vai ser madrinha da minha filha um dia.

Eu quase pisei no freio, quase.

— Você a está mantendo? É *ela*?

— Não sei se é ela ou ele, mas estou imaginando uma ela, e você sabia que eu ficaria com ela no dia em que faltei ao trabalho e mandei Reyo em meu lugar.

Eu sabia. Eu conhecia minha parceira.

— Você será uma ótima mãe.

— Sim, sim. — Nós duas ouvimos o bipe do telefone dela, e ela soltou um suspiro. — Ela está no Katya agora, e aparentemente ela está no telefone com um número descartável que eles estão tentando rastrear rapidamente. Então, meu palpite é que o irmão mais velho, Trace, encontrou-a. Você está indo para pegá-la primeiro.

Eu tinha o que precisava e liguei a seta porque essa era a minha saída.

— Obrigada, Val.

— Ei.

— Sim?

— Se você a agredir, como eles vão retaliar?

— Você está fazendo a pergunta errada. Eles deveriam estar esperando que eu *apenas* a agrida.

Ela gemeu novamente.

— Apenas fique segura.

Ela estava me dizendo mais cedo para ser inteligente. Minha parceira me conhecia, sabia que já tínhamos passado disso.

— Vou tentar. — Desliguei a chamada e acelerei, porque sabia de uma coisa.

Eu estava chegando a Remmi West primeiro.

CAPÍTULO 46

TRACE

Anthony estava em um frenesi. Ele me encontrou na porta do Katya, aparentando oitenta anos em vez de seus quase quarenta anos. Os guardas estavam com ele. Algo já estava em andamento.

— Ela é uma boa pessoa. Ela é uma ótima bartender e eu a considero uma amiga.

Eu parei no meu caminho.

— O que você está falando?

Ele não respondeu, apenas deu um passo para o lado.

Ashton estava saindo de uma porta.

— Trace. Aqui atrás.

Isso não soou bem, e a mandíbula de Anthony estava firme quando ele desviou o olhar, saindo da sala. Ashton não parecia muito diferente, mas ele acenou em direção à porta.

— Ela venceu você.

Eu amaldiçoei.

— Quando você chegou aqui?

— Dez minutos depois que ela. Precisamos perguntar como ela encontrou Remmi tão rápido, porque ela não deveria.

Passei por ele, mas dei uma olhada.

— Você está brincando? Com os recursos dela?

Ele ergueu os olhos para o teto, passando a mão sobre a cabeça.

— Então estamos todos fodidos se ela cobrar favores.

— Estamos muito além disso.

Eu empurrei a porta; levava a outra seção dos fundos e outro conjunto de portas fechadas. Alguns dos homens de Ashton estavam tentando entrar, o que dizia muito, porque Ashton geralmente não trazia seus homens. Ele preferia viajar sozinho ou usar meus guardas, mas manteve todo o pessoal do Katya fora desta seção. Isso foi inteligente.

Tim se virou, observando-nos.

— Ela trancou a porta, e estamos ouvindo barulhos acontecendo. Não sabemos o que ela está fazendo lá.

Jesus. Isso tinha ido de mal a pior, e agora era epicamente pior. Se minha irmã fosse ferida, eu não tinha certeza do que faria. Remmi era sangue. Jess…

— Afastem-se, rapazes. Deixe-o tentar.

Eu bati na porta.

— Deixe-me entrar, Jess.

Nada.

Baques. Ou o que poderia ser *um tapa* soou.

Mas não havia mais nada. Sem choros. Sem gritos. Sem clamor.

Algo não estava certo aqui.

— Você tem câmeras aí?

— Não. — Mas Ashton se aproximou de mim, com um iPad na mão, e apertou um botão. — Mas cuidado com isso.

Eram as câmeras de segurança mostrando Jess entrando. Ela estava se movendo calmamente, mas com propósito, e quando chegou ao corredor que levava ao escritório de Anthony, Remmi saiu. Ela viu Jess e congelou, e de repente Jess correu para ela. Ela a agarrou, torcendo seu braço para trás, colocou a outra mão na parte de trás dos ombros de Remmi e a conduziu direto para o próximo conjunto de portas.

A transmissão mudou para a sala onde estávamos, não mostrando ninguém nas proximidades enquanto Jess guiava Remmi pelas portas que agora estavam bloqueadas. Ninguém resistiu, nem mesmo Remmi. Tudo foi feito com a máxima eficiência profissional.

— Rebobine.

Ashton fez, e eu estudei o rosto da minha irmã, notando como ela parecia surpresa. Ela não estava chorando ou estremecendo de dor. Apenas chocada.

Isso aliviou um pouco da minha preocupação.

Ashton estava assistindo novamente comigo.

— Ela é boa. Ninguém sabia que elas estavam aí até que eu apareci procurando por ela.

— Existem câmeras no fundo daquela sala?

— O fundo daquela sala não leva a lugar nenhum… — Ele parou de falar quando um olhar estranho tomou conta dele. — Mas leva a um porão que nunca utilizamos.

— Deixe-me adivinhar. Também não há câmeras lá embaixo.

Ele grunhiu.

— Não acredito que nunca pensamos nisso.

— Mas eu *posso acreditar* que ela pensou. Além disso, por que diabos temos um porão que não usamos?

Ele encolheu os ombros.

— É Nova Iorque. Provavelmente está emparedado desde os dias da Lei Seca.

Nós compartilhamos um olhar, por que *não* estávamos usando isso?

— Eu duvido muito que ela esteja interrogando ou o que quer que ela esteja fazendo com ela no porão. Se elas estiverem lá embaixo, há uma saída.

— Você está falando como se ela estivesse tomando sua irmã como refém. Esta é Jess Montell. Conhecemos o trabalho dela. Ela vai fazer o que for preciso, e então reduzirá suas perdas. Ela não vai prolongar isso.

O que me assustou ainda mais. Olhei em volta, vendo uma porta de saída.

— Vamos.

— Aonde você está indo?

— Faça seus caras derrubarem aquela porta. — Eu tinha meu telefone na mão, enviando uma mensagem de texto para dizer a Demetri e Pajn para entrar e bloquear o outro conjunto de portas para que nenhum funcionário pudesse entrar. Essa era a definição de onde não queríamos que o negócio da Máfia cruzasse com o nosso negócio não-máfia. Qualquer funcionário via alguma coisa, e isso aconteceria. Eu não estava incluindo Anthony, porque ele

fugiu quando aparecemos. Ele conhecia o negócio.

Assim que o texto foi enviado e eles responderam que eles haviam recebido, eu estava na porta de saída.

Ashton estava bem atrás de mim, saindo para o beco lateral onde alguns dos funcionários mantinham seus veículos, aqueles que dirigiam para o trabalho.

— O que estamos fazendo?

Eu estava olhando ao redor.

— Não sei, mas não posso ficar aí dentro. Eu não posso fazer nada.

Ashton grunhiu, movendo-se para caminhar ao meu lado enquanto íamos para a parte de trás do prédio.

— Você está procurando uma entrada para nosso próprio porão, aquele que não sabíamos que tínhamos.

— Exatamente. — Embora eu não tivesse formulado isso em um pensamento real, mas sim. Isso é o que eu estava fazendo. Ou o que estávamos fazendo.

A parte de trás do nosso prédio terminava com a porta de saída lateral por onde havíamos passado, mas havia outra área de estacionamento nos fundos. A porta mais distante que dava para cá era a que a maioria dos funcionários pegava, do corredor principal. Eu esperei aqui na noite em que levei Jess para casa. Ela usou esta porta, mas tinha que haver outra entrada. Por que entrar naquela sala?

— Ei. — Ashton tinha virado para o outro lado do nosso beco, no lado completamente oposto do nosso prédio. Ele estava logo acima de um conjunto de pequenas portas de emergência. Elas pareciam estar levando para o outro prédio, não o nosso. Ele indicou-as. — Eu olhei para todos os projetos de nossos vizinhos, e estas não estavam neles. Eu nunca procurei o suficiente.

Xinguei.

— Você está honestamente sugerindo que devemos tentar abri-las e descer para um porão em potencial que não temos ideia de que realmente leva ao Katya?

Sua cabeça foi para trás e ele começou a levantar os braços.

— Bem, quando você coloca assim…

— Estamos fazendo isso.

Eu disse isso ao mesmo tempo em que ele terminou com:

— Diabos, sim.

Nós compartilhamos um sorriso, mas então a realidade me atingiu.

— Que porra estamos fazendo?

Ele pulou, apoiando-se em cada lado das portas, e me deu um sorriso, todo o seu rosto iluminado demais para o que estávamos prestes a fazer.

— Estamos explorando. Chame-nos de Os Goonies de Nova Iorque. — Ele se abaixou, segurou uma das portas e a ergueu.

Não iria, mas havia uma pequena abertura.

Descendo, eu me preparei e agarrei a outra porta. Juntos, nós a levantamos, vendo que ambas tinham que abrir ao mesmo tempo.

Depois disso, escuridão total e assustadora.

— Posso literalmente ouvir os ratos correndo.

— Vamos apenas esperar que não haja crocodilos de Nova Iorque que não conheçamos.

— Você sabe que as pessoas provavelmente têm cobras como animais de estimação, cobras que escaparam de seus banheiros.

Eu reprimi um estremecimento.

— Você pode ser um assassino em série. Você é tão doente e perturbador.

Ele deu uma risada, mas puxou uma lanterna e entregou para mim.

— Aqui.

— Você apenas mantém isso com você? Nos dias em que você pode ter que explorar um porão assustador?

Outro lampejo de sorriso quando ele puxou uma

segunda lanterna e a colocou na boca, então pegou outra coisa. Era a arma dele, e ele trocou as mãos, posicionando a lanterna sobre a arma para que ele segurasse as duas juntas. Ele baixou a voz.

— Tenho lanternas comigo porque nunca se sabe o que diabos temos que fazer por nossas famílias. Além disso, você lidera.

— Sempre tem que estar preparado, hein?! — Mas eu estava protelando e sabia que era hora.

Eu apontei minha lanterna para baixo, vendo que era um conjunto de escadas toscas esculpidas que levavam a este túnel/porão.

Reprimi um arrepio e comecei a descer.

Não me ocorreu até Ashton estar totalmente atrás de mim que ele deveria ter ido na frente. Ele tinha a arma.

Eu disse a ele:

— É melhor você ter essa coisa apontada para baixo.

— Claro, caso eu precise matar algum crocodilo de Nova Iorque.

— Idiota.

— Uh, eu sou o esperto. Tenho você para liderar o caminho.

Isso era verdade. *Eu* era o idiota.

CAPÍTULO 47

JESS

— Onde estamos?

— Estamos em um porão embaixo do clube do seu irmão.

Remmi estremeceu, olhando ao redor. Não que eu a culpasse. O lugar tinha todos os tipos de coisas nojentas, mas eu o encontrei um ano atrás, quando estava procurando por um estoque perdido, esperando encontrar uma pilha surpresa. Eu encontrei a porta que levava até aqui e me aventurei um dia, realmente explorando. Era óbvio que ninguém do clube sabia disso. As teias de aranha estavam em outro plano, eram enormes.

Mas, para todos os efeitos, resumi para que ela não surtasse.

— Estamos logo abaixo do escritório de Anthony.

— Oh. — Seus olhos ficaram grandes, mas eles estavam assim desde que eu apareci.

Fiz uma barricada no único conjunto de portas e liguei um ventilador, esperando que impedisse que qualquer um tentasse entrar.

— Você vai me machucar?

Eu me agachei não muito longe dela, mas definitivamente fora do alcance do toque. Ou de sua respiração. Eu não estava confiando totalmente em mim.

— Eu preciso?

— Isso é uma ofensa criminal, você sabe. Você está me segurando contra a minha vontade.

Fiquei quieta sobre esse assunto, mas disse:

— Isso vindo da garota que divulgou entre os criminosos que eu era “protegida” pela Máfia da família West? Você está brincando comigo? Ordens de proteção no mundo do crime têm uma definição muito diferente do que no sistema de justiça.

— Na verdade não, não se você pensar sobre isso. É a

mesma coisa *fique longe*, mas é contra todos, exceto a pessoa. Você sabe? A outra no sistema de justiça é uma ordem de restrição contra uma pessoa, não todos. O que eu fiz faz mais sentido e é muito mais eficaz também.

Ela falava livremente e sem medo. E isso me irritou. Tive de lembrá-la:

— Eu tenho uma arma, e nós duas sabemos que você não vai usar a justiça contra mim, então, em vez de falar sobre isso, por que você não me explica quem colocou na sua cabeça que minha mãe foi o motivo do suicídio da sua mãe?

Ela enrijeceu, encolhida em uma cadeira.

— Não fale sobre minha mãe.

— Sua mãe é a razão de estarmos aqui, porque até o momento, eu não tinha ideia de que seu pai e minha mãe ficaram juntos. Tenho a sensação de que saberia disso se isso tivesse acontecido, você sabe, já que sou uma oficial de condicional e tudo.

Estava escuro no local – minha lanterna era a única luz –, mas eu ainda podia vê-la olhando para mim.

— Eu não sabia até recentemente. Meu pai me contou, e acho que ele é uma fonte melhor do que você.

Eu não gostei de ouvir isso, porque… era verdade?

Eu ainda estava agachada, mas me aproximei um pouco mais dela.

— Ele disse a você recentemente?

— Sim. Por quê? — ela gritou para mim. — É isso que estamos fazendo aqui? Você só vai me interrogar? Achei que você ia me bater ou algo assim.

Admiti:

— Ainda estou pensando nisso.

Ela engasgou.

— Ainda não me decidi.

Ela começou a choramingar levemente, e eu não acreditei, mas ela estava se esforçando.

— Meu pai vai matar você por isso.

— Duvidoso. — Levantei-me, porque precisava andar. Eu precisava pensar. — Tenho a sensação de que se seu pai pudesse sancionar minha morte, ele não teria que recorrer a encher a cabeça de sua filha com besteiras de décadas.

— Então, meu irmão — ela cortou.

— Eu duvido disso também. Por fazer algo tão imprudente como você fez, você não foi esperta. Você não descobriu os relacionamentos reais acontecendo. Se tivesse, poderia ter parado para se perguntar por que Ashton levou você embora e não me demitiu. Você pensou sobre isso? Você se perguntou por que seu pai estava trazendo à tona o suicídio de sua mãe para você recentemente? Posso estar me arriscando, mas não acho que um suicídio familiar seja assunto para uma conversa normal.

Ela fungou, ajustando-se em seu assento.

— Não tenho ideia do que significa “normal”.

— O contexto é que não é uma conversa do dia a dia. Você fala com seu pai com frequência?

Ela não respondeu.

Eu não esperava que ela respondesse, porque isso não se encaixava no perfil. Eu não era uma criadora de perfis, mas tinha conhecimento em psicologia suficiente para saber que a reputação de seu pai não era de um ótimo pai. Se ele fosse, se houvesse algo além do que eu estava começando a sentir como manipulação total, então Trace teria reagido.

Ele não tinha reagido. Não houve reação alguma.

— Eu contei isso para o seu irmão, você sabe.

Seu fungar se acalmou e ela levantou a cabeça.

Eu encontrei seu olhar, o que eu podia ver da lanterna.

— Ele não piscou nenhuma vez. Ele deu de ombros. Isso faz você se perguntar de novo? Você tem um bom relacionamento com seu pai? Você confia nele? Ou você confia em seu irmão? Parece que as duas reações tão

diferentes podem dizer algo por si só.

Ela desviou o olhar, levantando o nariz antes de sua boca fazer um movimento estranho.

— Eu não falei com Trace sobre nossa mãe. Ele a odiava, então por que ele se importaria com isso?

— E Ashton? Ele teria os meios para falar em nome de seu irmão. Como ele reagiu quando você contou a ele por que estava me ameaçando?

Ela não respondeu.

Eu dei um passo em direção a ela, levantando minha voz.

— O que ele disse?!

— Ele não disse nada. Ele me levou ao aeroporto, reservou um voo para Las Vegas e me disse para parar de falar sobre merdas que eu não sabia.

Porra. Aí. Ela disse isso, e não havia um pingo de remorso em seu tom. O choramingo era falso. Dei um passo para trás e ouvi minha própria voz. Combinava com o que eu estava sentindo por dentro. Frio.

— Você nem acredita nisso.

— O quê? — Mais alarmada desta vez. Menos fingimento de estar com medo.

Eu fiz uma careta, indo com meu instinto aqui.

— Você não tem emoção agora. Você não está com medo. Você nunca tentou sair ou pediu para sair. Você está fingindo. E você está quase entediada. Você lutou contra um bocejo cinco frases atrás. — Eu tinha razão. Eu sabia disso e me movi para o lado, tentando fazê-la se sentir desequilibrada, mais do que deveria, mas ela não estava com medo. Isso era óbvio para mim. — Por que você deu a ordem contra mim? Você queria explodir minha carreira, porque esse tipo de ordem é tudo o que as pessoas fazem com as pessoas na minha área de carreira. — Outro passo, minha cabeça totalmente inclinada para o lado, ainda explorando onde meu estômago estava me levando. — Acho que é preciso muita coragem para fazer o que você fez.

Seus olhos se estreitaram.

— O que você está falando?

— Reivindicar uma oficial de condicional nas ruas. Você saberia que tipo de merda isso leva para mim. Meus colegas acham que sou corrupta. Eles pensam que estou delatando ou transando com alguém da sua família.

Seus olhos se estreitaram e ela ficou estranhamente imóvel.

Seus lábios se separaram.

— Pessoas morrem por ordens de proteção como a que você divulgou. Estou aqui tentando juntar as peças, lutando porque não quero morrer e não quero matar ninguém para me defender. É isso que essa merda faz. Está entendendo isso agora?

Um verdadeiro suspiro soou. Este quieto e no fundo de sua garganta, como se ela não soubesse que ela mesma fez o som. Ela não estava olhando para mim. Ela estava olhando para longe.

— Quem sugeriu que você fizesse o que você fez?

Sua boca se abriu novamente, mais larga, antes que ela a fechasse e me lançasse um olhar fulminante.

— Eu não estou dizendo merda. Você pode ir para o inferno pelo que sua mãe fez com a minha. — Ela ergueu o queixo. — Espero que você morra, policial vagabunda. Então talvez sua mãe se machuque um pouco com o que ela me fez passar. Você merece todo o inferno que está vindo para você.

A porta de repente se abriu atrás de mim.

Eu mal reagi, enquanto Remmi gritou antes de pular e gritar. Ela saiu correndo, passando por mim.

— É o bastante. — A voz de Trace encheu a sala, ecoando ao meu redor.

— Trace!

Eu não assisti, em vez disso, ouvi alguns barulhos e dela:

— Que diabos, T?

Sua própria frieza mal ressoou em mim.

— Vá com Ashton.

— Mas o quê?! Trace!

— Vamos lá. — O próprio tom de Ashton também foi cortado, sem paciência também.

Podíamos ouvi-los se afastando. Ela continuou exigindo saber o que estava acontecendo, se Ashton estava com raiva dela, por que ele estaria? Ela era a vítima. Que diabos? Muitos *que diabos*.

Depois que eles saíram, eu falei.

— Eu nunca a contive. Nem uma vez. Eu disse a ela para vir comigo, e ela veio. Se ela tivesse pedido para sair, eu não a teria impedido.

— Você acha que eu dou a mínima para isso? Eu amo minha irmã, mas agora não gosto dela. Ela passou por muitas coisas por causa de como ela foi afetada pelo suicídio de nossa mãe. Estou vendo que isso não fez nenhum favor a ela e, acredite, ela aprenderá uma lição difícil. A de não confiar em meu pai.

Virei-me agora, estremecendo ao vê-lo olhando para mim com suavidade.

Eu não queria aquele olhar dele.

Eu não queria a pena dele.

Mexi meus ombros para trás, levantando minha cabeça.

— Seu pai é uma ameaça. Ele sabe que você se importa comigo e a jogou contra mim para me machucar, para machucar você.

— Eu sei. — Sua fúria mal contida me disse que ele juntou tudo também.

— Você ouviu?

— Eu estava revirando isso na minha cabeça quando estávamos em uma exploração pelos corredores e escadas do porão que nunca mais quero ver na minha vida. Você sabe quais criaturas estão aqui embaixo?

— Agora mesmo? — Por alguma razão, só conseguia

pensar no pior que havíamos feito, no que havíamos ajudado a encobrir. Por que o que nos tornava tão diferentes de sua irmã ou de seu pai? Até seu tio. — Duas pessoas que podem ser condenadas por ser cúmplice de assassinato.

Eu passei por ele. Ele estendeu a mão.

— Jess.

Afastei meu braço, continuando para fora da sala.

— Não. Apenas, não. Não dessa vez.

CAPÍTULO 48

JESS

Toc-toc.

A batida foi suave e cautelosa. Esse foi meu primeiro indicador de quem estava do outro lado, mas verifiquei para ter certeza. Era Trace.

Suspirei, abrindo a porta e recuando para que ele pudesse entrar.

— Você esperou um dia inteiro. Estou impressionada. — Fechei a porta, tranquei as fechaduras e verifiquei meu telefone. Estava desligado. Ele estava desligado desde que cheguei em casa, que foi depois que tive que informar a Leo o que havia acontecido. Ele precisava de um alerta, porque eu não sabia mais o que estava sendo dito nas ruas.

— Foi divulgado que a ordem estava errada.

— Como você conseguiu isso? Uma vez que as coisas estão fora, elas estão fora.

— Ashton fez isso. Ele tem seus caminhos.

Eu balancei minha cabeça, movendo-me para a cozinha.

— O estrago foi feito. O líder da minha equipe sabe. Minha parceira. O crime organizado recebeu um aviso.

Seu olhar se aguçou enquanto ele me observava na cozinha.

— Crime organizado?

— Como você acha que descobri onde estava sua irmã?

Sua boca se apertou.

— Você acha que isso foi inteligente?

— Não, Trace! Não, mas o que você esperava que eu fizesse? Para você a encobrir? Escondê-la de mim?

— Você acha que eu faria isso? Para você?

— Sim. Ela é sangue. No final do dia, você sempre vai escolher seu sangue. Mesmo que não seja bom para você, você escolhe quem estava lá no começo. — Minha voz

cortou. Visões da minha mãe me atingiram, na noite em que Bear me disse que eu poderia recuar, que ele lidaria com isso a partir daí.

Eu estava perdendo.

— Perdi tudo. Tudo. A única coisa que me resta é a minha carreira. Você está ameaçando tirar isso. Você não entende…

— Eu entendo! O que você acha que estou tentando fazer? Fiquei longe de você. Eu *fiquei* longe, ou tentei, mas desta última vez, eu tinha ido embora. Eu estava afastado de você. Ashton cuidaria do clube nas noites em que você estivesse lá, mas vimos como isso funcionou. — Ele parecia tão frustrado. — Eu sofro fisicamente todos os malditos dias por você, mas você está certa. Eu sou tóxico para você, então tentei ficar longe, mas não esta noite. Eu tenho que estar aqui. Eu… se houver alguma dúvida sobre onde reside minha lealdade, você tomou minha irmã como refém. Não importava se ela sabia ou não, mas você sabia, e eu estou aqui. *Estou aqui, Jess.*

Eu era uma porra de dicotomia.

Dura. Suave.

Brava. Magoada.

Desesperada e querendo ter esperança?

Era ele.

— Você está mexendo com a minha mente.

— Eu não estou tentando, juro por Deus. Estou tão confuso quanto.

Mas eu estava de volta ao estúdio, naquela noite em que ele apareceu.

Como ele me tocou.

E me beijou.

Eu podia senti-lo contra mim novamente. Suas mãos em mim. Provando-me. Quando ele me levantou no balcão, quando ele me encheu.

Eu estava me lembrando de cada momento entre nós, e meu corpo estava esquentando de novo.

Eu o queria, mas não podia tê-lo. *O que diabos eu faria, então?*

Eu tinha que desistir. Em breve. Sim. Decisão tomada. Eu teria que parar de trabalhar no clube, e eu não precisava mais fazer isso. Eu tinha sido ridiculamente estúpida por não ter ido embora, mas seria isso. Sem Trace. Não haveria razão depois disso.

Eu o observei, vendo que seu cabelo estava bagunçado. Olheiras, mas ele estava aqui, encarando de volta, e eu só o queria de novo.

Uma última noite? Poderia parar depois desta noite?

Eu não tinha força de vontade para me afastar dele, ainda não. Mas eu faria. Tinha que fazer isso, ou estaria arruinada.

Olhei ao redor, tentando me lembrar do que estava fazendo antes de ele aparecer.

— Você… uh, você quer algo para beber?

Ele veio atrás de mim. Eu podia sentir o calor de seu corpo.

— Ei. — Sempre tão gentil comigo. — Olhe para mim.

Eu balancei minha cabeça, afastando-me.

— Não posso. Eu faço e vou enlouquecer.

— Você quer que eu vá?

Eu deveria querer.

— Não — sussurrei em vez disso.

Pronto. E foi isso. Acho que decidi.

Eu não disse mais nada, seguindo pelo corredor até o meu quarto. Ele me seguiu e parou na porta enquanto eu andava pelo meu quarto. Ele me observou trocar de roupa e vestir uma regata e minha calcinha. Eu não dormia com mais nada. Fui até o banheiro para lavar o rosto e, quando voltei, ele não estava na porta.

Uma luz se apagou no meu apartamento. Outra. E outra. Ele estava desligando todas as luzes. Eu o ouvi verificar a porta, e então ele estava voltando. Ele me viu esperando por ele e parou na porta, estendendo a mão. A

luz do corredor foi apagada e ele entrou, um suspiro suave saindo de sua boca.

Nós não falamos.

Eu não sei por quê. Talvez porque não houvesse nada a ser dito. Ou falamos tanto, mas ainda não estávamos fazendo o que sabíamos que precisávamos fazer, e o que você dizia sobre isso? Nada. O corpo estava escolhendo, e eu não conseguia expulsá-lo. Eu estava doendo por dentro, meu peito literalmente doendo com o pensamento.

Ele passou por mim, sua mão tocando meu quadril, passando por minhas costas, enquanto ele ia para o banheiro.

Ele fechou a porta e eu fiquei ali, ouvindo-o, gostando do som dele no meu banheiro. Gostando dessa sensação de esperar por ele, sabendo que ele não partiria esta noite.

Deslizei para a cama, debaixo das cobertas, quando ele estava saindo.

Ele parou, olhando para mim.

Rolei de costas, apenas observando-o em troca.

Seus olhos se estreitaram antes de fecharem, e ele pareceu tomar uma decisão.

Ele começou a se despir, colocando suas roupas na cadeira ao lado da minha cama. Quando ele pegou sua cueca boxer, ele fez uma pausa, olhando-me novamente, e então deixando-a antes de estender a mão para desligar a luz no criado-mudo. As cobertas foram levantadas. A cama afundou e ele deslizou ao meu lado.

Nós nos movemos um para o outro, seus braços deslizando ao meu redor e me puxando para ele.

Passei a mão por seu braço, seu lado, até sua cueca, e deslizei um dedo por baixo do cós.

— Essa vai ficar?

Ele passou a mão pelo meu braço e pela minha cintura, retribuindo o favor.

— Quando essa sair, a minha seguirá.

Deitei-me, vendo-o subir em cima de mim,

descansando em um braço ao meu lado. Luzes apagadas, mas eu ainda podia vê-lo do luar filtrando pelas minhas cortinas. Isso deu a ele um olhar totalmente sombreado.

Uma última noite? Considerei isso, meu corpo esquentando enquanto eu o sentia novamente.

Eu não pude parar então.

— Apenas durma. — Ele se acomodou ao meu lado, um de seus braços sobre meu estômago, segurando meu quadril.

Eu sussurrei:

— Tudo bem.

Lentamente, músculo após músculo começou a relaxar. Acalmei-me e logo minhas pálpebras também estavam pesadas.

Ele já havia ido pela manhã.



Fui trabalhar no dia seguinte, esperando que a merda batesse no ventilador. Isso não aconteceu.

Leo me lançou um olhar intenso e avaliador em nossa reunião matinal, mas não disse nada.

Val e eu planejamos um dia de visitas domiciliares. Precisávamos terminar as que não havíamos feito ontem, e até ela estava quieta, ou mais do que o normal. Nós conversamos. Ela não perguntou o que havia acontecido, mas eu estava de volta ao trabalho e, ao longo do dia, as primeiras visitas aconteceram como ontem.

Nossa última visita foi quando nos disseram para enfiar nossos cacetetes em nossas bundas se houvesse espaço suficiente ao lado de nossos próprios paus.

Val começou a rir. Eu também. Nunca pensei que ficaria tão aliviada por ouvir para ir me foder como eu estava naquele momento.

Estávamos voltando para dentro do prédio de

escritórios quando Travis passou por mim.

Se alguma coisa fosse dita, seria por ele. Ele ainda me odiava.

Val fez uma pausa. Eu também.

Travis continuou, mas lançou a nós duas um olhar estranho.

— Montell, eu nunca tive nenhuma esperança para você, mas Hartman, o que há com o olhar constipado? O oficial Reyo está incomodando demais à noite? Não pode cagar agora?

Ela se virou.

— Eu não posso acreditar que você acabou de dizer isso para mim.

Ele parou, franzindo a testa.

— O quê?

Eu bati em seu braço, empurrando-a para frente.

— Ignore-o.

— Foda-se, Travis. — Ela se contorceu ao meu redor. — Continue irritando seus colegas de trabalho. Uma grande filosofia em nossa linha de trabalho. Tenho certeza de que vai funcionar para você.

— Não que eu me importe muito com você, já que você é próxima da oficial Montell aqui.

— Qual é o seu problema comigo, Travis?

Seus olhos deslizaram além de mim, mas voltaram, e ele sorriu.

— Nada. Eu simplesmente não gosto de policiais corruptos.

Eu enrijeci, mas depois olhei para trás. Leo estava lá, franzindo a testa para nós. Eu queria fazer algumas coisas com Travis que me deixariam suja, mas não podia. Val estava furiosa, olhando para Travis. Ela parecia pronta para ir até ele também, então me movi e a guiei até o corredor.

Olhei para trás, vi que ele estava nos observando com os olhos apertados.

— Você é um merda, Travis. Espero que continue insultando todo mundo. Você realmente vai se foder no final do dia então. Divirta-se enquanto faz isso.

Continuei movendo Val à minha frente. Se não o fizesse, iria eu mesma fazer algo de que me arrependeria.

— O quê? — Val deu um tapa na minha mão.

— Ele não sabe.

— O que você está falando? Ele acabou de dizer…

— Ele ficou confuso quando você reagiu. Ele não esperava isso. Ele estava brincando ou tentando jogar alguma coisa fora e ver se pegava.

Ela percebeu o que eu estava dizendo e inclinou a cabeça para trás, um rosnado baixo saindo de sua garganta.

— Jesus. E olhe para mim, basicamente confirmei suas suspeitas. — Seu rosto se contraiu. — Ele geralmente anda chateando-a, agora é a minha vez?

Apertei meus lábios com força.

— Confie em mim, se você conseguiu hoje, isso significa que ele está guardando algo para mim.

— Eu não perguntei hoje, já que, você sabe, você apareceu, mas você está bem?

Eu movi minha cabeça para cima e para baixo, uma vez.

— Estou bem. Espero que isso acabe.

Eu estava realmente esperando que isso acontecesse, mas meu instinto sabia. Não acabaria.



Ele apareceu naquela noite, uma batida suave como da última vez.

Eu o deixei entrar.

Eu não podia mais negar.



Quinta à noite.

Tivemos um dia difícil no trabalho e Trace apareceu.

Eu não podia falar sobre o meu dia. Eu não queria que ele falasse sobre o dele, mas ele me segurou novamente.

Ele se foi pela manhã, e eu não iria mais pensar.



Fui para o meu turno no Katya e pude senti-lo lá.

Ele estava observando-me. Eu não sabia onde ele estava, mas sabia que ele estava lá.

Fui para casa depois do meu turno e dez minutos depois…

Toc-toc.

Eu o deixei entrar.

Ele tinha ido embora mais uma vez quando acordei, mas hoje era sábado. Eu não tinha nada para fazer hoje.

Eu não sabia como lidar com um dia sem nada.

CAPÍTULO 49

TRACE

Esta era a reunião número oito.

Meu tio começou a cair no mesmo padrão. Eu chegava. Havia conversa fiada. Ele perguntava sobre minha irmã, depois perguntava como estava indo meu trabalho. Eu respondia tudo, esperando o verdadeiro motivo pelo qual ele havia pedido para me encontrar. Ele chegaria a isso, e nas últimas vezes, tinha sido o mesmo pedido ou aviso. Eu considerava isso uma espécie de aviso prévio. Sua saúde era ruim. Ele precisava que eu assumisse os negócios da família.

O tempo restante estava diminuindo. Eu tinha algumas semanas pela frente.

Claro que isso nunca foi expresso de forma que ele estivesse me pedindo para fazer isso. Ele estava me dizendo que queria que eu fizesse isso. Era uma velha maneira clássica do tio Stephano, onde ele abria a estrada com suas intenções primeiro, e então quando estava claro, ele marchava em frente.

Este encontro foi diferente.

Percebi isso imediatamente quando seus homens se levantaram quando saí do meu carro. Antes, eles descansavam. Eles assentiam. Eles podiam ter dado um aceno; às vezes eles não faziam nada, e isso porque eu não ligava para os homens do meu tio. Eles só conheciam a violência e a usavam para conseguir o que queriam.

Desta vez, havia medo em seus olhos.

— Tristian. — O segurança-chefe de Stephano, Bobby, deu um aceno respeitoso, abriu a porta e liderou o caminho para dentro. Passamos pela cozinha, onde meu tio preferia fazer suas reuniões, e ele me levou para o porão, para a sala de televisão dos fundos, onde Stephano estava sentado em um sofá. — Tristian está aqui.

— Ah. Eu vejo. — Meu tio se levantou e se aproximou.

Suas mãos foram para os meus braços e ele se inclinou. Um beijo na minha bochecha esquerda. Um beijo na minha direita, e então ele me deu outro aperto em ambos os braços, um sorriso antes de recuar. Ele piscou algumas vezes antes de se virar.

— O que está acontecendo, tio Stephano?

Ele limpou a garganta, balançando a cabeça.

— Podemos chegar a isso. Sente-se, sente-se, sente-se. Bobby, traga-nos algumas bebidas. Estou desejando vinho esta noite. O melhor tinto que temos.

Bobby deu um aceno com a cabeça antes de olhar para mim, um olhar demorado, e então ele saiu.

Eu fiz uma careta. O que estava acontecendo?

— Eu prefiro ir direto ao ponto aqui. Já estamos fartos dessas reuniões nas últimas duas semanas, tio Stephano.

— O quê? Oh. Sim. Uh. — Ele acenou para o sofá de onde acabara de se levantar. — Sente-se. Sente-se. Relaxe um pouco. Tudo no seu devido tempo.

Sentei-me, sem querer, mas o fiz.

Ele foi para os fundos, onde mantinha uma mesa. Havia uma pilha de papéis, e ele mexeu em alguns antes de seu telefone tocar.

— Sim? — Ele ficou quieto. — Sim. Eu sei. Sim. Obrigado.

Meu próprio telefone tocou.

Ashton: No Katya. A antiga colega de quarto está aqui, conversando com Jess.

Eu: Obrigado por me avisar.

Ashton: Quer que eu passe algum recado? Ela está sozinha.

Eu: Passarei aí depois dessa reunião.

Ashton: Quer adivinhar por que a antiga colega de quarto apareceu? Espero que elas comecem a jogar boliche novamente.

Eu: ?

Ashton: Eu gosto de boliche. Sua garota não vai há algum tempo.

Eu: Você gosta de boliche ou gosta de quem é a dona da pista de boliche?

Ashton: Existe alguma diferença?

Eu: De onde vem isso? Você tem observado o grupo de amigas delas nas noites de domingo?

Ashton: Talvez.

Eu: Ashton.

Ashton: Eu verifiquei algumas vezes, apenas mantendo-me informado, mesmo que sua garota não estivesse lá.

Eu: A dona reconheceu você?

Ashton: Não.

— Aqui está. — Bobby trouxe uma garrafa de vinho, duas taças e um saca-rolhas para a sala. Depois de colocar tudo na mesa mais próxima de onde eu estava sentado, ele abriu a garrafa e começou a servir. — Tristian. — Ele entregou uma para mim, então encheu a outra.

Peguei, mas só segurei. De jeito nenhum eu iria beber do meu antes que meu tio bebesse do dele. Éramos uma família, mas ainda éramos máfia. Tudo sobre esta reunião estava disparando meus alarmes.

— Obrigado, Bobby.

— Você quer que eu…? — Ele apontou para a porta e tio Stephano assentiu.

— Sim, sim. Feche-a. Deixe-nos em paz. Preciso de privacidade com meu sobrinho agora.

— Ok. — Bobby trocou outro olhar comigo antes de sair, fechando a porta atrás de si.

— Tio Stephano…

Ele me parou, uma mão no ar, e gesticulou para a porta.

— Certifique-se de que todos foram embora.

O quê? Isso foi novidade para mim.

— Há algo que eu deva saber sobre seus homens?

— O quê? — Ele continuou a vigiar a porta, ouvindo, e assim que ouvimos uma batida no andar de cima, ele relaxou. — Ah. Bom. Tudo certo. — Ele moveu seu copo em minha direção. — Você nunca pode ter certeza. Agora. Como você está? Diga-me, como está meu sobrinho favorito? Ainda ganhando todo esse dinheiro com seu trabalho e seus negócios?

Agora estávamos voltando aos velhos padrões. Relaxei um pouco, mas me ajeitei, coloquei meu vinho de volta na mesa à minha frente e descansei os braços nos joelhos.

— Tio Stephano, você sabe que estou bem. Está tudo bem para mim.

— Sim? — Ele se sentou em uma das cadeiras mais fundas, de frente para mim. — E a mulher? Você ainda está vendo aquela policial? Montell.

— Ela é uma oficial de condicional, e sim. As coisas são… frágeis entre nós.

Suas sobrancelhas se ergueram.

— Frágeis? O que isso significa?

— Isso significa que estamos lentos, mas ainda a estou vendo, ou tentando. Ela é basicamente o inimigo – você sabe disso.

— Eu sei. Sim. Mas você se deu bem com o tio dela, ou com o novo cara que o substituiu. Ele acabou sendo um bom funcionário para nós. Movemos muitas remessas por aquele depósito graças a ele. Foi uma boa decisão o que você fez.

— Sim. Obrigado.

Ele notou minha taça e seus olhos se aguçaram. Inclinando-se para a frente, ele fez um gesto em direção a ela.

— O vinho não é bom?

— É sim. Eu já tomei um gole.

— Você fez? Bom, bom.

Ele estava pensando. E como quase podia vê-lo pensando, isso significava muitas coisas para mim. Ele estava cansado. Ele estava distraído. Ele estava… frenético? Isso tudo era por causa de sua saúde? Era uma regra minha nunca mentir para meu tio, mas tentava contar a ele o mínimo que podia. Ser vago tendia a apaziguá-lo. Ele costumava gostar de se sentir no controle, mas agora meu tio não parecia estar no controle. Com ele,

o que ele podia fazer, isso o tornava ainda mais perigoso.

— Tio Stephano. — Calmo. Tranquilo. Eu precisava me acalmar.

— Hum? Sim?

— O que está acontecendo? Por que você queria me encontrar esta noite?

Ele parou de pensar e se concentrou em mim. Apenas em mim.

Eu sabia que meu tio era perigoso, embora nunca o tivesse temido. Mas agora foi o mais perto que cheguei de ter medo dele. Ele estava me deixando nervoso.

— Tio Stephano?

— Nossos problemas aumentaram.

— Quais?

— Alguns de nossos carregamentos não estão chegando. Perderam-se. Roubados. E há outros conflitos. Mais e mais empresas estão começando a se recusar a nos pagar. Alguns de nossos outros negócios inescrupulosos também estão sendo atingidos. — Ele começou a acenar com a mão no ar. — Um ou dois, tudo bem. Normal. Podemos lidar com isso, e nós o fazemos, mas estamos sendo atingidos por todos os lados, e isso me faz pensar. Você sabe?

— Claro. — Eu não ia gostar de onde ele estava indo com isso. Eu sabia.

— E eu penso, o que há de novo acontecendo? E então penso, tudo isso começou quando você começou a foder aquela policial.

Ai, Jesus.

— Não é Jess.

— Mas ela é uma Montell. Você sabe o que aconteceu com o outro Montell? Seu pai. Ele era um pequeno pedaço de pau enrugado. O menor que eu já vi, mas ele não queria que os outros soubessem, então ele gostava de compensar. Será esse o termo? Andava arrogante. Falava alto. Esse tipo de coisa, mas ele era um idiota. — Sua mão continuou

girando, girando e girando. — Um idiota total, mas ele estava com a tripulação. Nós o deixamos fazer algumas coisas para nós, quebrou algumas cabeças, então seu pai. Você sabe sobre isso?

Nada disso estava certo para mim. Eu balancei minha cabeça.

— Não ouvi a história exata, não.

— Sim, sim. Ok. — Ele bebeu metade do vinho de um só gole, e aquela mão começou a se levantar novamente. — Vou contar a você. Sente-se. Relaxe. Quer mais vinho? Posso pedir a Bobby que traga outra garrafa.

— Estou bem, tio Stephano. Eu gostaria de ouvir a história.

— Oh! Ah, certo. Sua mulher, hein? Você quer ouvir sobre o pai dela? — Ele bebeu mais vinho antes de se levantar e servir o resto em seu copo. Seus movimentos eram instáveis enquanto ele se movia para trás, até que ele pudesse sentar-se novamente. Ao fazer isso, o vinho espirrou na borda da taça. Ele não percebeu. — Ok. Onde eu estava? Oh, certo. Seu pai e o pai dela trabalhavam juntos, mas não se gostavam. Dominic tinha enfiado o pau na mãe da sua mulher. Ela é uma mulher bonita também. Eu ainda a vejo às vezes. Ela começou a andar na nossa rua e faz questão de acenar para os caras quando os vê. Você sabe por que ela está fazendo isso, certo? — Ele riu, suas sobrancelhas balançando um pouco. — Ela está pedindo alguns encontros, mas não se preocupe. Eu não faria isso com você, não quando você está fodendo a filha. — Ele riu, alto e longo.

Havia algo errado com tio Stephano.

Eu não tinha pensado nisso quando ele começou a falar sobre sua saúde, mas não era ele. Ele não agia assim. Ele era reservado, cauteloso. Inteligente. Ele estava sendo como seu irmão agora, como meu pai. As reações de seus homens estavam fazendo mais sentido.

— O que aconteceu com o pai de Jess?

— Oh, sim. Esqueci. Sim, sim. Houve uma luta. Veja, o pai dela queria mais poder em nossa família. Ele queria subir na hierarquia e armou um golpe contra seu pai. Mas sangue é sangue. Você me entende? Ele me procurou sobre isso, contou tudo o que seu pai estava fazendo, e estou dizendo tudo. As prostitutas, os policiais que ele estava chantageando. Ele tinha os dedos em todos os lugares, e seu pai sabia de tudo. Ele me fez uma proposta. Ele mataria seu pai se conseguisse o emprego. Disse que poderia assumir a posição de seu pai e fazer melhor. — Ele começou a rir, seus ombros tremendo. — E sabe o engraçado? Aposto que ele poderia. Ele não era um idiota estúpido. Ele era meio esperto na maior parte do tempo. A outra parte era burra, por que o que ele pensou? Que eu o escolheria, um forasteiro, em vez do meu próprio sangue?

Eu estava me preparando.

— O que aconteceu com ele?

— Eu mandei matá-lo. Foi o que aconteceu.

— Você mandou? — Meu tom era agudo. Tudo em mim estava em alerta máximo. O irmão dela havia sido condenado pela morte de seu pai.

— Quero dizer, nós armamos, mas não fizemos. O garoto fez. Ele só precisava de uma motivação adequada, mas sim. Pegamos o filho para matar o pai, e agora é quase carma que você está transando com a filha. Engraçado como tudo funciona, não é? Especialmente quando Dominic se certificou de que você nunca estaria aqui. Ele nunca quis que você encontrasse a garota, disse que você se apaixonaria por ela. Ela era atraente mesmo naquela época, mas dissemos para não tocá-la. Isso foi uma promessa ao pai, de que ela ficaria sozinha. Mas você vê, eu não posso cumprir essa promessa se ela é a única cantando sobre nós?

— Ela não está — eu resmunguei.

Deus do caralho.

Comecei a me levantar.

— Por que estou aqui? Esta noite?

— O que você quer dizer?

Peguei meu telefone.

> Eu: Eu quero um cara com Jess o tempo todo. Acho que meu tio pode fazer algo contra ela.

Ele estava olhando para o meu telefone e apontou para ele com sua taça de vinho.

— O que você fez aí? Agora mesmo. Você enviou uma mensagem de texto? Para quem?

— Para Ashton.

Ele assentiu, voltando a se sentar em sua cadeira.

— Isso é bom, porque você está aqui por dois motivos. Um, eu preciso saber se a mulher com quem você está transando está apresentando evidências contra nós, e se ela não estiver, então temos um outro problema em nossas mãos.

— Não é Jess. Eu tenho homens atrás dela e um rastreador também. Não é ela.

A farsa da loucura bêbada havia acabado e meu tio estava de volta ao poder. Ele estava claro e alerta, e ele estava me estudando como se eu fosse seu inimigo. Ele acenou com a cabeça, mais devagar desta vez, e falou, sua voz toda séria.

— Vamos torcer para que não seja sua mulher, porque se for, então terei que matar a família dela. Não dá para se livrar de um e deixar os outros dois cozinhando.

— Não é ela, então quem é a outra escolha?

Ele olhou para mim, por um longo tempo.

— A outra escolha é aquela família do Maine. Eles podem estar por trás de tudo.

— O que você quer que eu faça?

Ele se levantou da cadeira, tomando um gole de vinho

antes de voltar para a mesa. Ele demorou, olhando para algo antes de colocar o vinho na mesa. Ele pegou uma pasta e a trouxe.

— Você lidou com seu pai. Você lidou com a situação do tio. Agora. — Ele acenou com a cabeça para a pasta quando eu a abri. Uma foto olhou para mim, e eu sabia quem era essa pessoa. — Esse é o líder da família do Maine. Já falei sobre eles. Máfia Worthing é como eles estão sendo chamados, mas você conhece um de seus primos. Ele costumava trabalhar para você.

Justin Worthing.

Peguei a foto.

— Você está falando sério com isso?

— Eu estou. Ele tem um irmão na polícia, um detetive Worthing. Eles o estão usando para nos atacar e vão continuar vindo.

— O que você quer que eu faça sobre isso?

— Eu quero que você cuide disso. — Ele recuou, tomando seu vinho. — Lide com isso como você lidou com todas as outras situações que enviei para você. Você terá que colocar Ashton nisso, porque a família dele manda na polícia da cidade. Worthings também estão entrando em seu território.

Ele estava me pedindo para 'lidar' com mais pessoas.

— Você pode querer perguntar o motivo pelo qual você também teve um Worthing em seu clube, enquanto está nisso.

— Desculpe?

— Você tinha um Worthing trabalhando para você. Não pense que não considerei que talvez fosse você quem estava conspirando contra mim?

É melhor ele não estar me ameaçando.

— Você está brincando comigo?

Agora ele ficou estranhamente imóvel, e havia toda uma camada de gelo preenchendo a sala ao nosso redor.

— Por que diabos eu iria conspirar contra você

quando está me dizendo que quer que eu assuma o controle para você? — Havia uma tempestade em seus olhos. Eu vi, verifiquei e só continuou crescendo.

Meu tio era um problema.

O homem que costumava ir aos meus jogos esportivos. *Ele* era o pai para mim. Meus aniversários. Foi ele quem manteve minha foto em sua geladeira. Ele estava lá para mim. Quando o filho saiu, eu estava ao seu lado. Quando o outro morreu, ajudei a planejar o funeral. Ele estava uma bagunça. Sua esposa o deixou anos atrás, e ela se foi. Como se tivesse desaparecido. A história era que ela estava farta dele e partiu, não querendo nada com esta família. Eu nunca questionei isso, mas agora, terá ele feito isso com eles? Ameaçou atacá-los?

Ou pior, ele se voltou contra eles?

Eu estava olhando para o meu tio, perguntando-me se eu o estava vendo pela primeira vez.

Um sorriso apareceu em seu rosto e ele começou a rir.

— Peguei você! Peguei você, não peguei? — Ele se aproximou, batendo no meu ombro, mas sua mão segurando aquele vinho ainda estava tão firme.

— Tio.

— Sim? — Ele ainda estava rindo. — Por que você não está rindo? Foi uma piada. Eu estava tentando aliviar a tensão. Eu sei que fui duro com sua garota e depois com seu funcionário, mas nunca se sabe. — Ele apontou para as costas. — Muita gente quer enfiar facas nas minhas costas.

— Você acabou de me ameaçar. Você ameaçou *a família*.

Eu ainda estava me mantendo firme, observando tudo o que ele fazia. Ouvindo cada palavra que ele dizia, cada inflexão de tom. Tudo isso estava sendo gravado em meu cérebro, porque este dia mudou tudo no futuro. Ele me mostrou o cartão que ele poderia se virar contra mim. Eu seria estúpido se não acreditasse que ele o faria.

— Não foi nada. Você é meu sobrinho. Eu nunca faria nada com você. — Ele se moveu, segurando minha nuca, e descansou sua testa na minha. — Eu amo meu sobrinho. Ele é o único leal a mim. Eu seria um tolo em perdê-lo. Eu seria um tolo em perder você. Foi uma piada, Tristian. Por favor, perdoe-me. Foi uma piada de mau gosto.

Não foi uma piada. Foi um teste. Ele queria ver como eu reagiria.

Afastei-me dele, mas não disse nada. Eu não sabia o que dizer.

Ele vacilou, franzindo a testa.

— Trace?

Eu dei outro passo para trás, e outro. Ainda sem dizer nada.

— Trace? Eu estava brincando.

— Você não estava — eu gritei. — Eu nunca fiz nada para você que fizesse acreditar que não podia confiar em mim. Nunca. Entreguei meu pai a você e vi o que você fez com ele. Agora isso? — Fiz um gesto para ele. — Justin Worthing não faz parte dos negócios de sua família. Não posso falar sobre o resto dela, mas sei que ele não está. E ele não é mais um dos meus funcionários.

Stephano ergueu o queixo lentamente.

— A mulher dele está atualmente em seu clube, conversando com sua mulher. Você pode ver que tenho motivos para me preocupar, considerando que sua mulher ainda não escolheu um lado. Ela ainda está trabalhando para o outro lado.

— É sério?

Ele tinha olhos no meu clube. No meu clube! Não fiquei surpreso com a informação sobre Justin, ou mesmo sobre Jess. Eu meio que esperava, mas o interrogatório, e agora isso? Relatórios atuais agora.

— *Acabei de saber* que ela está lá. Como você sabia?

Comecei a olhar em volta.

Ele tinha ido para sua mesa. Ele estava olhando para

os papéis.

Bobby trouxe o vinho – foi quando recebi as mensagens de Ashton. Repassei seus movimentos depois daquele texto.

Ele estava em sua cadeira. Ele estava bebendo. Testando-me. Desafiando-me de certa forma. Então ele se levantou, foi até sua mesa e parou ali.

Comecei a me virar em direção à mesa, movendo-me para ela.

— O que você está fazendo? — Sua voz afiada.

Eu levantei meu telefone.

— Você não tem olheiros em meu clube, não no momento. Mas eu tenho, e acabei *de ser notificado*. Isso significa…

— Trace! Não vá até lá.

Eu o ignorei, começando a ler os papéis.

Eles eram arquivos. Ações. Outros eram números que ele havia rabiscado. Fotos.

— Pare, Trace. Estou falando sério. — ele latiu.

Afastei um dos papéis e vi um telefone. Eu bati na tela; era meu papel de parede. Peguei e voltei.

— Desbloqueie.

— Sobrinho. — Ele abaixou a cabeça, tentando ser suave comigo.

— Desbloqueie. *Agora*. — Eu o joguei para ele.

Ele o pegou, por pouco, esmagando-o contra o peito com o braço. Dando-me um olhar irritado, as pontas de sua boca apertadas, ele moveu o polegar sobre a tela e o jogou de volta. Fui direto para alterar a senha, inserindo os números que acabei de vê-lo usar e digitei o meu antes de passar pelo telefone.

Era o meu. Tudo era meu.

Ele tinha feito uma cópia do meu telefone.

Eu verifiquei minhas mensagens, vendo a recente de Ashton lá.

Vendo minhas mensagens sexuais com Jess.

Eu me virei, uma raiva fria começando no meu estômago, e estava crescendo rápida e ferozmente.

— O que mais você tem sobre mim?

— Sobrinho…

— O que mais?!

Ele estremeceu. Engoliu. Ele terminou seu vinho – graças a Deus por isso – e colocou a taça na mesa ao lado dele. Então ele ergueu as mãos, ambas.

— Agora escute. Trace…

— Você tem um telefone; você poderia ter outros. Não gosto que minha privacidade seja invadida. — O que era hipócrita da minha parte, porque eu tinha invadido a casa de Jess várias vezes. Entendi. Eu estava entendendo. Mas agora, eu estava lidando com esse incêndio.

Eu só não tinha decidido se iria adicionar gás ou sufocá-lo.

— Diga-me. Agora.

Sua cabeça foi para trás e seu pomo de Adão balançou para cima e para baixo. Ele tinha resignação em seus ombros.

— Eu posso dizer que esta reunião foi cancelada. Eu não queria que nada disso acontecesse, e isso é por minha culpa. Eu só precisava saber. Sua mulher, você cuida dela. Muito. Eu posso dizer, e ela está na lei. Eu tinha que saber, Tristian. Eu tive que tomar precauções. Você não consegue ver isso?

— Você clonou meu telefone. Não estou vendo nada agora.

— Você iniciou uma investigação sobre mim.

— O que você está falando?

— Eu sei que você fez. Eu tenho um pessoal da informática. Eles criaram alertas e me notificaram que você estava andando por aí. Você fez isso um tempo atrás, em uma noite de sexta-feira. Eu até sei onde você estava, na sua casa no centro. Aquele arranha-céu chique que você possui. Não pude acreditar quando disseram que seu

computador era o endereço IP que estava investigando minhas finanças. Achei que era uma piada, mas aí você ficou mais sério com a policial, e o que eu deveria fazer? Hum? Você é a única família que tenho.

— Talvez haja uma razão.

Todo o seu rosto estremeceu antes de recuar, rosnando.

— Pare de ser um pouco ingrato…

Eu estava indo embora.

Eu não podia bater no meu tio. Se eu fizesse, não pararia. A outra escolha que tinha era sair.

Ele parou, mas gritou quando eu estava fora da porta e me dirigindo para as escadas:

— Para onde você está indo? Trace?!

Eu empurrei a porta da escada e estava indo para a porta da frente.

— Trace?

Parei, vendo Bobby na sala da frente. Foi montada como a sala de reuniões do meu tio quando ele não queria que ninguém entrasse na casa. Ele raramente usava-a, porque a maior parte de seus negócios era feita na cozinha ou em seu armazém duas ruas adiante.

— Não fale comigo. — Eu estava indo para a porta.

— Trace, pare.

Eu abri a porta.

— Trace. — Ele correu para frente, e então algo estava sendo empurrado em minha mão. — Leia-o.

Fechei minha mão em torno do que ele me deu e saí pela porta.

Demetri me viu chegando, correu pela frente e abriu a porta de trás.

Entrei e liguei para Ashton.

— Limpe tudo. Precisamos de novos telefones. Novos computadores. Tudo.

Demetri estava voltando para dentro, mas me ouviu e olhou para mim pelo espelho retrovisor.

— O que aconteceu? — Ashton disse.

— Meu tio está nos espionando, e isso me irrita *seriamente*. Limpe tudo.

— É isso.

Desembrulhei o pedaço de papel que Bobby havia colocado em minha mão.

Sua mãe está viva. Ele não sabe.

CAPÍTULO 50

JESS

Ele não veio.

Saí do trabalho, pensando que seguiríamos nossa rotina das últimas noites. Não gostava de admitir que o esperava, mas dez minutos depois de chegar em casa, ninguém bateu.

Esperei uma hora; ainda sem bater.

Meu telefone piscou ao meu lado, iluminando a sala, e rolei para pegá-lo.

> Trace: Não entre em contato comigo neste telefone. Não é seguro. Conto depois.

Eu me levantei, meu coração já começando a bater forte. Eu queria ligar, mandar uma mensagem para ele, ver o que estava acontecendo, mas ele disse que seu telefone não era seguro.

Pisquei, já me movendo antes de formar totalmente meu plano. Não importava, porque eu já estava indo.

As roupas foram colocadas em um flash. Meias. Tênis.

Eu estava com o casaco fechado, as chaves na mão, quando abri a porta da frente e parei.

— Kelly!

Ela estava tremendo, a maquiagem dos olhos escorrendo pelo rosto. Flocos de neve ainda estavam em seus cílios, e ela ergueu a mão, seu casaco encharcando-a completamente.

— Oi.

— O que você está… entre.

Ela entrou, um pouco hesitante no começo, mas assim que passou pela porta, ela desfez-se. Seus ombros caíram. Seus joelhos se dobraram e um soluço a deixou.

— Oh-ei! Ei. — Eu a segurei, ajudando-a a sentar em

uma das cadeiras perto da mesa da cozinha, e assim que ela sentiu a cadeira, ela caiu. Mais soluços irromperam dela. Sua testa foi completamente para a mesa.

Fechei a porta, tranquei-a e fui até lá.

— Ei. Ei. — Eu me sentei na cadeira ao lado dela. Ela não estava assim no Katya. Eu percebi algum desejo quando ela olhou em volta, mas pensei que ela sentia falta de trabalhar comigo. Era isso. — O que é isto? O que aconteceu?

Ela levantou a cabeça em outro soluço sufocado, seu rosto completamente destruído. Ela agarrou meu pulso.

— Posso ficar aqui esta noite? Por favor?

— É claro. Mas diga-me o que há de errado. Por favor. Você é minha melhor amiga, Kelly. Eu preciso saber.

Ela começou a balançar a cabeça.

— Eu não posso dizer. Eu… eu simplesmente não posso. Eu quero ficar aqui. Uma noite e então vou descobrir isso. Sim. Eu vou descobrir então.

— Espere. — Ajoelhei-me a seus pés, um dos meus joelhos no chão. — Kelly, o que está acontecendo? Estou preocupada. Por favor, diga o que está acontecendo.

— Não posso. Eu realmente não posso. Eu apenas quero dormir aqui esta noite. Tudo bem?

— Uh… — Eu estava prestes a tentar empurrá-la novamente, mas meu telefone tocou.

Desconhecido: Estou aqui embaixo. Posso subir?

Eu me levantei, mandando uma mensagem de volta. Kelly estava me observando, seus soluços se acalmando um pouco.

Eu: Quem é?

Desconhecido: Trace. Novo telefone. Explico mais tarde. Posso subir?

Eu: Kelly está aqui.

— Hum. — Duas crises estavam acontecendo ao mesmo tempo. — Kelly, posso… eu preciso correr até a porta para isso. Eu volto já…

— Não, está tudo bem. — Ela se levantou, sua cadeira raspando no chão. Ela estava se abraçando e olhando ao redor. — Eu preciso ir ao banheiro de qualquer maneira e me preparar para dormir. Posso, uh-minha cama não está aqui. Eu posso dormir no sofá. Eu sei onde está tudo.

— Não. Espere. Eu volto já.

— Não se apresse, ok? — Ela começou a descer o corredor para seu antigo banheiro. Eu não tinha tocado em nada dela desde que ela saiu. A voz dela ficou subitamente melhor, mais calma. — Quero dizer. Vou tomar banho e me limpar. Eu estou uma bagunça. — Ela fez sinal para a porta. — Seja o que for ou quem quer que seja, não se apresse por minha causa.

Abri a boca, mas não tinha certeza do que ia dizer.

Ela se foi, a porta fechando atrás dela, e eu podia ouvir a ventoinha ligar. O chuveiro era o próximo.

Desconhecido: Você quer que eu vá?

Eu: Não. Estou descendo.



Quando desci, Trace estava lá, e ele acenou em direção ao seu SUV.

Saí pela porta, liderando o caminho e, quando entrei, ele entrou comigo.

— Demetri, você pode nos dar um pouco de privacidade?

— Sim. — Ele saiu imediatamente, depois se aproximou e se apoiou na porta. Ele acendeu um cigarro, e a mão de Trace foi para a parte inferior das minhas costas enquanto ele batia na divisória para que ninguém pudesse ver da frente do veículo também.

Eu toquei seu braço, minha mão circulando. Eu o estava segurando por ele e por mim.

— Ei.

— Ei. — Seu sorriso era gentil. Ele se moveu, segurando ambos os lados do meu rosto e inclinando-se para descansar sua testa na minha. Um breve segundo ali, então seus lábios mergulharam, roçando os meus antes de voltar, mais exigentes. Seu corpo se acomodou no meu, e eu senti sua tensão deixar seu corpo. Ele continuou me beijando, sua língua varrendo para dentro.

Calor acendeu dentro de mim, começando a pulsar em minhas veias.

Ele fazia isso. Sempre.

Ele gemeu, afastando-se, respirando instável.

— Deus. Eu poderia abraçar você para sempre.

Minhas mãos levantadas até seus braços. Empurrei-o um pouco para trás, inclinando a cabeça para vê-lo melhor.

— O que está acontecendo? Novo telefone. Não é seguro?

Seus olhos ficaram sérios, e a suavidade o deixou. Uma parede caiu antes que ele se afastasse de mim. Minhas mãos caíram para o assento entre nós. Um calafrio percorreu o veículo. Eu lutei contra o tremor, mas não consegui segurá-lo.

Ele olhou para cima como se pudesse ver meu apartamento.

— Por que Kelly está aqui?

— Eu não sei, mas ei. — Toquei o lado de seu rosto, virando-o de volta para mim. — O que está acontecendo?

Seu rosto estava fechado novamente.

— Eu não posso dizer. São coisas de família.

Minha mão caiu.

— Oh.

Ele olhou para trás.

— Há algo de errado com ela e Justin? Ela disse alguma coisa?

— Não. — Por que ele se importava com isso? — Eles provavelmente só tiveram uma briga. É Kelly. Ela fica assim. Emocional. Eles vão voltar, tenho certeza de que até esta noite, ela vai para lá novamente. Isso é coisa normal de relacionamento para ela. Ela sente profundamente.

— Sim. Pode ser.

— Coisas de família? Para você? É por isso que você comprou um telefone novo?

Ele se concentrou em mim, encarando-me novamente. Todo o seu rosto se aguçou e ele se inclinou para frente, tocando o lado do meu rosto. Sua mão me segurou ali. Seu polegar deslizou levemente pelo canto da minha boca, e ele inclinou a cabeça, seus olhos ficando escuros. A luxúria preencheu-os. Seu polegar descansou sobre meu lábio inferior, puxando-o para baixo. Ele estremeceu, sua mão caindo de mim.

— Eu preciso ficar longe de você por um tempo, para sua segurança.

Um arrepio desceu pela minha espinha.

— Isso é relacionado a negócios?

Claro que era. Fui tola em esperar que fosse outra coisa, algo normal como… eu não sabia. Um divórcio, que não fazia sentido, mas parecia que sim. Algo com o qual as pessoas normais lutavam, mas não era. Era outro lembrete de que eu estava de um lado e ele do outro.

— Não faça isso. Eu posso sentir você se afastando.

Deitei minha cabeça contra o assento, olhando para

ele. Eu sentia a distância. Estava frio, mas eu estava acostumada. Também era solitário.

— É como deveria ser, certo? Você está fazendo coisas da Máfia. Eu fazendo coisas legais.

Seus olhos estavam escuros e ardentes, demorando-se em minha boca. Um ruído o deixou.

Sua boca estava na minha, o calor ali e subindo. Eu senti. Isso estava me consumindo. Talvez fosse porque esta era a última noite antes de quem sabe quanto tempo até que eu o visse novamente. Uma noite? Duas? Um mês? Nunca? Isso estava no reino das possibilidades, e eu tinha uma melhor amiga chorando no andar de cima que provavelmente tinha acabado de tomar banho, mas a dor tinha cavado todo o caminho até o meu peito, lá no fundo. Estava no bolso perto do meu coração, e não consegui me afastar dele.

Sua boca estava na minha.

Necessidade. Querer. Desejo.

Luxúria.

Ele envolveu meu corpo, fazendo-me sentir viva, aquecendo-me, e eu não consegui segurar. Eu precisava dele, só dele. Nada mais.

Ele me pegou e eu subi no colo dele, sem pensar, sem prestar atenção em mais nada.

Minha mão atravessou seu cabelo enquanto ele deslizava pelo meu corpo, puxando meus quadris contra os dele, e paramos com o contato.

Deus.

Isso era tão bom. Bom demais.

Comecei a me mover sobre ele enquanto suas mãos iam para meus quadris, depois para minha bunda. Ele me agarrou, movendo-me com ele. Inclinei minha cabeça, minha boca encontrando-o, sua língua se movendo contra a minha. Uma de suas mãos subiu, pegando meu cabelo, e ele puxou minha cabeça para trás. Eu fiz um som gutural quando sua boca começou a descer pela minha garganta,

provando-me. Lambendo-me.

Sua mão soltou meu cabelo, caindo de volta para minha calça, e ele se moveu para dentro, encontrando minha calcinha.

Eu assobiei com o toque, porque me sentia tão bem.

Sua outra mão se estendeu, agarrando minha bunda.

Ele se afastou, beliscando minha garganta.

— Sente-se.

Eu fiz, levantando-me, e ele moveu minha calcinha de lado, tomando posição, encontrando minha entrada.

Juntos, como um só, eu me abaixei enquanto seus dedos deslizavam para cima, sua mão de trás me guiando.

Sua boca pousou na minha quando comecei a montá-lo, devagar, firme. Meus quadris rolaram para frente, movendo-se em um bom ritmo. Seu polegar esfregou meu clitóris, pressionando lentamente, um delicioso círculo, e eu engasguei, as sensações girando através de mim. Elas estavam envolvendo cada órgão em mim, na minha coluna, subindo por mim. O prazer era insuportável. Quase. Gritei, meus quadris bombeando mais forte sobre ele.

Sua boca pegou meu grito, engolindo-o, e então ele me puxou para baixo, afundando-me com mais força sobre seus dedos, e todo o meu corpo estremeceu.

Eu gozei sobre ele.

As ondas irromperam através de mim. Elas eram quase violentas em seu poder. Todo o meu corpo estava estremecendo, tremendo no rescaldo, até que me derreti nele.

Ele me segurou, sua outra mão acariciando minhas costas em um movimento calmante e reconfortante.

Eu não queria me mexer. Todo o meu corpo era uma pilha, sem ossos.

Ele nunca me incentivou a me mexer. Ele apenas continuou me acariciando e me segurando.

Eu podia ter adormecido. Ou não. Eu não sabia. O tempo havia parado neste pequeno santuário que tínhamos.

Ele deu um beijo na minha testa, sua mão livre deixando um pouco do meu cabelo de lado, colocando-o atrás da minha orelha.

— Eu quero dizer coisas para você agora, mas não posso. Eu não ouso, mas… apenas acredite em mim. Isso é tudo o que posso dizer. Quando for mais seguro… — Ele deixou sua última declaração pairar entre nós, e tanto quanto eu odiava ouvir isso, tanto quanto deixava entrar no frio novamente, sabia que ele tinha dito isso por uma razão.

Eu me afastei, balançando a cabeça. Comecei a sair de cima dele, mas ele me pegou novamente. Ele pressionou um beijo forte na minha boca antes de me soltar.

— Entrarei em contato. Prometo.

Eu não era o meu trabalho agora. Eu era uma mulher. Talvez essa fosse minha eterna luta. Entre o que eu fazia e quem eu era, mas deixei tudo cair enquanto olhava para ele antes de abrir a porta. Havia palavras que eu queria dizer, coisas que sentia, mas não conseguia dizer, e por causa disso, por causa do que nós dois fizemos, as deixei passar sem serem ditas.

Abri a porta, saí e entrei.

Não olhei para trás e nem uma vez parei.

Não até que eu estivesse dentro de casa.

Não até que vi que Kelly estava dormindo profundamente no sofá.

Então fui para o meu quarto. Fechei a porta suavemente. Segui até o meu banheiro.

Liguei meu chuveiro, e ali eu caí.

CAPÍTULO 51

JESS

Março passou.
Ele não entrou em contato.

CAPÍTULO 52

JESS

Abril passou.

Eu tentei ligar. Todas as suas linhas tinham sido desconectadas.

CAPÍTULO 53

JESS

Maio.

Eu o teria bloqueado se tivesse um número para bloquear.

Eu não tinha.

CAPÍTULO 54

JESS

Bem, Trace podia se foder.

Já se passaram três meses e nenhuma palavra, e minha vida estava calma. Tranquila. Estável. Val era uma diversão todos os dias através dos enjoos matinais e estava começando a ganhar peso. Ela faltou à Páscoa de sua família, então não houve notícias do seu primo. Além disso, Kelly e Justin superaram qualquer contratempo que tiveram.

Eu era uma presença regular aos domingos no Easter Lanes novamente.

Bear e Leo deram-me notícias, e minha mãe estava indo bem. Claro, eu não acreditava em uma palavra do que eles diziam, mas era o que era. Eu não estava sendo xingada por telefone semanalmente.

Eu estava quase brilhando.

O trabalho era o mesmo. As mesmas pessoas em liberdade condicional. A maioria me odiando. Travis ainda era um idiota.

Sim. A familiaridade era boa. Tediosa. Chato era bom.

Tedioso.

Blá.

Bleh.

Trace podia se foder.

— Você viu isso? — Um jornal caiu sobre a mesa à minha frente enquanto Kelly se sentava na cadeira à frente.

Viu. Nós éramos essas amigas, nós nos encontrávamos para almoçar novamente. Não era chato. Estável. Firme.

Eu estava me tornando um indivíduo um tanto saudável.

— O que é isto?

— Página três. Além disso, preciso pegar um pão antes que a Sra. Kappaleweitz pegue o último pão bom.

Você vai cair hoje, Sra. Kappaleweitz. Para baixo. — Ela saiu, empurrando a multidão em direção ao balcão. Nós não estávamos em um restaurante normal. Eu precisava de um pouco de emoção. A delicatessen da Seventy-Fifth girava em torno de clientes barulhentos e pedidos sendo gritados, e alguns dias havia uma disputa de empurrões. Só se podia esperar pelo duelo de empurrões.

Abri a página 3, querendo saber o que Kelly queria que eu visse.

NOVA LIDERANÇA NA MÁFIA?

A manchete era grande e em negrito, junto com uma foto de Trace e Ashton embaixo.

Puta merda!

Eu avancei, folheando o artigo. Dizia que houve uma grande reviravolta nas famílias da Máfia West e Walden. Acreditava-se que novos chefes estariam surgindo, já que houve tiroteios recentes em um armazém, listado como controlado pela família West.

Um levantamento completo foi feito sobre Trace. Eles colocaram o nome Tristian, então eles não sabiam sobre sua preferência de nome. Eles falaram sobre sua escolaridade, seu trabalho em Wall Street. Ele fez parte da equipe de natação quando estava em Yale. Por que não fiquei surpresa?

Havia mais fotos dele saindo de outra boate. Com uma mulher ao seu lado.

Outra imagem, outra mulher.

Depois da terceira mulher, virei o jornal.

Ele que se fodesse.

Uma dor de cabeça estava se formando na região da minha testa.

Esta era uma boa notícia. Ele obviamente estava seguindo em frente. Ele escolheu quando eu não podia, e bom. Excelente. Maravilhoso. Apenas, ele que se fodesse

até a montanha mais alta e enfiasse uma picareta de gelo em sua bunda.

— Você pode acreditar nisso? — Kelly estava de volta, seu pão na mão, e gesticulou para o jornal.

— O que você fez? Matou a Sra. Kappaleweitz? Foi um tempo recorde.

— Oh. — Ela sorriu, dando uma grande mordida em seu pão, e acenou por cima do ombro para o balcão. — Eu e Sal somos melhores amigos agora. Contei a ele sobre alguns pombos que estou alimentando no quintal de Justin, e ele reservou meu pão para mim. Não preciso mais me preocupar com a Sra. Kappaleweitz.

— Quem é Sal?

— O cara que é dono do lugar. Ele tem uma queda por pombos. Esqueci que tive uma conversa inteira com ele na semana passada, quando estávamos aqui. Ele disse que sabia que deveria reservar o meu pão quando você entrou. Disse que reconheceu *a dama assustadora*. — Ela estava rindo, mas se recostou. Uma senhora mais velha estava passando por nossa mesa, e Kelly deu uma mordida gigante em seu pão antes de acenar para a senhora, que bufou ao sair da delicatessen.

Eu estava supondo que era a Sra. Kappaleweitz.

Kelly se inclinou para frente novamente.

— Nós estamos vindo aqui toda quinta-feira. Vou tirar fotos dos pombos e mostrar ao Sal na próxima semana. Ele vai derreter sobre eles. Ele me disse que tem um canal de vídeos de pombos no YouTube. Estou me inscrevendo nisso. — Ela franziu a testa para o jornal. — Oh, certo. Esqueci. Você ainda está no Katya?

Eu balancei a cabeça.

Ela ficou quieta antes de apontar para o jornal.

— Você acha que isso é verdade?

Minha garganta estava queimando. Meu peito parecia que um punho fechado estava sendo pressionado sobre ele, esfregando com força para cima e para baixo para quebrar

lentamente meu esterno. Mas eu dei de ombros.

— Não sei.

— O cara diz que ele trabalha em Wall Street. Você acha que isso vai prejudicá-lo? Diz que ele é um cara importante lá.

— Isso provavelmente vai ajudá-lo, na verdade.

Ela grunhiu.

— Sim. Engraçado como isso funciona às vezes. Você não os viu no Katya?

— Não por muito tempo.

Eu nunca disse a Kelly que o visitante da porta tinha sido ele na noite em que ela apareceu chorando por causa de Justin. Ela nunca me contou sobre o motivo da briga deles. Era uma noite sobre a qual ela queria evitar falar, então foi fácil não contar a ela.

— Não acredito que o cara do jogo de hóquei era nosso chefe o tempo todo. Isso é selvagem, certo? E o outro cara – a família de Justin o conhece. Você pode acreditar nisso? É tudo uma loucura. Você não poderia inventar isso.

Eu fiz uma careta.

— O que você quer dizer com o outro cara?

— O outro chefe. Ashton. Ele estava na festa naquele dia, e a prima de Justin estava em cima dele. Acho que ela realmente falou com ele sobre Justin. É por isso que ele foi contratado para trabalhar no Katya.

— Quando você descobriu tudo isso?

— Aquela noite. Quando eu apareci em sua casa. — Ela deu uma grande mordida em seu pão e olhou para mim. Ela parou de mastigar, segurando meu olhar, e então se recostou e engoliu tudo. Uma grande andorinha. Eu vi descer pela garganta dela. — Eu nunca contei nada disso, hein?

— Não. Você não contou. — Desde que ela trouxe aquela noite à tona... — Era por isso que você estava chorando?

Ela abriu a boca, olhou para mim sem expressão e

fechou-a.

— Hum. Qual é a pergunta mesmo?

— O que mais Justin disse a você naquela noite?

Ela começou a olhar ao redor.

— Kelly. — Inclinei-me para a frente, com a mão no jornal. — O que mais Justin disse a você naquela noite?

Ela balançou a cabeça, seus olhos nublados. Ela se curvou para a frente, abaixando a cabeça, e sua voz ficou mais baixa.

— Eu não posso dizer. Eu quero. Realmente quero, mas não posso, e não tem nada a ver comigo ou Justin. Mas a família de Justin... ele tem uma grande família, ao que parece. Grande e insistente. Ele me contou o verdadeiro motivo pelo qual deixamos o Katya. Não porque sua prima conseguiu o emprego para ele, embora eu ache que isso fazia parte. Ele realmente não gosta de Vivianna, mas disse que os dois proprietários estão envolvidos em negócios obscuros e não pode me contar mais nada por sua causa. Ele não queria colocar você e eu em uma situação ruim. Então sim. Fiquei calada sobre isso. Você está brava?

Eu estava brava? Jesus.

Eu estava mais brava ao ver aquelas mulheres com Trace. Uma mulher diferente a cada noite, parecia.

Eu balancei minha cabeça.

— Eu não estou brava.

— Mas. — Sua cabeça mergulhou ainda mais para baixo, seus olhos ainda em mim. Seu queixo estaria roçando a mesa se ela se curvasse mais. — Eu sabia que seus chefes eram suspeitos e nunca lhe disse. Isso é uma merda da minha parte.

Agora eu realmente me sentia como uma amiga de merda.

— Eu já sabia.

— Você sabia?! — Ela voltou a se sentar.

— Mas você não trabalhava mais lá... — Eu estava mentindo para cobrir minha bunda. Tomei uma decisão

consciente de não contar a Kelly quando ela estava trabalhando lá. Sim. Merda. Minha culpa.

— Acho que você tem razão, mas e você? Você ainda está lá depois de todo esse tempo?

Ela estava certa. Trace tinha *claramente* seguido em frente.

Já era hora de seguir também.

CAPÍTULO 55

TRACE

Ashton: Ela deu um aviso prévio de duas semanas.

Eu soube instantaneamente quem *ela* era e *por que* ela tinha dado o aviso prévio.

Eu fiquei longe por tanto tempo, precisando dar um jeito nos negócios da família. Meu tio sabia sobre ela. Meu pai também. Remmi. Houve um esforço concentrado para colocá-los fora de seu rastro. Eu saí com tantas malditas mulheres noites seguidas, e todas elas me deixaram indiferente. Cada uma delas.

Tudo isso era para ela, então ela estaria segura, mas ela permaneceu no Katya. Isso me deu esperança de que ela ainda não tivesse seguido em frente.

Ela estava seguindo em frente agora.

Meu telefone tocou logo depois. *Ashton ligando.*

Eu atendi, colocando no viva-voz já que estava em meu escritório no centro da cidade.

— O artigo saiu hoje — disse ele como uma saudação.

— Eu vi.

— Havia fotos suas com mulheres diferentes.

— Eu também vi isso.

— Isso significa que ela ainda se importa.

— Qual é o objetivo dessa ligação? Você não está dizendo nada que seja útil.

Ele riu.

— A atenção foi desviada. Você provavelmente poderia ir vê-la. Já se passaram meses.

Vê-la? Deus, sim. Cada fibra do meu ser queria vê-la, mas era inútil.

— Essa merda não vai embora.

— Nós limpamos tudo. Negócios. Telefones.

Computadores. Novos sistemas de segurança. Temos homens agora seguindo nossos parentes. Temos a vantagem agora. Remmi está em Las Vegas e tranquila. Se há uma hora para ir ver sua mulher, é agora.

— Ela ainda está trabalhando para o outro lado.

— Todos nós temos nossas cruzes para carregar.

— Cale a boca.

Ele riu novamente.

— Vá vê-la. Você está se tornando um resmungão por perto. Você poderia fazer sexo novamente. Lembra como isso costumava ser? E então, podemos seguir em frente com Bobby.

Certo. Bobby com seu bilhete dizendo que minha mãe estava viva. Minha mãe. Jesus. *Se* ela estivesse viva? Que caixa de Pandora isso abriria?

Tivemos que esperar tanto tempo antes de entrar em contato. As suspeitas e os alarmes eram altos com o tio Stephano. Não ousei falar com Bobby sobre ela, mas Ashton estava certo. Nas últimas três vezes que vi meu tio, ele agiu como se nada tivesse mudado. Não houve briga com ele. Ele voltou a cuidar de sua saúde, eu assumindo o lugar dele, mas não houve mais menção dos eventos anteriores. Em suma, nada e tudo parecia ter mudado.

Essa merda agora era meu pesadelo.

— Vá vê-la. Falaremos sobre isso depois.

Nós desligamos e eu contatei a nova equipe de segurança especificamente para ela. Eles foram contratados no mesmo dia em que tiramos o rastreador dela. Foi a pedido deles, afirmando que o rastreador seria encontrado antes de serem vistos. Eles eram especializados o suficiente e treinados especificamente para lidar com agências de aplicação da lei, então removemos o rastreador dela.

Quando se tratava de Jess, eu não estava brincando, quer ela soubesse disso ou não. Ela poderia me odiar, desde que estivesse viva para me odiar.

Eu: Onde ela está?

Líder da Equipe 1: Em um estúdio.

Sua segunda mensagem veio com as coordenadas.

CAPÍTULO 56

JESS

As luzes estavam apagadas, exceto por uma luminária no canto. Eu tinha uma música folclórica sombria tocando e estava bebendo. Muito bem. Eu precisava de uma pausa da minha vida, então aqui estava eu. Pintando de novo. Sentindo coisas. Despertando as sensações.

Não havia regras, regulamentos aqui. Sem emoções reprimidas. Nenhuma caixa na qual eu teria que ser enfiada.

Nenhuma colega de quarto. Nenhum pensamento sobre Trace ou nossos últimos momentos juntos.

Eu, tinta, vodca e meus sentimentos.

Meus sentimentos que se danassem, eu precisava dessa merda fora de mim. Este sempre foi o melhor caminho. Quem precisava de terapia? Terapia de conversa minha bunda. Isso era mais rápido, mais barato e muito mais catártico.

E quando dei um passo para trás, tinta preta pingando de minhas mãos, olhei para a tela.

Aparentemente, me fode também, porque era uma enorme paisagem de tempestade. Mas pelo menos eu tinha colocado as imagens de Trace fora de mim. Agora tudo o que queria pintar eram as tempestades, uma e outra vez, porque elas estavam chegando. Eu podia senti-las. Elas estavam apenas no horizonte, e eu não estava falando sobre tempestades. Eu estava falando das tempestades da vida.

Eu não deveria estar sentindo isso. Minha vida era chata. Era tão limpa que não havia drama. Limpíssima. Talvez estivesse sentindo falta das tempestades. Talvez fosse isso que eu estava sentindo… ou inferno.

Sentia falta de Trace.

Deus.

Eu o odiava. Eu sentia falta dele. Eu o queria aqui,

mas também o odiava.

— Isso é bonito.

Oh, inferno, não.

Eu me virei, todo o meu corpo rígido, porque era Trace. Ele estava aqui, parecendo muito bom também.

— Saia.

Maldita seja minha voz. Isso tinha saído rouco demais.

Vestido com um terno. Seus ombros largos. Cintura estreita. Essas maçãs do rosto. Sua mandíbula esculpida. Ele parecia cansado, com o cabelo despenteado, mas sempre o fazia parecer melhor.

Maldição.

— Jess — ele murmurou, sua voz baixa. Também rouca.

Meu coração apertou, e droga até isso.

— Saia.

— Jess.

— Já se passaram três meses e nada. Você pediu tempo, e entendi. Coisas de família. Suas coisas de família não são típicas, mas não houve ligações. Seus números sumiram. Eu segui em frente. — Eu estava mentindo, através dos meus malditos dentes. Até vê-lo deixou todas as terminações nervosas em alerta máximo.

— Eu sei que você está mentindo.

— Você está mentindo.

Ele fez uma pausa, franzindo a testa. Então, uma pequena risada o deixou.

— Estamos no jardim de infância?

— Você está no jardim de infância. — Tão estúpido. Eu não me importava.

Voltei para a tela e aquela tempestade não estava escura o suficiente. Não havia textura suficiente nela. Fiquei tentada a mergulhar minha mão em toda a lata de tinta e começar a jogá-la na tela. Uma e outra vez. Eu queria que fosse coberta com tinta preta.

Ele suspirou.

— Você está saindo do clube.

Eu estava de costas para ele.

— Eu estou deixando você. Você está preso ao clube, então estou indo embora.

— Não consegui entrar em contato com você.

— Eu não me importo. — Ainda seguindo com o tema infantil aqui.

— Sim, você se importa. Jess, meu pai sabia sobre você. Meu tio. Minha irmã. Você estava se tornando um alvo. Eu não poderia lidar com isso. Especialmente se estivermos entrando em uma guerra.

Eu me virei agora.

— Uma guerra? — Lembrei-me do artigo. — Eles disseram que houve tiros disparados em seu armazém.

Ele assentiu com a cabeça, parecendo sombrio.

— Há uma família se aproximando. Essa é outra razão pela qual fiquei longe.

Eu entendia isso. Entendia. Logicamente, entendia tudo. Fazia sentido e, meu Deus, era o que nós dois estávamos tentando fazer por tanto tempo.

A lógica saía pela janela quando o coração estava envolvido.

Deixando de lado os perigos, não conseguia tirar as fotos daquelas mulheres da cabeça.

Meu coração voltou a se sentir apertado.

Por que as mulheres?

— Você as tocou?

— Quem?

— Aquelas mulheres.

— Não. Eu nem quis. Foi tudo pela imagem. — Ele deu um passo atrás de mim, tão perto que eu podia sentir o calor de seu corpo.

— Jess. — Sua voz caiu baixa, rouca.

— O quê? — Eu não me virei. Deus. Eu queria…

— Por que você pinta? Por que você vem aqui e faz

isso?

— Eu não sou uma oficial de condicional aqui. Não sou filha de Chelsea Montell ou irmã de meu irmão aqui. Eu não sou ninguém. A pintura tira tudo e me deixa respirar. — Meu coração estava batendo forte. — Eu pinto porque preciso, e quando não pintava – nunca mais poderei voltar a isso. Não sou naturalmente uma artista, mas acho que em algum lugar no fundo da minha alma, eu sou. A pintura está ajudando a trazer essa parte de mim de volta.

Eu queria fechar meus olhos, inclinar minha cabeça para trás.

Eu queria descansar contra ele, deixá-lo me segurar. A dor era tão forte, tão feroz, mas eu não podia. Estávamos de volta aqui, tudo de novo. Os mesmos problemas e sentimentos. Toda angústia, drama e anseio.

A mesma dor, mas eu só queria tocá-lo.

Ele abaixou a voz e a cabeça. Senti seus lábios quase roçando meu ombro.

— Eu quero falar com você sobre isso. Adoraria poder fazer isso, mas não posso. Você sabe quem eu sou e o que faço, e não há como fugir disso. Mesmo se eu quisesse deixar aquele mundo, há passos que tenho que dar para fazer isso.

Ele estava certo. Tudo isso.

Por que me senti mais viva nos últimos minutos em que ele esteve aqui do que nos três meses em que ele se foi? E por que eu senti a dor que veio com ele também?

— Você sabe… — Eu me afastei dele, indo para a tela. Abaixando minha mão, comecei a trabalhar e falei ao mesmo tempo. — Eu estava fazendo uma visita supervisionada uma vez. Um cara, um dos meus caras em liberdade condicional, estava saindo com os filhos. Eu tinha que estar lá, mas eles tinham um terapeuta lá também. Às vezes, penso naquele terapeuta, no que ele disse.

— O que ele disse? — Ele parecia mais distante.

Eu continuei pintando.

— Ele disse que, às vezes, as pessoas ficam viciadas em crises. Elas crescem nela, e é isso que elas sabem. E se de alguma forma elas descobrirem que sua vida está indo bem, de alguma forma elas farão coisas para trazer o drama de volta para suas vidas. Eu me pergunto se somos assim. — Fiz uma pausa, olhando por cima do ombro para ele. Ele estava olhando de volta com olhos semicerrados.

Minha boca ficou seca, mas me concentrei na pintura mais uma vez. Ou tentei. Ele entrou lá de novo. Na minha cabeça. Debaixo da minha pele. Eu podia senti-lo, e meus movimentos também mudaram. Eu não estava tão instável no que estava criando. Meus movimentos eram lentos, delicados. Cautelosos, mas sensual ao mesmo tempo.

— Você está falando sobre autossabotagem.

— Pode ser. Não sei. Subconsciente com certeza. Acho que é você, mas é mais. Foi assim que cresci com minha família. Comecei a me lembrar de momentos enquanto crescia. Tipo, meu pai era um trapaceiro, e não me lembrava disso até outro dia. Minha mãe e meu pai estavam brigando uma vez quando eu estava no meu quarto. Fui e ouvi. Eles estavam falando sobre uma mulher da vizinhança. E minha mãe costumava beber quando eu era pequena. Achei que ela só tinha começado quando meu pai morreu, mas não é verdade. Ela voltou a beber. E meu irmão. — Eu também não visitava Isaac há muito tempo. Quase me esqueci dele. Que irmã horrível eu era? Ele estava na prisão e o esqueci por uma semana inteira. Então foram duas semanas. — Ele usava drogas, mesmo quando era criança. É estranho lembrar dessas coisas agora. Eu sabia que estava acontecendo naquela época, mas de alguma forma eu tinha esquecido. Meu irmão estava sóbrio quando foi para a prisão, então tenho trabalhado nessa narrativa o tempo todo. Ele estava sóbrio, mas essa não é a verdade. Ele usou muitas drogas na escola. Eu estava na faculdade quando aconteceu, quando ele… você sabe. O meu pai. Quando tudo desmoronou, ou é assim que penso

nisso. — Parei de pintar quando mais memórias começaram a surgir, a velha dor junto com elas. — Eu costumava me culpar. Acho que me culpei tanto que isso se tornou parte de mim, como na minha base como pessoa. Engraçado como eu comecei a perceber essas coisas, sabe?

— Você se culpou pela morte do seu pai?

Oh, sim. Minha garganta engasgou. Aí estava a velha dor lancinante que sempre sentia. Ela se afundou profundamente, estabelecendo-se bem ao lado de onde meu coração estava.

— Eu estava na faculdade, pensando em fazer outra coisa. Arteterapia. Eu queria trabalhar com jovens em situação de risco, mas meu pai morreu. Meu irmão foi preso por causa disso, e tudo mudou. Eu acho. Tipo, se eu estivesse lá, nada disso teria acontecido. — Outra percepção me atingiu com força. — Minha mãe me culpa, e sempre deixei. Eu também me culpei. É por isso que eu… — Porque eu a deixei dizer as coisas que ela me disse. Jesus. Acreditei nela, então aceitei. — Eu soltei uma respiração profunda. — Começando a entender por que algumas pessoas não conseguem lidar com o silêncio. Porque elas ouvem o que está em suas cabeças. Isso é fodido.

— Acho que faz todo o sentido.

Eu olhei para ele. Suas mãos estavam nos bolsos e sua cabeça estava encostada na parede. Seus olhos brilhavam, encontrando os meus, e sua cabeça se moveu para frente, mas ele não se afastou da parede. Ele ficou ali, meio relaxado, mas agora mais focado em mim.

— Nesses três meses, aprendi mais.

— Sobre?

— Sobre mim. Sobre você.

Sua boca se abriu e seus olhos ficaram vazios.

— Sim? O que você aprendeu?

— Que eu poderia desistir de você, se fosse preciso. Levaria muito tempo, muito mais do que três meses. Talvez

um ano, talvez mais, mas eu poderia fazer isso. Todo o resto está bem na minha vida. Minha mãe, ela não é mais problema meu. Meu irmão está aguentando. Meu trabalho também. Eu tenho amigos. Eu tenho uma boa carreira, uma que alguns dias sinto que faço a diferença. É pequena, mas uma vez que um preso em condicional consegue, vale a pena todos os outros que não. Eu tenho pessoas que se preocupam comigo, então eu ficaria bem sem você.

Ele se afastou da parede, vindo em minha direção. Lento. Seus olhos eram escuros, um brilho de perigo neles.

— Isso é engraçado.

— Como assim? — Eu estava me mantendo firme, sem recuar quando ele entrou no meu espaço, pressionando-me.

Suas mãos foram para minha cintura, deslizando sob minha camisa, e ele começou a me mover para trás. Para a parede. A tela estava bem ao nosso lado.

Eu tinha tinta nas mãos. Ele não se importou enquanto apenas olhava para mim.

— Como isso é engraçado? — Eu tive um leve engate na minha respiração. Não gostei disso. Eu senti que estava mostrando como estava mentindo totalmente para ele e para mim mesma.

Ou talvez eu não estivesse.

Talvez eu realmente pudesse desistir dele. Provavelmente. Todos tinham que seguir em frente, não importava quanto tempo passasse, mas haveria prejuízos. Tormentos. Sim. Eu poderia seguir em frente sem ele, mas ficaria com cicatrizes. Eu não queria compartilhar essa parte.

— Eu disse para você esperar. Eu disse que precisaria de tempo e tudo o que estava fazendo era para torná-lo seguro para você.

— Você disse isso, mas estava tentando me afastar, e você sabe disso também.

Ele continuou me observando. Continuei sentindo-o dentro de mim. Ele sabia que eu estava certa sobre saber

que ele falava sério, mas as conversas nem sempre eram sobre o que era dito. Elas eram sobre o que estava sendo dito sob a superfície também.

— Talvez.

Eu desviei meu olhar, focando em seu peito e como ele estava se movendo em um ritmo lento.

— Sim. Você não podia ficar longe, porque pedi minhas duas semanas de aviso prévio hoje.

Ele não respondeu. Tudo bem. Eu sabia a verdade.

Ele interrompeu primeiro porque eu ia fazer o último movimento para realmente escapar. Se isso fazia sentido. Mas tudo isso acabou agora, porque ele estava aqui e estava me tocando, e meu corpo estava esquentando porque no segundo que ele falou, eu sabia o que ia acontecer.

Inclinei minha cabeça para trás, vendo-o estudando minha boca.

— Já terminamos de brincar?

Seus olhos se ergueram, encontrando meu olhar, e o que quer que ele tenha lido em mim, ele amaldiçoou ao vê-lo.

— Jesus Cristo. — Mas ele se curvou, suas mãos foram para baixo da minha bunda, e ele me levantou para ele.

Isso era o que eu sabia que aconteceria.

Ele estava aqui. Ele estava comigo.

Sua boca encontrou a minha.

Toda aquela bobagem, e isso era a única coisa que estava clara para nós.

Eu poderia deixá-lo, mas eu não iria.

CAPÍTULO 57

TRACE

Eu a levei para casa naquela noite e fiquei.

Voltei na noite seguinte.

E na noite seguinte.

Então mudamos as coisas e ela começou a dormir na minha casa.

Na noite seguinte.

E depois de novo.

Nós dois estávamos tão ferrados, mas não conseguia ficar longe.

Cansei de lutar.

CAPÍTULO 58

JESS

Era um novo dia, um novo amanhecer, uma nova era.

Estava brincando.

Eu estava de volta a outro jogo de hóquei do New York Stallions, mas as coisas haviam mudado. Eu não estava aqui *apenas* com Kelly. Justin também estava conosco. Eu evoluí onde o cara da escada do hóquei agora era meu namorado secreto, e o namorado não secreto de Kelly estava assistindo ao jogo conosco. Evolução. Certo? Eu não achava que isso poderia ser aplicado nesta situação, mas *também* não me importava com isso.

Além disso, faria trinta anos na próxima semana. Eu *gostava de pensar* em Trace como meu namorado. Isso fazia eu me sentir jovem e fresca. Sexo. Essa era a palavra.

Eu estava feliz. E não deveria estar, mas cedi. Trace e eu éramos Trace e eu. Eu não iria para o meu apartamento sozinha esta noite. Quem diria? Eu tinha todos os tipos de oportunidades. Trace poderia me encontrar lá ou, de repente, poderia até ir para a casa dele. Porque isso também era uma opção.

Eu tinha uma vida. Bem, tinha uma vida antes… na verdade, tinha uma vida bastante ativa. Muitos amigos, embora metade desse grupo fosse nossas amigas do boliche, mas eu tinha Leo. Val.

Eu não sabia por que estava pensando sobre tudo isso.

— Você parece bem.

Aí. Era isso.

Kelly acabou de sair para tomar uma cerveja e Justin se moveu para se sentar em seu lugar.

Ele estava sorrindo para mim, então sorri de volta.

— Obrigada. Eu *estou* bem. Aliás, você também. Você e Kelly parecem felizes.

Seu sorriso se aprofundou.

— Nós somos felizes. Houve algum drama com minha família, mas nós superamos.

— Na noite em que ela apareceu na minha casa.

— Sim. Aquela noite. — Ele deu um sorriso hesitante. — Obrigado por, uh, não se envolver.

— Envolver-me?

— Alguns amigos gostam de pular na onda de ‘Oh, o que ele fez? Que idiota’. Esse tipo de coisa. Você não fez isso. Obrigado.

Dei de ombros.

— Claro, mas isso seria estúpido. Obrigada por não contar a ela sobre o passeio de carro que fiz com Trace.

— Não sei nada sobre isso ou porque você se referiria ao seu chefe como Trace.

Certo.

— Ok! — Kelly estava de volta, sentando-se no assento vazio de Justin. — Adivinha quem eu encontrei no bar? Molly. Você acredita nisso? Ela veio para o jogo.

— O quê?

— Sim! — Seu sorriso era tão largo. Ela estava radiante. — Ela está sentada do outro lado, o primo de Molly a está substituindo no Easter Lanes.

— Com quem ela está?

— Ela veio sozinha. Disse que ganhou o ingresso de presente de última hora e não podia perder isso. Molly nunca sai, então pensei que poderíamos ir dançar depois. Talvez no Octavia? Certo, Jess?

Dançar no Octavia? Eu estava dentro. Isso parecia divertido.



O Octavia era um dos *clubes da moda*, mas ficava em uma porcaria de bairro. Eu tinha certeza de que tínhamos passado por dois grupos de caras tentando roubar carros

quando estacionamos e, como tínhamos que passar por eles para chegar ao clube, tirei meu distintivo e verifiquei se estava à vista.

Dois dos caras vieram em nossa direção, viram meu distintivo e voltaram atrás. Eles já haviam sumido de vista quando passamos e, assim que chegamos ao clube, liguei para ver se um esquadrão poderia passar por aqui.

— Ok. Isso foi legal. — Justin tinha um olhar tímido em seu rosto, abaixando um pouco a cabeça.

Enfiei meu distintivo de volta sob a camisa assim que passamos pelos seguranças. Eles nos deram um aceno de cabeça. Um disse: Worthing.

Justin se assustou com isso, estreitando os olhos, antes de tocar minhas costas e me empurrar para frente dele.

O que foi isso?

Mas então estávamos dentro, na mesma escuridão de sempre, e ele me mostrou a tela de seu telefone.

Molly: Peguei uma mesa no canto leste.

Eu balancei a cabeça de volta. A música estava mais alta que o normal. O lugar estava lotado. Justin nos guiou através da multidão. Algumas vezes uma mão tentava agarrar nós dois, mas ele bloqueava ou eu o fazia.

Quando nos aproximamos da cabine, ele parou de repente.

Eu bati nele, mas ele não percebeu. Suas costas estavam completamente rígidas e, movendo-me ao redor dele, vi que Kelly e Molly não estavam sozinhas. Dois outros caras estavam com elas.

Aproximei-me para ver melhor.

Kelly estava falando com eles, com as mãos no ar, grandes sorrisos brilhantes. Ela estava agindo como se os conhecesse desde sempre. Molly se afastou de ambos,

dando-lhes espaço. Um cara estava sintonizado em Kelly enquanto o segundo estava ouvindo, mas olhando para Molly.

Eles eram bonitos. Fortes. Grandes. Ombros largos. Todos os músculos. Camisas brancas justas, então elas realmente se destacavam quando as luzes de neon piscavam pela pista de dança. Mandíbulas quadradas. Eles eram personal trainers ou criminosos. Enquanto eu seguia em frente, o cara principal me viu e seus olhos se estreitaram.

Seu olhar estava fixo em mim, e estendi a mão, tocando a corrente onde meu distintivo estava pendurado. Um olhar endurecido brilhou em seus olhos.

Eu não sabia o nome dele, mas ele era um criminoso.

Justin se moveu ao meu redor, e olhei para cima, pegando um vislumbre de seu rosto. Seu rosto estava impassível. Eu nunca tinha visto tanta fúria no rosto de Justin. Segurei seu braço.

— Quem são esses caras?

Ele viu minha corrente e a agarrou, então a enfiou sob minha camisa antes de perceber que havia me tocado.

— Desculpe. Só… preciso de um favor seu esta noite?

— O que é isso?

— Eu mantive silêncio sobre você e Tristian West. Eu preciso que você faça o mesmo sobre seus chefes e sobre o que você faz para viver.

Então meu instinto estava certo.

— Quem são esses caras para você?

— Família, e não a família que eu quero que você conheça.

Ele começou a avançar, mas eu pisei na frente mais uma vez.

— Quem são eles com relação a Kelly?

— Ela os conheceu naquela festa que você deixou. Eles vieram depois, e desde que ela se mudou, eles apareceram algumas vezes. Eles estão… ela não sabe que

eles não são mocinhos, ok? Não cheguei a contar tudo a ela.

— Você precisa.

Seus olhos brilharam.

— Certo. Assim que você fizer isso.

Eu não respondi.

Ele zombou, movendo-se ao meu redor.

— Isso foi o que eu pensei. Ouça, não é permanente. Ok? Ou Kelly e eu vamos nos mudar ou… não sei. Ainda não descobri.

Senti meu telefone vibrar e puxei-o para fora. A tela estava iluminada.

Trace chamando.

Apertei o botão para enviar uma mensagem de texto em resposta.

Eu: No Octavia com amigos. Eu não poderei ouvir se eu atender você.

Trace: Vá para algum lugar onde possa me ouvir. Agora. Estou falando sério, Jess.

Fiz uma careta, mas vendo que ninguém estava olhando na minha direção, saí até encontrar um corredor nos fundos. A música estava um pouco mais abafada; então encontrei uma porta destrancada, e melhor ainda. Era um armário de manutenção, mas eu conseguiria ouvi-lo.

Eu liguei para ele de volta.

— Por que você está no Octavia?

Eu fiz uma careta.

— É uma coisa chamada ‘noite com os amigos’. Você já ouviu falar disso?

Ele grunhiu do outro lado do telefone:

— Com quem você está aí?

— Kelly. Justin. Uma amiga do boliche. — Eu continuei franzindo a testa, porque já tinha estado no Octavia antes. Trace sabia disso e, até onde eu sabia, não havia rixa entre ele e o proprietário. — O que está acontecendo? Por que você está assim?

— Estou recebendo relatórios de que você está aí com outras pessoas.

Espere.

— Relatórios? O que você está falando?

Ele soltou outro grunhido.

— Ouça-me, onde você está agora?

— Estou em um armário para poder falar com você.

— Fique aí. Ashton está mais perto do que eu. Ele está indo até você.

— Ashton? *O que* está acontecendo?

— É muito para explicar. Venho tentando mantê-la fora disso por causa do seu trabalho, mas você está em perigo.

— Eu estou? — Estendi a mão para a porta. — Se eu estou, então Kelly está. Meus outros amigos também.

— Não. Eles não estão. *Você* está.

— Isso não faz sentido. Estou indo. — Eu já estava fora da porta e desligando.

— Espere! Je… — Eu ouvi isso e fiz uma pausa, mas se Kelly ou Molly ou Justin estivessem em perigo, eu tinha que ir. Era quem eu era, o que eu fazia.

Eu estava me empurrando pela multidão quando os vi na cabine.

Molly estava em um canto distante, meio escondida atrás de Kelly.

Justin estava parado na frente de Kelly, mas sua postura era diferente. Meio protegendo, meio cobrindo, mas tentando não parecer que estava fazendo tudo isso ao mesmo tempo. Era confuso e os dois caras estavam lado a lado. Mãos nos bolsos. Um cara estava todo envolvido, conversando com Justin. Rindo, mas seus olhos

continuaram correndo para Kelly atrás dele.

O outro cara estava parado ali, mas sua atenção estava totalmente em Molly. Um sorriso de escárnio sugestivo estava no lugar, e ela estava tentando fingir que não estava percebendo, mas ela estava percebendo.

Comecei a avançar até que senti uma mão no meu braço.

— O que… — Eu comecei a me desvencilhar de quem estava me segurando, mas vi que era Ashton e puxei meu braço livre no último segundo. — Nunca mais me agarre assim.

Ele não se importou. Ele estava de costas para a cabine e estava na minha frente, puxando-me para trás.

— Você precisa me ouvir. Você passou oficialmente da fase de *brincar*. Se você está com Trace, você tem que decidir, porque aqueles dois caras lá atrás não são amigáveis conosco. Se descobrirem sobre você, não hesitarão em matar. Eles farão qualquer coisa para nos machucar. Você me ouviu?

— Espere. — Eu o deixei me mover para trás, mais longe da vista, mas pisaria no freio. Percebi três outros caras ao nosso redor, descendo para a cabine. Fui tentar assistir, mas Ashton foi comigo, bloqueando-me. Eu me afastei dele. — Eu tenho uma arma comigo. Não pense que não vou usá-la se estiver me sentindo em perigo.

— Estou ciente — ele atacou de volta, seus olhos brilhando. — Você foi liberada para entrar aqui com sua arma.

— Claro? Por quem?

— Por nós. Estamos em termos amigáveis com Cole Mauricio. Este é o clube dele, e sua equipe está muito ciente de quem você é. Foram eles que nos alertaram sobre quem mais está aqui com você.

— Espere. — Jesus. Eu não conseguia acompanhar. — De quem você está falando?

— A família Maurício.

— Eu sei quem é Cole Mauricio. A família dele não é ativa aqui. Eles são ativos em Chicago.

— Não, não são, mas ainda têm negócios aqui, e esta *é* a nossa área. Temos um entendimento com eles há muito tempo, mas eles não têm um entendimento com a família Worthing.

Worthing.

Recuei mais um passo completo.

Justin Worthing.

— O que você está falando?

— Isto — ele resmungou. — É por isso que você e Trace precisam parar de brincar. Ou você está com ele ou não. Nada dessas besteiras intermediárias. Se você não está, você precisa dar o fora de nossas vidas. Seu amigo lá atrás é parente da família que está tentando se mudar para nosso território. Os tiros de que falava naquele artigo? Foram eles.

— Espere um minuto. — O que isso tudo significava? O pânico estava crescendo em mim. Kelly. Justin. — Justin está envolvido?

— Não. Nós examinamos Justin antes de contratá-lo. Ou eu examinei. Rastreamento aprovado. Justin é inocente, preso entre familiares de quem é parente. Isso é tudo. Não sabíamos que a família Worthing se mudaria para nossa cidade.

— De que lado da família dele está a Máfia? Eu pensei que ele tinha um lado rico e um lado nobre?

— Existem membros do lado rico que estão no negócio.

— O lado do qual você é amigo?

— Não, mas sim. Eles têm primos distantes no negócio. Eu não estava totalmente ciente de quão poderosos eles se tornaram até a festa. Eles apareceram quando eu estava lá e não deu certo. Trace já havia desaparecido, ou teria sido ruim. Muito ruim.

— O irmão de Justin é um detetive.

— Estamos cientes.

— Ele está envolvido?

Ashton não respondeu a isso, e isso foi uma resposta por si só.

— Eu pensei que você tinha policiais em sua folha de pagamento.

— Nós temos, e quanto mais você ficar aqui falando comigo, maior a probabilidade de seu nome entrar em uma lista que você não quer que ele esteja. Então. — Seus olhos brilharam novamente e ele se inclinou. — Para salvar ainda mais a energia e as vidas potenciais de todos, você precisa escolher. Ou fique com Trace – e eu quero dizer isso, que seja conhecido – ou deixe-o em paz. Você entendeu?

Entendi, mas eu estava preocupada com outros assuntos agora. Desloquei-me para o lado, procurando nossa cabine e encontrando a atenção de todos *bem em nós*. Achava que não tínhamos nos afastado o suficiente da vista deles.

As sobrancelhas de Kelly franziram, as pontas de sua boca viradas para baixo.

Os olhos de Molly estavam grandes, esbugalhados, e ela parecia pronta para começar a caminhar em nossa direção. Justin tinha uma mão em seu braço, seu outro braço bloqueando Kelly também.

Murmurando uma maldição, Ashton soltou um rosnado selvagem e foi direto para eles.

Eu estava bem atrás dele.

Os dois caras avançaram, parecendo que iam encontrar Ashton, mas me vendo ao lado dele, eles recuaram um passo.

Ashton soltou uma pequena risada antes de voltar seu olhar para Justin, então para a mão no braço de Molly.

— Tire as mãos. Agora.

Justin a soltou, erguendo as sobrancelhas.

Molly deu alguns passos para o lado, sua outra mão subindo para esfregar onde Justin a estava segurando, mas

ela não parecia estar com dor. Suas próprias sobrancelhas estavam juntas, seu olhar saltando de Ashton, para Justin, para Ashton, para mim, e de volta para Ashton. Um dos caras que eu notei indo ao encontro de Ashton mais cedo se aproximou dela, tocando seu outro braço levemente. Ele se abaixou, dizendo algo para ela, e com um pequeno aceno de cabeça e outro olhar para Ashton, que estava assistindo a coisa toda, ela partiu com o cara.

Que raio foi aquilo?

Mas Kelly tinha avançado.

— O que está acontecendo? Jess, para onde você foi?

— Ela… — Ashton começou, mas uma mão estava no meu braço, do outro lado, mas desta vez, eu reconheci aquela mão.

Olhei para cima, vendo o olhar de Trace deslizar sobre mim. Ele tinha o mesmo olhar duro em seu rosto que Ashton tinha, e ele me colocou atrás dele.

— Vá com meus homens.

— Mas…

— Por favor. — Ele indicou o mesmo cara que tirou Molly do grupo. Ela foi entregue a um cara diferente, e esse cara estava voltando para mim.

Cara de terno. Eu o identifiquei como segurança, notando a protuberância em seu lado da arma no coldre.

Eu fiz minha escolha. Eu segui em frente.

— Não, Trace.

— Jess. — Sua mandíbula apertou.

— Não. Não enquanto Kelly estiver aqui.

Ele tocou meu braço, puxando-me para trás novamente. A cabeça de Kelly se esticou em um ângulo, tentando nos ver, mas Ashton e o segurança entraram, bloqueando-a totalmente.

A mão de Trace se moveu para minha cintura, e ele entrou, a frente de seu corpo roçando o meu.

— Por favor. Então não me preocupo com você.

— Estou armada.

— Estou ciente, mas estou tentando evitar que você tome uma decisão que talvez não queira tomar.

O aviso de Ashton. Eu tinha que escolher. Ele registrou então o que Trace estava fazendo. Ele ainda estava tentando me esconder dos outros caras, mas não entendia. A decisão foi tomada.

Toquei seu peito.

— Ela é minha melhor amiga. Ela é minha única irmã. Eu não vou embora.

Seus olhos eram uma tempestade inteira, e ele balançou a cabeça.

— Tudo bem, mas você é minha. Não vou fingir o contrário.

Eu balancei a cabeça, todo o meu corpo de repente se sentindo pesado.

— Entendo. Eu entendo.

Eu o estava escolhendo. Amaldiçoados ou não, não podia mais me esconder.

Deixaria as cartas caírem onde quer que caíssem.

CAPÍTULO 59

TRACE

Penn e Crispin Worthing.

Ambos grandes idiotas.

Ashton me viu chegando, então deu um passo para trás. Eu avancei, tomando posição.

— Cavalheiros.

Crispin era o líder dos dois e deu um passo à frente, estalando os dedos lentamente.

— West. Este não é o seu clube.

— Não, mas ao contrário de sua família, minha família tem um entendimento com os proprietários.

Eles compartilharam uma olhar com essas informações.

Justin deu um passo à frente, um braço estendido para seus primos e o outro para mim.

— Estamos aqui apenas nos divertindo. Isso é tudo.

Eu o ignorei, olhando para Crispin.

— Vá embora, Worthing. Agora.

Ele começou a inclinar o queixo para cima, mas então seus olhos foram para o meu lado.

Sabia que Jess estava lá, eu a senti. Eles a estavam acolhendo, mas também notaram meus outros homens que vieram comigo. Adicionei ao meu grupo mais quinze caras.

— Você está aqui sozinho.

Ele ergueu o queixo.

— Como você sabe disso?

Tudo bravata. Um típico Worthing de merda – eu estava começando a notar suas marcas registradas. Eles eram cabeças quentes, liderados por um tio cabeça quente que veio da Sicília pensando que poderia fazer um nome para sua família aqui e não respeitando que os territórios tivessem sido traçados décadas atrás.

— Vá embora, Worthing, e não vamos matá-lo esta noite.

Senti a tensão instantânea de Jess.

Ela escolheu. Eu pedi a ela para sair, mas ela fez sua escolha. Ela ficou ao meu lado.

Crispin sorriu.

— Você tem uma policial ao seu lado, a menos que ela esteja atrás de você.

Eu não comentei, dando um passo à frente.

— Saia enquanto você pode andar. — Ao meu comando, meus homens avançaram. Desta vez, Crispin recuou. Eu podia sentir sua relutância, mas ele rosnou enquanto batia no braço de seu primo e sacudia a cabeça em direção à porta de saída.

Quando eles começaram a alcançar Justin, Ashton se aproximou.

— Ele fica.

— Desculpe-nos? — Penn começou a avançar, mas Crispin o bloqueou.

Ashton apontou para Justin.

— Ele, nós não vamos matar. Vocês dois, nós iremos. Saiam enquanto podem.

Ouvi Jess gemendo atrás de mim e estendi a mão para trás, tocando seu braço. Ela se acalmou, mas assim que os dois saíram, ela estava ao meu redor em um segundo. Kelly começou a soluçar. Justin parecia dividido, sem saber se deveria cuidar de sua mulher ou nos afastar. Jess tirou a decisão de suas mãos, envolvendo sua antiga colega de quarto em seus braços e levando-a embora. Eu as observei, vendo meus homens orientando-as para fora daqui.

Relaxei assim que vi que Jess estava ouvindo o que diziam. A cabeça de Kelly estava enterrada no pescoço de Jess, seus braços em volta dela.

Justin começou a grunhir assim que seus primos foram embora e Jess tirou sua mulher do alcance da voz.

— Que diabos? O que *diabos* foi *isso*?

Ashton sorriu antes de bufar.

— Chama-se crime organizado. Às vezes, temos guerras territoriais. Você deveria pesquisar no Google antes de acabar morto, Worthing.

Ele se afastou, parecendo estar sussurrando.

Estávamos chamando a atenção, mas Justin virou na minha direção desta vez.

— Você ameaçou a vida da minha família.

Sim. Ok. Eu me aproximei para que ele pudesse me ouvir claramente.

— Jess escolheu esta noite. Eu escolhi esta noite. Acho que se você não escolher, vai acabar morto, e deixe-me ser *bem* claro: não será por nossas mãos. — Deixei que isso afundasse antes de acrescentar: — Você tem uma noite. Você tem uma conexão com minha mulher que não posso ignorar. Se você escolher o lado deles, é melhor sair da porra da cidade. Você está me entendendo?

Ele engoliu em seco e ergueu o queixo.

— Você está me colocando em uma situação impossível.

— Difícil. Esse é o negócio. Escolha ou morra. Se não escolher, você morrerá, e não vou deixar você ser a porta de vaivém onde minha mulher pode se machucar.

— Ela é uma policial.

Eu tinha começado a sair, mas voltei.

— Ninguém é invencível.



Ashton estava esperando por mim no corredor dos fundos. Ele parou ao meu lado.

— A primeira equipe está esperando por você. A segunda equipe está esperando que Worthing se apresse. Eles vão levar ele e sua mulher para casa, e se você quiser que eles fiquem por perto e se posicionem em seus lugares, eles farão isso também.

— E a Easter?

— Ela está com o time três, que já a levou para casa.

Eu dei a ele um olhar.

— Ela está muito distante de toda essa situação. Ela deve estar segura.

— Não importa. Minha família é dona do pai dela, então ela é problema meu.

— E Jess?

— Ela está esperando no seu carro, porque está com o time um.

Ela era… eu deixei isso afundar, e não podia negar que ela esperando em meu carro, com meus rapazes, estava me fazendo sentir de uma certa maneira.

— Para onde você vai depois disso?

— Preciso verificar algumas coisas, mas vou para a casa dos meus tios. Os Worthings estavam aqui. Eles estão intensificando e precisaremos agir mais cedo ou mais tarde.

O que significava que ele e eu precisávamos tomar nossas próprias decisões, porque, embora uma certa notícia tivesse saído dizendo que éramos os novos chefes, não era o caso. Nós mesmos estávamos dançando sobre a linha. Escolher esta vida tinha todo um sentido de finalidade, e eu não tinha certeza se estava pronto para escolher essa finalidade. Ainda não, mas em breve. Nenhum de nós poderia empurrá-lo por muito mais tempo.

Meu telefone começou a tocar.

Ashton começou a sair, mas parou.

Chamada desconhecida.

Mostrei a ele a tela e desci mais para que tivéssemos privacidade. Ele seguiu enquanto eu respondia.

— Quem é?

— É Tristian West, sobrinho de Stephano West? Filho de Dominic West? Presumo que estou conversando com essa pessoa?

— Quem é você?

— Aqui é Nicolai Worthing. Acabei de ser informado de que você conheceu meus primos Crispin e Penn.

Ashton levantou uma sobrancelha e enfiou as mãos nos bolsos, ficando confortável.

— Nomes interessantes em sua família.

Nicolai soltou uma risada.

— Sim, bem, posso dizer que Tristian e Stephano provavelmente seguem a mesma tradição familiar. Você é grego? Estou entendendo direito?

— O que você quer, Nicolai Worthing?

— Hum. Sim. Direto ao negócio. Ouvi dizer que você não é como seu tio. Isso é uma surpresa refrescante. Seu tio poderia contar histórias por horas antes de chegar ao ponto.

— E seu ponto para este telefonema é...? Ainda estou esperando.

— Sinto que posso ter uma proposta surpreendente para você.

Ashton bufou, não se importando se era ouvido ou não.

— Devo presumir que é Ashton Walden no fundo? A avó dele é argentina?

Os olhos de Ashton esfriaram. Ele se inclinou para frente quando estendi o telefone para ele, e ele falou nele.

— Minha linhagem familiar não é da sua conta. Que tal isso?

— Pelo contrário, sinto que aqueles de nós que estão neste negócio estão nele por causa de nossos avós ou avós de nossos avós. Tudo tem história e linhagem.

Puxei o telefone de volta para mim.

— E sua família não tem a história que a nossa tem.

— Não. Você está correto. Somos relativamente novos, mas tenho um grande respeito por aqueles...

— Qual é *o seu ponto*, Worthing? Você está me fazendo me arrepender de deixar seus primos voltarem para você, vivos e intactos.

— Sim. Veja. É por isso que estou entrando em contato com você para esta proposta. Eu soube que você e Ashton têm seus próprios negócios. Negócios legais. Vocês dois estão prosperando em seus próprios campos. Eu mesmo vi seus registros, e seu tio *está morrendo*. Ele tem câncer no cérebro e, se minhas fontes estiverem corretas, ele foi informado sobre a possibilidade no mesmo dia em que contou a você que estava tendo problemas médicos. Agora, tenho certeza de que há uma razão para ele ter vacilado para frente e para trás. Negação. Negociação. Raiva. Todos esses são estágios comuns de luto quando dada a sentença que lhe foi dada. Estou correto no que me foi relatado?

Quem diabos era a fonte desse cara? Os registros médicos do meu tio?

— Qual é a sua maldita proposta? Devo assumir que você é o novo chefe de sua família?

— Sim. E direto ao ponto. Como sempre, você permanece fiel à sua reputação. Minha proposta para você é esta: quando seu tio morrer, deixe-me cuidar de todos os negócios da família. Você, por sua vez, ficará encarregado do meu dinheiro. Você pode investir como achar melhor. Você pode permanecer em seus próprios negócios legais – o que não posso deixar de me perguntar se isso também ajudará sua mulher, considerando sua escolha de carreira – e você estará no comando do dinheiro.

"O nome na sua cidade, e é a *sua* cidade, continuará sendo a Máfia West, porque você cuidará de todas as finanças. Eu amo sua cidade. Você tem belos hospitais e médicos aqui, mas pense em nós como uma franquia. Estamos entrando, assumindo o controle do trabalho real, mas tudo flui para cima, para onde você estaria: no topo. E, com sua bênção, trabalharemos lado a lado com a família Walden, porque, ao contrário de você, os tios de Walden não têm interesse em se afastar do negócio, como é seu direito. Eles lutaram longa e duramente por seu lugar em

sua cidade, mas você, como espero um dia poder considerá-lo um amigo, tem interesses que estão no mundo jurídico.

"O que você diz, Sr. Tristian West? Gostaria de algum tempo para considerar a oferta? Tempo de também fazer sua própria investigação? Porque embora seu instinto inicial seja recusar minha oferta, eu *realmente* espero que você não faça isso. Espero também que não me julgue pelo seu encontro com meus dois primos, que, embora eu os ame, são seres humanos imbecis. Eles são considerados a *força bruta* dos nossos genes familiares, enquanto eu mesmo herdei a aparência, alguns músculos e o cérebro.

"Também. — Sua voz ficou séria. — Estudei em Cambridge e espero que, quando você olhar para mim, veja as semelhanças entre nós. Ambos criados para ter sucesso no mundo civil, mas ambos com uma família que nos puxou para o mundo deles. É certamente uma situação difícil em que nos encontramos, não é?"

Os olhos de Ashton se estreitaram, sua cabeça baixa, enquanto ouvia a conversa. Quando Nicolai terminou de falar, ele levantou a cabeça, mas não consegui ler o que ele estava pensando.

— Vou levar sua proposta em consideração.

— Foi um prazer, Tristian West. Até nos encontrarmos pessoalmente.

Encerrei a ligação.

— O que você acha?

— Eu acho… — ele ainda estava olhando para o telefone — que você vai fazer o que tiver que fazer. Você vai investigar. Você obterá todas as suas respostas e, em seguida, apostará com base nessa investigação onde deseja colocar seu dinheiro, como o bom melhor amigo de Wall Street que conheço.

Eu grunhi, porque ele estava certo. Embora *fosse* uma oferta tentadora.

— Ele disse câncer no cérebro.

O rosto de Ashton ficou sombrio.

— Ele disse. Isso explicaria algumas coisas. Explicaria mesmo.

CAPÍTULO 60

JESS

Eu estava esperando com sua equipe, mas algo aconteceu e eles me levaram sem ele. Assim que entrei, Kelly ligou, e durante a última hora estive falando com ela.

— Eu tenho que ir, Kelly. Falo com você mais tarde.

Ela estava soluçando e choramingando em uma fungada.

— Ok. Fique segura, por favor.

— Você também. — Eu estava observando Trace firmemente quando ele entrou, tirando o paletó, em seguida, tirando duas armas que eu não tinha ideia de que ele estava carregando. Colocou uma na gaveta e levou a outra para uma parede lateral, onde afastou uma foto, e eu o vi abrir um cofre para colocá-la.

— Quando você começou com isso?

— No dia em que meu tio ameaçou você.

Isso chamou minha atenção.

— O quê?

— Foi o último dia em que vi você também. Fora do seu apartamento.

Oh. Certo.

— Ele me ameaçou naquela noite?

— Se faz você se sentir melhor, ele ameaçou todos com quem eu me importava naquela noite, mas sim. Ele deixou bem claro que sabia sobre você. É por isso que fiquei longe o máximo que pude. — Ele fechou o cofre e veio em minha direção, passando a mão pelo cabelo. — Quer uma bebida?

— O que aconteceu esta noite?

— Vou pegar uma bebida. — Ele se aproximou, parou, deu um beijo em minha testa, mas passou por mim para o armário de bebidas. Houve um formigamento deixado por seu toque e sua mão quando ele tocou minha cintura, roçando-a ao meu redor antes de soltá-la de volta ao seu

lado. — Kelly está bem? Você estava no telefone com ela?

— Ela quer saber sobre você e eu, mais especificamente quando você e eu nos tornamos você e eu.

Ele me deu um sorriso. Era um sorriso cansado, mas ainda um sorriso. Havia uma enorme pedra de tensão em minhas entranhas, mas um pequeno pedaço disso se desfez com aquele olhar dele. Nem tudo foi totalmente fodido.

— Justin confessou tudo sobre sua família, mas também contou a ela sobre você e Ashton. Então sim. Tem isso.

— Kelly está assustada.

Eu afirmei com um aceno de cabeça, movendo-me para ele enquanto colocava um pouco de uísque em um copo e estendia para mim. Eu o peguei.

— Kelly está assustada.

Ele tomou um gole de sua própria bebida, observando-me por cima do copo enquanto fazia-o.

— Recebi uma oferta esta noite.

Tomei um gole, levantando minha sobrancelha.

— Soa interessante.

— Acho que Nicolai Worthing é parente de Justin de alguma forma. Ele ligou, disse que seus primos eram imbecis.

— Isso me faz gostar dele.

Ele me ignorou.

— E ele ofereceu uma espécie de proposta de franquia. Ele se muda, assume tudo, enquanto eu cuido do dinheiro. A família West ainda controla tudo no topo, mas não estou envolvido com o negócio sujo.

— Exceto a parte do dinheiro.

— Isso aí. Sim. Essa parte.

Apontei para mim mesma, erguendo a outra sobrancelha.

— E você está me dizendo? Uma oficial da lei, mais em relação a liberdade condicional, mas ainda assim. Está na minha residência, e você sabe, há o problema de eu não

ser corrupta. Eu só gosto de foder você.

Ele sorriu.

Eu sorri de volta.

— Por que você está compartilhando este novo jogador comigo?

Ele girou o resto de seu uísque ao redor do copo antes de soltar um pequeno suspiro.

— Eu queria ser direto com você. Presumi que você teria perguntas, e não quero começar esse relacionamento com mentiras. Tenho certeza de que pequenas mentiras entrarão em jogo mais tarde, mas ainda não. E porque enquanto ele estava me dando essa oferta, eu percebi uma coisa.

— O quê?

Ele tinha um olhar em seus olhos, um brilho. Era uma luz, e ele ainda estava sorrindo para mim, de uma forma muito deliciosa, mas enquanto isso fazia meu coração acelerar, o olhar em seus olhos aumentava. Ele estava feliz, e isso me deixou feliz, e em nossa situação atual, eu não tinha certeza se algum de nós deveria estar feliz.

Mas ele estava feliz, e isso me deixava feliz, então eu iria aceitar.

— Eu percebi esta noite que quando você me escolheu, isso me fez querer escolher você de volta.

Minhas sobrancelhas caíram.

— Hein?

O sorriso se foi. Ele colocou o copo no balcão, estendeu a mão, pegou o meu e o colocou ao lado do dele. Então ele começou a avançar, vindo e colocando as mãos na minha cintura.

— Percebi esta noite que estou apaixonado por você.

Ele me pegou antes que eu pudesse reagir, e gritei. Minhas pernas travadas em torno de sua cintura. Minhas mãos foram para seus ombros, mas me inclinei para trás para ver seu rosto.

— O quê?

— Sim. — Ele ficou sério, sua voz caindo em um sussurro. Seu olhar examinou meu rosto, indo para minha boca, demorando-se e depois movendo-se para meus olhos. Um novo olhar estava vindo dele. Sinceridade, mas também uma luz. Era uma nova luz. Como se uma lâmpada tivesse acendido dentro dele. Ele começou a andar, carregando-me para trás.

— Eu não percebi isso depois da ligação. Percebi isso quando você ficou ao meu lado quando estávamos enfrentando aqueles caras, mas então veio a ligação e, embora não tenha interesse em aceitar a oferta desse cara, percebi outra coisa.

— O que é isso? — Eu me recostei, minhas mãos se conectando atrás de seu pescoço.

Suas mãos foram para a minha bunda, mas me afastei o suficiente para poder pular no lugar. Era estranho, uma posição em que eu nunca tinha estado antes, a não ser quando criança, mas gostei. Senti-me despreocupada. Divertida. Trace sorriu para mim quase com pesar enquanto segurava minhas nádegas, ajudando-me a saltar.

— Eu quero sair.

Fiz uma pausa no meio do salto.

— Sair? De…?

— Do negócio da família.

Fiquei imóvel. Tensa.

— Você quer dizer…? — Meu coração bateu na minha garganta.

Ele acenou com a cabeça, lentamente, intensamente.

— Eu quero sair. Meu tio está morrendo, e quando ele morrer, vou fazer o negócio morrer com ele.

— Você está falando sério?

— Eu estou.

— Mas e Ashton?

Já estávamos no quarto. Ele não se moveu para acender a luz e, quando entramos aqui, todas as outras luzes se apagaram. Elas tinham detectores de movimento.

Suas janelas eram inclinadas para que ninguém pudesse ver, a menos que ele apertasse um botão especial para que pudessem ver, mas ele nunca apertou. Nós conseguíamos ver lá fora; as pessoas de fora não podiam ver dentro. Ele me levou para a cama e se moveu para que eu ficasse de pé sobre ela. Então, suas mãos foram para minha calça e ele começou a me despir, deslizando meu zíper para baixo.

— Ashton é meu irmão. Ele sairá comigo ou não, mas ainda assim me apoiará. Era um entendimento que sempre tivemos um com o outro. Se um quisesse sair, o outro ficaria bem com isso. Nossa irmandade foi e é sempre a primeira escolha.

Ele deslizou minha calça para baixo, suas mãos arrastando junto com elas. Minha pele estava iluminada pelas sensações do seu toque.

Ele estendeu a mão para puxar minha calcinha. Levantei um pé, depois o outro. Ele jogou minha calça e calcinha de lado. Suas mãos correram pelas minhas pernas, pela parte de trás de cada uma delas, cobrindo minha bunda. Ele me espalmou e me moveu para frente, inclinando a cabeça para trás para que ele pudesse me ver das luzes acesas do lado de fora. Lâmpadas na rua. Outros edifícios. A lua, o que podíamos ver. Até alguns navios estavam lá fora, mas eram claros ao fundo, deixando-me ver seu rosto completamente.

— Você me ama?

Sua voz engrossou quando ele perguntou, e ele moveu a mão em volta de mim. Chegando ao meu estômago. Deslizando para cima, movendo minha camisa com ela até que ele a descansou entre meus seios. Ele se inclinou. Ele moveu meu sutiã para baixo, e sua boca cobriu um dos meus mamilos, sua língua varrendo ao redor. Ele se moveu, encontrando meu outro seio enquanto tirava minha blusa e meu sutiã, provavelmente jogando-os junto com minhas outras roupas.

Eu estava totalmente nua na frente dele, mas ele

inclinou a cabeça para trás mais uma vez. Seus olhos encontram os meus.

— Você me ama?

Eu não podia responder, não porque não sabia ou não queria, porque quando ele perguntou, sua mão se moveu para me segurar. Seu polegar pressionou meu clitóris, começando a se mover em um movimento lento e sensual e, ao mesmo tempo, dois de seus dedos se moveram para dentro de mim.

Afastei-me do movimento, minha respiração engatando na minha garganta.

— Hum, Jess? — Ele roçou o interior dos meus seios, movendo a cabeça. Sua mandíbula esfregou contra mim, e ele estava me abaixando para a cama, seus dedos ainda se movendo dentro de mim. Dentro, segurando e de volta com uma torção. Seu polegar continuou se movendo sobre mim, pressionando. Tão lento. Dolorosamente lento.

— Você não respondeu. Você me ama? — Mas ele tirou seus dedos. Ambas as mãos foram para meus quadris e ele me levantou. Um travesseiro foi trazido para debaixo de mim. Ele me posicionou para que ele tivesse acesso completo a mim. Então sua boca mergulhou e eu engasguei, minhas mãos agarrando sua cabeça, seu cabelo, enquanto sua língua substituía seus dedos.

Ele se banqueteou comigo e eu não conseguia falar. Eu mal conseguia respirar.

Eu estava ofegante e me contorcendo no lugar enquanto ele continuava a me explorar. Ele levou seu tempo, seu tempo muito lânguido e delicioso, até que levantou a cabeça. Ele encontrou meus olhos, olhando de baixo em meu corpo para onde eu estava olhando para ele. Ele sorriu.

— Você me ama, Jess?

Eu estava derretendo em uma pilha de sensações, prazer.

— Sim. — Suspirei minha resposta, e ele me deu um

sorriso ofuscante antes de mover a cabeça de volta.

Não consegui falar pelo resto da noite.



Acordei mais tarde, muito mais tarde. O relógio marcava seis da manhã – 6h43, para ser exata. O braço de Trace estava aninhado sob meus seios. Ele estava moldado atrás de mim, uma de suas pernas entre as minhas. Sua cabeça estava enterrada em meu pescoço e ombros, mas isso não me acordou.

O que tinha?

Eu vi meu telefone no suporte ao lado da cama, e a luz vermelha estava piscando.

Eu tinha uma mensagem.

Olhando para trás, não querendo acordá-lo, me movi suavemente para me desvencilhar. Ele me deixou ir, mas não totalmente. Sua cabeça se moveu para baixo, então foi pressionada nas minhas costas. Seu braço envolveu minha cintura e sua perna se moveu mais para cima entre as minhas.

Ele poderia pressionar um pouco mais, e eu estaria acordando-o para uma necessidade totalmente diferente.

Mas estendendo a mão, consegui pegar meu telefone.

Depois de abri-lo, digitei meu código e vi a primeira mensagem.

Bear: Não se assuste. Sua mãe está estável, mas quando ler isso, você deve ir ao hospital. Chelsea teve uma overdose esta noite.

CAPÍTULO 61

JESS

Empurrei as portas, mostrei meu distintivo e contornei a recepção.

Trace estava atrás de mim. Eu não tinha me importado que ele estava vindo. Ele tentou perguntar, para ter certeza na luta para se vestir e chegar aqui, mas eu mal reagi.

Minha mãe. Vir até minha mãe. Essa era minha única preocupação, e agora estávamos aqui, e eu estava correndo pelo corredor em direção onde ela estaria. Estive aqui tantas vezes que a equipe me conhecia pelo nome.

Eu derrapei até parar, vendo uma das enfermeiras mais antigas da equipe. Ela levantou a mão.

— Ei, Je… — Ela parou, vendo quem vinha logo atrás de mim. Sua cabeça se endireitou e ela ficou um pouco mais alta. — É um prazer ver você aqui. — Seus olhos dispararam para mim e voltaram novamente. — E com a aplicação da lei.

A mão de Trace veio para as minhas costas quando ele deu um passo para o meu lado.

— Como está a mãe dela, Sloane?

Ela não respondeu a princípio, seus olhos caindo para onde ele estava me tocando e voltando para cima novamente, então para mim antes de deslizar lentamente mais uma vez para ele.

— Sem desrespeito, Trace, mas devo dizer que não estou aprovando esta situação.

Sua mão pressionou mais forte em mim, e o lado de seu corpo pressionou contra o meu. Eu podia sentir sua tensão.

— Por que você não salva o julgamento e nos conta como está a mãe dela?

— Ela está viva. — Seu tom suavizou e ela deu um passo para trás antes de se virar e indicar que deveríamos

segui-la. — A chamada veio da ambulância, então estávamos prontos. Patrick estava com ela, e ele também tinha a garrafa do que ela ingeriu. — Ela se mudou para um quarto e puxou a cortina, e um grito assustado me deixou antes que eu pudesse reprimir minhas emoções.

Minha mãe estava na cama. Ela estava entubada, sua pele com uma palidez doentia.

Ela parecia tão pequena, como se tivesse dezesseis anos.

Trace se aproximou ainda mais, segurando-me na posição vertical até que meus joelhos se firmassem. Eu dei a ele um aceno de cabeça antes de me afastar e me aproximar da cama. Sua mão estava saindo do cobertor. Eu olhei, mas ninguém mais estava aqui.

— Onde…

— Pat deve ter saído. Ele esteve aqui mais cedo.

Pat era o primeiro nome de Bear. Ou Patrick. Esqueci que algumas pessoas preferiam usar esse nome. Nunca fez sentido para mim.

Eu balancei a cabeça, de repente cansada pra caralho.

— Ele ligou, disse que ela estava estável.

— Ela está. Ela estava. Ela vai ficar bem. Eles administraram Narcan. Ela está apenas dormindo agora. Ela vai estar dolorida quando acordar, mas você sabe, conhece o procedimento.

Porque eu já tinha visto isso antes com os presos na liberdade condicional. Muitas vezes para contar.

Fui para a cadeira ao lado da cama e peguei a mão da minha mãe na minha, e coloquei minha testa ao lado dela. Se eu pudesse rastejar na cama com ela, eu teria, mas apenas enquanto ela estava assim. Assim que ela acordasse, não tinha dúvidas de que voltaria ao normal. Palavras e sentimentos de ódio. Culpa por todos os lados. O mesmo de antes. Sem novidades.

Mas agora, ela parecia vulnerável e pacífica.

Meu coração se apertou. O que isso dizia sobre mim já que eu gostaria que ela pudesse ficar assim um pouco mais antes que seu espírito de luta a acendesse viva novamente?

— Você tem que estar brincando comigo?

Uma nova voz, uma nova presença. Uma que não estava feliz.

Ergui a cabeça – tudo em mim pesava tanto – e vi Leo parado com dois cafés na mão. Ele estava olhando para Trace antes de virar seu olhar para me encontrar, então minha mãe. Seu olhar suavizou um pouco antes de voltar para Trace e endurecer novamente.

— Dê o fora daqui, West. Não vou lhe dar outra chance, ou as algemas serão retiradas.

— Ele está comigo, Leo.

Meu chefe, mentor e segundo pai olhou para mim. O olhar suave se foi. Ele entrou, passando por Trace e Sloane, e colocou um dos cafés na mesinha. Ele foi para o outro lado da minha mãe antes de se virar e encará-lo.

— Saia. Agora.

Trace o ignorou, olhando para mim.

— Você precisa de alguma coisa?

Examinei o quarto, observando as posições de todos. Sloane parecia surpreendida, o que não fazia sentido para mim, mas minha mãe estava aqui. Ela estava dormindo. Eu estava bem agora.

Eu disse isso a ele, ainda segurando a mão dela.

— Vou ficar um pouco. — Fiz um gesto para Leo. — Ter uma conversa.

Seus olhos se ergueram para Leo, que mal conseguia se controlar. Ele estava bufando.

— Se eu tivesse uma maldita pá comigo, você já estaria morto, West. Saia daqui. Digo isso mais uma vez, e não me importo de quem é a arma sacada. Você me entende?

Trace o observou antes que seus olhos se voltassem

para mim.

— Ligue se precisar de alguma coisa. Quero dizer. Qualquer coisa.

Eu balancei a cabeça e seus olhos escureceram.

Eu queria que ele viesse, pressionasse um beijo em mim ou pelo menos passasse a mão no meu cabelo, mas ele não fez nada disso. Agora não. E a julgar por sua relutância, ele queria fazer o mesmo, mas era muito cedo. Observei Leo enquanto Trace saía e ouvi Sloane comentar baixinho:

— Esse nunca para de me surpreender. Ok, pessoal. Jess. Leo. Estou na equipe hoje, então estou aqui se precisarem de alguma coisa. Enquanto isso, direi ao médico que vocês dois estão aqui e querem uma atualização.

Assim que ela saiu, ouvi do outro lado da cama:

— Você está fodendo com a Máfia agora?

— Maneira de não julgar e esperar um tempo para fazer algum questionamento adequado. Boa pedida, Leo. Estou *realmente* inclinada a explicar meu companheiro de cama para você agora.

— É melhor você explicar. Eu sou seu chefe.

— E minha mãe está deitada em uma cama de hospital por causa de uma overdose enquanto você e Bear me diziam que estava *fora de perigo*.

— Ela é alcoólatra.

— Exatamente. Uma alcoólatra. Não uma viciada em drogas. Ela teve uma overdose, Leo. Que porra é essa?

As cortinas deslizaram para trás e, desta vez, a voz que eu esperava falou.

— Oh, uau. Uau. Uau! Eu conseguia ouvir vocês dois no meio do corredor. — Bear entrou com uma sacola de comida na mão. Ele acenou para mim, pegou minha mão segurando a de minha mãe e acenou para Leo antes de vir para o meu lado. Ele colocou a sacola no outro suporte, veio e me deu um meio abraço. Passando a mão pela minha cabeça, ele se inclinou e me deu um beijo na testa. — Ei,

garota. Como você está indo?

Leo fez um som exasperado, sentando-se e balançando a cabeça. Ele apertou os dedos na ponta do nariz.

— Você não tem ideia de quem veio aqui com ela.

Estendi a mão, pegando a mão de Bear e dando-lhe um pequeno aperto, mas não soltei a mão da minha mãe com a minha outra.

— Estou cansada, mas bem, desde que ela sobreviva.

Ele assentiu com a cabeça, um sorriso triste puxando as extremidades de sua boca.

— Eu aposto que sim. — Ele lançou a Leo um olhar duro por cima da minha cabeça. — E posso imaginar, porque o vi saindo daqui. Trocamos uma palavra.

Eu fiquei tensa, inclinando minha cabeça para trás.

— Você conversou com Tristian West?

Ele encontrou meu olhar, arqueando uma sobrancelha.

— Eu tive uma conversa com Trace West. Eu me lembro dele do bairro. Ele não é o homem que seu tio ou pai são. Eu sei disso. — Ele estava olhando ao redor antes de voltar para a cortina. — Eu voltarei. Vou pegar uma cadeira para mim. É melhor vocês dois não se matarem até eu voltar. — Ele apontou para nós dois antes de sair.

— Trace? — Leo disparou para mim. — Não fiquei surpreso por você ter usado o nome, mas Bear também? Talvez eu precise usar o apelido do futuro chefe da família da Máfia West. Ou ele é atualmente o chefe, de acordo com um artigo de notícias recente?

A falta de reação de Bear não me surpreendeu. Ele era inteligente e gentil. Ele também era paciente antes de se decidir sobre algo. A reação rápida de Leo também não me surpreendeu. Eu teria reagido da mesma forma, mas era o que era. Fiz minha escolha aquela noite. Eu sabia o que estava decidindo, e quis dizer isso quando decidi deixar as cartas caírem onde quer que caíssem.

Mas agora, neste quarto, Trace e eu não éramos o assunto urgente.

Sentei-me na cadeira, sem largar a mão da minha mãe.

— Diga-me o que aconteceu.



Foi um pouco mais tarde que Bear voltou, com uma cadeira na mão.

Ele se sentou assim que o médico entrou também.

Estávamos todos atualizados.

Minha mãe teve uma overdose de analgésicos e, embora acreditassem que ela se recuperaria totalmente, uma assistente social a avaliaria.

Ele deu a todos nós um olhar duro.

— Foi uma tentativa de suicídio. Vamos ser muito claros sobre isso. Ela será transferida para a unidade psiquiátrica assim que estiver estável. Se vocês não concordarem com a equipe de saúde mental dela, então ela poderá fazer isso de novo. Disseram-me que as enfermeiras já ouviram uma discussão aqui. Meu conselho? Entrem no mesmo time em relação à Sra. Montell e façam o que for necessário para colocá-la a bordo. Quanto mais cooperativa ela for com sua equipe de saúde mental, melhores resultados vocês podem esperar. Agora. Vamos torcer para que a Sra. Montell acorde com uma visão renovada da vida, mas considerando a aparência de cada um de vocês, acho que a probabilidade é pequena. Boa sorte, oficiais.

Ele saiu e deixou uma pausa grave de silêncio em seu rastro.

Leo soltou um suspiro, voltando para sua cadeira e levando consigo o segundo café.

— Eu disse a ela o que aconteceu, Bear.

— Maldição — Bear grunhiu. — Por que você fez isso?

Eu disse a ela que tínhamos isso sob controle.

Leo revirou os olhos, mas fui eu quem encarei Bear.

— Você foi gentil comigo minutos atrás, mas agora eu sei o verdadeiro motivo, e não pense nem por um segundo que você está fora de perigo.

Os papéis mudaram muito rápido, porque Leo me informou que eles não estavam checando minha mãe como eles me deixaram acreditar. Eles deram a ela um ultimato depois que ela saiu da linha mais uma vez, o que eu sabia que ela faria, porque ela vinha fazendo isso por metade da minha vida.

Bear levantou as mãos, um som frustrado escapando dele.

— Nós... ela não ouve a razão. Nós tentamos. Nós realmente tentamos. Ela... ela não vai mudar até atingir o fundo do poço.

— Então você pensou em acelerar isso abandonando-a? O que você fez? Pegou meu telefone e a bloqueou no meu próprio telefone para que ela não conseguisse entrar em contato comigo? Você sabe que ela teria, já que vocês dois não estavam atendendo as ligações dela.

Eu estava cambaleando, minha mente girando sobre o que eles tinham acabado de compartilhar que tinham feito.

Não foram as drogas. Foi uma tentativa de suicídio.

Minha mãe... o que eu fiz? Eu os deixei assumir por mim. Eu os *deixei*. Eu não lutei – eu a abandonei.

Demorei um pouco antes de perceber que nenhum dos dois me respondeu. Eu olhei para eles. Ambos também não estavam olhando para mim.

— O quê? — eu reclamei.

Bear firmemente não quis encontrar meu olhar, mas Leo sim, e pela primeira vez eu vi um abrandamento dele.

— Nós não bloqueamos o acesso dela ao seu telefone, Jess.

Ele não terminou de dizer o resto da declaração.

Meus joelhos cederam, estendi a mão para a cama e caí na cadeira atrás de mim.

Minha mãe nunca me ligou. Ela não tinha tentado. Ela apenas…

CAPÍTULO 62

JESS

O tempo parou, mas também acelerou depois disso. Foi uma foda mental estranha.

Quando minha mãe acordou, ela não queria nada comigo. Ela não tinha uma nova perspectiva de vida. Os desejos do médico não se realizaram, mas ela foi para a unidade de psiquiatria, e me disseram que Bear e Leo cuidariam daqui. *Novamente*.

Eu também não tinha uma boa visão disso, mas enquanto ela estava sendo cuidada, eu tinha outros assuntos para tratar. Principalmente, Leo e Kelly.

A diferença entre os dois era que eu não sabia que tinha um problema com Kelly para resolver. Ela me informou sobre isso no final da semana, pedindo-me para conversarmos. Eu não tinha contado a ela sobre minha mãe ainda. E quando cheguei lá, não senti que esta conversa seria boa.

— Justin e eu tivemos uma grande conversa e…

Oh, cara. Eu odiava essa pausa… esses silêncios eram brutais, vim a aprender.

Eu me preparei porque, a essa altura, quem diabos sabia o que mais estava por vir.

Suas mãos estavam sobre a mesa, seu pão em um saco ao lado dela. Essa deveria ter sido minha primeira pista. Que o pão foi ensacado. Esse foi um nível totalmente diferente de preparação. Não comeria aqui ou na saída. Era assim que Kelly costumava fazer. Isso dizia que ela iria levá-lo para *outro lugar* para comê-lo. Isso era uma coisa *totalmente diferente.*

— Justin sente que pode ser perigoso para nós, ele e eu, estarmos no meio do que está acontecendo entre nossos antigos chefes – ou seus. O Sr. West e a família de Justin.

Minha boca ficou seca.

— Sério?

Sim. Eu deveria saber. O pão foi ensacado.

— Sério.

Eu fiz uma careta, mas tudo bem. Hora de tirar minha cabeça das coisas da minha mãe e colocá-la na minha melhor amiga. Fazia sentido o que ela estava fazendo. Estar perto de mim às vezes também era perigoso.

— Eu acho que é uma boa ideia.

Ela me encarou, piscando algumas vezes. Sua mão agarrou seu pão ensacado e ela o puxou na frente dela, como se fosse um escudo. Um escudo de pão. Contra mim.

— Sério?

Eu fiz uma careta.

— Sim. Quero dizer, Justin não está com esse lado da família. Estou certa?

— Você tem razão. Sim. — Ela se inclinou para frente, sua cabeça se movendo para cima e para baixo em um ritmo rápido. — Ele não está. E seu irmão, por ser um detetive. Ele apenas sente que está sendo puxado em todas as direções, e eu entendo. Entendo. Quer dizer, eu amo você. Você sabe que sim, mas acho que ele será o meu futuro. Você sabe como é.

Uma lágrima escorreu, caindo. Uma segunda também.

Eu não acho que ela percebeu que elas estavam lá.

Avançando, peguei a mão que não estava segurando o pão e a segurei na minha. Apertei uma vez.

— Eu entendo, Kel. Entendo.

Mais lágrimas.

Ela estaria chorando em breve.

Ela fungou.

— Você entende?

— Entendo. Eu tenho minhas próprias batalhas para lidar agora. Eu não espero que você seja puxada para o meio, e meu Deus, você sabe que quero que você esteja segura.

Os soluços pioraram.

— Eu me sinto a pior amiga. Você esteve lá para mim em tantas coisas, e agora isso. Agora você tem um bom homem, e *garota*. — Ela parou de soluçar e estendeu a mão. — Aquele homem está *bem*. Puta merda, ele está bem. E você estava ao lado dele, mas Justin. Eu… ele disse que é perigoso, e você está sempre me dizendo que tudo é perigoso, então acho que talvez eu deva ouvir desta vez. Você me odeia? Por favor, não me odeie. Estou me odiando.

Eu me aproximei, puxando minha cadeira para o lado dela.

As pessoas estavam cochichando sobre nós. Eu sabia que tínhamos alguns minutos antes de Sal vir verificar sua melhor amiga amante de pombos. Ela me enviava seus vídeos do YouTube toda vez que ele postava um novo. Eu tinha que admitir que os pombos eram fofos quando você colocava uma música inspiradora de fundo. Eu estava torcendo por um que eu tinha certeza de que cagou na minha cabeça dois dias atrás.

— Vai ficar tudo bem. Tudo vai ficar bem.

Eu estava bloqueando firmemente a bagunça da minha mãe, porque não tinha ideia de como consertar isso ou o que eu poderia fazer.

Seria forte. Continuaria. Chutaria o traseiro se fosse preciso. Esse era o meu lema de vida. Pintaria quando precisasse desmoronar.

Eu dei um abraço apertado em Kelly e a segurei. Ela soltou o pão – isso me disse que ela falava sério – e agarrou meu braço.

— Amo você. Vou amar para sempre. Somos irmãs e, neste momento, há alguns negócios perigosos acontecendo entre as famílias e nossos homens. Fique segura. Você sabe que sempre quero isso para você.

Ela estava balançando a cabeça, mas eu podia sentir algumas lágrimas caindo no meu braço.

— Eu sei. Eu sei. Tenho a sensação de que devo perguntar algo a você, verificar algo com você, mas não

consigo pensar no que é. Você está bem? — Ela se afastou, virando-se para me encarar mais diretamente.

Kelly estava fazendo a coisa certa agora. Eu não ia dizer nada sobre minha mãe para atrapalhar, então balancei a cabeça.

— Não. Não está acontecendo nada. Mais um abraço, querida.

— Oooh. Você usou o termo carinhoso. Tem sido meu sonho você me chamar de querida.

Eu ri, fazendo o que eu disse. Abraçando. Mas agora era eu quem estava segurando as lágrimas, então me levantei e dei um beijo firme em sua testa. Eu estava descobrindo que tinha uma coisa sobre testas e apertei suavemente o ombro dela.

— Amo você. Quando você ficar noiva, ligue.

— Argh! Vou desmoronar de novo.

— Isso não. — Kelly não conseguiria sair primeiro, apesar do pão ensacado. Eu conhecia minha amiga. Seu instinto estava dizendo para ela ficar parada, então fui primeiro. Um último toque em seu ombro, um sorriso meu, e eu saí.

— Tchau, oficial Montell. — Sal acenou com um pedaço de pão no ar.

Apontei para ele enquanto contornava o balcão.

— Dê lembranças aos pombos e faça um segundo pão para minha amiga. Eu acho que ela esmagou o primeiro.

— Nós estávamos assistindo. Vamos começar a chamá-los de pão de apoio emocional.

Eu dei uma risada enquanto minhas entranhas estavam sendo cortadas ao meio, mas era o que era.

Tive a sensação de que essa era apenas a primeira das consequências de Trace e Jess juntos.



Eu tinha razão. Demorou apenas duas semanas para que algo acontecesse.



— Você está suspensa.

— O quê? — Minha boca estava no chão. Comecei a procurá-la, para ver se conseguia encontrá-la.

Eu sabia que haveria uma reunião com Leo, mas não esperava por isso. Pelo menos, não sem um aviso ou conversa. Entrei e me sentei, e ele abriu com isso.

Ele balançou a cabeça, colocando o rádio sobre a mesa.

— Eu não tenho tempo para entrar nisso com você, mas você está em um relacionamento sexual com alguém que tem conexões conhecidas – e conexões muito fortes – com uma família do crime organizado. Temos um código de ética. Você não pode trabalhar aqui enquanto estiver na cama dele.

Uma parte de mim esperava isso. Eu só esperava um pouco mais antes de acontecer, mas uau. Eu sabia que as cartas cairiam.

— Você não tem nada a dizer? Você só vai aceitar a suspensão?

— Eu… — Droga. Eu não conseguia falar. Minha garganta estava queimando. — Ele está saindo.

Ele riu e bufou ao mesmo tempo.

— Certo.

— Ele está.

Ele levantou-se, sua cadeira rangendo com a ferocidade do movimento, e bateu com a mão na mesa.

— Ele é o príncipe daquela porra de família! O que você está fazendo, Jess? Eu criei você melhor.

— Você não me criou. Ninguém o fez!

— Besteira. — Outro golpe na mesa, mas ele apontou

um dedo para mim no ar. — Besteira. Eu criei você. Eu intervim quando seu pai morreu. Estou ajudando a cuidar da sua mãe agora mesmo! Não me venha com essa besteira de que eu não criei você. Estou cuidando de toda a sua família. Seu irmão será solto, e adivinhe em que sofá ele vai parar? No meu!

— Ele está saindo…

Sua voz anulou a minha.

— Ele não vai sair! Ele vai recuperar o comando. — Ele apontou para o telefone. — Acabei de receber uma ligação do crime organizado. Eles estavam perguntando se eu tinha um policial disfarçado no sindicato da família West. Um policial disfarçado, toda a besteira estúpida e sem cérebro que seria. Você está brincando comigo? Você está *brincando* comigo?!

Sua voz subia uma oitava a cada declaração que ele gritava, mas não havia nada que eu pudesse dizer.

Ordem de comando. Aceitei. Eu estava aceitando.

— Eu dei-lhe duas semanas. Você apareceu ao lado da cama da sua mãe quase morta. Achei que você fosse acordar. Você não acordou. Estou recebendo relatos de que você vai à casa dele todas as noites. Que ele leva café para você todas as manhãs. Você sai para comer com ele. Já era ruim o suficiente quando você trabalhava para ele, mas não havia nenhum relacionamento conhecido. Eu sofro uma pressão alta sobre isso. Você sabia disso?

Fiquei atordoada, mas talvez não devesse.

— Sério?

— Sim. Crime organizado. Eles estavam na minha cola. Eles queriam usar você, mas eu disse não. *Continuei dizendo não*. Que era um segundo emprego legítimo. Você estava arcando com as dívidas de seu irmão e de sua mãe. Mais as suas. Outra pessoa em seu lugar, e eles estariam olhando para corromper muito antes. Não antes de começar a dormir com ele, mas agora. Deus! Agora, eu tenho que te suspender. Sem salário! Você precisa acordar

para vida. Deixe esse cara, e quando você voltar, vamos começar a revisar o controle de danos, porque não pense por um segundo que isso não vai vazar. Já vazou.

— Leo…

— Eu não quero ouvir isso. Honestamente. Dê o fora do meu escritório. Quero sua arma, seu distintivo e as chaves do seu carro.

— Leo…

— Arma. Agora. Distintivo. Chaves. Ou preciso chamar uma segunda testemunha para isso?

Maldito.

Isso foi um soco. Eu, apenas, porra.

Peguei minhas chaves.

— Ainda tenho coisas aqui dentro.

— Isso é bom. Distintivo e arma.

Minha garganta estava queimando. Meu peito estava queimando de dentro para fora, mas era o que era.

Peguei minha arma, coloquei-a na mesa. Meu distintivo foi o próximo.

— É melhor você não colocar Travis nos meus caras.

— Vou colocar quem eu quiser nos seus caras. Você sabe que não tem voz. — Ele balançou sua cabeça. — Maldição, Jess. Eu nunca pensei que você fosse capaz de algo assim. Nunca em toda a minha vida. Você não.

Eu estava piscando para conter as lágrimas, de jeito nenhum elas iriam cair.

Forçando um som engasgado, limpei a garganta e fui até a porta, mas pouco antes de sair, perguntei:

— Como ela está?

Outra expulsão suave de ar.

— Ela está em tratamento.

— Ela está em algum lugar? Um hospital? Clínica? Eu realmente não tenho ideia do que fiz de tão errado com ela, mas preciso saber disso. Você sabe que sempre tentei cuidar dela.

— Eu sei. — Ele fez um som rasgado, e não consegui

identificar como isso saiu, mas estava rasgado. Tudo o que eu sabia. — Ela está no hospital psiquiátrico, e está em terapia. Terapia intensa. Eles estão fazendo toda a coisa dupla, seja lá o que for. Onde eles tratam todas as merdas que acontecem juntas. Não conheço esses termos psicológicos, mas você sabe do que estou falando.

Eu sabia, e outro dia eu poderia ter rido de como sua explicação era impotente, mas isso era Leo. Ele era da velha escola de maneiras.

— Gostaria de vê-la, quando isso puder ser possível. Eu gostaria mesmo.

Ele começou a assentir, então balançou a cabeça e fez uma pausa, virando-se completamente.

— Outro cara, Jess. Existem outros caras. Ame-*os*. Apaixone-se por *eles*. Não desista da sua carreira por esse. Ele não é bom – ou espere até que ele *realmente* saia.

Essa era a dor de cabeça de tudo.

Eu já tinha feito minha escolha.

— Deixe-me saber sobre minha mãe.

Saí, sem ver ninguém que estava no corredor. Eles estavam lá, mas eu não estava prestando atenção neles. Eu só precisava ir, mas um *estrondo alto*, *um baque* soou atrás de mim.

Fiz uma pausa, ouvindo o rugido de Leo:

— Droga!

— Jess. — Val estava chamando meu nome, vindo atrás de mim pelo corredor.

Eu levantei uma mão.

— Melhor assim. Fique para atrás.

— Jess! Vamos.

Eu continuei.

Cabeça baixa. Um pé na frente do outro.

Eu saí assim.

CAPÍTULO 63

TRACE

Anthony: Jess acabou de pedir para pegar mais turnos esta semana. O que você quer que eu faça?

Eu fiz uma careta, lendo sua mensagem enquanto Ashton e eu estávamos indo para um de nossos armazéns.

— O que é isso?

Mostrei a ele a tela antes de enviar uma mensagem de volta.

Eu: Ela é uma funcionária como qualquer outra. Acho que ela ficaria chateada por você estar me perguntando como lidar com isso.

Ashton se inclinou e leu o que eu respondi. Ele bufou, pegando meu telefone das minhas mãos, e ele rolou por ele antes de apertar um botão, colocando-o em seu ouvido.

— Por que você está pedindo mais turnos no meu clube?

Jesus. Ele ligou para Jess. Do meu celular.

— Estou aqui com ele, mas você me pegou. Sim. — Uma pausa. — Anthony queria saber nossa opinião. Você deveria ficar feliz em saber que seu homem disse que você é uma funcionária como qualquer outra, você deveria ser tratada como tal. Ele passou a responsabilidade de volta para Anthony, mas estou curioso. Eu sei de fonte segura que suas noites geralmente são preenchidas, você sabe, você está sendo f…

Peguei o telefone dele e me recostei.

— Não atire no meu melhor amigo. Eu o herdei como um idiota.

— Tudo bem.

Não estava bem. Sua voz estava contida. Isso nunca era bom.

Eu abaixei minha voz.

— O que há de errado?

— Estou tirando uma folga do trabalho por um tempo. Poderia aproveitar as horas vagas.

— O que você quer dizer com tirando uma folga?

— Oh, droga — Ashton disse baixinho.

Eu o ignorei.

— Jess. O que está acontecendo?

— Eu não quero falar sobre isso.

— Agora estou preocupado.

Ela suspirou ao telefone.

— Olha, você poderia me fazer um favor e dizer a Anthony para me colocar na escala todas as noites?

— E quanto a mim?

Ela meio riu, meio bufou ao telefone.

— Você está ocupado fazendo o que não quero saber que está fazendo, mas sei que está ocupado. Sou viciada em trabalho, Trace, e meu trabalho em tempo integral foi adiado um pouco. Vou enlouquecer se realmente tiver tempo disponível.

Isso não era bom, não por ela não saber como lidar com o tempo de inatividade, mas por causa do trabalho.

— Sinto muito, Jess. Eu sei que você adorava fazer o que fazia.

— Sim. Bem. Eu só preciso estar ocupada agora. Mamãe e tudo.

— Eu vou deixá-lo saber. Ele vai encher sua agenda.

— Obrigada. E, hum, quando você volta hoje à noite?

— Já que você estará trabalhando, posso chegar mais tarde do que pretendia.

— Talvez você possa passar por aqui no Katya e me dar uma carona?

— Isso soa muito “vamos para casa juntos”. Estou

ansioso para isso.

— Eu também.

Eu desejei que Ashton não estivesse no veículo comigo, mas também desejei que eu não estivesse neste veículo indo para uma hora fora da cidade.

— Você quer que eu volte? Ashton pode lidar com isso. Não é imperativo que eu esteja presente.

— Ei! — Ashton me deu um olhar sombrio.

Eu o ignorei, esperando por sua resposta.

— Acho que trabalhar é a melhor coisa para mim agora. Vejo você quando voltar.

Ela desligou e eu olhei para o telefone por um segundo.

— O quê? Sem despedidas? Nenhum “eu amo você” ainda?

— Cale-se.

— Cara — Ashton resmungou. — Se vocês dois não se moverem mais rápido, estarão mortos como os dinossauros.

— O que diabos isso significa?

— Significa que você está indo rápido. Eu estava sendo um idiota.

— Quando você não está.

— Quando eu estou…

— Não foi uma pergunta. Eu não estava perguntando.

— Eu estou ciente, mas por favor. Deixe-me responder de qualquer maneira. Eu gosto dessa merda.

Tirando Ashton, isso não era bom. Jess e eu ainda estávamos nos conhecendo, mas eu sabia que ela precisava estar ocupada. Ela nunca esteve desocupada desde que a conheci. Ela não entendia como as pessoas dormiam nos dias de folga. Não que ela não soubesse o que isso significava. Era que ela literalmente não conseguia compreender por que as pessoas faziam isso.

Ela não me deixou de fora. Ela compartilhou sobre o trabalho, mas eu sabia que não era assim.

— Trabalho, hein? Ela não foi demitida?

Sabíamos que isso aconteceria, embora Jess e eu não tivéssemos nos sentado e conversado sobre como lidar com isso quando acontecesse.

— Estou supondo. Ela disse que estava tirando uma folga. Esse é o código para...

— Ser despedida.

— Ou suspensa?

Ashton pensou sobre isso.

— Ela provavelmente foi suspensa. Portanto, a demissão acontecerá mais tarde, quando eles perceberem que ela ainda estará na sua casa todas as noites.

— Se isso acontecer.

Meu estômago estava revirando. Eu sabia que isso aconteceria, mas não gostei de ouvir sobre isso e não sabia como processar como ela estava lidando com isso. Ela compartilhou, mas também não compartilhou. Ela compartilharia mais tarde? Ela era de falar sobre seus sentimentos? Eu não conseguia ver Jess sendo esse tipo de mulher. Eu não sabia que ela era esse tipo de mulher. Ela mudou. Ela se manteve ocupada. Era assim que ela lidava com a vida.

— Você a ama, certo?

Essa pergunta foi um choque.

— Sim. Por quê?

Ele havia puxado seu próprio telefone e estava rolando por ele.

— Ela não é uma mulher inconstante. Ela sabia o que estava fazendo quando escolheu você. Ela disse as palavras reais. Seja o que for, você não precisa se assustar com isso. — Ele fez uma pausa em sua rolagem, olhando para mim. — Ela é uma das mulheres mais duras que conheço. A definição literal de montar ou morrer. Isso, o trabalho dela, não vai ser nada para vocês. Você vai descobrir. Você não precisa se preocupar com ela. Ela está cuidando disso até você pegá-la hoje à noite. Ela pediu para você fazer isso. É ela dizendo que vai precisar de você, mas não será até esta

noite. Até depois de vocês dois fazerem seus trabalhos. Ela pode ser irritante pra caralho com a carreira que ela gosta de fazer, mas você, meu irmão, tem uma boa.

Eu sorri.

— Aí está. Sendo chato e idiota, não me dizendo nada que eu já não saiba.

Ele sorriu de volta.

Ele sabia que eu apreciava isso.

Anthony: Ela acabou de pegar turnos todas as noites, exceto domingo. Não atire em mim. Ela me informou que era isso que ela queria e você me disse para tratá-la como uma funcionária normal. Eu seria estúpido em não aceitar a oferta dela, mas também gosto de ter um emprego, então não atire no mensageiro.

Anthony: Por favor.

CAPÍTULO 64

JESS

Era uma equipe diferente nas noites de semana. Eu me senti estranha, mas Anthony me colocou na minha seção normal. Eu era mais velha que a outra bartender, que me lançou olhares maldosos durante todo o turno. Ela estava perturbada com tudo isso. Eu não estava, e a maioria dos outros funcionários do bar compartilhou como ela estava incomodada por eu não me importar.

A outra coisa que notei foi que ela não mantinha seu inventário atualizado. Eu estava com falta de cinco garrafas de bebida que nunca deveriam acabar. Eu já tinha feito a viagem de volta para reabastecer o Patrón, mas teria que ir de novo. Mal chegávamos às onze da noite. Eu tinha três horas inteiras restantes e precisaria de um estoque completo de vodca. Enviei uma mensagem para Anthony, informando onde eu estaria por alguns minutos.

Anthony: A caminho para cobrir você.

Eu tive que rir. Ele deveria se oferecer para ir buscá-lo, mas Anthony não era esse tipo de gerente. Ele cuidaria do bar até eu voltar. Esse era o tipo que ele era.

Essa foi a terceira coisa que pareceu errada – não que houvesse um Justin para me cobrir por um tempo.

Era eu. Eu estava fora. A coisa toda estava errada.

Quando vi Anthony vindo em minha direção, levantei a mão em um aceno e me dirigi para a sala dos fundos. Assim que cheguei, entrei e estava pegando minha terceira garrafa quando a porta se abriu novamente.

— Ei. — Comecei a sair por trás de onde estava quando vi quem tinha entrado.

Ele parecia o Justin. Mesma altura. Mesmo cabelo, mas seu corpo era mais definido. Ele malhava e estava

olhando para mim com olhos mortos. Olhos de policial.

Não precisava ver o distintivo para saber que era o detetive Worthing.

— Por que você está aqui?

Ele inclinou a cabeça em um pequeno aceno.

— Bom. Você sabe quem eu sou. — Ele deu um passo para mais perto.

Eu estava procurando onde ele guardava sua arma. Sua camisa estava dobrada e era lisa onde não deveria ser lisa. A parte de trás? Um coldre de ombro sob a camisa? Seu distintivo também estava escondido.

— Estou aqui como uma *cortesia profissional*.

Isso não soou bem.

— Fui suspensa hoje.

— Estou ciente. Birdy me contou, mas você ainda é uma de nós, no que me diz respeito.

— Então por que você está aqui? — Eu normalmente não precisava pedir duas vezes, não por esse tipo de cortesia profissional.

— Fui transferido para o Departamento de Crime Organizado. Eles estão fazendo uma batida contra seu cara. Todos os seus lugares e lados. Seu apartamento no centro. Seu escritório. Armazéns da família West. Estamos invadindo aqui também.

Jesus. Eles estavam fazendo uma batida completa.

Comecei a colocar a bebida de volta.

— Quando?

— Uma hora a partir de agora.

Uma hora.

— Por que você está me dizendo?

— Meu irmãozinho jura que você está limpa, mas o cara com quem está dividindo sua cama não está. Quero saber de que lado você está. Se você deixá-lo saber, nós saberemos. Você não diz, e eu vou compartilhar com *seu* chefe. Você me entendeu?

Não, mas eu acenei para ele de qualquer maneira.

Ele começou a recuar até a porta, atento de que o estava observando. Nenhum de nós estava demonstrando emoções. Nenhuma surpresa. Nada de pânico. Nada. Indiferença fria como pedra. Então ele piscou e estendeu a mão para a porta.

— Uma hora. Se eu fosse você, não ficaria aqui.

O que me faria parecer suspeita para todos. Eles fariam seu trabalho e descobririam que eu deveria estar trabalhando. Se eu não estivesse naquele balcão, os dois lados perceberiam. Eu estava fodida, não importava o que eu fizesse. Mas haveria perguntas, não importava o quê.

Estar aqui quando meus colegas faziam uma busca onde eu trabalhava? Ou sair?

O engraçado era que eu não precisava pensar se ia avisar Trace ou não. O negócio da família era o negócio da família. Não era meu. Ele sabia do acordo entre nós. Agora eu teria que saber se podia confiar nele para se lembrar do acordo ou não.

Mandei uma mensagem para Anthony.

Eu: Saindo. Surgiu uma coisa. Cubra-me, por favor.

Anthony: O quê?! Que diabos? Ligue para mim. É melhor você me dizer sua filha… oh, merda. Deixa para lá. Estou me lembrando. Espero que esteja tudo bem. Mantenha-me atualizado.

Sim. Eu não faria isso.

CAPÍTULO 65

JESS

Analisei minhas opções.

Eu queria câmeras de segurança em mim para que as pessoas soubessem que eu não estava tramando nada obscuro. Isso significava transporte público. Isso significava um álibi, mas eu não queria ir a nenhum lugar que pudesse ser invadido. Eu estava correndo um grande risco aqui, mas sempre fui inflexível que, embora amasse Trace, o que ainda era novo para mim, não amava e não amaria seu trabalho. Então as buscas estavam acontecendo e eu não estava me envolvendo, embora o momento fosse interessante para Leo, quando ele me suspendeu. Dito isso, eu também não teria um álibi se fosse para minha casa. Ficaria sozinha em algum lugar e ninguém poderia atestar por mim.

— Não que eu não ame a surpresa de você aqui em uma noite diferente de domingo, mas estou um pouco preocupada. Você está bebendo aqui e não mandou uma mensagem para Kelly para acompanhá-la.

Eu tinha vindo para o Easter Lanes. Molly Easter, que era tão distante de tudo e tão pura, iria me defender.

Molly mordeu o lábio da maneira adorável que fazia, soltou um suspiro e encheu minha primeira cerveja.

Era uma noite de cerveja para mim. Eu estava na minha sexta cerveja da noite.

Ela apenas deslizou uma sétima para mim quando notei uma quietude que tomou conta de Molly.

Ela estava olhando para trás de mim.

Eu me virei, todo o meu estômago apertando, porque eu sabia que quem quer que fosse não seria bom.

Ashton ficou lá. Seu olhar era feroz e cheio de tanto ódio que me queimou de dentro para fora. Ele tinha dois caras com ele, e eu os estava observando, porque eles não eram os caras normais com os quais eu me acostumei perto

de Trace. Esses caras eram militares.

Todos os três estavam me encarando até Ashton avançar.

— Não! — Molly gritou quando ele começou a estender a mão para mim.

Ele fez uma pausa, mas eu sabia que minha sorte havia expirado. Eu estava apostando que eles não viriam atrás de mim até às quatro da manhã. Talvez cinco. Isso significava que Trace provavelmente tinha sido arrastado para a delegacia, e Ashton já estava liberado do interrogatório.

— Não se envolva — ele rosnou para ela, em um silvo selvagem. Então sua mão se fechou sobre meu ombro e ele estava me puxando para fora da banqueta. — Se você tem alguma ideia, esses caras são ex-rangers. Então *não faça isso*.

Eu estava concordando.

— Já percebi isso.

Ele fez uma pausa, estreitando os olhos para mim, antes de soltar outro rosnado baixo e me arrastar com ele.

— Para onde você a está levando? — Molly gritou por trás. Ela parecia pronta para se lançar sobre o bar, com um bastão na mão. — Ei!

Ashton me empurrou para frente quando os outros dois caras me pegaram, e ele ficou para trás, mas eu o ouvi antes que a porta se fechasse.

— Fique fora disso.

As ruas estavam silenciosas, calmas, enquanto me colocavam na traseira de um SUV.

Foi uma sensação estranha. Parecia que o outro sapato estava prestes a cair. Só não sabia que sapato era.

CAPÍTULO 66

JESS

Eles me arrastaram para algum lugar fora da cidade.

Ashton continuou olhando para mim no caminho.

— Por que você está tão quieta?

— Bêbada. Além disso, o que você vai fazer?

— Eles invadiram nossos armazéns esta noite. Anthony mandou avisar que depois que você foi reabastecer, você fugiu, e não demorou muito para encontrar a filmagem de segurança ou identificar o detetive Worthing.

— Novamente. O que você vai fazer?

— Você soube uma hora antes das buscas começarem.

— E você veio até aqui bem rápido, então obviamente eles não pegaram muito.

Ele soltou um grunhido, estendendo a mão para mim e me puxando para ele.

— Você sabia. Você poderia tê-lo avisado!

Eu agarrei a mão dele na minha camisa, mas gritei de volta, porque a embriaguez estava começando a desaparecer. Eu estava começando a ficar chateada.

— E por que eu faria? Eu sou uma policial!

— Você está com Trace.

— Sim, estou com Trace. Não estou com o que ele faz para viver ou com o que sua família faz. Eu *nunca* vou aprovar isso.

— Então você não pode ficar com ele, porque ele é quem é sua família.

— Por favor. — Mas terminei com ele agarrando minha camisa. Torci sua mão, empurrando-o para longe de mim, e o encarei. — Não me toque de novo, ou você descobrirá meu outro treinamento básico, idiota.

Os dois ex-militares estavam no banco da frente. Estávamos no banco de trás, e o que estava no banco do

passageiro se virou para nós.

— Você precisa de ajuda?

Eu bufei.

— Sem chance.

A resposta de Ashton foi mais silenciosa.

— Estamos bem. Vamos esperar até chegarmos lá.

Revirei os olhos, mas não ia perguntar. Ele queria que eu fizesse isso e teria prazer em não me contar.

Mas, caramba. Eu queria saber outras coisas.

— Ele está bem?

— Como se você se importasse.

— Eu me importo, mas não sou uma criminosa. Nem me tornarei uma.

— Você foi informada sobre as buscas e não fez nada.

— Eu tive que fazer uma escolha. Eu posso amar Trace e não o que ele faz para viver.

— Exceto quando você poderia tê-lo impedido de ir para a prisão.

Eu atirei a ele um olhar.

— Vamos. Vocês são profissionais. Suas famílias têm feito isso por décadas. Aposto que qualquer coisa encontrada nas buscas não vai condenar Trace. E novamente, você está aqui. Isso significa que se você foi levado para interrogatório, você foi liberado. Isso significa que eles não estão olhando para você. Eles estão indo apenas para Trace e, novamente, duvido muito que encontrem algo em Trace.

— Sim? Por que isso?

— Porque é Trace. Ele é esperto.

— E eu não sou?

— Vocês dois… — Por que eu estava fazendo isso? — Deixa para lá. Interrogue-me ao chegarmos aonde estamos indo.

Ficamos em silêncio, dirigindo mais para o norte até que eles viraram em uma estrada que levava a uma pequena cabana de madeira. O local era isolado e no meio

da mata. Nesse contexto, isso era assustador pra caralho. Em um conjunto diferente de circunstâncias, isso poderia ter sido uma fuga romântica. De qualquer maneira, quando estacionamos e fui levada para dentro, pensei: *Aqui vamos nós*.

Ashton me levou para um quarto nos fundos e me empurrou para dentro, apontando para o banheiro.

— Lave-se. Tome banho. Faça o que for. Jogue suas roupas no corredor e vista novas.

Eles iriam lavar qualquer fio que eu pudesse ter em mim.

Não deveria ser uma surpresa que eu fosse a suspeita, mas doeu por algum motivo. Ainda. Eu fiz como ele instruiu. Eu não tinha nada a esconder e, vinte minutos depois, desci as escadas vestida com um casaco de moletom, calça de moletom e meias confortáveis.

Ninguém estava na cozinha. Na sala de estar. Verifiquei lá fora e avistei outro veículo, junto com outros dois caras que também eram ex-militares. Eles olharam, ambos me levando a acolhê-los, mas eles não se moveram na minha direção.

Está bem então.

Voltei para dentro e, desta vez, um dos caras estava vindo do porão. Ele me viu e assobiou.

— Ela está aqui.

— Traga-a para baixo. — Aquele era Ashton.

Ele me deu um aceno, sacudindo a cabeça em direção às escadas.

— Por aqui.

Eu não me movi, olhando as escadas.

Eu não tive medo de vir com Ashton no começo ou segui-lo para fora da cidade, mas agora uma forma totalmente diferente de apreensão estava me enchendo. Eu não gostava de porões.

Cadáveres tendiam a se acumular em porões.

Eu não queria ser o cadáver desta vez.

— Ele não vai matar você.

— Como? — Eu atirei ao cara um olhar. — Você é bem versado em situações como essas?

— Infelizmente sim. Este é um interrogatório com algemas acolchoadas. Isso ajuda?

Isso não ajudou. Vindo para mim suave não significava que o final não resultaria da maneira que eu temia.

— Trace está aqui?

— Você realmente acha que ele o deixaria vir?

Eu dei outro olhar para esse cara, porque ele estava se sentindo *muito* confortável em suas respostas, mas sua expressão era branda. Neutra.

Ashton tinha subido as escadas.

— Vamos. Quanto mais cedo isso for feito, mais cedo poderemos passar para assuntos mais urgentes.

O pavor apenas forrou todos os meus órgãos, descendo pelas minhas pernas, pelos dedos dos pés, subindo pelo meu peito. Desceu pelos meus braços, minhas mãos, meus dedos, e foi circulando até meus ombros. Não havia mais sensação boa, mas segui em frente, minhas pernas pareciam de chumbo.

Parei quando vi a sala e comecei a recuar.

— Não. Isso não vai acontecer.

A mão de Ashton veio para o meu braço quando ele deu um passo para o meu lado. O outro cara pegou meu outro braço e fui arrastada/levantada para uma única cadeira no meio de todo o porão. As paredes, o chão, o teto estavam todas cobertas de plástico.

— Jesus Cristo, Ashton. Você está falando sério?

Eles me empurraram para baixo e seguraram meus braços enquanto o terceiro cara me amarrava na cadeira. Meus tornozelos foram fechados em seguida.

Eu deveria ter lutado. Eu tinha 98% de certeza de que não seria capaz de dominá-los, mas deveria ter tentado. Apenas segui ordens, sentei-me e deixei que me

amarrassem. Mas eu sabia por quê.

A esperança.

No fundo da minha mente, pensei que se eu lutasse contra eles, isso me colocaria imediatamente na categoria de inimigo. Ashton poderia nem sequer me interrogar. Eles me matariam ou simplesmente me deixariam ir, mas informariam a Trace que eu tinha… eu nem sabia. Eu não tinha ideia do que eles pensavam agora. Este era tanto o meu interrogatório quanto o deles.

Eu tinha que me lembrar disso.

Mas caramba. Eu ainda deveria ter lutado.

— Você vai me matar, Ashton? Esta é uma reação um pouco exagerada, porque não avisei a vocês sobre a batida.

Ele veio para ficar na minha frente, e foi como se eu nunca tivesse visto o verdadeiro Ashton. Lentamente, enquanto ele me observava, vi uma camada dele se despir. Não houve mais sorrisos. Nenhuma provocação sombria. Nenhuma bondade. Sem paciência. – Não que eu tivesse visto muitos deles, mas eles estavam lá quando ele interagia com Trace. – Tudo isso se foi.

Em seu lugar estava alguém que gostava de crueldade.

Eu vi o deleite escuro. Ashton apenas deixou algum mal entrar no porão, e esse mal era ele.

— Você vai me torturar.

— Você não está aqui porque não nos contou sobre uma batida. Essa foi a desculpa. Você está aqui porque temos um espião, e é meu trabalho descobrir se é você.

Então ele começou.

CAPÍTULO 67

JESS

Fui abordada por horas. Eles me levaram para cima, jogaram-me em uma das camas e foram embora. Eu sabia sem verificar que a janela e a porta estavam trancadas. Havia um banheiro que eu poderia usar, mas estava tremendo e minhas entranhas estavam torcidas do avesso.

Ele não me tocou, mas as perguntas e o tom que Ashton usou.

Se ele pudesse ter me matado, ele teria.

Eu nunca esqueceria o olhar em seu rosto antes de jogarem um lençol sobre minha cabeça, inclinarem-me para trás e derramarem água em minha garganta.

— Você está trabalhando para alguém da família Worthing?

— Você instalou dispositivos de escuta no telefone de Trace ou em qualquer lugar em sua propriedade?

— Que informações você deu ao seu líder de equipe sobre nós?

— Você está trabalhando com a polícia na coleta de provas contra Trace?

— Você deu nossas localizações a algum membro do governo? Você foi levada para qualquer interrogatório sobre nós?

Ele fez as perguntas uma e outra vez. Tudo. Qualquer coisa. Por horas, entre os momentos em que eles me afogavam. Experimentar quase se afogar repetidas vezes tinha um efeito sobre uma pessoa. Envelheci vinte anos nas últimas três horas.

Ou nas últimas horas.

Eu não tinha ideia de que horas eram, mas estava começando a clarear. Eu estava supondo que eram seis da manhã. Talvez cinco.

Toquei minhas unhas, senti como estavam frias com meu próprio toque.

— Você está planejando transformar evidências contra Trace?

— Você está ajudando a construir um caso contra ele?

— Você concordou em trabalhar disfarçada contra a família West?

Eles verificavam meu pulso toda vez que perguntavam.

Eles me afogaram.

Eles pararam, fizeram perguntas. Verificavam meu pulso novamente.

Eles repetiram *várias vezes* até que eu percebi o que eles tinham feito.

Eu estava condicionada de modo que, se eles fizessem uma pergunta que eu sabia que me causaria problemas, meu pulso dispararia ao pensar no afogamento simulado. Demorou muito, mas foi eficaz. Eu não tinha nada a esconder, mas se tivesse, não teria conseguido segurar.



Eu devia ter adormecido.

Ao acordar, estava debaixo das cobertas, encolhida de lado em posição fetal, e quando ouvi a porta ranger, quase mijei na cama. Eu estava apavorada, apavorada demais para deixar esta cama para me aliviar.

Se Ashton não me odiava antes, não importava agora. Eu o odiava.

Ele me reduziu à criança de seis anos de idade que eu costumava ser e se tornou meu pai.

Cerrei os dentes, saboreando minhas próprias lágrimas, e ele que se fodesse. Que eles se fodessem.

Eu não me movi, ouvindo quem vinha em direção à cama.

Ele não tocou na cama. Ele não me tocou, mas era

Ashton.

— Deixe Trace em paz. Depois disso, quando você voltar, não o veja. Não ligue para ele. Não apareça em qualquer lugar que ele esteja. Você foi demitida do clube.

Deus.

Ele estava me estripando viva. Era assim que me sentia.

— Trace não tem ideia de nada disso, e ele não vai saber, porque você não vai contar a ele. Você provou esta noite que não pode separá-lo do que ele faz. — Ele se virou, indo para a porta. O chão rangeu debaixo dele até que ouvi sua pausa novamente. — Você não é a informante, mas também não está longe de ser.

Prendi a respiração, meu coração batendo contra o peito, até que ele desceu as escadas.

Eu podia ouvir conversas abaixo de mim.

Havia vozes do lado de fora.

Então, mais vozes do lado de fora e uma porta se fechou abaixo de mim. Foi alto o suficiente para sacudir a casa.

Eu não ousei me mover. Eu não podia. Ainda não.

Um carro arrancou.

As portas do carro foram abertas e depois fechadas.

Os pneus moveram-se sobre o cascalho.

Então silêncio.

Nada.

Corri para o banheiro, caindo no chuveiro enquanto minha bexiga liberava ao mesmo tempo em que vomitava, esvaziando tudo o que estava dentro de mim. Incluindo eu.

CAPÍTULO 68

JESS

Um mês depois

Meu telefone começou a tocar enquanto eu equilibrava uma caixa em meus braços, pisando na varanda da frente.

Molly se aproximou, tirou meu telefone do bolso de trás e me mostrou a tela.

Trace chamando.

— Ignore isso.

Ela apertou *o botão para recusar*, colocou o telefone de volta no meu bolso e abriu a porta para mim.

De todos os lugares para onde eu estava me mudando, sim. Eu não poderia começar a explicar isso.

— É a terceira ligação que ele fez hoje, e só estou com você há uma hora.

Eu dei a ela um olhar, levando minha caixa para a cozinha da minha mãe.

Sim. Casa da minha mãe. A piada estava em mim, de muitas maneiras.

Ela olhou ao redor da casa, notando o cheiro de mofo.

— Sua mãe está onde mesmo?

Hesitei enquanto colocava a caixa sobre a mesa e me virava, voltando para pegar mais.

Ela me seguiu, pegando uma das caixas de luminárias.

— Ela está na reabilitação — falei enquanto voltava pela calçada e entrava na casa.

— Você está se mudando para cuidar do lugar. Além disso, eu sabia sobre a reabilitação, mas você não tinha me contado oficialmente, então você sabe, sendo atenciosa aqui.

Abri um sorriso e indiquei que ela poderia colocar a caixa no chão. Coloquei a minha no chão e estávamos voltando. Faltam apenas cerca de trinta viagens. Ou

sessenta e nove viagens. Eu estava tentando não contar.

— Sim, bem, ela não está aqui, e não posso mais pagar meu aluguel, não sozinha. Então aqui estou. Mudando-me para cá e esperando que minha mãe não me expulse quando descobrir.

Ela grunhiu.

— Não me diga. Meu pai fez isso comigo uma vez, apontou uma espingarda para mim e tudo mais. O café da manhã de sábado nunca foi o mesmo entre nós.

Eu dei-lhe um olhar porque… o quê? Mas também, eu esperava que ela falasse mais sobre isso. Isso me salvaria de compartilhar a tristeza e a dor que tomaram o lugar da minha vida. Como ser suspensa, ser demitida, ser interrogada, ser torturada, ter sua melhor amiga fazendo uma pausa de segurança e, o mais recente, não ter dinheiro, então você precisava ser um adulto e reconhecer a situação. Ou seja, eu precisava fazer algo sobre minhas despesas de vida, ou estaria com sérios problemas em alguns meses a partir de agora.

Eu realmente estava rezando para que minha mãe não me expulsasse. Ela havia me banido do hospital, depois foi para uma clínica e agora estava em um local de tratamento de reabilitação. Disseram-me que ela estava se tornando uma pessoa totalmente nova, mas eu teria apenas que confiar e orar por uma mãe não tão amarga e abusiva quando ela voltasse para casa.

Então sim. Havia isso. E eu nem tinha entendido como a última visita de Ashton tinha causado impacto e estava evitando Trace totalmente.

Ele ligava. Eu recusava.

Ele mandava uma mensagem. Eu deletava.

Ele apareceu no meu apartamento e eu me mudei. Ele era a outra razão pela qual eu estava me mudando, e tinha certeza de que ele tinha um cara me seguindo. Eu notei alguém outro dia, então eu teria que fazer algo para aquele cara para assustá-lo pra caralho. Até então, eu

esperava que ele não aparecesse aqui. Eu não achava que ele iria. Leo ainda vinha verificar o local.

Leo, que não sabia que eu havia tomado uma decisão executiva e estava me mudando. Achei que ainda tinha o direito, já que ela nunca havia trocado as fechaduras. Bear me disse que eu poderia trabalhar no bar dele se precisasse de dinheiro extra, mas considerando que metade de seus clientes eram meus amigos, que eu tinha certeza de que sabiam tudo sobre com quem eu estava transando, não estava tão desesperada. Ainda.

Eu estava segurando algum orgulho.

Mas Molly era a única amiga com quem eu mantinha contato. Eu não deixaria Val chegar perto de mim. Não queria que nada voltasse para ela e lhe causasse problemas com sua carreira, e às vezes isso poderia acontecer. Eu também não tinha procurado Kelly. Concordei com ela e Justin quando ela disse que eles iriam ficar longe.

Achei que quando estivesse resolvida, entraria em contato. Eu estava longe de estar resolvida, mas Molly me ofereceu um emprego temporário. Eu estava pensando nisso. Quem recusaria um emprego de bartender em uma pista de boliche?

Terminamos duas horas depois. Minhas panturrilhas precisavam ser alongadas, enquanto Molly tinha feito um ótimo trabalho segurando a porta para mim todas as vezes.

— Ok. — Ela me puxou para um abraço. — Deixe-me saber se você precisar de alguma coisa. Avise-me quando posso contratá-la ou, para ser mais honesta, quando posso demitir Sebastian. Má jogada da minha parte, esperando que eu estivesse contratando secretamente o Soldado Invernal já que ele meio que se parece com o cara, mas sim. Muito preguiçoso e aprendi minha lição. Só contratarei amigos ou pessoas que realmente tenham experiência como bartender. Vejo você mais tarde. — Ela me deu uma saudação de dois dedos, saindo.

— Obrigada novamente!

Outro aceno dela enquanto se dirigia para a rua e depois para onde havia estacionado.

Eu estava com o caminhão alugado para a noite, mas olhei em volta, passando pela casa.

Estava vazia, com muita merda dentro. A merda da minha mãe, mas merda mesmo assim. Havia pilhas de poeira. Os tapetes precisavam ser limpos. Provavelmente havia mofo nas paredes ou na comida. Eu sabia que provavelmente estaria vasculhando garrafas de bebida vazias na próxima semana, mas por que eu estava ficando engasgada?

Além disso, essa questão nunca foi corrigida. O que Bear e Leo estiveram fazendo esse tempo todo?

Não querendo lidar com *esses* sentimentos, fui em busca de bebida. Dez minutos depois, eu estava voltando para o caminhão alugado com uma garrafa de vinho cheia na mão.

Eu ia fazer o que vinha fazendo o mês inteiro: pintar e beber.



Dois dias depois, Kelly me ligou.

CAPÍTULO 69

TRACE

Jess: Eu quero encontrar você.

Eu estive em seu estúdio.

Vi todas as pinturas que ela fez. Vi cada nova pintura na próxima vez que voltei.

Eu estive no apartamento dela. Passei por lá quando ela não estava.

Era óbvio que ela não queria nada comigo.

A merda tinha batido no ventilador.

Meu tio estava ligando, exigindo saber o que estava acontecendo. Quem estava falando com o FBI, com o Departamento de Polícia de Nova Iorque, com quem quer que fosse, porque foi uma força-tarefa conjunta na época em que a busca aconteceu. E Ashton, a merda que ele fez.

— Você fez o quê? — Devia ter ouvido Ashton errado, o que ele fez, o que ele fez com Jess.

Uma parede caiu sobre seu rosto e ele ergueu o queixo.

— Você me ouviu. Eu fiz o que tinha que fazer. Tínhamos que saber se foi ela...

— Não foi ela! Eu disse que não foi.

— Eu tinha que saber. — Sua mandíbula apertou.

Sua maldita mandíbula. A mandíbula que eu ia quebrar. A mandíbula que ele teria que fazer uma cirurgia para colocar de volta no lugar.

— Você não fez isso com ela.

— Eu fiz, Trace. E faria de novo também. Eu tinha que saber!

— Não! Você não acreditou em mim.

— Eu fiz isso por você!

— Besteira.

— NÃO! Não, Trace. Não. Temos que saber. Nesta vida,

temos que saber. Qualquer um pode se virar contra nós, e você sabe disso. Alguém. Até as mulheres que amamos. São elas que farão isso primeiro. Eu fiz isso por você. — Seus olhos estavam em chamas. Ele quis dizer cada palavra que disse, mas ele tinha levado a minha mulher.

Eu me virei, encarando-o diretamente, e estendi a mão. Meu paletó foi tirado primeiro.

Os olhos de Ashton piscaram agora. Ele xingou, abaixando a cabeça, mas também me encarou.

Ele levou Jess. Ele a amarrou a uma cadeira.

Ashton estava me estudando. Seus olhos estavam fechados. Ele sabia o que estava por vir.

Eu não me importava mais com o que estava na cabeça dele, porque ele torturou a mulher que eu amava.

— Se alguém seria o único a interrogá-la, deveria ter sido eu.

Ele fechou os olhos, a cabeça baixa, e uma maldição selvagem escapou dele.

Eu levantei uma sobrancelha. Sim. Ele tinha fodido tudo, e ele estava entendendo agora.

— Minha mulher. Meu interrogatório.

— Você não iria...

— Não me diga o que eu não teria feito. Sempre há maneiras de fazer isso sem precisar fazê-la se sentir como se estivesse se afogando!

Cansei de palavras.

Eu sabia exatamente o que ele tinha feito, e ele pagaria.

Todos pagariam, mas Jess se fora.

Sem chamadas. Sem mensagens. Ela havia saído do clube.

Agora ela havia saído de seu apartamento.

Ela veio para cá, para a casa de sua mãe, a mãe que vomitava ódio contra ela. Eu não sabia com quem diabos a mulher que eu amava estava se cercando, mas eles não eram seus amigos. Eles não eram seus aliados.

Leo Aguila.

Patrick Rivera, também conhecido como Bear.

Eles mentiram. Disseram uma coisa na cara dela e fizeram o contrário.

Então Kelly. Ela fazia sentido. Justin fazia sentido, mas ambos foram pegos enquanto a luta não havia parado entre a família Worthing e a minha. Ela aumentou, porque Jess não era a informante. Outra pessoa era. Eu só precisava descobrir quem.

Mas Jess. Ela era quase uma obsessão doentia agora, e aqui estava eu, caminhando pelo porão da casa de sua mãe, porque era para lá que ela tinha levado suas telas. O estúdio que ela usava estava sendo demolido. Eu mesmo vi o aviso do inquilino.

Parei na última tela, vendo que era nova. Ela não tinha isso dois dias atrás.

Eu me agachei, estudando-a.

Era eu. Então paisagens de tempestade. Agora ela estava se pintando. Essa última era ela quando criança. Ela estava no canto, os braços em volta das pernas. As sombras eram grandes, ameaçadoras, pairando sobre ela. Duas sombras masculinas estavam do lado de fora da janela. A porta estava um centímetro aberta, a luz brilhando, e ali, bem onde deveria estar a maçaneta, havia uma mão em seu lugar.

Quem eram aqueles? O que eles iriam fazer? Confortá-la? Aterrorizá-la?

Prejudicá-la?

Eu tinha uma necessidade irracional de saber o que aconteceu naquela noite, descobrir quem a colocou encolhida no canto e rasgá-los.

Ultimamente eu andava com essa sensação muitas vezes.

Carregar, apertar.

O som de uma arma engatilhando e um passo protestando sob o peso de alguém me disse que a farsa

tinha acabado.

A voz de Jess estendeu-se pela escada.

— Não se mexa. Eu liguei para a polícia. — Ela desceu três degraus, agachando-se o suficiente para me ver. — O que… você está fazendo no meu porão?!

Eu levantei uma sobrancelha.

— Você mandou uma mensagem mais cedo. Disse que você queria me encontrar.

— Não na minha própria casa.

— Da sua mãe.

Ela desceu os últimos degraus, guardando a arma.

— Você está brincando comigo?

— Não. — Bem. Ela queria lutar. Eu também!

Eu precisava disso, porque esse último mês foi uma merda.

Eu fiquei na cara dela.

— Onde você estava?

— O que… — Ela vacilou, recuando. — Estou trocando as fechaduras. E do que você está falando?

— A batida. Onde você estava?

— Ashton não contou?

— Eu sei o que ele fez e, acredite, também não estou feliz com isso, mas durante a batida, onde você estava?

— Fui avisada.

— Eu sei.

— Então por que você está perguntando?

Cristo. Eu queria transar com ela.

Eu queria agarrá-la, virá-la, pressioná-la contra a parede e afundar meu pau dentro dela até que só saísse na próxima semana. Em vez disso, abaixei minha cabeça para ficar a sete centímetros dela e perguntei de novo.

— Onde diabos você estava?

— Eu não poderia avisá-lo. Estou na aplicação da lei.

— Onde você estava?! — eu estava rugindo.

Ela não vacilou. Ela não se importava. Ela ficou mais alta.

Ela levantou a voz.

— Eu estava no Easter Lanes!

— Por quê?!

— Porque eu estava me escondendo. Ok?! É isso que você queria ouvir? Eu estava me escondendo porque queria ter certeza de que você sabia que não os estava escolhendo, mas também não estava escolhendo você. Estou suspensa. É o meu código moral. Isso é quem eu sou no meu núcleo. Eu não posso não ser eu.

— Besteira.

— É o que?

— Besteira. Não está arraigado em sua fibra moral de ser. Se estivesse, não haveria você e eu. Você teria tentado me prender assim que descobriu quem eu era. Você nunca considerou isso.

— Eu considerei.

— Ser uma oficial de condicional é o que ajuda você a entender o mundo. Entendo. Eu entendo. Seu pai era um criminoso. Sua mãe era uma bêbada abusiva. Seu irmão era viciado e está na prisão. Você foi contra a corrente porque precisou. Isso lhe deu uma aparência de controle, mas não me diga que você é alguém que não é. Eu conheço você. Eu estive dentro de você.

Ela respirou fundo, mas estava me ouvindo. Ela estava olhando para longe, mas ela estava ouvindo.

— E antes que você fique toda poderosa comigo, deixe-me lembrá-la de que não me importo. Você poderia ser uma juíza federal, e eu tentaria mover céus e infernos para estar ao seu lado, mas sabe onde você estava naquela noite? *Não* ao *meu* lado.

Ela se encolheu, fazendo uma careta.

— Trace. — Ela começou a estender a mão para mim.

Eu dei um passo para trás.

— Eu não me importo que você não tenha me avisado. Você sabe que sou mais esperto do que isso, mas o que me importa é que você se escondeu quando alguém estava

fazendo muito para arrancar o chão debaixo de mim. Você não estava lá para ajudar, apoiar ou ser a única a me algemar. Eu não me importo com qual papel seja. Eu só quero você. Eu amo você. Isso não mudou para mim. Estou obcecado por você.

— Pare! — Ela estava chorando. Lágrimas escorriam por seu rosto. Ela não se moveu para limpá-las. A mão dela começou a tremer. — Sinto muito. Eu não sabia que era assim que você se sentia. Da próxima vez…

Eu dei uma risada, e soou feio até para os meus ouvidos.

— Próxima vez. Não haverá uma próxima vez, porque vou descobrir quem está vazando minhas informações para a polícia e vou eliminá-lo. Isso é o que vou fazer estando você ao meu lado ou não.

Seus olhos se fecharam por um breve segundo e, quando se abriram, vi como ela estava chocada. Assombrada.

Porra.

Algo em mim estalou.

Estendi a mão para ela, quase cego sobre isso porque, meu Deus, ela era minha, e ela não estava em meus braços, e não era assim que deveria ser. Toquei seu braço e esperei. Ela me afastaria? Ela engasgou, sua mão encontrando a minha, e ficamos parados por um segundo. Um momento. Seus olhos estavam em mim, os meus nela, e eu vi o desespero ardente nela antes que ela se lançasse sobre mim.

Sua boca na minha.

Deus. Eu poderia respirá-la novamente.

Eu podia senti-la novamente. Prová-la.

Nós éramos rápidos, ásperos. Frenéticos.

Mãos um no outro. Tocando em todos os lugares. Bocas. Línguas. Eu rasguei sua calça ao mesmo tempo em que ela estava desfazendo a minha, então estendendo a mão para dentro de mim. Ela me encontrou e colocou a

mão em volta do meu pau. Eu me acalmei, porque isso era tão bom. Tão certo. Ela começou a me acariciar.

Eu gemi, descansando minha cabeça em seu ombro enquanto ela continuava.

Sua outra mão bateu na parte de trás da minha cabeça, segurando-me no lugar. Suas pernas se ergueram, passando pela minha cintura. Eu a peguei, movendo-me, colocando-a em algo, qualquer coisa. Eu não tinha ideia do quê. Uma mesa? Isso segurou nosso peso, então não me importei.

— Baby — murmurei, levantando minha cabeça e olhando para ela.

Seus olhos estavam cegos, vidrados. Ela estava além de falar.

Estendi a mão para ela, deslizando um dedo, e ela gemeu, sua cabeça caindo para trás.

Um segundo dedo.

Eu amava o quão apertada ela era, e trabalhava-a. Dentro e fora.

Ela fez uma pausa, saboreando o que eu estava fazendo com ela, mas eu precisava estar dentro dela. Fazia muito tempo.

Eu me movi, puxando a calça dela pelo resto do caminho, empurrando a minha para baixo, e eu me alinhei. Fiquei imóvel por um segundo, olhei para ela. Ela estava me observando, mordendo o lábio, e seus olhos estavam escuros, derretendo. O menor dos acenos dela, e eu deslizei para dentro.

Empurrando.

Fiz uma pausa quando estava fundo e nós dois começamos a tremer.

Eu tinha que me mover. Tinha que fazê-lo.

Empurrando, comecei a me mover. Ela revirou os quadris comigo.

Este momento no tempo foi uma dicotomia. Lento e amoroso, mas também frenético e rude. Eu continuei me

movendo nela, e ela estava apertando em torno de mim, suas pernas apertando minha cintura. Assim que senti seu corpo começar a tremer, sua própria liberação, soltei um grunhido e comecei a meter nela com mais intensidade.

Ela agarrou meus ombros, mas ela estava me puxando em sua direção. Suas pernas segurando firme, e uma vez que sua liberação passou por seu corpo, ela começou a me encontrar, ajudando-me.

Deus.

Por favor.

Droga.

Rosnei quando minha liberação aconteceu, e eu a segurei, cavalgando o resto das ondas. Eu ainda podia sentir a dela também; seu corpo estava fazendo um pequeno movimento brusco. Ela estava totalmente deitada sobre a mesa e eu me levantei quando pude, olhando para ela.

Eu não conseguia falar, mas toquei o lado de sua boca, onde ela estava mordendo.

Seu peito subiu e ela fechou os olhos ao toque. Uma nova ternura passou por mim, uma que era nova para mim, mesmo com Jess. Puxando-me para fora dela, me virei e vi a pintura. Estava apoiada no canto, apenas na linha de visão.

Uma garotinha estava no canto.

— O que aconteceu lá? Aquela noite?

Uma porta estava se abrindo, mostrando a luz brilhando sobre ela. No canto do quadro, um braço abria aquela porta.

O chão parou debaixo dos meus pés. Eu não conseguia desviar o olhar daquela pintura.

— O quê? — Sua voz caiu para um sussurro.

— É você. Eu sei que é uma memória. Eu sei que aquela noite ocorreu. O que aconteceu depois que quem quer que seja entrou em seu quarto?

— Eu... — Ela engasgou novamente. — Não me lembro.

— O que você quer dizer?

Ela balançou a cabeça.

— Tenho pintado no último mês e estou começando a ter essas memórias voltando para mim. Esta, não sei o que aconteceu, mas sei que havia dois homens maus do lado de fora da minha casa. E eu me lembro que algo aconteceu naquela noite, algo ruim.

O desejo de matar quem quer que estivesse em sua pintura estava borbulhando, crescendo em mim. Estava girando com todas as outras merdas dentro de mim. Parte disso era raiva dela, mas raiva de mim também.

— Você me excluiu. — Baixei a voz.

— Eu estava tentando fazer a coisa certa. Ashton…

— Eu não dou a mínima para o que Ashton disse para você. Ele é meu melhor amigo. Eu sempre vou amá-lo, mas agora eu poderia arrancar a cabeça de seu pescoço. Ele tirou você de mim.

Ela estremeceu, sua cabeça recuando para trás.

Era aquele olhar de novo. O olhar assombrado.

Eu o tinha colocado lá, mas não era só eu.

— Confie em mim, não estou bem com o que ele fez.

Suas sobrancelhas se moveram juntas. Uma leve carranca puxou sua boca.

— O que você fez?

— Eu *o coloquei* no hospital.

— O quê?

— Ele já saiu, mas ele esteve lá por alguns dias. Trocamos umas palavras, e as palavras não foram suficientes, então subimos um nível. Ele está bem ciente de que se ele foder com meu relacionamento de novo, haverá danos permanentes.

— Jesus, Trace. Um soco teria bastado.

— Não. — A mesma raiva daquele dia voltou, e era do tipo letal. — Não teria. Sinto muito pelo que ele fez.

O olhar assombrado estava ali, mas mudou um pouco, parecendo mais oco. Ela passou a mão pelo rosto.

— É por isso que eu queria encontrar você. Ou meio porque queria que me encontrasse. Kelly ligou hoje. Ela disse que algo aconteceu. Justin tem pavor de sua família. Ela não conseguiu entrar em contato comigo pelo telefone, mas disse que não é seguro me encontrar. Ela foi inflexível quanto a não terem feito nada contra você, e acredito nela. Eu saberia. Kelly é um monte de coisas, mas ela não é uma mentirosa. Ela é uma mentirosa horrível. Ela soluça quando está tentando encobrir alguma coisa.

Soluçar quando você mente. Isso era uma dica engraçada às vezes. Outro dia e eu teria sorrido com isso. Hoje não.

Eu estava além de exausto hoje.

— O que você precisa de mim? — Ao olhar dela, eu esclareci: — Você não ligou para voltarmos a ficar juntos. Sua melhor amiga ligou. Você precisa de algo de mim?

— Kelly perguntou se eu conhecia alguém que pudesse ajudar ela e Justin a se esconderem. Sair da cidade e basicamente desaparecer. Ela me perguntou, mas a única pessoa que conheço que poderia fazer isso é… — Sua mão se estendeu, indicando-me. — Se eles precisam desaparecer, só posso imaginar que algo ruim aconteceu com a família dele. Ela não me ligaria se precisassem se esconder de você. Eles simplesmente iriam, provavelmente para o México. Você mencionou a Rede 411. Você conhece alguém que poderia ajudar Kelly e Justin?

— Eles normalmente não escondem as pessoas nessa situação. Só quando a pessoa está sendo abusada. — Ela começou a abrir a boca. — Mas vou estender a mão. Eu tenho uma reputação diferente da do meu tio. Eles já trabalharam comigo.

Ela expeliu um pouco do ar que estava segurando.

— Obrigada. De verdade.

E o motivo do encontro foi descoberto.

A próxima parte era eu saindo.

— É assustador que você esteja no meu porão.

Eu sorri agora, porque ela acabou de abrir uma outra conversa. O que me dava tempo. Eu poderia ficar um pouco mais.

— Eu não me importo.

Ela estava olhando ao redor, franzindo a testa.

— Acabei de colocar isso aqui. Como você soube…? — Ela engasgou, girando de volta para mim. — Você *tem* um cara me observando, não é? Pensei que estava ficando louca, mas você tem um cara me observando. Não tem?

— Eu sempre tive alguém observando você.

— Trace — ela começou.

— É o que fazemos no meu mundo. Eu me preocupo com você. Eu quero proteger você. Não me peça para tirá-lo de você. De novo não. Não depois do que Ashton fez. Eu não posso fazer isso. Eu *não vou* fazer isso. Nunca vou parar de me preocupar com você. É o que você faz quando ama alguém.

— Trace — ela sussurrou.

Ela respirou fundo, mas as emoções estavam lá. A umidade estava brilhando em seus olhos, escorregando, acumulando-se em suas pálpebras inferiores. Ela fechou os olhos e algumas das lágrimas foram empurradas para fora. Elas desceram por suas bochechas.

— Eu odeio chorar. Odeio.

Estendi a mão para ela, rezando para que ela não recuasse.

Eu precisava tocá-la.

Minha mão roçou seu rosto, e ela prendeu a respiração, mas ela não me afastou. Ela deu um passo em minha direção, abrindo aqueles olhos, e vi a dor. Eu vi o apelo também, e isso era tudo que eu precisava.

Eu me movi quando ela estava me alcançando.

Eu precisava dela, mas ela precisava de mim tanto quanto.

Nós dois éramos viciados.

CAPÍTULO 70

JESS

Seis da manhã e eu não conseguia dormir.

O sol espreitava pela cortina do meu quarto. Meu antigo quarto. Eu tinha troféus de softball em uma prateleira. Alguns de basquete. Vôlei. Você diz o esporte, eu joguei. E as fotos dos meus times esportivos. Elas foram emolduradas e penduradas na parede, junto com algumas fotos minhas e de meus amigos.

Trace rolou na cama, seu braço descendo para descansar na minha cintura, e ele se moveu, beijando meu ombro.

— Você está bem?

Não. Sim.

Coloquei minha mão sobre a dele e entrelacei nossos dedos.

— Eu não faço ideia.

Ele ficou tenso, levantando a cabeça. Estudando-me.

— Ei. — Ele se ergueu de modo que estava descansando de lado, olhando para mim, e eu rolei minha cabeça no meu travesseiro, olhando-o. Sua mão, ainda com a minha, achatada no meu estômago. Mudei minha mão para que a palma dele estivesse na minha barriga enquanto meus dedos ainda estavam presos aos dele.

— O que está acontecendo? — ele perguntou.

Estendi a mão, peguei meu telefone e mostrei a ele a mensagem.

— Recebi isso há uma hora.

> Bear: Sua mãe está voltando para casa hoje. Ela gostaria de ver você. Talvez possa ir para casa hoje à noite?

— Ele não sabe que você já está aqui?

Dei de ombros, levantando meu ombro na cama.

— Acho que não. Não me surpreende. Este lugar não estava sendo cuidado por ninguém.

Ele me devolveu o telefone, a palma da mão começando a esfregar meu estômago.

— Ela é sua mãe. Ela passou por meses de tratamento. Para alguém ficar tanto tempo, isso significa que ela escolheu ficar melhor. Acho que vai ficar bem.

Ele não conhecia minha mãe.

— Ela me odeia, e não sei por quê. A menos que ela esteja realmente brava por eu ter entrado na polícia e Isaac estar na prisão, se ela me culpa por isso.

— Vai ficar tudo bem.

— Como você sabe? Quero dizer, realmente. Como você sabe disso? Você não sabe. Você não tem ideia se vai ficar tudo bem ou não. — Eu precisava me mover. — Sinto muito. Estou apenas no limite.

Eu precisava estar ocupada. Fazer alguma coisa. Eu não poderia sentar aqui e ficar pensando.

Eu não poderia sentar aqui e *sentir*.

Levantei-me, balançando minhas pernas para o lado da cama.

Trace se sentou comigo.

— O que você está fazendo?

Eu balancei minha cabeça, de pé. Peguei um suéter e o vesti.

— Eu não faço ideia. Banho? Então café? Depois vou limpar todos os malditos cômodos desta casa até que eles apareçam, acho.

Caminhei descalça até o banheiro, puxando a cortina para trás e abrindo a água.

Eu mal podia esperar que esquentasse.

Eu não podia esperar por nada.

Eu fiz xixi. Lavei minhas mãos. Escovei meus dentes. E olhei em volta, esperando aquela água esquentar. Não havia toalhas. Jesus. Para onde foram todas as toalhas?

Mas o chuveiro ainda estava ligado. Estava pronto?

Exalei uma respiração profunda. Eu precisava juntar minhas coisas.

— Ei. — Trace veio atrás de mim. Ele colocou a mão nas minhas costas, e isso me acalmou, apenas com aquele toque. Um pouco de sua calma se infiltrou. Ele se inclinou ao meu redor, testou a água e moveu o botão até que estivesse em uma boa temperatura. Enquanto esperava, ele ficou atrás de mim, movendo-se para que seu corpo tocasse o meu.

Eu o respirei, precisando de um pouco do que ele tinha que parecia me centrar.

— Ok. — Sua voz era rouca. — Está pronto.

Eu balancei a cabeça antes de tirar minhas roupas, mas estava me movendo mais devagar agora. Mais lânguida. A necessidade de 'fugir' não estava me dominando tanto. Trace me ajudou a tirar minha regata e a calcinha, e quando entrei no chuveiro, seus olhos estavam rindo.

Eu não fechei a cortina, entrando sob o jato de água.

Ele se encostou na parede, cruzando os braços, e me observou enquanto eu tomava banho.

Enquanto molhava o cabelo. Lavava meu cabelo com shampoo.

Seu olhar mergulhou para baixo, movendo-se para cima e para baixo no meu corpo enquanto eu começava a enxaguar o xampu e, em seguida, aplicava um pouco de condicionador. Depois disso, lavagem corporal, mas ele entrou comigo. Suas mãos cobriram as minhas quando comecei a mover a bucha sobre o meu corpo, o sabonete líquido vazando em bolhas.

Nenhuma palavra foi compartilhada.

Todo o meu corpo esquentou, mas eu ainda estava aliviada ao mesmo tempo.

Eu tinha sentido falta disso com ele.

Eu não tinha percebido que ele fazia isso comigo. Ele

me fazia me sentir bem. Protegida. Amada. Apenas por estar perto de mim. Eu nunca recebi isso de ninguém antes e sabia que não o faria novamente.

Era Trace para mim. Eu não era do tipo que abria meu coração para o próximo cara. Não haveria próximo cara. Trace entrou, e isso foi um ato divino por si só. Quando ele começou a me lavar, peguei sua cueca boxer e a puxei para baixo. Ela caiu no chão do chuveiro. Ele saiu dela, mas então suas mãos estavam me circulando.

Eu estava estendendo a mão para ele.

Sua boca encontrou a minha e, alguns minutos depois, ele estava me pressionando contra a parede e deslizando para dentro de mim. Ele me segurou enquanto bombeava dentro de mim. Eu o segurei, nossas bocas se provando.

Minha mãe reclamaria da conta de água, mas valia a pena.

Trace valia a pena.

CAPÍTULO 71

JESS

A casa estava limpa. Eu tinha verificado todos os cômodos. Cada prateleira. Os produtos foram organizados, os produtos vencidos foram jogados fora e os recipientes foram para uma lixeira. Trace me ajudou. Sua camisa estava molhada de suor à tarde, grudada em suas costas muito musculosas e bem torneadas, e eu estava começando a perder a motivação com o que estávamos fazendo.

Lembrando a sensação dele no chuveiro esta manhã, ontem à noite.

Deus. Estava pior do que antes. Eu estava apenas começando a sentir o quanto o amava, mas nessa noite estava ardendo em chamas. Ele ajudou com tudo. Nem uma palavra de reclamação sobre isso. Ele não pediu nada. Ele viu o que eu estava fazendo e se moveu para me ajudar.

— Você não tem coisas ruins da máfia para fazer hoje? — perguntei a certa altura, sentando-me sobre os calcanhares, meus joelhos no chão. Eu tinha passado a esfregar o chão da cozinha, porque a sujeira entre os ladrilhos não saía. Ele veio até a porta, viu o que eu estava fazendo e desceu para usar um pano do outro lado da cozinha.

Ele me lançou um olhar.

— Se acha que vou deixar você quando está com medo de ver sua mãe novamente, você realmente não tem ideia do que o amor significa para mim. — Ele fez uma pausa. — Significa estar ao seu lado em dias como estes.

— Se Ashton precisar de você…

— Estou aqui. Pare de tentar decidir se gosta que eu esteja aqui ou se quer me expulsar. Não vou me assustar.

Minhas entranhas estavam todas bambas e amontoadas. Eu dei a ele um sorriso trêmulo, pegando minha toalha novamente.

— Estou um pouco confusa.

— Eu também ficaria. Está bem. Hoje pode ser uma confusão.

Meu sorriso não era tão vacilante.

— Obrigada.

Seus olhos se suavizaram antes que ele assentisse.

— Eu sei que você vai ficar chateada se não esfregar cada centímetro desses ladrilhos, então vamos fazer isso. Depois podemos passar para outra tarefa impossível antes que sua mãe apareça. Espero que possamos nos limpar mais tarde também. Talvez outro banho? — Suas sobrancelhas subiram e ele me deu um meio sorriso.

Voltamos ao trabalho.

CAPÍTULO 72

JESS

Faróis iluminaram a casa quando um carro entrou na garagem.

Jesus.

Porra.

Cristo.

Eu pulei de onde Trace tinha me puxado para o sofá, em seu colo. Ou, mais precisamente, *pulei* de cima dele. O que estávamos fazendo?

Certo. A casa. Estava tudo bem? Arrumado?

Estava. O lugar estava brilhando, estava tão limpo. Todos os cobertores foram dobrados e colocados na cesta de cobertores que ela tinha no canto. Nós limpamos todas as garrafas vazias de bebida, e eu quis dizer todas elas. Havia uma tonelada. Trace me disse que agendou uma coleta de lixo e reciclagem especialmente para tudo o que separamos hoje.

A casa parecia ter sido reformada pela metade, de tão grande que era a mudança.

E caramba, eu estava quase tremendo.

Eu podia vê-la subindo a entrada da garagem. Bear estava atrás dela, trazendo suas malas.

Ela ganhou peso. Eu me virei para Trace, perguntando-me se ele tinha visto isso também. Isso geralmente era um bom sinal, ganho de peso. A pele também brilhava. Mas, em vez disso, ele estava me observando, e o amor que irradiava dele me deixou sem fôlego.

Esqueci, por um momento, onde estávamos. O que estava acontecendo. Éramos ele e eu, e eu sentindo o que ele sentia por mim.

Meus lábios se separaram, todo o meu corpo parecia estar brilhando, mas então ouvi a varanda da frente ranger sob o peso de alguém.

Eles estavam entrando.

Era uma questão de segundos agora.

A chave entrou na fechadura.

Eu a ouvi dizer algo para Bear, mas não consegui entender. As batidas em meus ouvidos silenciaram todo o resto, mas a porta estava se abrindo.

Mudei-me para o meio da sala, alisei minhas mãos na calça. Elas estavam suando.

Ela entrou e parou. Sua boca se abriu enquanto ela observava a casa. Seu olhar subiu, ao redor, e lentamente, muito lentamente, ela me encontrou.

— Oi. — Comecei a avançar, mas recuei, porque era demais.

Eu não queria assustá-la.

— Oi. — Ela estava piscando. Não havia reação em seu rosto. Ela olhou ao redor, vendo Trace e parando ali. — Oi.

Ele deu um passo ao meu lado, uma mão vindo para as minhas costas.

— Olá.

Bear avançou e nos viu, mas seguiu e colocou as malas na escada. Seu olhar se fixou em mim, mas caiu para onde a mão de Trace estava, e seu pomo de Adão subiu e desceu.

— Veja, você recebeu minha mensagem. — Ele deu uma olhada na casa. — Suponho que você fez isso? Deve ter trabalhado o dia todo.

— Trace ajudou.

— Oh. — Da minha mãe, mas soando apenas surpresa. Sem julgamento.

O olhar de Bear endureceu. Ele não comentou.

— Pat. — Minha mãe tocou seu bíceps. — Acho que preciso de um tempo com minha filha. Tudo bem?

— Você quer que eu fique, mas dê espaço a vocês? — As palavras foram dirigidas a minha mãe, mas seu olhar não se moveu de Trace.

— Não. Estou bem. Acho que Trace estaria disposto a levar minhas malas para o meu quarto?

— É claro.

Bear olhou para ele enquanto ele se aproximava, pegava as malas e as levava para cima.

— Chelsea… — Bear começou.

— Não. — A mão dela ainda estava em seu braço, mas ela estava focada em mim.

Engoli em seco com um nó na garganta. Eu não via aquele olhar dela há anos, desde que eu era pequena. Era minha mãe, e eu não tinha ideia de como processar isso. A raiva aumentou, mas isso era estranho. Eu empurrei isso para baixo. Ela franziu a testa um pouco.

— Estou bem, Patrick. Você foi gentil ao me buscar. Trazendo-me de volta até aqui, mas preciso de um tempo com minha filha.

— Chelsea.

— Bear. — Ela foi firme desta vez. — Estou bem.

Ele abriu a boca, mas ela lançou-lhe um olhar, e ele a fechou. Ele olhou na minha direção.

— A folga parece combinar com você, menina Jessie. Você parece bem. Você e sua mãe parecem bem. — Ele se aproximou e me abraçou, dizendo no meu ouvido: — Ele faz qualquer coisa, você me avisa. Ok? Eu não me importo quem ele controla. Ninguém mexe com a minha família.

Eu o abracei de volta.

— Obrigada, Bear. — Eu não iria me concentrar no resto, porque havia alguns sentimentos ruins entre mim e ele, especificamente de mim para ele quando ele me empurrou para fora, então deu um ultimato à minha mãe. Então, novamente, talvez tenha funcionado? Ela não estava me xingando, procurando um pouco de bebida e me expulsando. Ou ela não estava fazendo nada disso ainda.

O tempo diria se alguma coisa realmente havia mudado.

Ele saiu, e então éramos minha mãe e eu. Minha mãe.

Mãe. Como diabos eu a chamaria agora? Eu não fazia ideia.

Eu me conformei com *Chelsea*.

A tristeza brilhou em seu olhar antes que ela abaixasse a cabeça. Suspirando.

— Mereço isso, eu acho. Mereço. Eu sei que mereço.

O pânico tomou conta de mim.

— O quê?

Ela ergueu a cabeça, aquele olhar de "mãe" em vigor.

Eu não gostei desse olhar. Parecia errado. Como se ela estivesse me vendo com a roupa errada. Fez minha pele parecer que não tinha se acomodado direito no meu corpo.

— Você limpou a casa?

Eu balancei a cabeça.

— Com a ajuda de Trace, como eu disse.

Seus olhos ficaram distantes, e ela assentiu.

— Eu estou entendendo isso. — Ela começou a olhar em volta antes de soltar uma gargalhada. — Deus. Olhe para nós. Você está agindo como se tivesse sido pega roubando dinheiro para a merenda escolar, e aqui estou eu, nervosa como se fosse meu primeiro encontro. Eu lhe ofereceria algo para beber, mas não sei o que há em minha própria cozinha.

Eu me balancei para frente novamente.

— Nós limpamos tudo.

Seus olhos se estreitaram.

— Você acabou de sair da reabilitação, mãe.

Outro sorriso triste dela.

— Eu estava pensando em chá ou água. Que bom que você limpou tudo.

— Oh. — Meu Deus. Eu estava tornando isso muito pior do que precisava ser. — Vou ficar aqui.

— O quê?

— Eu… — Que bagunça. — Eu… eu fui suspensa sem remuneração. E perdi meu emprego no clube. Estou tentando ser esperta, pensando no futuro, tentando guardar o pouco dinheiro que economizei. Você não estava

aqui. Eu não sabia quando você voltaria. Espero – Jesus. – Espero que você não me expulse.

— Você fez tudo isso porque precisa de um lugar para ficar?

O quê?

— Não! Fiz tudo isso porque estava com medo de que você viesse para cá, chateada por eu ter me mudado e voltaria a me odiar. Eu, se você não me quiser aqui, apenas me diga. Vou encontrar outro caminho. Não posso ser a razão de você começar a beber de novo.

Seus olhos se arregalaram.

— Você acha que eu culparia você se começasse a beber de novo? — ela sussurrou.

— Mãe. — Droga. Minha voz estava rouca também. As emoções estavam bloqueando minha garganta. — Você tentou se matar. Eu não poderia – nunca mais faça isso. Por favor, não. Eu não posso… — A dor aumentou, tomando conta de mim. Eu não poderia funcionar.

Quem era essa pessoa? Eu não gostava muito dela. Ela era eu. Eu estava falando sobre mim.

— Ok. Primeiro. — A voz da minha mãe aumentou, ficando afiada. — Eu não tentei me matar.

Eu parei porquê… hã?

— Você não tentou?

Ela balançou a cabeça, toda uma expressão de sabedoria brilhando. Eu sabia que nunca tinha visto *esse* lado dela. A reabilitação fez maravilhas.

— Não. — Ela foi firme. — Eu não. Eu estava bêbada e me confundi com os remédios que podia tomar com álcool e os que não podia. Eu tinha uma dor de cabeça terrível que não passava, então eles estavam errados em sua avaliação inicial, mas também não estavam errados, porque eu quase me matei. Foi por acidente. Fiz muita terapia para saber que não sou suicida. Não fui construída dessa maneira, mas estou com raiva, amarga e envelhecendo. Eu tenho muitos arrependimentos e sim. Puta merda. Achei

que teria algum tempo antes de fazer isso com você.

Eu vacilei. Mais uma vez, foi minha culpa. Mais uma vez, eu era o problema.

— Está bem. Eu… — O que eu faria?

Iria com Trace?

— Você o quê?

Eu balancei minha cabeça.

— Não sei. Trace e eu voltamos, ou acho que sim. Eu posso ir para a casa dele.

— Não. Não sei do que você está falando. Meu Deus. Temos algo aqui para beber? — Ela foi para a cozinha. Eu parei enquanto ela abria a geladeira. — E todos podem relaxar, porque não estou perguntando sobre álcool. Chá? Algo. — Ela estava olhando para o que havia dentro. — Oh. Você disse que limpou tudo, não que você repôs tudo de novo. Muito suco verde. O que são essas coisas? — Ela pegou uma garrafa de bebida.

— É uma bebida probiótica. Elas são saudáveis para você.

— Como diabos você pronuncia isso? Komb-agch-aw?

Eu ri.

— Perto o suficiente. — Eu me movi ao redor dela, movendo a água para o lado. — Tem limonada e tem uma jarra inteira de chá.

Ela estava olhando para mim.

Eu dei um passo para trás.

— Lembrei-me de como você adorava chá quando eu era pequena.

— Você se lembrou disso?

Dei de ombros, desviando o olhar, sem saber o que diabos estava acontecendo. Onde estava Trace? Não demorava meia hora para guardar as malas.

— Você fazia essas coisas o tempo todo. Chá no verão. Então chá quente no outono e inverno. Eu amava essa merda também.

— Obrigada.

Fiz uma pausa, ouvindo a falha em sua voz.

Ela estava lutando contra as lágrimas e tocou minha bochecha com a mão.

Congelei. Eu não conseguia me lembrar da última vez que ela me tocou assim. Com afeto.

— Você sempre cuidou de mim naquela época. Que bom que você está fazendo isso de novo. Voltei a tomar chá no centro de tratamento. Acho que acalma minha alma ou algo assim.

Abri um sorriso, vislumbrando minha velha mãe ali.

— É bom ouvir isso, mãe.

Seus olhos ficaram lacrimejantes novamente e ela puxou a mão.

— Você limpou. Você se lembrou de como eu adorava chá e agora está me chamando de mãe de novo. Como tive sorte em ter uma filha como você?

Ok. Eu estava totalmente congelada no lugar. A velha Chelsea Montell seria a próxima a cuspir como arruinei a vida dela. Ou algo assim. Eu estava esperando por isso, já endurecendo por dentro.

— Tenho muitas desculpas a pedir, muitos arrependimentos que vão me assombrar para sempre, mas você. Você estando aqui. Você ainda está cuidando de mim. Nunca fiz nada para merecer isso. Obrigada, Jess. De verdade. — As lágrimas começaram a cair de seus olhos.

Eu fiz uma careta.

— Mãe?

Ela as ignorou, o arrependimento brilhando em seu olhar.

— Eu adoraria que você ficasse o tempo que quiser. Este lugar sempre será seu, e isso é de verdade. Literalmente. Mudei meu testamento quando estava em tratamento. Falei com meus advogados e mandei colocar a casa em seu nome. Você é a dona. Seu homem ajudou a fazer tudo isso acontecer.

Ela disse isso quase casualmente, de improviso,

enquanto pegava seu chá e o levava para o armário. Ela abriu uma porta, pegou uma xícara e perguntou, pegando uma segunda:

— Você quer um pouco?

Deixei a porta da geladeira fechar atrás de mim.

— O que você acabou de dizer?

Ela colocou a segunda xícara no balcão.

— Eu estava perguntando se você queria um pouco de chá?

— Não — eu resmunguei. — Sobre as outras coisas.

— A casa? Você é dona disso. Você vem pagando as contas. É sua casa. Quero dizer, olhe para o lugar. Você é quem limpou. Você já está colocando seu selo, mas é seu.

— Não. — Tudo em mim ficou tenso. — Sobre a outra merda, sobre meu homem tornando tudo isso possível.

Ela franziu a testa.

— Ele não contou?

— Não. — Minha voz estava rouca porque o que isso significava? Alguma coisa? Tudo isso? — Ele não contou.

— Eles não a ajudaram. — Trace estava na porta e entrou como se estivesse ouvindo por um tempo. — Bear e Leo não iriam ajudá-la. Eu puxei os pauzinhos, vi o tratamento proposto para ela. Trinta dias, mas ela não estaria em uma instalação. Ela ficaria aqui e iria todos os dias para terapia individual e em grupo. Não teria funcionado. Ela precisava de mais, então tornei isso possível.

— Você pagou?

— Paguei. Eu fiz tudo. Ela precisava de terapia intensiva de longo prazo, e isso não foi feito. Ela não terminou. Ela faz terapia de grupo diariamente e vê um conselheiro três vezes por semana. Ela também vai fazer serviço comunitário. Acredito que ela esteja trabalhando como voluntária em um abrigo de animais local.

Eu não tinha ideia de como processar nada disso. Eu me virei para minha mãe, que também havia congelado no

lugar. Ela deu de ombros, erguendo a mão.

— Pensei que você soubesse.

— Um abrigo de animais?

— Eu adorava animais. Você se lembra quando tínhamos aquele cachorro quando você era pequena?

— Barnabee.

— Sim. Um idiota. Não fazia ideia de sua raça, mas não importava. Ele foi a melhor coisa que tivemos nesta casa. Além de vocês, crianças, é claro.

— Ele fugiu uma noite. Nunca soube por quê.

— Ele não fugiu. Eu o entreguei.

— O quê? Por quê? — Quantos socos mais eu aguentaria hoje?

— Seu pai o teria matado. Sempre ameaçador. Não gostou de como você gostou dele, como eu gostei dele. Até Isaque o amava. Seu pai não era de aceitar que alguém ou alguma coisa estava recebendo mais amor do que ele. Encontrei um bom lar para ele, para que você não crescesse sabendo que seu pai o matou.

Fiquei abalada com tudo isso.

— Qual família?

— Ele faleceu há alguns anos, mas podemos ir até lá. Eles me enviam cartões de Natal todos os anos. Vou mostrar as fotos que mandaram dele. Eles têm três filhos. A garotinha sofria de depressão grave e Barnabee a ajudou muito – foi isso que eles compartilharam comigo. Parece certo a julgar pelas fotos. Ele está meio no colo da garota em cada uma delas.

Um soluço sufocado rasgou de mim.

Eu não poderia começar a compreender nada disso.

— Eu tenho que ir. Preciso fazer… — alguma coisa. Qualquer coisa. Eu precisava não estar aqui. — Não sei. Eu simplesmente não posso estar aqui agora. — Movi-me para frente, mas Trace estendeu a mão para mim.

— Ei. — Ele me parou, sua mão descansando no meu quadril.

Minha pele queimava onde ele estava me tocando. Eu não queria ser tocada agora, mas essa não era a verdade. Eu queria. Precisava disso, mas não me sentia digna de ser tocada. Foi uma pílula difícil de engolir, mas lutei contra ela, aceitando seu toque.

Eu o absorvi, precisando dele, e o toquei de volta, descansando contra ele.

— Ei. Ei. — Minha mãe se aproximou, sua voz insistente. — Escute-me. Ok? Apenas ouça.

Eu me virei, lentamente.

Agora ela parecia como eu me sentia momentos atrás. Inquieta. No limite. Cautelosa.

Uma pontada de desespero alinhou sua voz também.

— Ouça. Pensei que soubesse que seu homem estava me ajudando. Eu sabia.

— Eu pedi para ir ver você. Eu queria estar lá para você. Você me bloqueou da lista de visitantes.

— Eu sei. — Ela fez uma careta, seu rosto se contorcendo. — Eu estava passando por muita coisa. A terapia desenterra tudo. Eu não queria que você fosse e me visse passando por isso, porque não queria causar mais danos. Eu sei como sou, como posso ser. Eu não estava lidando com tudo da maneira certa, sabe, onde assumo a responsabilidade. É fácil eu atacar, especialmente você, mas estou errada em fazer isso. Eu precisava passar por tudo e me controlar antes de ver você. Eu só não queria mais machucar você. Já fiz tanto isso com você. Sinto muito, Jessie. Sinto muito. — Mais lágrimas escorriam por seu rosto, mas sua voz era forte. — Estou feliz que você esteja aqui e, por favor, não vá embora. Por favor. Fique. Eu... tenho muitos anos para compensar. Deixe-me começar, não sei. Fazendo um novo chá? Que tal isso? Vou fazer aquela coisa de chai que você gosta.

Foi tão ridículo que soltei uma gargalhada.

— Eu odiava chá chai. Isaac gostava dessas coisas.

— O quê? Ele gostava? Você não?

— Eu não gostava. Nunca gostei. Gosto do chá doce que você sempre faz, mas não do chá chai.

— Oh. Eu nunca soube disso.

Oh, bom Deus. E eu estava realmente falando com Ele. Um pouco da tensão aliviou de mim, como um vaso sanitário com vazamento. Era uma bagunça. Tanta porcaria havia acontecido dentro dele, mas estava se esvaziando lentamente. Tal desperdício em alguns aspectos também.

— Você vai ficar? Este chá que você tem é bom. Eu posso trabalhar com isso, torná-lo como o doce.

— Ok.

— Você vai ficar então?

Balancei a cabeça.

— Eu vou ficar.

Seu sorriso era ofuscante.

Eu não conhecia esta mulher. Acho que nunca a conheci na vida. Mas troquei um olhar com Trace e fui me sentar à mesa enquanto ela se ocupava na cozinha.

Acho que queria conhecê-la.

CAPÍTULO 73

TRACE

Ashton: Eu sei que você ainda está com raiva de mim, mas você precisa me ligar. Temos movimento acontecendo e não tenho certeza do que é.

Recebi a mensagem e saí da sala de estar. Jess e sua mãe prepararam uma refeição juntas. Houve uma boa conversa na mesa de jantar e agora ambas estavam nos sofás. Passava um filme na televisão. Cada uma tinha um cobertor sobre o colo e uma tigela de pipoca na mão. Além disso, chá doce. Muito chá doce sendo bebido pelas duas.

Eu sabia que Jess tinha perguntas para mim sobre ser a pessoa que insistiu no tratamento de sua mãe, mas, no geral, não importava. Eu tinha grandes esperanças de que o relacionamento delas fosse consertado.

Liguei para ele do telefone antigo quando subi para o quarto de Jess.

— Onde você está? — ele perguntou, respondendo.

— De que movimento você está falando?

— Um de nossos armazéns está pegando fogo. E acabei de receber uma ligação dizendo que alguém passou pelo Katya, atirando lá dentro. Nós dois ouvimos um bipe do lado dele.

Ele amaldiçoou.

— O quê?

Mas meu telefone estava apitando também. Li a mensagem recebida.

Pajn: Tiros disparados na casa do seu tio.

Pajn: Estamos sob ataque.

Ashton estava xingando, mas eu estava em movimento. Eram ataques sincronizados, coordenados para acontecer ao mesmo tempo. Peguei minha arma, meu casaco e minhas chaves.

— Estou a caminho.

— Onde você está?

— Isso realmente importa?

— Sim! Sei que estraguei tudo com Jess, mas ainda sou seu irmão. Onde está você? Não posso enviar caras para protegê-lo se não souber onde você está.

Eu fiz uma careta.

— Você não precisa saber. Estou indo até você. Eu ligo quando estiver no caminho.

Eu o ouvi xingando quando desliguei e desci as escadas.

Jess me encontrou no final da escada.

— O que está acontecendo?

Eu me forcei a esperar um segundo antes de falar. Toquei seus ombros e me inclinei, dando um beijo em sua testa. A mãe dela nos observando do sofá. Seu cobertor estava meio empurrado para longe dela. Ela estava apertando-o, empalidecendo.

Eu descansei minha cabeça contra a de Jess, por apenas um segundo. Eu precisava desse toque. Eu precisava me lembrar desse toque.

— Estamos sob ataque.

— O quê? — Jess começou a recuar.

Eu a segurei no lugar, meus dedos se curvando ao redor de seu ombro.

— Por favor.

Ela soltou uma maldição rápida, mas ficou. Sua mão tocou meu peito.

— Trace. Deixa-me ajudar.

— Você não pode. Você sabe que não pode. Tenho que ir cuidar disso, mas liguei para Kelly e Justin. Eu não

contei, achei que você poderia ter uma noite com sua mãe, mas um representante do 411 me ligou. Eles concordaram em esconder Kelly e Justin. Eles vão ficar bem. — Inclinei minha cabeça para trás, observando-a. — O encontro é amanhã. Ligue para Kelly. Diga a ela para fazer uma mala, só isso, e estar pronta às nove da manhã. Quando receber mais instruções, avisarei, mas também saiba que às vezes a Rede 411 se move em sua própria linha do tempo. O que significa que eles podem entrar e levá-los antes que eu tome conhecimento, você sabe, ou qualquer um. Esse é o objetivo de escondê-los. Eu não ficaria surpreso se eles já estivessem vindo para cá e fizessem contato antes que qualquer um de nós fosse notificado.

Meu telefone continuou zumbindo. Eu tinha que ir.

— Eu amo você.

Ela assentiu, piscando para conter as lágrimas, e ficou na ponta dos pés para tocar seus lábios nos meus.

— Eu também amo você. Fique seguro.

Saí, mas tive que parar uma última vez. Um último olhar, porque a verdade era que eu não fazia ideia do que iria acontecer esta noite. Eu só sabia que era hora da guerra.

Eu: Estou indo.

Ashton ligando.

Atendi, entrando no veículo.

— O que…

— Tra… — Bang!

Eu congelei.

— Ashton?

Nada.

Silêncio.

… Bang, bang!

CAPÍTULO 74

JESS

O som de vidro quebrando me acordou.

Meu treinamento assumiu o controle e eu estava no chão antes que pudesse compreender totalmente o que estava ouvindo.

Mais vidro se estilhaçando.

Jesus Cristo. Alguém estava invadindo.

Eu estava descalça, mas mamãe. Onde estava a mamãe?

Nós duas estávamos aqui em cima. O quarto dela ficava no corredor.

Houve silêncio, então eu não sabia o que aquilo significava, mas peguei meu telefone, disquei 911 e o coloquei no bolso de trás. Peguei minha arma – não minha arma fornecida pelo governo, mas a pessoal. Eu não tinha distintivo. Eu não tinha colete para vestir, mas esta era a minha casa. Essa era minha mãe.

Atravessei o corredor e pude ouvi-los na casa agora. Eles estavam no primeiro andar. Sem vozes. Sem falar, mas eles estavam se movendo rapidamente.

Profissionais, se eu tivesse que adivinhar.

Fui ao quarto da minha mãe, coloquei a mão sobre sua boca. Quando ela acordou, ela engasgou, mas eu a segurei. Ela ficou imóvel, seus olhos esbugalhados. Ela agarrou seu cobertor.

Houve mais movimento.

Malditos. Eles estavam vindo rápido. Eles estavam na escada.

Levei um dedo à boca, mas ela ouviu. Sua cabeça se contraiu, e ela começou a me empurrar em direção à porta.

Eu a fechei, agradecendo a Trace por colocar lubrificante nas dobradiças. Eu estava reclamando de tudo que chiava. Ela calou-se e o fez silenciosamente. Eu me aproximei, virando a fechadura.

Minha mãe estava se arrastando para fora da cama.

Fiz sinal para que ela viesse em minha direção. Abrindo a porta do armário, apontei para ela entrar. Havia um espaço de rastreamento escondido que percorria toda a extensão da casa. Contornava as escadas e se conectava ao meu quarto, entrando no meu armário. Se uma pessoa conhecesse a casa, saberia que estava lá. Se não o conhecesse, não teria ideia.

Eu estava esperando que tivéssemos caras que não tivessem a menor ideia sobre a casa, mas apenas no caso, eu fui para o outro lado do quarto, minha arma apontada para baixo. Abri a janela, depois voltei e entrei no armário atrás de onde minha mãe estava.

Olhando para trás, mas não consegui ver nada.

Eu a ouvi se arrastando, movendo algo lá atrás.

Eu estava rezando para que ela estivesse indo para o espaço de rastreamento.

Um segundo depois, quando os ouvi subir ao segundo andar, senti-a batendo no meu pé e o movi para trás, explorando a área. Ela estava no espaço de rastreamento. Eu me aproximei, tateando embaixo, encontrando-a, e a empurrei um pouco de volta para o espaço. Ela entrou e eu estendi a mão, encontrando a cobertura. Mudei-a para o lugar.

— Não — ela sussurrou quando percebeu o que eu estava fazendo.

Fechei a cobertura e me posicionei na frente dela. Eles parariam em mim. Eu não ia deixá-los passar por mim, mas me aproximei, voltando para a porta do armário.

Era uma pessoa, não duas. Eu estava ouvindo apenas um par de pés se movendo.

Esta pessoa não era um ladrão. Se ele ou ela fosse, estaria roubando e indo embora. Essa pessoa estava procurando por minha mãe, mas ela entrou no meu quarto primeiro. Ela sabia sobre mim, sabia que eu estava aqui.

Qualquer pessoa amigável teria chamado meu nome.

Eu estava assumindo que isso significava que essa pessoa estava aqui para matar a mim, minha mãe ou ambas. Trace estava indo para algo, que eu sabia. Eu o deixei ir, porque essa era a vida dele. Não minha, mas essa foi uma luta sendo trazida à minha porta, literalmente. Desta vez, eu estava entrando. Eu estava totalmente dentro, e quem quer que estivesse entrando do outro lado daquela porta – eu tirei a trava de segurança da minha arma e a levantei.

Eu atiraria para matar nessa situação.

Abri um pouco a porta do armário para poder ver, para ter uma linha de fogo e esperei. Esta era a posição que eu estava tomando.

Esperei.

A porta estava trancada.

Eu não estava ouvindo mais de uma pessoa.

O jogo tranquilo acabou. Ela não poderia arrombar a porta e não nos alertar, mas eu não estava na minha cama. Ela sabia, se fosse esperta e soubesse quem estava perseguindo, que as chances de eu estar aqui eram altas.

Ela tinha apenas uma opção, e esperei, porque ela ia atirar na fechadura, abrir a porta com um chute e então entraria, provavelmente com as armas em punho.

Esperei que ela tomasse a decisão.

Meus braços estavam para cima. Eu estava pronta. Ninguém estava atrás de mim.

Pop, pop!

Agora.

A pessoa abriu a porta com um chute e entrou. Arma em punho.

Ela acendeu as luzes.

Eu o vi no espelho da cômoda da minha mãe.

Ele estava com roupas totalmente pretas, uma máscara de esqui. Corpulento, estatura média, construído com ombros largos. Ele se moveu, sua arma apontada para a cama, e ele xingou.

Eu fiz uma careta. Isso foi…

Ele amaldiçoou mais alto, indo para a janela aberta, então ele girou em minha direção. Sua arma estava levantada.

Eu atirei nele antes que ele pudesse atirar em mim, e atirei nele de novo e de novo até que ele caísse. Sua arma fez barulho e eu corri, encontrando-a, chutando-a para longe.

Ajoelhei-me, verificando seu pulso.

Ele estava vivo, mas mal. Seu pulso estava fraco.

— Jesus Cristo! — Isso veio de trás de mim.

Uma segunda pessoa?

Eu girei, um joelho no chão e meus braços levantados. Minha arma ainda estava sacada, mas ao vê-la, Leo recuou, com as mãos no ar.

— Estou desarmado. Jesus! Abaixe a arma, Jess.

Leo.

Era Leo. Ele era amigável.

As coisas não faziam sentido, mas era meu chefe, meu mentor. Suas mãos estavam vazias e no ar.

Baixei a minha e me afastei do homem.

— Jess?! — A voz da minha mãe se elevou em um grito estridente, e Leo xingou, dando-me um olhar antes de entrar no armário.

Aproximei-me, incapaz de largar minha arma, e observei enquanto ele ajudava minha mãe a sair do vão.

Leo olhou dela para mim e vice-versa. Ele estava balançando a cabeça.

— O que diabos aconteceu aqui esta noite, Jess?

— O que você está fazendo aqui?

Ele balançou a cabeça, o choque ainda em seu rosto. Ele estava segurando minha mãe, seu olhar indo dela para mim e para o homem no chão.

— Eu… eu estava chegando e ouvi uma chamada pelo scanner. Reconheci o endereço. A porta da frente estava aberta.

Tudo estava vindo para mim de uma vez.

O vidro. Uma invasão. Minha mãe. Minha arma. A janela. O armário. O espaço de rastreamento. Onde eu decidi que seria minha posição. Eu teria dado minha vida pela minha mãe. Eu estava totalmente preparada para entrar em um tiroteio. Era meu trabalho protegê-la, e não porque ela era minha mãe. Porque ela era uma civil.

Era o meu trabalho, mas agora os tremores estavam chegando e tive que me sentar por um momento. Um momento.

— Jess. Jesus. Ok.

Eu acenei para ele, voltando e me posicionando sobre o homem caído. Trabalho. Meu trabalho. Eu faria meu trabalho. Não importava que isso tivesse acontecido na minha casa.

— Jess. Eu entendi. — Ele apontou para minha mãe, que estava encolhida na porta. — Tire-a daqui e sente-se firme.

— Preciso terminar minha ligação.

— O quê?

Ele estava com a arma apontada para o cara, caso ele se movesse.

Coloquei a minha no coldre e puxei meu telefone do bolso de trás. Eu o coloquei no meu ouvido.

— Aqui é a oficial Montell. — Eu dei a eles o número do meu crachá e onde eu trabalhava e disse a eles minha localização.

A operadora respondeu:

— Recebemos outras ligações também. Seu endereço foi obtido e você deve ter unidades de esquadrão aparecendo agora. — Quando ela terminou de falar, luzes vermelhas e azuis encheram o ar do lado de fora da janela. Aproximei-me e vi duas unidades do esquadrão estacionadas. Quatro policiais se dirigiam para a casa.

Comecei a ir para o corredor para acenar para eles entrarem e subirem.

— Jess. Sem pulso.

Parei, voltei.

Leo estava ajoelhado na cabeça do cara, com a mão abaixada onde eu não podia ver.

— Olá! Esta é a polícia. Alguém nas instalações?

— Jess, eu quero saber.

Eu fiz uma careta, mas quando eles começaram a limpar a casa no primeiro andar, Leo tirou a máscara de esqui do cara.

Minha mãe gritou.

Leo amaldiçoou.

E eu, não fazia ideia de como reagi, porque *agora* estava em choque.

Era o Bear.

CAPÍTULO 75

JESS

Eu…
… Bear.



Eu matei o Bear.
Era o Bear…



Bear!
Era *Bear*, e eu o *matei*.
Tempo necessário para parar.
Eu precisava parar de sentir.
Certo. Agora.
Trabalho.
Cuidar da minha mãe.
Trace – Trace!
Eu precisava descobrir o que estava acontecendo com Trace, contar a Trace, e então eu lidaria.
Eu lidaria mais tarde.



— Eles pegaram meu tio. Eles tentaram matar Ashton.
— O quê? — Eu estava ao telefone, mas desta vez estávamos na casa de Leo. Eu estava em seu escritório enquanto ele estava na sala com minha mãe. Eu precisava de algum tempo e queria verificar Trace. Eu também só queria ouvir a voz dele, porque esse era meu lado

sentimental de tola apaixonada agora. Imaginava que precisaria me resignar a esse padrão. Algo acontecendo e eu precisando me sentir conectada a ele para me sentir mais centrada.

Além disso, eu estava preocupada.

— Os policiais me informaram, disseram que receberam ligações de toda a cidade, que algo estava acontecendo.

— Stephano está morto, e eles tentaram matar Ashton. Remmi ligou, disse que dois caras tentaram atirar nela. Ainda estamos fazendo um inventário de tudo o que eles atingiram.

Seu tio? O chefe da família West?

Eu nem sabia como processar isso. Eu fiz uma careta.

— Eles tentaram atirar em sua irmã em Las Vegas?

— Não em Vegas. Aparentemente ela está aqui, ficando com meu pai. Ela esteve lá o tempo todo.

— Seu pai?

— Ela disse que ele não estava lá. Ela não tem ideia de onde ele estava, mas seus seguranças dispararam alguns tiros. Eles fugiram, nada substancial contra eles ou quem eles eram.

Um pensamento realmente horrível estava vindo para mim.

— Trace. — Eu me senti mal, pensando nisso.

— O quê?

— Você disse que há um vazamento. E se fosse o Bear?

— Não vejo como poderia ter sido, a menos que ele estivesse trabalhando com outra pessoa da minha família. Bear está conectado ao antigo bairro, mas as informações que vazaram sobre nossos armazéns eram todas novas, informações que ele não poderia saber, a menos que, novamente, estivesse obtendo essas informações de outra pessoa de dentro.

— Você disse que a informação vazou para as

autoridades policiais. Ele poderia ter sido o intermediário.

— Ele poderia ter sido, mas se foi, então ainda estamos procurando por um segundo vazamento. Eu não conhecia o Bear. Ashton também não. O vazamento é alguém que conhecemos. Isso é basicamente a única coisa que sabemos. — Ele baixou a voz. — Você está bem? Estou preocupado com você.

Respirei fundo; minhas entranhas estavam começando a tremer. Um pouco.

— Estou. Quer dizer, matei Bear. Minha mãe está um desastre e, no momento, estou apenas focando nela e fazendo o que preciso fazer. Bear, vou processar isso mais tarde. Meu foco agora é torcer para que minha mãe não comece a beber de novo.

— Como ela está lidando com isso?

— Ela não para de chorar. Leo se afasta dela e ela desmorona novamente. Ela está no quarto dele, quer que todos durmamos lá juntos. Ela está com muito medo de ficar sem um de nós por perto.

— Como Leo soube que deveria ir à sua casa?

— Fiz uma ligação. Ele disse que ouviu no scanner.

— Isso foi rápido.

— Ele disse que já estava vindo. — Deixei escapar um suspiro instável. — O que você fará esta noite?

Ele ficou quieto no início, depois baixou a voz.

— Você está perguntando por que quer saber? Ou você está perguntando por que… não sei. O que você está fazendo aqui?

Eu balancei minha cabeça, inclinando-me para trás e descansando-a contra as costas da minha cadeira.

— Não sei, Trace. Só sei que minha mãe está viva. Matei o melhor amigo de infância dela, e você é a primeira pessoa para quem liguei assim que pude. Então, o que quer que isso signifique para você é o que significa para mim.

Ele riu, suavemente.

— Estou feliz que você ligou. Significa alguma coisa.

Acho que podemos estar falando sério.

Eu sorri, segurando uma risada, porque parecia inapropriado.

— Não diga coisas assim. Uma garota pode ter todos os tipos de ideias.

— Talvez eu queira que essa garota em particular tenha essas ideias.

— Então talvez você devesse dizer mais.

Ele soltou uma risada.

— Eu amo você. Presumo que, já que está na casa de Leo, não serei bem-vindo para ir para a cama com você.

Soltei uma risada baixinha, ficando de pé.

— Eu não quero outra encenação como a que acabou de acontecer na casa da minha mãe, então não. Vejo você amanhã?

— Vejo você amanhã.

— Ei, Trace. — Eu estava indo para a porta e apaguei a luz antes de abri-la.

— Sim?

— Sinto muito pelo que aconteceu com vocês esta noite, mas estou feliz que eles não tentaram atirar em você.

— Eles não sabiam... — Ele parou, praguejando rapidamente.

— O quê?

— Eles não sabiam onde eu estava. Ninguém sabia. Escondi dos meus homens, porque queria ver você e não queria ser incomodado com o negócio. Eu não queria levar meus guardas comigo. Ninguém sabia onde eu estava.

Nós dois ficamos quietos, deixando isso afundar.

Murmurei:

— Você passou o dia todo na minha casa.

— Sim. Bear levou sua mãe para casa no final da tarde. Ele sabia que eu estava lá.

— Você ficou lá até tarde da noite.

Estávamos ambos chegando à mesma conclusão.

— Ele não é o vazamento...

— Ou eles teriam ido me buscar na sua casa.

— Sim. — Merda. Merda!

— O que isso significa?

Eu balancei minha cabeça.

— Eu não faço ideia.

— Tem certeza de que quer ficar na casa do Leo? Eu gostaria de me sentir seguro de que não há buracos de bala em você a noite toda.

— Eu também, mas não. Eu preciso ficar aqui pela minha mãe. Vai ficar tudo bem. Leo é família.

— Ok. Eu amo você.

Eu disse o mesmo e guardei o telefone. Eu estava repassando a conversa na minha cabeça, abrindo a porta. O corredor estava escuro. A luz da televisão estava acesa na sala.

— Jess?

Uma sombra passou pela sala de estar, e minha mãe parou na porta, olhando para onde eu estava. Tudo estava escuro, exceto a sala de estar, então dei um passo à frente.

— Mamãe?

— Ah, aí está você. — Seu alívio era claro. Sua mão foi para o peito. — Devo ter cochilado e acabei de acordar.

— Oh. Não. — Eu levantei meu telefone. — Fui ligar para Trace, mas pensei que Leo estava com você.

— Não. Ele não está. Eu fiquei assustada. Vocês dois se foram.

Eu parei no meio do caminho.

— O quê?

Ela lançou um olhar para trás.

— O quê?

— Leo deixou você?

Ela assentiu, apontando para trás de mim.

— Ele se foi. Não sei para onde ele foi. Procurei pela casa, mas não consegui encontrá-lo.

Isso foi… isso não estava certo.

Meu instinto mudou. Algo estava errado.

Algo… eu não conseguia colocar o dedo nisso. Ele não a teria deixado. Talvez estivesse em uma sala distante, mas ao alcance da voz. Ele não teria ido embora totalmente. Ele não iria fazê-la passar por isso, se ela acordasse e não houvesse ninguém por perto.

— Mãe — murmurei, distraída, e começando a olhar em volta.

— Hmmm?

— Faça-me um favor? — Comecei a guiá-la para trás. — Vá para o banheiro.

— Banheiro? — ela repetiu, agudamente.

— Sim. Apenas para estar segura.

— Estar segura?

Eu a puxei para trás, encontrei a porta do banheiro e a empurrei para dentro.

— Fique aqui.

— Jess… — Ela agarrou minha mão, como se quisesse me segurar no lugar.

Eu precisava encontrar Leo. Algo estava errado. Eu precisava descobrir isso. Eu disse a ela, tentando ser gentil:

— Vou fechar esta porta. Você vai ficar bem.

— O que você está fazendo, Jess?

Eu não poderia explicar. Não havia tempo. Recuei, fechando a porta, e sussurrei através dela:

— Tranque-a. Só por segurança, mãe.

— Jess…

— Tranque-a!

Ouvi a fechadura clicar no lugar e então me virei.

Leo era da família.

Ela disse que olhou pela casa. Então, ele não estava na casa.

Fui para os fundos, refletindo na minha cabeça.

Leo era família, mas Bear também.

E Bear não era o vazamento, mas alguém estava vazando informações para a polícia. Podia ser qualquer um.

Mas Leo era da família. Bear era da família.

O que eu estava fazendo? Eu estava fazendo uma montanha de um pequeno morro.

Mas onde estava Leo? Ele não teria desaparecido assim.

Leo me disse que verificou minha mãe. Bear disse o mesmo. Ambos mentiram. Trace disse isso ele mesmo.

— Qual é o seu problema comigo, Travis?

— Nada, exceto que eu não gosto de policiais corruptos.

Ele olhou para Leo enquanto dizia isso.

Leo.

Eu não.

Leo.

Leo era corrupto.

Mas não. Não. Isso era loucura.

Certo?

Eu olhei para baixo.

Minha arma estava sacada. Não me lembrava de puxá-la, mas segurei-a com as duas mãos e comecei a pensar.

Jesus. Eu queria estar errada. Eu precisava estar errada.

Ele iria aonde não pudesse ser ouvido. Fora. A garagem dele. Ele mantinha uma geladeira lá fora, uma desculpa pronta caso precisasse de uma.

Ele devia estar lá. Eu estava apostando tudo nisso, mas meu coração batia forte.

Não foi como da última vez. Eu tinha acabado de passar por isso. O pico de adrenalina me atingiu e me levou a proteger minha mãe. O choque me atingiu mais tarde, depois passou e agora meu corpo estava cansado. Ele não queria passar por isso de novo, mas quando me aproximei da porta lateral, meu coração começou a acelerar.

O som era alto em meus tímpanos.

Minha respiração parecia capaz de quebrar vidro.

Um passo. Dois. Três. Eu continuei, alcançando a

porta, encontrando-a destrancada.

Eu tinha razão. Ele tinha saído por aqui.

Eu a abri, e fazia sentido. Era a porta mais silenciosa; não havia som.

Relaxei. Nenhuma luz estava acesa do lado de fora, mas havia uma na garagem. Eu o vi e me movi em direção ao prédio.

Arma sacada. Eu não estava com meu telefone dessa vez. Não haveria backup. Era só eu.

Depois de me mover para o lado do prédio, fiquei tão quieta quanto pude, indo para a porta.

Havia uma janela aberta e parei, bem embaixo dela.

— Não! Elas estão aqui. Sim. Ela está aqui. Não. Eu não sei. Ele chegou lá antes de mim. Ele provavelmente estava lá para me impedir. Quem diabos sabe. Estou ciente, chefe!

Chefe.

Ele estava lá para detê-lo? *Ele* como o Bear?

O ar de repente estava sufocante ao meu redor. Meu corpo começou a se mover, tecendo.

Pare. Senti a desgraça iminente chegando, mas não. Sem chance. Eu empurrei essa merda para baixo. Eu tinha um trabalho a fazer.

— Não é minha culpa que tudo foi fodido. Bobby fodeu tudo também. Seu filho nunca mordeu a isca de *mamãe está viva*. Toda essa ideia foi em vão. Agora esta noite? Você fez um movimento esta noite, e nada aconteceu. Matar Jess não faz sentido. Sim. *Ok*. Eu vou fazer isso. Eu sei! Eu sei. Vou fazer isso, mas tenho que pensar em algo para dizer à mãe dela. O trabalho nunca foi matar as duas – porque eu já matei o pai! Ele era meu melhor amigo.

Eu estava girando.

Leo era o espião.

Ele... eu segurei minha arma com mais força, certificando-me de não a deixar cair.

— Ok. Ok! Eu cuidarei disso. Eu *cuidarei* disso. Digo que recebi uma notícia e preciso mostrar algo a ela. Ela irá comigo. Ela confia em mim, sempre confiou. Sim, sim. Nós vamos lidar com a mãe dela mais tarde. — Ele começou a xingar para si mesmo, movendo-se pela garagem. Uma porta se abriu, fechou, mas não era a dele.

Recuei, esperando, mas… tive uma ideia diferente.

Porra. Estava acabado.

Feito.

Abri a porta, entrei.

Ele congelou, então começou a trazer sua arma de volta.

Eu atirei nele. Ele não. A mão dele. Ele largou a arma, mas começou a se atrapalhar. Ele tinha uma caixa de leite na outra mão, mas jogou em mim enquanto se abaixava, agarrando a arma com aquela mão.

Dei um passo para o lado, desviei do leite e, assim que ele tocou na arma, atirei nela também.

— *Argh!* Por que você está fazendo isso? Pare, Jess!

Ele estava sangrando em ambas as mãos. Ele não tinha outra opção, exceto… ele considerou me atacar. Eu levantei minha arma.

— Não faça isso — falei baixinho, calma. Eu estava protegida. Meu coração estava bombeando. Eu podia ouvi-lo batendo rápido, mas era como se estivesse fora do meu corpo. — Vou colocar você no chão.

Eu poderia. Ele sabia disso, olhando para mim. Eu sabia que ele sabia disso.

Eu levantei a arma para sua testa.

— Sente-se. Para baixo.

Ele olhou em volta, gemendo enquanto continuava sangrando, mas foi para o sofá vermelho atrás dele. Era um sofá de merda, mudado para cá para quando ele viesse tomar cerveja com seus amigos. Achei que a cor combinava perfeitamente com o tema desta noite.

Eu nunca gostei disso antes. Eu o adorei agora.

Ele se abaixou, fazendo uma careta de dor.

— Jess. Eu vou sangrar até morrer. Chame uma ambulância.

— Você me suspendeu. Certo? — eu o estava provocando.

— Oh, vamos lá. Jess! Por favor! — Ele tentou levantar as mãos.

— Tenho certeza de que vai ajudar com o sangramento.

— Vamos. Eu vou morrer se você não pedir ajuda. — Ele estava ofegante agora. O suor brotou em seu rosto. Ele ficaria tonto em breve.

— Quem é seu chefe?

Ele franziu a testa para mim.

— Hum?

— Eu ouvi sua ligação. Quem é o seu chefe? Quem fez a jogada esta noite?

— Oh, Deus. Jess. Sério. Ligue para o 911. Você não quer me matar. Eu sei que você não quer. Você já matou o Bear. Seremos dois de nós. Eles vão fazer perguntas, mas eu posso... — Ele teve que parar, orientar-se. A sala devia estar girando para ele agora. — Eu posso cobrir para você. Eu vou. Prometo. Direi o que você quiser, mas ligue para o 911. Vou contar tudo.

— Você vai me contar tudo agora.

— Jess! Vamos!

— Agora, Leo. Antes que você sangre mais.

— Jess! Agora!

Eu esperei. Eu estava descobrindo que não estava tendo um dilema moral aqui. Nem um pouco.

— Argh! Vamos! Você está falando sério?! Bem! *Muito bem!* Eu trabalho para Dominic West. Sempre trabalhei. Entrei disfarçado quando era policial. Foi assim que conheci seu pai. Como nos aproximamos. Ele era meu alvo, mas as coisas ficaram complicadas. — Ele se engasgou, respirando com dificuldade. Mais difícil. Ele começou a

cair. — Eu… Eu…

— Por quê?

— O que você quer dizer?

— Dominic estava por trás dos ataques esta noite, não estava? Aqueles contra Trace e Ashton?

Ele gemeu.

— Jess, eu não tenho muito tempo.

— Então conte-me tudo. Agora!

Ele levantou a cabeça, olhando para mim um pouco antes de suspirar. Sua cabeça caiu para trás.

— Sim. Eram Dominic e Nicolai Worthing. Nicolai está tentando se intrometer. Ele fez uma proposta ao tio, mas Stephano não mordeu. Mas Dominic, *ele* sim. Ele fez a chamada hoje à noite para todos. Todos. Ele assumiria os negócios da família e trabalharia com Worthing, informando-os sobre seus negócios.

Certo. Ok. Isso era muito para processar, mas eu lidaria com toda essa besteira mais tarde.

— Você matou meu pai?

Ele acenou com a cabeça, franzindo a testa, os olhos tremulando como se não pudesse mais enxergar direito.

— Sim. Isso foi há muito tempo. Stephano ordenou, mas Dominic vem segurando isso na minha cabeça o tempo todo. Disse que tem provas contra mim. Obrigando-me a continuar trabalhando para ele, dando-lhe informações.

— Como? — Essa palavra foi arrancada de mim.

Ele respirou fundo e começou a tossir. O sangue estava subindo.

— Do-dopou seu irmão, assim o fez pensar que ele o matou. Ele estava todo dividido sobre isso, e não lutou contra a condenação. Disse que tinha que entrar, pagar penitência por você e sua mãe.

— Por que ele me queria morta? Por que esta noite?

— Seu filho não foi morto esta noite. Não consegui encontrá-lo, então ele me deu esta ordem para machucá-la. Trace está apaixonado por você, mas Jess, eu não queria

fazer isso. Eu não queria fazer. Eu ia descobrir outra coisa. Juro. — Outros líquidos estavam escorrendo por sua calça, e ele gemeu. — Jess, não tenho muito tempo aqui.

— Então se apresse. — Fria. Cruel. Eu estava fora do meu corpo, sem reconhecer quem eu era, mas não estava brincando.

— Ah, Deus. Por favor, Jess! Por favor.

— Fale!

Seus olhos reviraram para cima, então ao redor.

— Oh, meu Deus. Estou morrendo. Tudo está ficando preto. Jess. Vamos. Por favor… — Ele estava choramingando. A vida estava se esvaindo dele diante dos meus olhos.

— Qual era o plano?

— Dominic foi quem deu informações a Worthing, que tem policiais em sua folha de pagamento. Disse que tinha que fazer parecer que também tentaram pegá-lo, mandar atirar na própria casa dele quando ele não estava lá.

— O que isso tem a ver com Bear? Por que Bear estava lá esta noite?

— Não sei. Acho que ele estava lá para mim, sabia que eu iria para matar você esta noite. A única coisa que faz sentido. Ele também conhecia Dominic West. Na verdade, sempre pensei que ele estava sendo pago para ficar de olho na sua mãe. Como eu era pago para ficar de olho em você. Por isso que a recrutei para ser uma oficial comigo.

Eu estava enjoada, tudo de novo.

Ele armou para mim. Tudo.

Tudo o que ele estava apresentando, ofegante, peito arfando, líquidos saindo dele, era o que eu estava sentindo por dentro. A diferença era que não era meu corpo morrendo. Era minha alma.

— Por que você deveria ficar de olho em mim? Por que Bear deveria cuidar da minha mãe?

— Não sei. Eu realmente não sei. — Ele não

conseguia levantar a cabeça, então rolou para o lado para me ver. — Oh, Deus. Jess. Estou morrendo. Por favor, peça ajuda. Juro. Juro…

Ele não terminou, e eu não me importei.

Talvez sim. Um dia.

Hoje não.

Eu me virei para ir e travei.

Minha mãe estava na porta, e ela tinha o telefone na mão.

— Sim — ela falou, dando-lhes o endereço de Leo. — Precisamos de uma ambulância para a garagem. Houve um tiroteio. — Eu podia ouvi-los fazendo mais perguntas, mas ela puxou o telefone de volta e apertou o botão. Ela encerrou a ligação.

Eu não pisquei um olho.

— Quanto você ouviu?

— O suficiente. Muito. Você atirou em Bear em legítima defesa, mas não vou deixar que essa merda de morte fique em sua consciência.

Eu tive que piscar duas vezes para ter certeza de que era minha mãe na minha frente. Ela estava de pé, parecendo calma, falando claramente. Não havia histeria como antes.

— Por que você está tão calma de repente? Você estava mijando na calça há dez minutos.

Ela me estudou por um momento.

— Acho que estou em choque. Novamente.

CAPÍTULO 76

JESS

Talvez eu não devesse ter ido.

Fui eu quem puxou o gatilho, mas Bear ainda era da família, não importando as circunstâncias de porque ele estava entrando na casa, usando uma máscara de esqui. A teoria atual era que ele sabia do envolvimento de Leo e estava lá para detê-lo. Foi o próprio Leo quem me disse isso, ouvido por minha mãe, e nós duas demos esse relato às autoridades.

Como isso me fez sentir – não conseguia pensar nisso, porque isso significava que eu o tinha matado…

Eu não conseguia pensar nisso. Eu o faria algum dia, mas não hoje. Era onde eu estava.

Por causa de tudo isso, o funeral de Leo foi uma desgraça e quase ninguém foi a ele.

O funeral de Bear foi outra história. Ele tinha alguns parentes, não muitos, mas alguns. Eles queriam manter o funeral pequeno. Eu tinha ido, mas me sentei no fundo. A pós-festa em seu bar estava lotada, mas ninguém iria denunciá-lo. Não neste dia, não para Bear.

Foi onde o detetive Worthing me encontrou, em uma das cabines dos fundos do bar de Bear.

Val e Reyo tinham acabado de sair. Ele foi ao bar para beber e Val foi ao banheiro. Eu vi Brian quando entrei pela primeira vez, mas considerando que era sobre mim e Trace, ele não veio. Eu não estava esperando por isso.

— Surpreso, pois é o detetive quem está falando.

Eu inclinei minha cabeça para o lado.

— O que você quer?

Seu lábio se curvou e ele soltou uma pequena risada.

— Certo. — Ele se inclinou para trás, suas mãos indo para os bolsos de sua jaqueta. — Meu irmão está desaparecido…

Eu avancei.

— Você coordenou essas batidas em nome do departamento ou de sua família?

Ele parou de falar.

Então o detetive Worthing deu um pulo para a frente e seus olhos ficaram maldosos.

— Você quer apontar o dedo aqui? De que cama você se levantou esta manhã? Em que cama você vai dormir esta noite? Você quer trazer *minha* família para isso, novidade. Eles *já* estão nisso. Onde está meu irmão?

Eu me inclinei para trás, meus olhos se estreitaram.

— Fui inocentada de ambos os disparos. Também me pediram para voltar ao meu trabalho. Eu não sou corrupta.

Ele bufou, espelhando-me e se inclinando para trás também.

— Ainda não. A única razão pela qual você pode voltar ao trabalho é porque você não avisou seu namorado. Isso foi um teste. Agora. Onde *diabos* está meu irmão?

— A Rede 411 está com eles.

Seus olhos se arregalaram e ele ficou imóvel.

— Kelly me procurou, disse que eles temiam por suas vidas. Ela não entrou em detalhes e eu não perguntei, mas considerando que ela veio até mim, acho que eles não estavam fugindo da família de Trace para salvar suas vidas.

— Você está mentindo — disse ele com os dentes cerrados.

— Eu não estou. E você sabe tão bem quanto eu que quando a Rede 411 se envolve, essas pessoas viram fumaça. Seu irmão e minha melhor amiga se foram.

Worthing respirou fundo, fazendo um som sibilante.

— Eles estão vivos, mas se foram.

Seu olhar estava aquecido, mas ele não se moveu por um momento. Então, lentamente, ele levantou a cabeça, quase olhando para mim, mas estava em conflito. Isso me fez sentir um pouco melhor sobre o detetive Worthing.

Ele não disse mais uma palavra, mas olhou longa e duramente.

— Você sabe. Bear não sabia que você estava na casa da sua mãe. Já pensou nisso?

Fiquei imóvel. Ainda estava imóvel.

Não.

O que Worthing estava insinuando – não.

Eu balancei minha cabeça, as palavras saindo porque ele estava errado. Ele estava adivinhando e tentando me atacar. Não estava funcionando. Não funcionaria.

— Você está mentindo. O que você acabou de dizer. Você está mentindo.

Seus olhos brilharam.

— Tem certeza disso?

Leo foi enviado para me matar. Bear foi… ele estava errado.

— Entramos no telefone dele. Leo estava em seu bar mais cedo e ele ouviu a conversa de Leo. Ele estava lá para detê-lo. É por isso que ele estava totalmente mascarado, porque ele estava tentando derrubar Leo. E ele pensou que eu estava de volta a Manhattan. Por isso não me avisou. Ele não teve tempo suficiente. Está tudo no telefone dele, caso algo acontecesse com ele.

Worthing piscou uma vez.

— Certo. O que quer que ajude você a dormir à noite, Montell, mas você sabe que ele teria tempo para enviar uma mensagem para você. Ou discar 911. Você sabe que ele teve tempo.

Que idiota. Como ele ousava dizer isso para mim sobre Bear, em seu bar.

Mas não. Bear era bom, e eu o matei, e eu teria que carregar essa cruz de agora em diante. Eu rosnei:

— Fique longe de mim.

Depois de deslizar para fora da cabine, ele ficou no final da mesa. Ele *ainda* estava me estudando.

Val estava voltando, prestes a deslizar para onde ele havia desocupado. Ela parou no meio do caminho, observando a leitura silenciosa entre nós até que ela se

moveu. Reyo estava atrás dela, vindo com uma cerveja para ele e uma para mim. Ele deslizou para dentro, também observando o olhar fixo antes de lentamente colocar as bebidas na mesa.

Ele limpou a garganta.

— O que está acontecendo, pessoal?

Os olhos de Worthing se estreitaram em fendas, pouco antes de ele se virar, e eu o observei sair do bar de Bear.

— Precisamos saber? — Essa foi a pergunta silenciosa de Val.

Eu ainda estava olhando para a porta.

— Vocês não querem saber.

— Não foi isso que perguntei.

Sua seriedade penetrou em mim, e me virei para vê-la me olhando de volta, igualmente séria.

— Vou perguntar de novo. Precisamos *saber* do que se tratava?

Eu não tinha tomado minha decisão se voltaria ao trabalho. Val sabia. Ela sabia de tudo neste momento, mas havia algo me incomodando. Uma vozinha sussurrando no fundo da minha cabeça, mas não conseguia entender o que era. A sensação de algo vindo, algo mais acontecendo, estava no meu estômago, e foi crescendo junto com aqueles sussurros.

Talvez fosse aquele sentimento porque eu não havia dito quando voltaria ou se não voltaria.

A traição de Leo me abalou, a ponto de eu não conseguir falar sobre isso.

Eu teria que falar. Eu sabia que esse dia estava chegando, mas ainda não. Leo tinha sido como meu pai, e todas as revelações daquela ligação – eu estava desequilibrada.

A base sob meus pés estava rachada.

Eu não sabia mais onde pisar, mas ouvindo a pergunta de Val, não pude contar a ela sobre Justin e Kelly.

Quando contei a ela, percebi quando estava saindo.

De certa forma, Kelly e Justin eram os verdadeiros inocentes aqui.

CAPÍTULO 77

JESS

Meu telefone estava tocando quando saí do bar de Bear.

Eu respondi enquanto entrava no meu próprio carro.

— Você está me rastreando de novo?

Trace riu, mas o calor de sua voz deslizou sobre mim, e eu o acolhi. Eu precisava disso. Ele tinha sido uma rocha para mim no meio de tudo.

— Recebi um aviso de que você estava saindo. Como foi?

Estendi a mão para ligar o motor, mas parei e recostei-me. Talvez eu apenas aproveitasse este tempo e desfrutasse de um telefonema com ele. Acomodei-me. Parecia um santuário momentâneo.

Eu sabia que não iria durar, porque nós dois estávamos neste lugar estranho.

Ashton se ofereceu para assumir os negócios da família de Trace. As consequências daquela noite atingiram a todos, incluindo Trace, Ashton e eu.

Todos os tios de Ashton foram mortos. O pai de Trace havia desaparecido e seu tio Steph havia sido morto a tiros por um de seus próprios homens, Bobby. Eu não sabia quem era, mas Trace disse seu nome com tanto escárnio que eu sabia que a traição doía.

Bobby trabalhava para Dominic. Bobby também mentiu sobre a mãe de Trace, dizendo a ele que ela ainda estava viva. Tinha sido um estratagema para distrair Trace ainda mais, mas não funcionou. Eu sabia que não poderia. Trace não funcionava assim. Ele investigou. Ele tomou seu tempo. Ele tinha a capacidade de ser um gênio, o que seu pai claramente não era.

Mas enquanto Trace estava assumindo a posição de seu tio temporariamente, até que ele decidisse o que queria fazer, Ashton tinha tomado sua própria decisão. Ele era o

novo chefe da Máfia Walden. Foi aí que entrou sua oferta. Embora eu não tivesse visto Ashton desde a sessão de tortura e Trace estivesse tendo contato mínimo com alguém que ele costumava considerar um irmão e melhor amigo, Ashton se ofereceu para assumir o que ambas as famílias lidavam. Considerando que na maioria das vezes essas ofertas seriam uma farsa, estendidas como um favor, quando na realidade eles queriam o poder, não era o caso desta vez. Havia muito que eu não sabia ou não queria saber sobre os negócios da família de Trace e especialmente da de Ashton, mas Trace me explicou uma noite que suas famílias sempre estiveram ligadas.

Eles eram quase uma espécie de acordo yin e yang.

Sua família cuidava dos negócios, dos estaleiros, da distribuição na cidade. Ashton cuidava da polícia e dos subornos. Para uma família assumir tudo isso, seria muita mudança e caos. Levaria tempo.

Eu não queria saber. Eu estava ansiosa para manter esse limite por causa do meu trabalho, mas isso não parecia mais importar tanto. Não se Trace fosse legítimo, como ele estava planejando.

— Estava tudo bem. Foi bom ver Val, alguns outros.

— Eles não estão virando as costas para você?

Eu hesitei, mas qual era o ponto?

— Muitos deles. É óbvio, mas não Val.

— Se você voltar, isso será um problema?

— Sim. Precisamos uns dos outros neste trabalho. Eu fico bloqueada, e isso pode ser perigoso.

— Ok, você sabe que tem meu apoio, não importa o que você decida.

Eu sabia. O calor se espalhou por mim.

— Eu sei. Eu amo você.

— Também amo você. Vai voltar para a casa da sua mãe imediatamente ou…?

Outro sorriso meu, embora tenha acontecido tanta coisa ruim que talvez eu nem devesse estar sorrindo. Mas

eu estava, porque havia uma surpreendente fresta de esperança em tudo.

— Aquela galeria ligou e eles querem mais algumas das minhas pinturas.

— Sério?

— Sim. Acho que as que tinha na galeria foram vendidas, então ela está pedindo mais. E recebi um e-mail. Uma revista de arte quer me entrevistar.

— Isso é ótimo. Não estou surpreso.

A dona da galeria viu minhas pinturas enquanto eu as tirava do estúdio no dia em que me mudei para a casa da minha mãe. Ela pediu, ali mesmo, por algumas, e eu estava em uma confusão tão grande que esqueci o negócio todo. Recebi a ligação quando estava saindo do funeral de Bear.

Eu nem tinha contado a Val.

— Acho que vou para a casa da minha mãe pintar mais um pouco. Estou sentindo a necessidade.

— Soa bem. Você quer dormir lá ou na minha casa esta noite?

Minha mãe parecia uma nova pessoa. Talvez fosse a terapia, ou talvez porque sabíamos de tudo: sobre a morte do meu pai; sobre Isaac, cujo advogado achou que deveríamos tentar uma apelação considerando a confissão de Leo. Não tínhamos gravado, mas como todo o resto foi tratado como prova, sua confissão sobre o assassinato do meu pai deveria ser tratada da mesma forma.

Era um tiro no escuro, mas era um tiro. De qualquer maneira, minha mãe tinha um novo propósito em sua vida.

— Provavelmente vou pintar até tarde da noite.

— Sua casa esta noite.

Eu sorri, aquecendo-me.

— Vou vê-lo hoje à noite.

— Eu amo você.

Sorri, minha voz embargada, porque senti isso em meu âmago.

— Eu também amo você.

EPÍLOGO

TRACE

Um mês depois

— Você tem certeza de que quer fazer isso?

Eu estava ao telefone com Ashton e estava olhando para o anel em minha mão.

— Sim.

— Ok. As coisas estão quietas, mas é hora de revidar. Eles não estarão esperando por isso agora.

Eu coloquei o anel de volta na caixa e de volta no meu bolso.

Ashton estava falando sobre a vingança que ainda tínhamos que cumprir. Descobrimos que meu pai organizou os ataques contra nós, enquanto a família Worthing organizou os ataques contra a família de Ashton. Estávamos esperando a vingança contra a família Worthing, mas não podíamos esperar com meu pai.

Dominic West tinha desaparecido oficialmente doze horas depois que Jess matou Bear. Ele desapareceu no sentido “morto” da palavra.

Tivemos que agir rápido, e agora estávamos finalizando nossos planos contra a família Worthing.

— Haverá consequências.

Fui até a minha janela e olhei para a cidade.

— Sempre há consequências. Eles estão começando a invadir nosso território, pensando que não vamos revidar. Está na hora. Eles saíram do esconderijo.

— Devemos nos encontrar para os detalhes finais.

— Concordo.

Houve silêncio depois disso. Eu sabia que nenhum de nós queria desligar.

Sentia falta do meu melhor amigo, mas nosso relacionamento ficou tenso depois que descobri o que ele fez com Jess. Eu conhecia o raciocínio, sabia que ele fazia isso para me proteger, mas não fui capaz de perdoá-lo por

isso. Éramos cordiais, ainda trabalhando juntos, mas não éramos os mesmos.

— Como estão as coisas com... — Sua voz era hesitante, e eu sabia quem ele iria mencionar.

Eu o interrompi.

— Vamos nos encontrar amanhã. Antes que tudo aconteça.

Seu tom mudou, ficando mais distante.

— É claro. Eu vou deixar...

— Ashton.

— O quê?

— Você tem que acertar as coisas com *ela* primeiro.

— Eu sei.



JESS

Eu escolhi a pintura.

Ou, não sei. Uma parte de mim podia ter escolhido não mais aquela velha vida. Não havia mais a lei. Não mais uma oficial de condicional, mas isso significava não ser mais a parceira de Val. No final, foi uma escolha melhor para ela também. Eu diminuí o alvo em suas costas, e *havia um*, porque ela ficou ao meu lado. Ela continuaria fazendo isso.

Porém, e havia um grande porém, o outro lado da minha escolha pela pintura era que ela me dava diferentes liberdades. Diferentes opções. Eu escolhi meu tempo. Eu escolhi minhas pinturas. Não havia mais ordens. Não havia nada de perigoso sobre o tipo de cor de tinta que escolhia. Achava que sentiria falta da adrenalina, da camaradagem e da ação. Sentiria falta de ajudar os presos que queriam ajuda. Mas minha arte, essa era eu. Tudo eu. Uma nova eu.

Eu tinha acabado de começar. Eu tinha todo um futuro pela frente e, desta vez, parecia realmente brilhante.

Eu podia ver a esperança, a luz.

A pintura tinha sido uma fuga da minha mente, do meu trabalho, mas agora eu estava escolhendo um caminho diferente.

Renunciei ao meu cargo e foi um mês inteiro depois sem mais drama. Essa, possivelmente, foi a melhor parte da minha escolha. Mais e mais das minhas pinturas estavam vendendo. Eu gostaria de ver isso como um sinal do universo, mas não conseguia. A parte cansada de mim sempre estaria em mim. Eu tinha visto muita merda na minha vida, mas ainda me sentia bem.

As outras coisas boas acontecendo na minha vida? Minha mãe.

Chelsea Montell estava indo bem e sóbria, e ela se inclinou para a terapia em vez de voltar para o outro lado. Atualmente, ela estava toda agitada, porque Trace viria esta noite. Eu não sabia o motivo dos nervos. Ele já tinha jantado aqui várias vezes, mas eu estava no porão trabalhando. Ela insistira em preparar o jantar esta noite.

Tinha um cheiro delicioso, o que quer que ela estivesse fazendo.

Ouvi a campainha tocar.

Os passos da minha mãe cruzaram a casa e tive que rir um pouco, porque Trace tinha a chave da casa. Ele usava-a com frequência quando entrava e vinha ao meu quarto. Eu trouxe a ideia de vender por causa do Bear, mas minha mãe não quis. Em vez disso, ela estava dormindo no meu quarto enquanto estávamos reformando o quarto principal. Tapete novo. Tudo novo. Um novo armário estava sendo instalado.

Também transformamos o escritório dos fundos em nosso novo quarto. Meu e de Trace. Nós usávamos quando ficávamos aqui. O relacionamento com minha mãe ainda estava em um equilíbrio delicado, então ficávamos aqui algumas noites por semana, quando eu queria passar as noites com minha mãe ou se queria pintar até tarde da

noite. Todo o restante do tempo era na casa de Trace no centro da cidade.

Uma série de outras reformas também estava acontecendo na casa. Minhas primeiras pinturas estavam pagando por isso. A outra parte foi um presente de Trace, mas foi legal. A casa estava sendo cuidada, e assim minha mãe tinha uma escolha. Ela poderia vender, porque, na minha cabeça, ela ainda era a dona. Ou eu venderia, se ela insistisse. Foi uma conversa agradável de se ter. Tínhamos opções. Nós duas, e ela não me odiava. Quero dizer, eu sabia que havia pessoas por aí que acreditavam em lidar com traumas familiares, quer fosse feito para nós ou entre nós, mas não éramos assim.

Continuamos avançando e, se desculpas fossem dadas e sentidas ao longo do caminho, melhor ainda. Nós éramos esse tipo de gente, mas algo estava acontecendo.

Eu podia ouvir a voz da minha mãe, e ela subiu uma oitava inteira. Ela tinha estado assim o dia todo hoje.

Não sei o que estava acontecendo, mas presumi que tinha algo a ver com Trace, já que ela também insistiu tanto em preparar um banquete inteiro para esta noite. E ela me disse para me vestir bem também.

O que era isso?

Mas ela estava feliz. Eu estava feliz. Trace estava feliz comigo, e ele chegaria lá com o resto, com o que ele decidisse, porque eu não achava que ele tinha decidido totalmente. Ele disse que depois desta noite, ele teria um encerramento e poderia decidir se aceitaria a oferta de Ashton.

Minha mãe estava andando, seus passos indo por toda a cozinha.

Eu podia ouvir a voz de Trace; ele estava mais calmo.

Ele não estava descendo, então voltei para a minha pintura.



Chelsea fez macarrão, pãezinhos, todos os pratos de vegetais que podia. Purê de batata. Inhame. Ela estava tentando a rota vegetariana, então tínhamos muita carne que não era carne, mas ainda tinha gosto de carne, eu não me importava.

Minha mãe conduziu a conversa nessa noite. Ela estava falando a mil por hora, seus olhos disparando para Trace a cada trinta segundos.

Depois de vinte minutos, tive o suficiente.

— Ok. — Eu deslizei minha cadeira para trás. — O que está acontecendo?

Trace ficou imóvel.

Minha mãe se engasgou e começou a mastigar o lábio inferior.

Eu estreitei meus olhos, olhando entre os dois.

— Alguma coisa obviamente está acontecendo. Você me pediu para me vestir bem. Você está usando um vestido. Trace, bem, você parece o mesmo já que sempre parece bem. — E ele assim parecia. Uma Henley e jeans, e seu cabelo estava bagunçado de uma forma seriamente sexy que estava falando com a minha boceta.

— Bem. — Trace se levantou, sua mão indo para o bolso.

Minha mãe engasgou.

Eu fiz uma careta, mas então meu telefone começou a tocar.

— Deixe isso. — Chelsea acenou com a mão para ele.

Mas não. Era Val.

Mostrei a tela a Trace e ele assentiu. Se ela estava ligando, era importante. Não éramos amigas que telefonavam.

Eu respondi:

— E aí?

Ela soltou um suspiro nervoso.

Essa foi minha primeira pista.

Eu me endireitei, todo focada neste telefonema agora.

— O que há de errado? O bebê?

— Não, não. Este pequeno chutador ainda está em mim, mas uh… eu tenho que dizer uma coisa.

Essa foi a minha segunda pista.

— O quê? Pessoalmente? — Eu estava quebrando a cabeça, mas não conseguia adivinhar do que se tratava.

— Uh. Poderíamos fazer isso, mas esta notícia vai se espalhar rapidamente, e quero ter certeza de que você ouvirá de mim primeiro.

— Agora você está me preocupando.

— Eu sei.

Essa foi a minha terceira pista. Não havia nenhuma garantia. Nada.

Meu estômago caiu oficialmente e fechei os olhos, preparando-me. Ou eu estava tentando.

Senti Trace ao meu lado.

— Apenas me diga, Val.

— Dois corpos foram encontrados no norte de Nova Iorque. Ninguém foi notificado aqui porque não é nossa jurisdição. Mas eles me pediram para ser a única a contar a você.

Eu estava passando pela lista.

Quem estava aqui. Quem não estava.

Não, não, não.

Eu soube, eu *soube* quando ela disse isso.

— O DNA combina. São Kelly e Justin.

FIM.

AGRADECIMENTOS

Escrever a história de Jess e Trace foi uma verdadeira montanha-russa! Literalmente. Lembro-me de começar a escrever esta história, mas depois de conversar com uma oficial de condicional (pela qual sou muito grata!) e perceber o quanto a personalidade de Jess iria mudar. Ela era um personagem tão diferente de escrever para mim, e eu adorei isso! Agradeço a Kimberly, Lauren e Lindsey por trabalharem comigo e ajudarem a tornar a história de Jess e Trace a melhor possível. Agradeço a todo o grupo da Montlake que ajudou a montar este livro. Eu realmente apreciei muito. Agradeço a Crystal, Amy, Chris e Kimberley por me ajudarem toda vez que eu mando uma mensagem. Vocês sempre arrumam tempo, e eu aprecio muito isso.

Um grande agradecimento aos meus leitores no Tijan's Crew. Vocês me animam com suas postagens lá, e vocês não têm ideia de quanto sou grata a todos vocês. Agradeço a Debra Anastasia, Helena Hunting e Rachel Van Dyken só por existirem. Rs!

Por último, obrigada ao B-man. Seus constantes abanar de rabo, carinhos e lambidas fazem meu mundo girar, mesmo quando você está cansado de eu escrever e só quer sair para passear! Te amo muito.



A The Gift Box é uma editora brasileira, com publicações de autores nacionais e estrangeiros, que surgiu no mercado em janeiro de 2018. Nossos livros estão sempre entre os mais vendidos da Amazon e já receberam diversos destaques em blogs literários e na própria Amazon.

Somos uma empresa jovem, cheia de energia e paixão pela literatura de romance e queremos incentivar cada vez mais a leitura e o crescimento de nossos autores e parceiros.

Acompanhe a The Gift Box nas redes sociais para ficar por dentro de todas as novidades.

http://www.thegiftboxbr.com
Facebook.com/thegiftboxbr
Instagram: @thegiftboxbr
Twitter: @GiftBoxEditora

Viu alguém divulgando este ou qualquer outro livro da editora de forma ilegal? Denuncie! Ajude-nos a combater a pirataria denunciando aqui: https://forms.gle/PDEwLhqAQpLeX3eh9